UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

TIAGO AUGUSTO NÁPOLI

***Tractatus de Purgatorio Sancti Patricii* (“Tratado do Purgatório de São Patrício”): tradução anotada e análise histórico-comparativa de seus elementos escatológicos.**

São Paulo

2015

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

***Tractatus de Purgatorio Sancti Patricii* (“Tratado do Purgatório de São Patrício”): tradução anotada e análise histórico-comparativa de seus elementos escatológicos.**

TIAGO AUGUSTO NÁPOLI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), da Universidade de São Paulo (USP), para a obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo da Cunha Lima

São Paulo

2015

Agradecimentos

Este é um trabalho conjunto, cuja feitura se deveu a fatores e indivíduos diversos. Primeiramente, gostaria de agradecer à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela concessão da bolsa de estudos que me permitiu levar a cabo a presente tradução. Neste sentido, espero que a utilização da Reserva Técnica vinculada à bolsa possibilite a ampliação do acervo bibliográfico da Biblioteca Florestan Fernandes (FFLCH – USP) e, por conseguinte, viabilize a consulta a algumas das obras utilizadas. Agradeço também ao Serviço de Aquisição e Intercâmbio (SAI), da biblioteca supracitada, que, com diligência, adquiriu, junto a bibliotecas estrangeiras, parte do material sem o qual a pesquisa não poderia ser cumprida.

Minha estima se estende aos muitos docentes que auxiliaram, direta ou indiretamente, no desenvolvimento do trabalho aqui apresentado. Entre aqueles que compartilham de minha gratidão, estão Roberto Cipro, Ilario Giannelli, Jean-Claude Dimbu, Maristela Pavanello, Francesco de Santi, Tiziana Adriana Ardore, Luiz Antônio Galesso Coaracy, Alessandro Bassi, Ellen Alonso e Alvaro Zanoto. Também sou bastante grato pela acolhida de Rossella Mancini e seu marido Max, que me receberam em sua residência, contribuindo com sugestões bibliográficas no âmbito da pesquisa.

Não menos agradecido sou aos Professores Eduardo Henrik Aubert e Maria Cristina Correia Leandro Pereira pela participação em meu Exame de Qualificação (2013). Suas sugestões foram seguidas sempre que os prazos e limitações relativos à execução da tese o permitiram.

Ademais, tive grande satisfação em poder participar de disciplina ministrada pelo docente Robson Tadeu Cesila, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV – USP). À parte a seriedade e competência com que o curso foi apresentado, demonstrou-se ali que o exercício da docência não se confunde com o trato distante e superior para com os discentes e suas respectivas pesquisas. A meu ver, tal é o sentido pleno da profissão.

Duas pessoas tiveram uma participação inestimável no que tange à realização do projeto. A primeira foi o Professor Adriano Scatolin,

pesquisador do departamento supracitado, a quem devo a leitura cuidadosa do trabalho como um todo. Sua amabilidade e solicitude são motivo de admiração. No caso do segundo, isto é, do docente Adriano Aprigliano, expresso-lhe minha incondicional gratidão: sem ele, não teria iniciado os trabalhos que culminaram nesta tradução. Sua contribuição e amplo conhecimento linguístico foram-lhe imprescindíveis.

Como não poderia deixar de ser, muitos são os pesquisadores da área de Língua e Literatura Latina de que ainda fui devedor e aos quais não seria factível uma menção que contemplasse a todos. Atenho-me a alguns poucos, com a convicção de que meu reconhecimento se estenda aos demais. São eles: José Rodrigues Seabra Filho, Paulo Martins, José Eduardo dos Santos Lohner, Marly de Bari Matos e Marcelo Vieira Fernandes.

Uma pesquisa não encontra seu caminho, sem a consideração mútua entre orientador e orientando. Assim sendo, sou muitíssimo agradecido pela acolhida e seriedade do Professor Ricardo da Cunha Lima. Julgo que uma tradução não pode ater-se à simples adequação das escolhas do discente haja vista as de quem o orienta. Ignorar essa premissa resumiria a pesquisa à reprodução de uma tese que é alheia àquele que a realiza. No caso de uma tradução, nada mais grave. O respeito demonstrado por ele no que tange ao texto norteou sua orientação. Não quis jamais sobrepor uma dicção a outra, embora o conhecimento de que goza o permitisse. Também nunca procurou fazê-lo diante da opinião, por vezes divergente, de colegas. Em suma, sua postura revela certa honestidade acadêmica rara, da qual tive a sorte de tomar parte. Obrigado.

Nem todos puderam acompanhar este trabalho até o seu término. Entre eles, está a fotógrafa e professora Célia Mello, minha amiga, que faleceu antes de vê-lo concluído. Dela lembro o companheirismo irrestrito e fiel. Sua falta continua a ser sentida.

Finalmente, dedico esta breve tradução aos meus queridos pais Airton e Carmen, e à minha irmã, Camila. Também o faço à minha sempre companheira, Natacha Nakamura, que suportou minha rabugice, ao longo dos anos de pesquisa. Que os equívocos nesta contidos não diminuam o empenho com que foi realizada.

RESUMO

A presente pesquisa visa a traduzir e analisar os elementos escatológicos do texto latino do séc. XII, *Tractatus de Purgatorio Sancti Patricii* ("Tratado do Purgatório de São Patrício"), comparando-os àqueles encontrados em obras ou trechos representativos de mesma ou similar natureza, pertencentes tanto à Alta, quanto à Baixa Idade Média, ainda que não se excluam obrigatoriamente narrativas externas a tais períodos. Entre os textos a serem cotejados, citam-se os seguintes a título de exemplo: a versão latina longa da *Visio Pauli* ("A Visão de Paulo") editada por Hilhorst e Silverstein (1997), os relatos do pós-vida expostos no cap. XXXVI, livro IV, dos *Libri Dialogorum*, de Gregório Magno, assim como as visões dos cavaleiros Drythelm e Tnugdal, sendo a primeira delas descrita por Beda, no livro V, cap. XII, de sua "História Eclesiástica do Povo Inglês" (*Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Latina – Língua Latina (Tradução) – Idade Média – Cristianismo – Escatologia – São Patrício – Lough Derg

ABSTRACT

The purpose of this research is to translate the 12th century Latin text *Tractatus de Purgatorio Sancti Patricii* ("The Treatise on St. Patrick's Purgatory") and analyze the eschatological elements present in the text by comparing them to those found in works or excerpts of similar nature belonging mainly to the Early and High Middle Ages. Among these are the Long Latin version of the *Visio Pauli* ("The Vision of Paul") edited by Hilhorst and Silverstein (1997), the accounts of life after death described in chapter XXXVI, Book IV, of Gregory the Great's *Libri Dialogorum* ("Dialogues"), as well as the visions of the knights Drythelm and Tnugdal, the first of these rendered by Bede in chapter XII, Book V, of his Ecclesiastical History of the English People (*Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*).

KEYWORDS: Latin Literature – Latin Language (Translation) – Middle Ages – Christianity – Eschatology – Saint Patrick – Lough Derg

Sumário

1	Introdução	7
2	<i>Tractatus de Purgatorio Sancti Patricii</i>	13
2.1	Autoria.....	13
2.2	Destinatário.....	15
2.3	Datação.....	16
3	Escatologia: apropriação e ressignificação	24
3.1	Egito e Babilônia.....	25
3.2	Agostinho, Gregório Magno e Beda.....	35
3.3	<i>Lough Derg</i>	43
4	A terminologia “Outro mundo”	53
5	Tradução e texto latino	73
6	Referências bibliográficas	148
7	Anexos	160

Abreviações¹

ANT	<i>The Apocryphal New Testament.</i>
ApPet	<i>The Apocalypse of Peter.</i>
ApThom	<i>The Apocalypse of Thomas.</i>
GNic	<i>The Gospel of Nicodemus.</i>
LetJames	<i>The Letter of James.</i>
BSV	<i>Biblia Sacra Vulgata</i> , ed. Roger Gryson (2007, Germany).
<i>Dialogi</i>	<i>Grégoire Le Grand. Dialogues. Tome III. Livre IV. Texte critique et notes par Adalbert de Vogüé</i> (1980, Paris).
HE	<i>Venerabilis Baedae Historiam Ecclesiastica Gentis Anglorum Historiam Abbatum Epistolam Ad Ecgbertum Una Cum Historia Abbatum Auctore Anonymo Ad Fidem Codicum Manuscriptorum Denuo Recognouit Commentario Tam Critico Quam Historico Instruxit Carolus Plummer</i> , ed. C. Plummer (1896, Oxford).
<i>VisDry</i>	<i>Cap. XII. Ut quidam in prouincia Nordanhymbrorum a mortuis resurgens multa et tremenda et desideranda, quae uiderat, narrauerit.</i>
<i>VisFur</i>	<i>Cap. XIX. Ut Furseus apud Orientales Anglos monasterium fecerit; et de uisionibus uel sanctitate eius, cui etiam caro post mortem incorrupta testimonium perhibuerit.</i>
<i>LibRev</i>	<i>Peter of Cornwall's Book of Revelations</i> , ed. Robert Easting and Richard Sharpe (2013, Canada).
<i>Meditationes</i>	<i>S. Anselmi Cantuariensis Archiepiscopi Opera Omnia. I Orationes siue meditationes. B. Meditationes. V. III.</i> Ed. Franciscus Salesius Schmitt (1846, Edinburgh).
OTP	<i>The Old Testament Pseudepigrapha (Volume One: Apocalyptic Literature and Testaments)</i> , ed. James H. Charlesworth, vol. I. (USA, 2013).
ApAb	<i>Apocalypse of Abraham.</i>
ApDan	<i>Apocalypse of Daniel.</i>
ApEl	<i>Apocalypse of Elijah.</i>
ApZeph	<i>Apocalypse of Zephaniah.</i>
2Bar	<i>2 (Syriac Apocalypse of) Baruch.</i>
3Bar	<i>3 (Greek Apocalypse of) Baruch.</i>
1En	<i>1 (Ethiopic Apocalypse of) Enoch.</i>
2En	<i>2 (Slavonic Apocalypse of) Enoch.</i>

¹ No caso do *The Old Testament Pseudepigrapha* (OTP), optou-se por utilizar as abreviações apresentadas na edição de Charlesworth. A decisão por fazê-lo visa a facilitar eventuais consultas às obras referidas.

3En	3 (Hebrew Apocalypse of) <i>Enoch</i> .
4Ezra	<i>The Fourth Book of Ezra</i> .
GkApEzra	<i>Greek Apocalypse of Ezra</i>
QuesEzra	<i>Questions of Ezra</i>
SibOr1	<i>Sibylline Oracles</i> (Book 1)
SibOr2	<i>Sibylline Oracles</i> (Book 2)
SibOr3	<i>Sibylline Oracles</i> (Book 3)
SibOr8	<i>Sibylline Oracles</i> (Book 8)
VisEzra	<i>Vision of Ezra</i>
<i>PL</i>	J.-P. Migne, <i>Patrologiae Cursus Completus</i> , 1844.
<i>De Ciu. Dei</i>	<i>De Ciuitate Dei</i> . In. Sancti Aurelii Augustini <i>Hipponensis Episcopi Opera Omnia. Patrologiae Latinae Tomus 41.</i>
<i>De sacramentis</i>	<i>De Sacramentis Christianae Fidei</i> . In. Hugonis de S. Victore Opera Omnia. <i>Patrologiae Latinae Tomus 176.</i>
<i>Enarrationes</i>	<i>Enarrationes in Psalmos</i> . In. Sancti Aurelii Augustini <i>Hipponensis Episcopi Opera Omnia. Patrologiae Latinae Tomus 37.</i>
<i>Enchiridion</i>	<i>Enchiridion ad Laurentium sive De Fide, Spe et Charitate</i> . In. Sancti Aurelii Augustini <i>Hipponensis Episcopi Opera Omnia. Patrologiae Latinae Tomus 40.</i>
<i>Imagine</i>	<i>De Imagine Mundi Libri Tres</i> . In. Honorii Augustodunensis Opera Omnia. <i>Patrologiae Latinae Tomus 172.</i>
<i>LibMed</i>	<i>Meditationum Liber Unus</i> . In. Sancti Aurelii Augustini <i>Hipponensis Episcopi Opera Omnia. Patrologiae Latinae Tomus 40.</i>
<i>Scala</i>	<i>Scala Caeli Major seu De Ordine Cognoscendi Deum in Creaturis</i> . In. Honorii Augustodunensis Opera Omnia. <i>Patrologiae Latinae Tomus 172.</i>
<i>VisWet</i>	<i>Libellus de Visione et Obitu Wetini</i> . In. Ahyto seu Hetto Basileensis Episcopus. <i>Patrologiae Latinae Tomus 105.</i>
<i>Proslogion</i>	<i>Monologion; Proslogion. Introductions, traduction et notes par Michel Corbin</i> (2002, Paris).
<i>VisPauli</i>	<i>Visio S. Pauli, Ein Beitrag Zur Visionlitteratur mit Einem Deutschen Und Zwei Lateinischen Texten</i> , ed. Herman Brandes (1885, Halle).
<i>VisTnug</i>	<i>Visio Tnugdali</i> , ed. Albrecht Wagner (1989, Germany).

1 Introdução

Objetiva-se, nesta introdução, um brevíssimo panorama acerca da periodização dos eventos ditos centrais à matéria narrativa do *Tractatus de Purgatorio Sancti Patricii* (T), bem como acerca da popularidade gozada por ele sobremaneira nos primeiros séculos subsequentes à sua redação. Ademais, procurou-se fazer sobressair traços que fossem pertinentes para o cotejo de suas especificidades diante de narrativas de natureza similar, cuja nomenclatura se cristalizaria como “Literatura de Visões”². Enfim, lembramos que os temas constitutivos desta etapa introdutória serão devidamente aprofundados, nas seções que se seguem.

Tendo seu *terminus a quo* em 1173³, o *Tractatus* se estabelece como narrativa relevante aos estudos escatológicos⁴, tanto àqueles de maior abrangência, quanto a outros intrínsecos a relatos visionários da tradição judaico-cristã⁵, por tratar-se de uma das primeiras menções⁶ ao respectivo Purgatório.

Segundo protocolo de submissão não dissimilar a de autores pagãos⁷, a obra se inicia por uma série de fórmulas autodepreciativas⁸, a que se somam outras encomiásticas⁹, ambas em que pese o trato eclesiástico entre remetente e destinatário do relato. Ali o monge *H. de Saltereia* (Sawtry, Huntingdonshire), a pedido de *H. de Sartis* (Wardon, antiga casa mãe de Sawtry), envia-lhe a história do cavaleiro (*miles*) Owein e do ordálio ao qual este se submete, a fim de obter a remissão dos pecados (*remissionem*

² Boswell (1908), D’Ancona (1874), Gardiner (1989), Le Goff (1981), Seymour (1918), Silverstein (1935), Zaleski (1987) entre outros.

³ Cf. Easting (1976 e 1978), para datação. Ainda sobre o tema, sua discordância com Locke (1965) será exposta nas subseções 2.2 e 2.3.

⁴ Pensa-se aqui no adjetivo triforme ἑσχατος em seu aspecto espacial, ou seja, indicativo daquilo que é extremado, por vezes limítrofe. Cf. Liddell & Scott (1940).

⁵ Acrescentamos o sempre citado liame entre tal escatologia, orfismo e masdeísmo/zoroastrismo. Para a influência dos dois últimos, no âmbito greco-romano antigo, cf. Cumont (1959). Para as dificuldades advindas de tais métodos comparativos, cf. Smith (1993, pp. 240-264).

⁶ Se não a primeira expressão. Cf. Easting (1991, p. lxxxiv).

⁷ Cf. Curtius (1996, pp. 497-503).

⁸ “menor dos monges de Sawtry” ([...] *monachorum de Saltereia minimus* [...]) (linha 4), “um presente de sua obediência” ([...] *obedientie munus*) (5). Todas as referências às linhas do *Tractatus* baseiam-se na edição crítica de Easting (1991).

⁹ “Ao seu muito querido pai em Cristo” (*Patri svo in Christo preoptato* [...]) (3), “pai venerando” (*pater uenerande* [...]) (6).

peccatorum) que cometera. Para tanto, é requisitado¹⁰ por ele acesso à pequena ilha de *Station Island*, em *Lough Derg* (Condado de Donegal, extremo norte da Irlanda), onde se acredita que haja uma passagem subterrânea para o Purgatório e Paraíso Terrestre, e de cuja origem o autor nos reporta à figura de Patrício.

Após isso, o Senhor conduziu São Patrício a um local deserto e lhe mostrou ali um fosso redondo e escuro por dentro, dizendo que o verdadeiro penitente que, armado com a verdadeira fé, nele entrasse e se demorasse nesse lugar, pelo espaço de um dia e uma noite, seria purgado de todos os pecados de sua vida. Disse também que aquele que o percorresse não apenas haveria de ver os tormentos dos maus, mas também, se agisse de forma constante em sua fé, as alegrias dos bem-aventurados. (127-134)¹¹

Sanctum uero Patricium Dominus in locum desertum eduxit, et unam fossam rotundam et intrinsecus obscuram ibidem ei ostendit, dicens, quia quisquis ueraciter penitens uera fide armatus fossam eandem ingressus unius diei ac noctis spacio moram in ea faceret, ab omnibus purgaretur totius uite sue peccatis, sed et per illam transiens non solum uisurus esset tormenta malorum uerum etiam, si in fide constanter egisset, gaudia beatorum. (127-134)

Por sua vez, entremeadas à viagem probatória do *miles*, encontram-se duas homilias, que, embora detenham maior significância caso pensadas numa composição conjunta à de *T*, são cridas por diversos estudiosos¹² como interpolações posteriores. Por fim, observam-se três curtas narrações, precedidas de testemunhos também de pequena extensão, as quais, de caráter marcadamente comprobatório, visam a atestar o que foi dito antes.

Em seus aspectos cognitivos, ou melhor, na extensão com que estes são aplicáveis à intelecção do além, o *Tractatus* faz-se bastante explícito acerca das provas de Owein. Já de sua abertura, indica-se uma dupla peculiaridade da experiência a ser tida. Em outras palavras, tratar-se-á de um “Outro mundo” não apenas dotado de materialidade¹³, mas, sobretudo, que se revela a um observador (neste caso, o *miles*) ainda *in corpore*, ou seja, não cindido de sua alma, condição esta comum em textos afins¹⁴.

¹⁰ Trata-se de autorização oficial, conforme se explicita no texto.

¹¹ Todas as traduções são nossas, quando não indicado o tradutor.

¹² Sobre o tópico, *vide* Easting (1976, pp. lxix-xc).

¹³ “Logo, assim como se diz que penas corpóreas são preparadas por Deus, também se diz que lugares corpóreos – lugares em que estas se encontram – são definidos, a partir das próprias penas” (*Vnde, quemadmodum a Deo corporales pene dicuntur preparate, ita ipsius penis loca corporalia, in quibus sunt, dicuntur esse distincta*). (45-47).

¹⁴ “Enquanto o relato de Owein é de uma visita ao Outro mundo, a maioria dos relatos fala a respeito de visões acerca do estado das almas no pós-vida. Tal tipo de jornada da alma e

Leem-se em alguns destes: “Quando tomado pela enfermidade, [...] foi arrebatado de seu corpo: e despido dele do anoitecer até o canto do galo, mereceu contemplar a companhia e a visão dos anjos e ouvir suas louvações”. (*ubi correptus infirmitate [...] raptus est e corpore; et a vespera usque ad galli cantum corpore exutus, angelicorum agminum et aspectus intueri, et laudes beatas meruit audire.* (*HE VisFur*, cap. XIX, lib. III); “ele [Drythelm] que, tocado por uma enfermidade de seu corpo e levado ao termo da vida, morreu no princípio da noite, tendo aquela [enfermidade] aumentado por dias; mas, logo ao amanhecer, revivendo e sentando-se repentinamente...” (*qui infirmitate corporis tactus, et hac crescente per dies, ad extrema perductus, primo tempore noctis defunctus est; sed diluculo reviviscens, ac repente residens [...]*). (*HE VisDry*, cap. XII, lib. V); “Quando minha alma saiu do corpo e reconheceu-o estar morto, consciente de seus pecados começou a sentir medo e não sabia o que fazer” (*cum, inquit, anima mea corpus exueret et illud mortuum esse cognosceret, reatus sui conscia cepit formidare et quid faceret nesciebat*) (*VisTnug*, *De exitu anime*, linhas 12-14); “Disse-lhe o Santo: ‘Enquanto isso, que o teu corpo descanse e durma tranquilo na cama; pois apenas a tua alma partirá comigo [...]’” (*dixit ei Sanctus: ‘Quiescat interim et pauset in stratu quietis corpus tuum; sola enim anima tua mecum abibit [...]*”) (*Visio Thurkilli*)¹⁵; “Certo cavaleiro, tendo sido golpeado nesta mesma cidade nossa, chegou ao termo de sua vida, o qual, guiado para fora, jazeu morto em corpo, mas rapidamente retornou e narrou as coisas que se deram consigo” (*Quidam vero miles in hac eadem urbe nostra percussus, ad extrema pervenit. Qui eductus in corpore exanimis iacuit, sed citius rediit, et quae cum eo fuerant gesta narravit*) (*Dialogi*, cap. XXXVI, lib. IV)¹⁶.

Sob sua feição corpórea, o Purgatório de São Patrício (nome atribuído à paragem supracitada) abrigará, conseqüentemente, relevante

visões medievais pertence a uma tradição que descende parcialmente do Apocalipse de Pedro (séc. II) e do Apocalipse de Paulo (séc. IV)”. (*Whereas Owayne's account is of a visit to the otherworld, most accounts tell of visions of the state of souls after death. Such medieval soul-journeys and visions belong to a tradition stemming partially from the second century Apocalypse of Peter and the fourth century Apocalypse of Paul*). Easting (1976, p. clxxiv).

¹⁵ Ward (1875, p. 443).

¹⁶ Excluem-se, ainda que momentaneamente, as descidas infernais de Odisseu (canto XI) e Enéias (livro VI) da épica homérica e virgiliana, bem como passagens afins da “Biblioteca” (*Βιβλιοθηκη*) de Apolodoro (em especial o livro II), entre outras.

número de peregrinos, levada em conta a possibilidade de remissão em vida de seus pecados. Seus relatos, todavia, ora reforçam a concepção de uma entrada física do além, ora buscam negá-la, tornando patente a não ocorrência de quaisquer eventos ditos extraordinários. Dentre os principais textos deste escopo, temos, a saber, aqueles de: Ramon, Visconde de Perellós (1397), Antonio Mannini (1411), Laurence Rathold de Pasztho (*ibid.*)¹⁷, que serão apresentados nas seções subseqüentes, assim como postos em paralelo ao texto de H. de Sawtry, quando da tradução.

A seu tempo, a notoriedade atribuída ao Purgatório, de que o principal veículo faz-se *T*, é verificável mediante produções que extrapolam sua geografia de partida¹⁸. Entre a redação do mesmo (séc. XII)¹⁹ e o fechamento definitivo da referida entrada (séc. XVIII), alternam-se escritos variados em que se alude ao espaço purgatorial a que se vincula o nome de Patrício²⁰, quando não à localidade de *Lough Derg* em específico. A título de exemplo, o *Espurgatoire Seint Patriz*, de Marie de France (séc. XII)²¹; o capítulo V, da segunda *distinctio* da *Topographia Hibernica*, de Gerald de Barri (*Giraldus Cambrensis*) (c. 1146 – 1223)²²; o *Liber Reuelationum*, de

¹⁷ Para listagem completa, cf. Seymour (1918, pp. 21-25).

¹⁸ Pontfarcy (1985, p. 33) cita a existência de não menos de 150 manuscritos entre os sécs. XII e XVII. Para outros levantamentos, cf. Easting (1991, p. lxxxv, nota 1).

¹⁹ Vide nota 3.

²⁰ Por exemplo, o purgatório homônimo a que se refere Jocelin de Furness (*fl.* 1199-1214): “Likewise on the summit of this mountain many are wont to watch and to fast, conceiving that they will never after enter the gates of hell; the wich benefit they account to be obtained to them of God through the merits and the prayers of Patrick. And some who have thereon passed the night relate them to have suffered grievous torments, whereby they think themselves purified of all their sins; and for such cause many call this place the Purgatory of Saint Patrick”. Mantivemos a tradução de O’Leary (1904, pp. 320-321). O trecho também é citado, na nota 117.

²¹ “E porque Deus mostrou/ A São Patrício e ensinou/ Primeiro aquele lugar, aqui dito/ O Purgatório de São Patrício” (*E pur ço que Deus demustra/ A Seint Patriz e enseigna/ Primes cel liu, est issi diz:/ L’Espurgatoire Seint Patriz*) (373-376). Jenkins (1894, p. 67, linhas 373-376).

²² “Há um lago nas partes de Ulster que contém uma ilha bipartida. Em uma parte dela, tendo uma igreja da honrosa religião, é bastante admirável e amena; é incomparavelmente ilustre pela visitação dos anjos e pela visível reunião dos santos deste lugar. A outra parte, excessivamente áspera e horrível, é dita atribuída aos demônios apenas, a qual permanece quase sempre exposta às visíveis perturbações e paradas dos espíritos maus. /Esta parte tem em si nove fossas. Se alguém por acaso tiver ousado pernoitar em qualquer uma delas (o que consta ter sido comprovado algumas vezes por homens temerários), imediatamente é tomado pelos espíritos malignos e torturado por toda a noite com penas tão graves e afligido com tantos e tais inefáveis tormentos de fogo, água e tormentos variados, de modo que, logo ao amanhecer, quase não sejam encontrados os mínimos traços de vida, em seu deplorável corpo./ Esses tormentos, como asseveram, se alguém uma só vez [os] tiver suportado a partir de uma penitência imposta, não mais se submeterá às penas infernais, a não ser que tenha cometido coisas mais graves. Este lugar é chamado de Purgatório de

Peter of Cornwall (c. 1139/40 – 1221)²³ entre outros. No que tange às citações literárias, são comumente mencionados o *Cinquiesme et dernier livre des faicts et dicts heroïques du bon Pantagruel*²⁴, de Rabelais (c. 1494 – 1553)²⁵; o *El Purgatorio de San Patricio*, de Pedro Calderón de la Barca (1600 – 1681), a partir de Juan Pérez de Montalbán (1601 – 1638)²⁶; e o *Orlando Furioso*, de Ludovico Ariosto (1474 – 1533)²⁷, como seus mais ilustres propagadores²⁸. Enfim, a referência a Dante se pautará, via de regra, pelo liame temático aproximador da *Commedia* a escritos de tal ordem. Assim, pensa-se que a observação sistemática das imagens entre aquela produção dantesca e de *T* seja mais proveitosa, pelo que a faremos em nosso trabalho de anotação.

Ao cabo, é mister sublinhar o caráter indissociável e latente entre práticas locais pré-cristãs e sua reelaboração no decorrer dos séculos, em especial de seu diálogo com a comunidade local. Também se levarão em

Patrício pelos habitantes”. (*Est lacus in partibus Ultoniae continens insulam bipartitam. Cujus pars altera, probatae religionis ecclesiam habens, spectabilis valde est et amœna; angelorum visitatione, sanctorumque loci illius visibili frequentia, incomparabiliter illustrata./ Pars altera, hispida nimis et horribilis, solis daemoniis dicitur assignata; quæ et visibilibus cacodæmonum turbis et pompis fere semper manet exposita./ Pars ista novem in se foveas habet. In quarum aliqua si quis forte pernoctare præsumpserit, quod a temerariis hominibus nonnunquam constat esse probatum, a malignis spiritibus statim arripitur, et nocte tota tam gravibus pœnis cruciatur, tot tantisque et tam ineffabilibus ignis et aquæ varietate generis tormentis incessanter affligitur, ut mane facto vix vel minimæ spiritus superstitis reliquæ misero in corpore reperiantur./ Haec, ut asserunt, tormenta si quis semel ex injuncta pœnitentia sustinuerit, infernales amplius pœnas, nisi graviora commiserit, non subibit./ Hic autem locus Purgatorium Patricii ab incolis vocatur*). Dimock (1867, pp. 82-83). O trecho também consta do capítulo 4 abaixo.

²³ Cf. subseção 2.3.

²⁴ Manteve-se a grafia original.

²⁵ “Secundariamente à nossa preclara Lanterna, porque nesta descida não nos aparecia outra luz mais do que se estivéssemos na cava de São Patrício, em Hibernia, ou na fossa de Trophonio, na Beócia”. (*secondement nostre preclare Lanterne, car en ceste descende ne nous apparoissoit autre lumiere, non plus que si nous fussions au trou de saint Patrice en Hybernie, ou en la fosse de Trophonius en Boëtie*). Rabelais (1994, p. 812).

²⁶ i. e. *Vida y Purgatorio de San Patricio* (1628).

²⁷ “Avista Hibernia fabulosa, terra/ Onde um poço o ancião santo cavava,/ No qual tamanha graça se descerra/ Que das maiores culpas o homem lava”. (*E vide Ibernica fabulosa, dove/ il santo vecchiar el fece la cava,/ in che tanta mercè par che si truove,/ che l'uom vi purga ogni sua colpa prava*). Ariosto (2011, p. 253). A tradução é de Pedro Garcez Ghirardi.

²⁸ A produção se estenderá pelo menos até o séc. XIX, com o poema homônimo *Saint Patrick's Purgatory* (1801), do poeta inglês Robert Southey (1774-1843): “Agora entre aqui,” bradou o superior,/ ‘E que Deus, Sir Owen, seja o seu guia!/ Seu nome viverá na história:/ Pois dos poucos que chegam à esta margem,/ Menos ainda são os que se aventuram a explorar/ o Purgatório de São Patrício”. (“*Now enter here,*” the Warden cried,/ “*And God, Sir Owen, be your guide!/ Your name shall live in story:/ For of the few who reach this shore,/ Still fewer venture to explore/ St. Patrick's Purgatory*”) Southey (1845, p. 425). Uma listagem mais pormenorizada se encontra em Seymour (1918, pp. 93-108). Quanto a outras referências, cf. ainda Zaleski (1985, p. 471) e Locke (1965, p. 641), particularmente sua nota sobre o *Hamlet*.

conta, via excertos de *regulae* e penitenciais, algumas das práticas coercivas do primeiro monasticismo irlandês até a instalação (c. 1130) de cânones agostinianos em *Saint's Island*²⁹ e a difusão de *Lough Derg*, como sítio de peregrinação. Busca-se, neste âmbito, uma tentativa de aproximação entre os métodos punitivos do chamado “Outro mundo” – problematizando assim sua própria terminologia – com aqueles de que se lançou mão, sobretudo no meio monástico.

Sob o título “Literatura de Visões”, reuniu-se uma miríade de tópicos – por vezes interdisciplinares –, cuja verificação nos parece tarefa própria a esforços conjuntos, mais do que isolados, de modo a não a subtrair de suas especificidades. Sob sua nomenclatura, encontrar-se-á com frequência, por exemplo, ênfase na disposição didático-evangelizadora daqueles textos em detrimento de seus demais traços, supondo-se assim uma subordinação estática do conjunto em favor da conversão do leitor por meio de *exempla*³⁰. O presente trabalho não pretende incorrer no que avalia como características em demasia funcionais, aplicáveis a textos diversos. Tentamos reunir aqui o maior número possível de referências cruzadas para outro fim, isto é, evidenciar os traços distintivos e similitudes entre descrições do além, a cuja importância faz-se referência nos estudos pertinentes. Dito isso, propô-lo exaustivo seria sugerir o esgotamento das representações da morte; focá-lo no pormenor, uma incongruência com seus demais aspectos. Buscou-se o meio caminho. Nosso receio é que, ao alienar-se o conjunto de suas marcas, incorra-se no perigo de se atenuar a correlação destas, quiçá sua maior riqueza.

²⁹ Ilha em cuja dependência está *Station Island*. Sobre a regra agostiniana, também se falou sobre sua introdução por São Malaquias (1094 – 1148). Cf. Easting (1976, p. cl).

³⁰ Note-se, em contrapartida, que seus destinatários são bastantes vezes membros do clero. Cf. *VisThug* (1-3) e o próprio *Tractatus* (3-5).

2 *Tractatus de Purgatorio Sancti Patricii*

A presente seção divide-se em três etapas. Na primeira delas, buscam-se relevar as dificuldades no estabelecimento da autoria de *T*, com ênfase em expansão atribuída a Matthew Paris. Finda a mesma, foca-se sucintamente na dedicatória do *Tractatus*, entendendo-a como momento de partida das discussões entre Locke (1965) e Easting (1976 e 1978)³¹, para fins de datação do relato. Ao cabo, apresentam-se os argumentos de ambos, mediante os pormenores de suas análises.

2.1 Autoria

Pouco se sabe acerca de H. de Sawtry (Saltrey), além de tratar-se de um monge cisterciense³². No caso da expansão *Henricus*, atribuída habitualmente a *Matthaeus Parisiensis* (Matthew Paris) (1200-1259), a mesma será crida espúria por Easting (1991, p. 236), que a reputa, por sua vez, a Henry Richards Luard (1824 – 1891), editor das *Chronica Majora*³³. Para fins de corroboração, três manuscritos teriam sido confrontados com a edição de Luard. São eles: BL MSS Harley 1620 (f. 156 vb) e Cotton Nero D. V (f. 137 rb.), um e outro examinados pelo próprio Easting (*ibid.*); e o Corpus Christi College, Cambridge, MS 26 (f. 117v), cuja consulta se daria por R. I. Page. Em nenhum destes foi observada a designação *Henricus Salteriensis*. Ainda sobre o tema, Easting (*ibid.*) recupera duas outras fontes, ambas de Ioannes Baleus (John Bale) (1495-1563)³⁴, às quais vincula³⁵ algumas das posteriores tentativas de atribuição autoral, inclusa a de Luard.

³¹ Quase que *ipsis litteris*, as referências aos argumentos de Easting serão feitos a partir de seu artigo de 1978 e não da seção 4 (pp. lxi-lxviii) da Introdução de sua tese doutorado (1976).

³² *H., monachorum de Saltereia minimus*. A ordem religiosa seria inferida pela menção a Wardon (*Sartis*), da qual Sawtry é subordinada. Cf. “The Cistercian Houses”, In. Knowles (2004, p.142).

³³ Na margem da edição consultada: *Henrici Salteriensis Tract. De Purgatorio*. Cf. Luard (1874, p. 192). A atribuição a Matthew Paris é listada, entre outros, por Pontfarcy (1985, p. 14) e Zaleski (1985, p. 470, nota 11).

³⁴ A datação de Easting (1991, p. 236) difere da nossa. Cf. Cross (1997, p. 146).

³⁵ Zanden (1925, p. 243) já chamara atenção para o fato: “O autor deste relato se nomeia ele mesmo: ‘frater H. monachorum minimus.’ John Bale o chama de *Henricus* e este nome permaneceu”. (*L’auteur de ce récit se nomme lui-même „frater. H. monachorum minimus.’ John Bale) l’appelle „Henricus’ et ce nom lui est resté*).

A saber: o *Scriptorum illustrium maioris Brytannie catalogus* e o *Index Britanniae scriptorum*. Registra-se no segundo: *Henricus monachus Saltereyensis, diui Benedicti, scripsit,/ Super purgatorio Patricij, li. i. "Patri suo in Christo preoptato/ domino H."*³⁶; e mais abaixo: *"Henricus Salteriensis, scripsit ad Henricum abbatem de Sartis,/ De penis purgatorij, li.i. "Patri suo in Christo preoptato,/ domino H.," etc. "Iussistis/ pater venerande, ut scriptum/ vobis mitterem," etc"*³⁷.

Mais profícua talvez seja a menção de H. de Sawtry a outro religioso, isto é, *Gilebertus de Luda* (Gilbert of Louth), a quem se imputa a narração oral da viagem de Owein ao monge de *Saltereia*:

[...] e, quando ficavam a sós [Gilbert e Owein] onde quer que fosse, como se estivessem entre amigos, ele costumava contar com muitíssima diligência todas essas coisas [i.e. sobre seu ordálio] a pedido do próprio Gilbert, para fins de edificação. (1092-1094).

Et quando soli simul erant familiariter alicubi, ipsius Gileberti rogatu ob edificationem hec omnia dilegentissime narrare consueuerat. (1092-1094).

Neste sentido, os estudiosos do texto³⁸ são concordantes ao identificarem-no como o cisterciense Gilbert – abade de Basingwerk (Flintshire), em 1155³⁹ –, sobremodo pautados por diversos indícios intratextuais que se listam em T. A título de exemplo, separam-se alguns deles, em trecho anterior ao citado acima e em que se explicita a função de Owein junto a Gilbert:

Além disso, ainda naquele tempo, Gervase de pia memória, abade do cenóbio de Louth, o qual obtivera do rei mencionado um local para a construção de um monastério⁴⁰, enviou a esse rei na Hibernia um monge seu, chamado Gilbert de Louth (Gilbert que, como é sabido, foi depois abade de Basingwerk), acompanhado de alguns outros, para que tomasse posse do terreno e lá fundasse o monastério. Quando chegou, sendo recebido pelo rei, lamentou ignorar a língua do país. Ao ouvir isso, o rei respondeu-lhe: "Confiarei a ti o meu melhor intérprete". E chamou o nosso cavaleiro, a quem ordenou que permanecesse com o monge. (1070-1080).

³⁶ Poole (1902, p. 167).

³⁷ *Idem*.

³⁸ Easting (1991), Pontfarcy (1985), Locke (1965), Zaleski (1987). A preeminência da narrativa oral dos acontecimentos de T sobre a escrita ou vice-versa não é, em geral, posta em análise.

³⁹ A data é extraída de Knowles (2004, p. 126). Ali também é informado o nome de seu sucessor, sob o ano de 1180.

⁴⁰ Supõe-se Baltinglas(s), Wicklow. Cf. Gwynn *apud* Easting (1976, p. cxcvii).

Eodem autem tempore pie memorie Geruasius, abbas cenobii Ludensis, qui a prefato regelocum ad construendum monasterium inpetrauerat, monachum suum nomine Gilebertum de Luda cum quibusdam aliis (qui scilicet Gilebertus fuit postea abbas de Basingewerch) ad eundem regem in Hyberniam misit, ut et locum susciperet et monasterium fundaret. Qui cum ueniens ad regem susceptus esset, conquestus est quod illius patrie linguam ignoraret. Quod audiens rex ait, 'Optimum interpretem tibi commendabo.' Et accito prefato milite, iussit ut cum monacho maneret. (1070-1080).

Enfim, como se exporá nas seções subsequentes, há, no entanto, divergências fundamentais acerca do intervalo temporal em que Gilbert teria narrado os acontecimentos, núcleo narrativo do *Tractatus* a H. de Sawtry.

2.2 Destinatário

A dedicatória *domino H. abbati de Sartis* (linha 3) é de praxe expandida duplamente. Na primeira hipótese (Locke 1965), infere-se que haja ali referência a *Henricus* (Henry)⁴¹, sétimo⁴² abade de Wardon (*Sartis*) (-1215) e futuro abade de Rievaulx, enquanto sucessor de *Helyas* (Elias) (1211-1215). Registra-se no *Chronica de Mailros* (Crônica da [Abadia] de Melrose):

Senhor Elias, abade de Rievaulx, retirou-se de seu ofício, ao qual sucedeu o senhor Henry, abade de Wardon, nos sextos idos de abril [8 de abril]; foi eleito para abade de Wardon o senhor Roger, mestre da mesma casa de conversos, nas terceiras calendas de maio [29 de abril].

*Dompnus Helyas, abbas Rieuallis, suo cessit officio, cui successit dompnus Henricus abbas de Wardona, vj idus Aprilis [Apr. 8], ellectus est in abbatem de Wardona dompnus Rogerus magister conuersorum eiusdem domus, iij. kalendas Maij [Apr. 29]*⁴³.

Na segunda hipótese (Easting 1978), em franca discordância com a precedente⁴⁴, assume-se que o dignatário não seja *Henricus*, porém Hugh,

⁴¹ Por conseguinte, os dois eclesiásticos, *H. de Sartis* e *H. de Saltereia*, teriam sua inicial desenvolvida para Henry.

⁴² Ressalta-se que a numeração de Knowles (2004, p. 146) compreende oito abades: Simon, Hugh (1173), Payne (-1198[9]), Warin I (1199), Roger I (1200), Warin II (1205), Laurence e Henry (-1215). As marcas são nossas.

⁴³ Hay e Pringle (1835, p. 117). A parte inicial do excerto é reproduzida por Locke (1965, p. 645).

⁴⁴ Easting (1978, pp. 778-779) é taxativo em crítica feita a Locke, no sentido de uma aquiescência sem ressalvas à afirmação de Ward (1893): “Ward disse que ‘nós não podemos estar certos sobre o abade H. de Sartis’, mas que ele ‘provavelmente’ era Henry. Locke tomou esta incerta probabilidade como um fato estabelecido, mas não há nenhuma

também abade de Wardon (1173-), conforme atesta novamente Knowles (2004, p. 146).

Nos dois casos, evidentemente, as implicações de tais abordagens compõem juízos dessemelhantes a respeito dos *termini ad quem* e *a quo* da obra. Note-se, entretanto, que via de regra, tanto a tese acerca de Hugh⁴⁵, quanto a datação proveniente desta hipótese de Easting serão adotadas em pesquisas ulteriores. A fim de evidenciá-las, apresentamos as mesmas logo abaixo, ao discorrermos sobre a datação de T.

2.3 Datação

Em seu artigo “A New Date for the Composition of the *Tractatus de Purgatorio Sancti Patricii*”, Locke (1965, p. 646) o conclui de modo bastante taxativo: “Em outras palavras, o *Tractatus* dever ter sido composto em algum momento após 1208 e antes de 8 de abril de 1215” (*In other words, the Tractatus must have have been composed sometime after 1208 and before 8 April 1215*). A contra-argumentação virá alguns anos depois, por vezes enfática, em que se nota certa animosidade sub-reptícia na fala de Easting. Sua conclusão se insere nos argumentos então propostos: “Para concluir, o *Tractatus* definitivamente foi escrito antes de 1200” (*To conclude, the Tractatus was definitely written before 1200*)⁴⁶. Assim sendo, tentaremos apresentá-las em sucessão, clarificando-as quando se julgar necessário, sobretudo dinte das fontes a que se lançou mão ali. Como se observará, procuramos consultá-las sempre que possível.

Após preâmbulo onde se arrola parcela da fortuna literária em que se inclui a lenda de T⁴⁷, Locke (1965, p. 641) apresenta tese de Foulet (1908),

razão para assumir que a inicial H. na dedicatória se refira a Henry. Eu sustento que nós podemos estar certos sobre o abade H. de Sartis, e que ele não era Henry, mas Hugh” (*Ward said that ‘we cannot be certain of the Abbot ‘H. de Sartis’,’ but that he was ‘probably’ Henry. Locke took this uncertain probability as an established fact, but there is no reason to assume that the initial H. in the dedication refers to Henry at all. I maintain that we can be certain of the abbot H. de Sartis, and that he was not Henry, but Hugh*).

⁴⁵ À parte o debate, a expansão Hugh já havia sido proposta por M. R. James em seu *Descriptive Catalogue of the manuscripts in the Library of Sidney Sussex College*: “Patri suo in christo preoptato domino *h(ugoni)* abbati de SARTIS”. James (1895, p. 35). As marcas são nossas. A passagem é mencionada por Easting (1978, p. 782, nota 32), não obstante sem a citação.

⁴⁶ Easting (1978, p. 782).

⁴⁷ Vide notas 25-28.

cuja inferência de um *terminus a quo* pertencente à segunda metade do séc. XII se deixa influenciar pelo papel central de duas obras do respectivo século: “A Vida Tripartida de Patrício”⁴⁸, do monge Jocelin de Furness (*fl.* 1199 – 1214); e a *Topographia Hibernica*, de *Giraldus Cambrensis* (c. 1146 – 1223). O raciocínio até então aceito seria bastante simples, quiçá simplista no entender de Locke e do próprio Foulet. Uma vez que em ambas o Purgatório de São Patrício é referido⁴⁹, porém não haja menção a Owein, deduziu-se que o *Tractatus* não poderia anteceder-las (ou o faria por poucos anos), visto que certamente *Giraldus* e Jocelin teriam-no mencionado, caso o conhecessem⁵⁰. Sobre o tópico e sua discordância parcial, escreve Foulet (1908, pp. 616-617)⁵¹:

Por outro lado, pretendeu-se tirar, do próprio silêncio de alguns escritores, um *terminus a quo* para o nosso Tratado. Jocelin de Furness escreve, entre 1180 e 1183, uma Vida de São Patrício e menciona o Purgatório, mas não diz nada acerca de Owein; *Giraldus Cambrensis*, em sua *Topographia Hibernica* (antes de 1189), também fala do Purgatório de São Patrício, mas mantém o mesmo silêncio frente ao cavaleiro irlandês. Diz-se, portanto, que nem um nem outro conheciam a obra do monge de Saltrey e se acrescenta que eles a teriam conhecido, se ela consequentemente tivesse existido.

D'autre part on a prétendu), du silence même de certains écrivains, tirer pour notre Traité un terminus a quo. Jocelin de Furness entre 1180 et 1183 écrit une Vie de Saint Patrice, mentionne le Purgatoire, mais ne dit rien d'Owein; Giraud de Barri dans sa Topographia Hibernica (avant 1189) parle également du Purgatoire de St. Patrice mais observe le même silence à l'égard du chevalier irlandais. C'est donc, dit-on, que ni l'un ni l'autre ne connaissaient l'œuvre du moine de Saltrey, et l'on ajoute qu'ils l'auraient certainement connue si elle avait dès lors existé.

No entanto:

Esta segunda inferência é menos segura, sobretudo caso se pretenda dar-lhe uma precisão matemática. Não seria, portanto, possível que uma obra escrita cinco ou seis anos antes, por exemplo, circulando em manuscrito, de mão em mão, fosse desconhecida de Jocelin e Giraldus? Concluamos, do silêncio destes dois escritores, que o Tratado, se ele é anterior às

⁴⁸ Sobre sua datação, diz Stokes (1887, p. lxiii): “Eu espero mostrar agora que a ‘Vida Tripartida’ não poderia ter sido escrita antes da metade do século X e que ela foi compilada provavelmente no [século] XI” (*I hope now to show that the Tripartite Life could not have been written before the middle of the tenth century, and that it was probably compiled in the eleventh*).

⁴⁹ Note-se que em Furness não se trata do mesmo Purgatório. Vide nota 20, bem como os capítulos 3 e 4.

⁵⁰ Por exemplo, Pontfarcy (1985, p. 17).

⁵¹ O juízo de Foulet é aludido por Locke, porém citado parcialmente.

suas obras, não o é, a não ser por um pequeno número de anos, no entanto, não digamos que ele não pode ter sido escrito antes de 1189. Vê-se que tudo isso ainda não nos conduz sobre um terreno bem firme.

Cette seconde inférence est moins sûre, surtout si l'on prétend lui donner une précision mathématique. Est-il donc impossible qu'un ouvrage écrit cinq ou six ans auparavant par exemple, et circulant en manuscrit, de la main à la main, ait pu être encore inconnu de Jocelin et de Girard? Concluons, du silence de ces deux écrivains, que le Tractatus, s'il est antérieur à leurs œuvres, ne l'est que d'un petit nombre d'années, mais ne disons pas qu'il n'a pu être écrit avant 1189⁵². – On voit que tout cela ne nous conduit pas encore sur un terrain bien solide.

Dito isso, Locke, por sua vez, opor-se-á veemente contra procedimentos que lhe parecem improdutivos, entre os quais aquele expresso pelo próprio Foulet. De acordo com o primeiro, a uma datação de T que se proponha fidedigna não caberá, em absoluto, pautar-se somente por dados que lhe são externos: “Torna-se progressivamente claro que todas as tentativas de datar o *Tractatus* apenas pelo uso de evidências externas estão condenadas ao fracasso” (*It becomes increasingly clear that all attempts to date the Tractatus by the use of external evidence alone are doomed to failure*)⁵³. Se adotada, criar-se-ia, portanto, um impasse metodológico, pois, ao datá-lo (*sc.* o *Tractatus*) pela existência ou não de citações/alusões que lhe são alheias, chegar-se-á a incongruências de ordem manifesta. O exemplo fornecido pelo próprio Locke nos parece ainda definitivo. Segundo o modelo outrora proposto, Vincent de Beauvais (c. 1194-1264), ao também não mencionar o *miles* em seu *Speculum Historiale*, deveria fazer avançar a datação de T para além de 1254⁵⁴, data comumente aceita para a redação do texto de Beauvais, porém inexata para aquele fim, caso se pense em obras anteriores ao *Speculum* e que citam nominalmente Owein. Em resumo, tal tarefa só poderia ser levada a cabo, por meio de outra abordagem, isto é, da acuidade com que o estudioso observará as referências intratextuais do relato.

Com isto em mente, Locke (1965, p. 644) informa-nos que Van der Zanden (1927) segmentara em três grupos os nomes citados no *Tractatus*.

⁵² Foulet (1908, p. 617) acredita que exista uma “alusão ao nosso *Tractatus*” (*allusion à notre Tractatus*), no cap. V, da *distinctio* II, da *Topographia Hibernica*, a qual é posta em dúvida por Locke (1965, pp. 642-643).

⁵³ Locke (1965, p. 644)

⁵⁴ A datação é fornecida por Locke. Encontraram-se outras. *Cf.*, por exemplo, verbete em Cross (1997, p. 1699).

Em um primeiro, leem-se menções mais abrangentes, como que temáticas, como *Owein, Saint Patrick, Ireland* etc... No segundo, o que chama de “bagagem intelectual (...) de um monge do fim do séc. XII” (*le bagage intellectuel [...] d'un moine de la fin du XII^e siècle*) (Zanden *apud* Locke, *idem*), onde a veracidade do relato assenta-se sobre as autoridades de Gregório Magno (c. 540-604), Agostinho de Hipona (354-430) e São Malaquias (1094-1148). Por fim haveria o verdadeiro foco de Locke, ou seja, o grupo composto por contemporâneos de T ou que lhe seriam próximos temporalmente. Entre eles: Stephen⁵⁵, Gervase⁵⁶, Gilbert⁵⁷ e H. de Sawtry. Todavia, faz-se uma ressalva, neste ponto. Prossegue Locke (1965, p. 645): “Todas as pessoas na coluna II da tabela de Van der Zanden, com uma exceção, vivem em datas anteriores a 1190”. (*All the names of persons in column II [sic] of Van der Zanden's table, with one exception, live at dates prior to 1190*). Em outras palavras, a exceção seria a última figura histórica, *H. de Sartis*, entendido como sendo Henry (*Henricus*)⁵⁸.

A partir daí, sua conclusão é imediata e aparentemente irrefutável. Uma vez que Laurence, sexto abade de Wardon⁵⁹, encontrar-se-ia vivo em 1208, conforme registros do “Cartulário de Old Wardon”⁶⁰, e Henry assumiria o posto de abade de Rievaulx, em 8 de abril de 1215⁶¹, infere-se que o *Tractatus* teria obrigatoriamente sua redação no intervalo entre 1208 e este ano⁶².

A refutação, entretanto, a tais argumentos (Easting 1978, p. 778) foi proposta nas seguintes bases:

O propósito deste artigo é mostrar que a datação de Locke é incorreta, que suas evidências sobre Lawrence são levemente deficitárias, que sua

⁵⁵ (...) *diebus scilicet regis Stephani* (...) (206-207). Rei Stephen of England, entre 1135 e 1154.

⁵⁶ (...) *Geruasius, abbas cenobii Ludensis* (...) (1071). Gervase, cisterciense, primeiro abade de Louth Park (1139-). Cf. Knowles (2004, p. 137) e Easting (1991, p. 251).

⁵⁷ (...) *Gilebertum de Luda* (...) *qui scilicet Gilebertus fuit postea abbas de Basingewerch* (1073-1075). Gilbert, também cisterciense, é atestado como abade de Basingwerk, Flint, em 1155. Cf. Knowles (*ibid.*, p. 126).

⁵⁸ Cf. subseção precedente.

⁵⁹ Doubleday e Page (1904, p. 365). No entanto, sétimo abade, em Knowles (*ibid.*).

⁶⁰ Locke (1965, p. 646).

⁶¹ Novamente, Knowles (2004, p. 140 e p. 146).

⁶² A datação é listada por Zaleski (1987, p. 209), embora com ressalvas já em seu artigo: “St. Patrick’s Purgatory: Pilgrimage Motifs in a Medieval Otherworld Vision”. Zaleski (1985, p. 478, nota 38). Estranhamente, a autora parece desconhecer os estudos de Easting.

suposição sobre a identidade do “dedicatário” é falsa e que, embora ainda seja impossível datar a composição do *Tractatus* com precisão, pode-se mostrar que ele foi escrito alguns poucos anos antes da data tradicional de c. 1189-90.

The purpose of this article is to show that Locke's dating is incorrect; that his evidence about Lawrence is slightly deficient; that his assumption about the identity of the dedicatee is false; and that, although it is still impossible to date the composition of the *Tractatus* precisely, it can be shown to have been written some few years earlier than the traditional date of c. 1189-90.

Entre suas objeções, chamar-lhe-ia a atenção que, não obstante Locke tivesse acesso ao “Cartulário de Old Wardon”, o nome de Hugh⁶³ não fora levado em consideração como possível destinatário do *Tractatus*, mas apenas Henry. Knowles (2004, p. 146), por exemplo, atesta Lawrence, antecessor de *Henricus* em Wardon, nos anos de 1212/1213. Em outras palavras, sendo mister que a redação de T se dê durante o abaciado de Henry (tese de Locke), o respectivo período deveria, por conseguinte, compreender os anos de 1212/13-1215 e não de 1209 a esta última data. No entanto, mesmo ao se aceitar quaisquer das datações, defrontar-se-ia com fontes que, ignoradas por Locke, exacerbam certos entraves em seu raciocínio. Escreve-se na “Visão de Thurkill”, a qual é atribuída por Ward (1875, p. 440) a Ralph of Coggeshall (*fl.* 1207-1226):

Escreveu certo monge de um cavaleiro hibernico de nome Owein, assim como tomara conhecimento, por meio do relato daqueles monges que se associaram com o predito cavaleiro por longo tempo, dos horrendos gêneros de tormentos, que observara com olhos carnis no Purgatório de São Patrício.

*Scripsit quidam monachus de quodam milite Ybernensi nomine Audoeno, sicut ab illorum monachorum relatione cognoverat, qui cum praedicto milite diutius conversati sunt, horrenda tormentorum genera, quae in purgatorio sancti Patricii oculis carnis conspexerat*⁶⁴.

⁶³ Caberá aqui uma observação significativa acerca da crítica de Easting (1978). Parece-nos claro que Locke (1965, p. 646) está a se basear não no “The Cartulary of the Cistercian Abbey of Old Wardon (Fowler 1931), contudo no “The Victoria History of the Counties of England: A History of Bedfordshire” (Locke *ibid.*, p. 646), no que tange à afirmação de Henry como sendo o sétimo abade de Wardon. Sob o título “Abbots of Warden”, listam-se no segundo sete abades, entre os quais *não* se encontra o nome de Hugh. São eles: “Simon, first abbot, occurs about 1150/ Payn, occurs 1186 and 1195/ Warin, occurs 1199/ Roger, occurs 1200-1/ Warin, occurs 1204-5/ Laurence, occurs 1209-10/ Henry, died 1216” (Doubleday e Page 1904, p. 365).

⁶⁴ Ward (1874, p. 441).

Assim, posto que Ward (1893, p. 493) expresse parecer a favor de uma datação próxima a 1206⁶⁵, e Easting (1978, p. 780), por sua vez, defenda um *terminus ad quem* em 1213⁶⁶ à “Visão de Thurkill”, o próprio recorte temporal à redação de T entre 1212/1213 e 1215 se veria igualmente comprometido, ou melhor, tornado exíguo, pois a única data cabível para tanto seriam agora os anos de 1212/1213. Uma outra prova apresentada por Easting (*ibid.*), todavia, poria termo também a esta suposição.

Pouco comum em sua iniciativa, Peter of Cornwall, prior de Holy Trinity (1197-1221)⁶⁷ (Aldgate, Londres), compilara sob o título de *Liber reuelationum* um extenso número⁶⁸ de visões escatológicas, em que já da abertura da obra se estabelece sua familiaridade com T⁶⁹.

[...] estas coisas que ocorreram antes, no tempo do Rei Stephen of England, a respeito do mesmo Purgatório, assim como estão contidas no livro que foi escrito sobre aquele Purgatório, no tempo de Stephen.

[...] *ea que contigerant prius tempore Stephani Regis Anglie de eodem Purgatorio, sicut in libro qui de illo Purgatorio scriptus est tempore Stephani continentur*⁷⁰.

⁶⁵ Trata-se do mesmo ano em que teria sido presenciada a visão. Cf. Ward (1875, p. 442).

⁶⁶ “Na mesma introdução, Ralph faz referência à Visão de Túndalo e à Visão do Monge de Eynsham (1196) e conta que questionou Thomas, prior de Binham e outrora prior de Eynsham, sobre este último relato, dado pelo ‘domnus Adam supprior eiusdem cenobii’. Russell diz que Ralph of Coggeshall ‘escreveu a Visão de Thurkill’ antes que Adam of Eynsham se tornasse abade daquela casa, visto que ele o chama de ‘sub-prior’. Knowles fornece [os anos] de 1213/14 como as datas, em que Adam se tornou abade de Eynsham. Além disso, Thomas deixou de ser prior de Binham em algum momento entre 1207 e 1213. Em outras palavras, a referência ao *Tractatus* na introdução da Visão de Thurkill foi escrita entre 1206 e 1213”. (*In the same introduction, Ralph refers to the Vision of Tundale and the Vision of the Monk of Eynsham (1196), and he tells that he asked Thomas, prior of Binham and formerly prior of Eynsham, about this latter account given by "domnus Adam supprior eiusdem cenobii." Russell says that Ralph of Coggeshall "wrote the 'Vision of Thurkill' before Adam of Eynsham became abbot of that house, since he calls him sub-prior."* Knowles gives 1213/14 as the date when Adam became abbot of Eynsham. Moreover, Thomas ceased to be prior of Binham sometime between 1207 and 1213. In other words, the reference to the *Tractatus* in the introduction to the Vision of Thurkill was written between 1206 and 1213).

⁶⁷ Vide Knowles (2004, p. 174).

⁶⁸ “A coletânea é vasta, englobando quase 1100 trechos de cerca de 275 obras diferentes” (*The collection is vast, comprising nearly eleven hundred extracts from about 275 different works*) (Easting & Sharpe 2013, p. 35)

⁶⁹ “No fol. 11r, o Livro Um se inicia pelo *Tractatus*, uma cópia fiel do texto completo assim como aquele preservado em MS Royal 13 B. viii” (*On fol. 11r Book One begins with the Tractatus, a faithful copy of the full text like that preserved in MS Royal 13 B.viii*). (Easting 1978, p. 781).

⁷⁰ Easting & Sharpe (2013, p. 130).

Ademais, logo acima no fol. 21va, Peter acrescenta uma nota cujo valor à datação tanto de seu texto quanto do *Tractatus* lhe seria indispensável:

Narrou a mim, Peter [i.e. Peter of Cornwall], prior da Sagrada Trindade em Londres, no ano de 1200, da Encarnação do Senhor.

*Narrauit mihi Petro priori Sancte Trinitatis Lundonie, anno millesimo ducentesimo ab incarnatione Domini*⁷¹.

Informação que reincide também no fol. 26rb, quando se escreve:

Esse Jordan tinha certo filho de nome Peter, cônego e prior da Sagrada Trindade de Londres, o qual escreveu essas coisas que ouviu de seu pai, no ano da Encarnação do Senhor, 1200.

*Huius Jordani erat filius quidam Petrus nomine, canonicus et prior Sancte Trinitatis Lundon(ie), qui hec que audiuit a patre suo scripsit, anno ab incarnatione Domini .M^o.cc^o. [...]*⁷²

Somada a isso, uma série de pormenores acabaria por obstar a tese de Locke. Ao se pensar, por exemplo, em Gilbert de Louth (responsável pela transmissão oral de T), indicar-se-ia como improvável o longo hiato temporal entre sua estada na Irlanda e a narração dos acontecimentos de que padece Owein⁷³. Também nesta chave, seria atribuída certa importância à expressão *contigit autem hiis temporibus* (206), cuja referência ao reinado de *Stephanus* (Stephen) (1135-1154) seria tida como uma alusão cronológica demasiado longínqua, caso se aceitem os anos fornecidos por Locke (i.e. 1208-1215), não obstante Easting (1978, p. 779) não descarte ali uma simples contraposição entre tempo narrativo e o *tempore Sancti Patricii et aliis* (172)⁷⁴.

Em suma, tais exames, no entender de Easting, seriam basilares em sua preeminência factual (caso não considerados espúrios), no que diz

⁷¹ *Ibid.*

⁷² *Ibid.*, pp. 200 e 202.

⁷³ “Pela teoria de Locke, isso significaria que Gilbert estaria recontando sua história cerca de 50 ou 60 anos depois de sua estada na Irlanda, [o que] faria de Gilbert um homem excepcionalmente velho, ainda que [isso] não [seja] impossível” (*By Locke's theory this would mean that Gilbert was recounting his tale some fifty or sixty years after his stay in Ireland, and would make Gilbert an exceptionally, though not impossibly, old man*). Easting (1978, p. 779) Não vemos por que Gilbert não poderia fazê-lo, a partir de 1170. Evidentemente, haveria a permanência de um indelével intervalo entre a narrativa daquele e o momento da escrita efetiva [neste caso, 1208-1215] do *Tractatus*.

⁷⁴ Diga-se que a tese de Easting, tampouco resolve a questão.

respeito às fontes citadas. A partir mais uma vez de Knowles (2004, p. 146), Easting finda seu artigo com dois *termini*, aos quais acrescenta um comentário. Descartada de antemão uma data que lhe seja definitiva, o *Tractatus* teria sido produzido no intervalo entre 1173 (ano em que Hugh é atestado como abade de Wardon) e 1185/86⁷⁵ (primeiros registros⁷⁶ de Payne, sucessor deste, no mesmo monastério). Caso se releve o abaciado de Gilbert em Basingwerk⁷⁷, mais especificamente c. 1179-1181.

⁷⁵ “Aqui está uma prova conclusiva de que Henry of Sawtry escreveu seu *Tractatus* antes de 1200, e o único abade de Wardon, cuja inicial era H antes daquele período [e] a quem ele poderia ter dedicado sua obra, era Hugh, o segundo abade registrado” (*Here is conclusive proof that Henry of Sawtry wrote his Tractatus before 1200, and the only abbot of Wardon with initial H before then, to whom he could have dedicated his work, was Hugh, the second recorded abbot*). Easting (1978, p. 781)

⁷⁶ A entrada integral lê-se: “Payne -1198(9) Occ. (P.) 1185x95, prob. early (CDF, no. 817); (P.) 1186 (Gorham, II, p. lxxiv); 1192 (BHRS [Bedfordshire Historical Record Society], xxxii, pp. 4-5, 13-14); 6 Dec. 1196 (FF, PRS, xx, no. 64). Res. 1198 or early 1199 (see C. R. Cheney in BHRS, xxxii (1952), pp. 14, 15, 19: P., and P. *quondam*)”. Knowles (2004, p. 146). As marcas são nossas.

⁷⁷ Easting (1978, p. 779) embasa sua hipótese em três trechos de T: “Gilbert que foi depois abade de Basingwerk” ([...] *Gilebertus fuit postea abbas de Basingewerch*) (1074-1075); “E também eu, com diversos outros que estavam comigo, observei com os meus olhos um acontecimento não muito diverso deste, em um monastério no qual me achava” (*Sed et ego in monasterio cui prefui aliquid oculis meis huic rei non ualde dissimile multique mecum conspexere*) (1104-1106); e: “O monge me confessou ter visto tormentos espantosos e horrendos. E embora tenha vivido por mais quinze anos (...) Eu vi as feridas desse monge; eu o toquei com as minhas mãos; eu próprio o enterrei após seu falecimento” (*Michi quoque confessus est se stupenda et horrenda uidisse tormenta. Vixit autem postea quindecim annos. (...) Huius monachi uulnera uidi et manibus meis attractaui ipsumque post obitum ego ipse sepeliui*). (1114-1116 e 1124-1125). Por conseguinte, conclui Easting (*ibid.*): “Nós também sabemos que ele não era mais abade, quando contou a história de Owein a Henry of Sawtry, pois se recorda de um incidente que ocorreu ‘in monasterio cui prefui’, e diz que o monge em questão viveu depois por quinze anos e foi enterrado por ele mesmo Gilbert. Isso nos leva, pelo menos, até o ano de 1170, embora seja necessário reconhecer que [o intervalo de] ‘quinze anos’ possa não ser estritamente preciso” (*We also know that he was no longer abbot when he told Owayne's tale to Henry of Sawtry, for he recalls an incident which occurred ‘in monasterio cui prefui,’ and says that the monk concerned subsequently lived fifteen years and was buried by Gilbert himself. This brings us to at least 1170, though we must allow that the ‘fifteen years’ may not be strictly accurate*).

3 Escatologia: apropriação e ressignificação

Assim como no capítulo anterior, segmentamos a análise em três momentos. No primeiro, reúnem-se textos variados cujos traços escatológicos serão comumente comparados em obras que tratam das representações do chamado “Outro mundo”. Entre eles, os principais escritos mortuários egípcios do Antigo Reinado (c. 2705 – 2180 a. C.), Médio Reinado (c. 1987 – 1640 a. C.) e Novo Reinado (c. 1540 – 1075 a. C.)⁷⁸; as versões babilônicas da “Épopeia de Gilgamesh” e as que a antecedem; entre outros. Em seguida, apresentam-se três fontes do cristianismo que exerceriam ampla influência, seja nos estudos voltados à escatologia cristã, seja no *corpus* literário que lhes servirá de base. São elas: o *Enchiridion ad Laurentium*, de Agostinho de Hipona (354 – 430); o livro IV, dos *Dialogi*, de Gregório Magno (c. 540-604); assim como a visão de Drythelm, conforme registrada por Beda (673 – 735), em seu *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*. Por fim, a exposição se centrará sobre *Lough Derg*, localidade onde se encontra o Purgatório de São Patrício, e algumas versões cristãs e pagãs sobre sua origem. Também se recuperará parte das fontes cronologicamente mais próximas do *Tractatus*, observando-se suas discrepâncias em relação ao texto de H. de Saltrey, seu autor.

Tratar de questões concernentes à escatologia judaico-cristã culminou numa tarefa quase que inexequível ao pesquisador do tema. As obras que o fazem se veem sujeitas à apresentação daquilo que poderíamos chamar de “fontes antigas”: via de regra, sob o amplo adjetivo “orientais”. Boswell (1908, pp. 67-94), por exemplo, consagrara um capítulo de seu livro ao que nomeia de “A tradição oriental” (*The oriental tradition*), em sua análise das relações entre a *Divina Commedia* e a irlandesa “Visão de Adamnáin” (*Fis Adamnáin*). Nove anos antes, Becker já iniciara sua dissertação sobre visões medievais com o tópico *oriental analogues*, onde mais uma vez o poeta italiano é estudado mediante textos que lhe são muito

⁷⁸ A cronologia é retirada de Hornung (1999, pp. xxi-xxii).

distantes temporalmente⁷⁹. No caso de estudos que nos são mais próximos, tampouco se deixará de notar tal metodologia em obras como o muito debatido *La Naissance du Purgatoire* (1981), de Le Goff, o qual emprega o nome “os imaginários antigos” (*les imaginaires antiques*), ao se referir a representações tão variadas quanto as egípcias, persas, babilônicas e gregas. Também como nos dois anteriores, é atribuído ao poema dantesco um papel de destaque no capítulo que arremata a obra e que se intitula *Le triomphe poétique: la “Divina Commedia”*.⁸⁰

Dito isso, caberá uma indagação preliminar. Ao cotejá-las entre si, permite-se uma melhor compreensão das fontes com que são postas em paralelo? Como objeção, pesam os argumentos usuais, embora não menos justificáveis, a saber: as barreiras linguísticas e culturais, a posição geográfica dos grupos cuja produção literária é cotejada, as incertezas tradutológicas ainda patentes em bastantes casos, a importância de produções ágrafas, entre outras... Por outro lado, deixá-las à parte seria desconsiderar possíveis relações entre elas que não são ignoradas pelos próprios autores antigos⁸¹. Optamos, portanto, por uma via que se propõe a evitar possíveis exageros de ambas as metodologias, isto é, de uma, para a qual quaisquer cotejos são julgados insatisfatórios pelos motivos expressos acima e de outra, que, ao fazê-los, geraria por vezes simplificações, em detrimento das particularidades entre os objetos comparados. Com isso em mente, iniciamos nosso estudo pelo Oriente Próximo.

3.1 Egito e Babilônia

Não será causa de estranhamento que a produção de escritos mortuários egípcios seja extensa⁸². Caso se pense apenas nas três principais coletâneas

⁷⁹ Becker (1899, pp. 9-10). As comparações são feitas entre os infernos do Budismo e aqueles descritos por autores cristãos. Sobre a importância de textos não cristãos ao tema estudado, diz ele ainda: “Nenhuma pesquisa sobre a história das visões seria completa sem a indicação pelo menos das similaridades mais notáveis, entre relatos pagãos e cristãos” (*But no survey of the history of visions would be complete without an indication, at least, of the most striking parallels between the pagan and Christian accounts*).

⁸⁰ Neste sentido, vide também Carozzi (1994, p. 5).

⁸¹ Entre eles, Heródoto (séc. V a. C.), em seu livro II, 81, das “Histórias”.

⁸² Le Goff (1981, p.34) é um dos que chama a atenção para as dificuldades em resumir a história dos mortos, no Egito Antigo.

destes (*vide* abaixo), mais de mil e quatrocentos anos as encerram em si, isto é, entre o reinado de Wenis, último soberano da quinta dinastia (2520 – 2360 a. C.), e os reis raméssidas do fim do Novo Reinado (1540 – 1075 a. C.). São elas: os “Textos das pirâmides”, os “Textos dos sarcófagos” e o “Livro dos mortos”⁸³.

No que tange ao seu uso, há certa concordância de que se trate de um emprego sobretudo funcional, ou melhor, enquanto encantamentos que permitiriam àquele que faleceu a superação de obstáculos no pós-vida. No caso dos “Textos das pirâmides”⁸⁴, coleção mais antiga de textos religiosos do Egito Antigo, eles se destinam prevalentemente ao rei, em sua ascensão ao Céu e ao deus solar, de cuja origem a figura real compartilharia: “Generally speaking, the texts were supposed to be of special service to the deceased king and his ascent to the Sky and his reception in the divine realm”⁸⁵.

A título de exemplo, lê-se nos “Encantamentos para adentrar o céu”, inscritos na pirâmide de Wenis:

226 RECITATION. *O you (ferryman) with the back of his head behind him, get for Unis [i.e. Wenis] (the ladder called) “Salve of Contentment on Osiri’s Back,” that Unis go forth on it to the sky and Unis may escort the Sun in the sky*⁸⁶.

O caráter marcadamente régio de tais fórmulas sofreria aos poucos, no entanto, uma modificação importante, no que diz respeito aos seus destinatários. Com a passagem do Antigo para o Médio Reinado e o surgimento dos “Textos dos sarcófagos”⁸⁷, amplia-se o grupo daqueles que podem usufruir o pós-vida. Em outras palavras, não se garante mais a

⁸³ Em regra, os nomes das coletâneas refletem o suporte em que se encontram, a saber, respectivamente nas paredes das câmaras e antecâmaras das pirâmides reais, em sarcófagos e, no caso da última coletânea, em papiros. Evidentemente, não faltam exceções ao esquema proposto.

⁸⁴ Embora se inicie com Wenis, o respectivo *corpus* extrapolaria em muito o Antigo Reinado, com ocorrências ainda no Período Tardio (664 – 332 a. C.). Para um sumário acerca de sua gênese e conteúdo, *vide* Hornung (1999, pp. 1-6).

⁸⁵ Hornung (*ibid.*, p. 5). Em todas as ocasiões onde o excerto citado já se encontrar traduzido a partir de um original, optou-se por não traduzi-lo uma segunda vez. Visamos, deste modo, a atenuar a perda de significados da língua de partida, em relação ao texto final, aqui apresentado.

⁸⁶ Allen (trad.) (2005, p. 61).

⁸⁷ Segundo Hornung (1999, p. 7), suas principais fontes pertencem à Dinastia 12, do Médio Reinado, não obstante sua primeira ocorrência seja na pirâmide de Ibi (séc. XXII a. C.).

ascensão pela origem real e por um tipo de conhecimento que permite o êxito no porvir. O morto se verá agora minuciosamente julgado e sua familiaridade com a geografia das regiões subterrâneas, cujo soberano é Osiris, será posta à prova. Segundo Assmann (2014), o sucesso da empresa deve reunir duas características imprescindíveis: um comportamento em vida tido como virtuoso face ao que se exige e um saber que permita a evolução do viajante pelo além-túmulo. Ademais, continua o mesmo pesquisador:

*After the end of the Old Kingdom, with the spread of the mortuary texts into the non royal mortuary cult, the theme of distancing, as we have seen, experienced an astonishing transformation. Now, it could no longer be a matter of distinguishing the destiny of the deceased king from that of ordinary mortals. Instead of the distinction between high and low, divine and human, royal and nonroyal, there was the distinction between good and evil, as well as that between the knowing and the unknowing*⁸⁸.

Dito isso, tal posicionamento será desenvolvido mais ainda no “Livro dos mortos”⁸⁹, em especial no encantamento 125, que trata do julgamento dos que faleceram. Com efeito, este é composto por fórmulas negativas, as quais se acumulam, a fim de atestar a inocência do morto, perante o tribunal divino. Lemos ali:

*O Wide-strider who came forth from Heliopolis, I have/ not done wrong./ O Fire-embracer who came forth from Kheraha, I have/ not robbed./ O Nosey who came forth from Hermopolis, I have not/ stolen./ O Swallower of Shades who came forth from Kernet, I/ have not slain people*⁹⁰.

De todo modo, suas premissas se manteriam inalteradas. Aquele que morrera deve ser provido de meios práticos que lhe possibilitem a bem-aventurança. Somando-se a isso, o pós-vida se mostrará com limites geográficos não só que o falecido terá a incumbência de conhecer, porém que permitirão a certos pesquisadores compará-los com outras representações do além-túmulo que não egípcias. Assim, ao comentar sobre

⁸⁸ Assmann (2014, pp. 147-148).

⁸⁹ Conhecido de início como o “Livro/ Encantamentos para Sair à Luz do Dia”, sua produção se estende entre o Novo Reinado e o Período Tardio. No que tange à sobrevivência dos textos em períodos posteriores, Hornung (1999, p. 14) chama a atenção para uma versão em demótico, durante o Período Romano (30 a. C. – 642 d. C.).

⁹⁰ Faulkner (trad.) (1998, plate 31). O trecho selecionado é diminuto, em face da extensão do original.

a vertente mais opressiva do pós-vida do Egito Antigo, Assmann (2014, p. 144) enxerga ali características que propiciariam analogias entre o respectivo além e o inferno da tradição judaico-cristã. De acordo com o estudioso: “It corresponded to the Hebrew Sheol, the mesopotamian Land of No Return, the Greek Hades, ad the Roman Orcus. It was a place far from the divine, where the rays of the nocturnal Sun did not penetrate”⁹¹. No caso especificamente do Julgamento dos mortos, procurou-se aproximá-lo, por sua vez, de fundamentos ético-religiosos que, através de seu cumprimento ou não, permitiriam o sucesso ou a danação daquele que se encontra frente ao tribunal divino. Nesta linha de raciocínio, o “Outro mundo” egípcio seria, por conseguinte, um lugar ambivalente, marcado ao mesmo tempo pelo possível fracasso diante dos juízes divinos (ou ainda pelo desconhecimento da paisagem do pós-vida) e, por outro lado, pela possibilidade de se atingir a boa sorte de paragens como o “Campo dos Juncos”, espécie de *locus amoenus* daquela tradição⁹². Sobre esse derradeiro estado de alegria, Assmann (2014, p. 416), como já fizera acima, acredita poder estabelecer um série de vínculos entre a respectiva localidade e uma suposta mundividência de bases cristãs a qual privilegiaria a noção de um mundo por vir potencialmente benfazejo:

A glance at Western art shows to what an extent the Christian West was obsessed with the idea of the Judgment. Those judged guiltless went into the eternal blessedness of Paradise immediately after death, as had been believed in antiquity regarding martyrs. This Paradise had nothing to do with the realm of death of the Mesopotamian, Israelite, and Greek concepts of the netherworld, but it corresponded to the Elysium of Egyptian mortuary beliefs. It was a place where those redeemed from death enjoy eternal life, instead of leading a shadowy existence as dead people, as in the Israelite She'ol or the Greek Hades.

⁹¹ Diz-se no encantamento 175, do “Livro dos Mortos”: “O Atum, how is it/ that I must travel to the wasteland of the realm of the dead?/ It has no water, it has no air,/ it is utterly deep, dark, and endless!”. A tradução é fornecida por David Lorton, em Assmann (2014, p. 122).

⁹² Sobre este, explica Goelet *apud* Faulkner (1998, p. 169), ao comentar o encantamento 110, do “Livro dos mortos”: “Os dois Campos [sc. “O Campo de Horep” e o “Campo dos Juncos”, ambos espaços de bem-aventurança no porvir] eram imaginados como estando no próximo mundo, nas regiões perto do horizonte, um ponto de transição antes de se entrar na esfera celestial. Os dois campos representavam um tipo de paraíso, formado por uma vastidão de pântanos de juncos ou terras cultiváveis” (*Both Fields were thought to lie in the next world in the regions near the horizon, a transition point before one entered the celestial sphere. The two fields represented a type of paradise, formed of immense expanses of peaceful reed-marshes or farmland*).

Longe de ser esta uma prática isolada, caberá notar, no entanto, que inúmeras outras tentativas seriam propostas no sentido de uma aproximação entre diferentes culturas, em especial sobre suas maneiras de representar a sorte dos mortos. Sob este parecer, pôde-se falar conseqüentemente de um repositório escatológico análogo, ou melhor, sujeito a cotejos que, embora úteis, correriam o risco de atenuar parte significativa das dificuldades inerentes às próprias comparações de que se lança mão. Entre os textos que mais se prestariam a tal metodologia, certas narrativas mesopotâmicas chamariam a atenção de diversos pesquisadores – assim como as egípcias o fizeram –, uma vez que supostamente forneceriam meios de se refutar ou confirmar a existência de temas comuns entre elas e textos diversos. A título de exemplo, escreve Zaleski (1987, p. 16), ao comparar a faceta lúgubre do além-túmulo da “Epopéia de Gilgamesh”⁹³ com certa passagem de Jó e dos Salmos:

Ideias similares são recorrentes por toda a literatura do Oriente Próximo antigo: os mortos levam uma meia-vida apática, apertados juntos em moradas escuras, empoeiradas ou pantanosas sob a terra. O Salmista das Escrituras hebraicas lembra Deus que ‘na morte não há lembrança de ti; no Sheol, quem poderá te louvar’ [Ps. 6: 6]. E Jó lamenta: ‘Não são poucos os dias da minha vida?/ Deixa-me em paz, para que eu possa encontrar/ algum alento/, antes de eu ir para o lugar de onde não posso voltar,/ para a terra de tristeza e caos, onde a luz é como a escuridão’ (Jó 10: 20-22).

*Similar ideas recur throughout the literature of the ancient Near East: the dead lead a listless half-life, cramped together in dark, dusty, or swampy quarters beneath the earth. The Psalmist of the Hebrew scriptures reminds God that ‘in death there is no remembrance of thee; in Sheol who can give thee praise?’. And Job laments: Are not the days of my life few?/ Let me alone, that I may find a/ little comfort/ before I go whence I shall not return,/ to the land of gloom and chaos,/ where light is as darkness. (Job 10: 20-22).*⁹⁴

⁹³ Sobre a nomenclatura atribuída à obra, vide George (2003, pp.3-4).

⁹⁴ Lê-se, por exemplo, na versão babilônica padrão da “Epopéia de Gilgamesh” (1º milênio a. C.): “[He bound] my arms like (the wings of) a bird/ to lead me captive to the house of darkness, the seat of Irkalla:/ to the house which those who enter cannot leave,/ on the journey whose way cannot be retraced; to the house whose residents are deprived of light,/ where dust is their sustenance, their food clay” (tabuleta VII, linhas 183-190) (George 2003, p. 645, linhas 183 – 188). Decerto, tais elementos seriam passíveis de observação, em outras obras. Separaram-se duas delas, a saber, a “Descida de Ištar ao mundo subterrâneo” e “Nergal e Ereškigal” (VII a. C.) respectivamente: “To Kurnugi, land of [no return], / Ishtar daughter of Sin was [determined] to go;/ The daughter of Sin was determined to go/ To the dark house, dwelling of Erkalla’s god,/ to the house which those who enter cannot leave,/ On the Road where travelling is one-way only,/ To the house where those who enter are deprived of light,/ Where dust is their food, Clay their bread./ They see no light, they dwell in darkness,/ They are clothed like birds, with feathers” (Dalley 2000, p. 154); “[Nergal set

Ademais, segundo o que sugerimos anteriormente, a mera designação da obra – neste caso, o épico citado – como um todo coeso e articulado internamente poderia gerar a falsa impressão de que haveria um conjunto de histórias que se designou, desde o início, “Epopéia de Gilgamesh”⁹⁵. A título de exemplo, George (2003) divide em número de seis as composições sumérias, envolvendo a respectiva personagem: *Bilgames* (i.e. Gilgamesh) e *Akka*, *Bilgames* e *Huwawa* (versões A e B), *Bilgames* e o Touro do Céu, *Bilgames* e o Mundo Subterrâneo, e a Morte de *Bilgames*. Em outras palavras, aquilo que se indica como um ciclo pertencente apenas a uma obra seria compatível com uma variabilidade narrativa muito mais ampla do que se imagina e que seria somente depois atribuída a um redator específico.

Na tradição babilônica, *Sin-Ieqi-unninni* foi o indivíduo que produziu a série de histórias de Gilgamesh. Esta informação pode ser interpretada de duas maneiras: (a) *Sin-Ieqi-unninni* foi um poeta lendário, como Homero, a quem se atribuiu, na lembrança dos que vieram depois, a composição da primeira versão do poema babilônico tradicional, que, em sua forma final, ficou conhecido pelo título “Série de histórias de Gilgamesh” e *naqba imuru*, ou (b) ele foi um erudito tardio tido como responsável pelo estabelecimento do texto da “Epopéia de Gilgamesh”, em sua forma familiar, a partir das cópias do primeiro milênio.

*In Babylonian tradition Sin-Ieqi-unninni was the man who produced the series of Gilgames. This information can be interpreted in two ways: (a) Sin-Ieqi-unninni was a legendary poet, like Homer, credited in later memory with composing the first version of the traditional Babylonian poem that in its final form went by the titles Series of Gilgames and as naqba imuru, or (b) he was a later scholar held responsible for establishing the text of the Epic of Gilgames in the form familiar from the first-millennium copies*⁹⁶.

Além disso, ainda que se tomasse como referência sua versão babilônica padrão, George (*ibid.*, p. 58) é reticente sobre a influência exercida pelo épico após o declínio do sistema de escrita cuneiforme. Segundo ele, o impacto externo da cultura babilônica seria desigual,

his face towards Kurnugi,/ To the dark house, dwelling of Erkalla's god,/ To the house which those who enter cannot leave,]/ On the road where travelling is one way only,/ To the house where those who enter are deprived of light,/ Where dust is their food, clay their bread. They are clothed, like birds, with feathers” (*idem*, p. 168).

⁹⁵ Tal é a conclusão a que se poderia chegar, por exemplo, em Le Goff (1981, p. 42-43).

⁹⁶ George (2003, p. 30).

particularmente em favor de domínios tradicionais como o da medicina, astrologia e astronomia⁹⁷. Por fim, a escassez de dados não permitiria mensurar a extensão com que a oralidade e/ou as eventuais traduções do poema atuariam em grupos que teriam então acesso a ele, entre os quais aqueles próximos ao mar Egeu. No caso da produção escrita grega, a mera observação, portanto, de representações escatológicas similares às aquelas de outros grupos seria decerto factível, embora, assim como antes, possivelmente simplificadora. Entre alguns dos exemplos cabíveis, o Zeus homérico ameaça lançar no “Tártaro escuro” (*ἐς Τάρταρον ἡρόεντα*) (Ilíada VIII, v. 13) os que ousarem refutá-lo; por sua vez, Odisseu questiona Elpenor sobre sua presença entre os mortos, dizendo-lhe: “Elpenor, como vieste à nebulosa escuridão inferior” (*Ἐλπῆνορ, πῶς ἦλθες ὑπὸ ζόφον ἡρόεντα;*) (Odisséia XI, v. 57); a seu tempo, Platão, no “Fédon”, comenta sobre os que são julgados (*διαδικασαμένους*) (107d), no pós-vida, e então levados ao Hades e à sua sentença.

Logo, mais do que nos atermos a uma listagem de representações frequentes do “Outro mundo”, talvez se prove um método não menos produtivo assumi-las como elementos de um repertório muitas vezes comum, o qual, se manipulado, proporia sentidos específicos. Neste aspecto, ao analisar a maneira como a viagem pelo mundo inferior é empregada diferentemente por Aristófanes (c. 450 – c. 385 a. C.), Platão (c. 427 – c. 347 a. C.) e nas inscrições órficas (séc. IV a. C. – II a. C.), Edmonds (2004) apoia-se numa premissa que poderia, a nosso ver, ser aplicada à presente discussão. De acordo com ele, o simples apontamento de representações escatológicas análogas seria de pouca significância, sobretudo quando se atenta para os efeitos de sentidos ali propostos. Ademais, sua posição é categórica sobre as tentativas de cotejo entre culturas diversas. Diz ele:

O Egito tem sido uma fonte popular para a origem externa dessas ideias desde Heródoto, que assinalou a natureza incomum delas, atribuindo as mesmas (junto com muitas outras coisas) ao Egito. Paralelos [advindos] do Oriente Próximo tem sido sugeridos por alguns, enquanto outros rastrearam certas características, através da tradição Indo-europeia. No entanto, mesmo quando características específicas podem ser rastreadas em fontes anteriores ou diferentes culturas, pouco é aprendido acerca do significado desses textos para as pessoas que os produziram e usaram: os autores e a

⁹⁷ *Idem (ibid., p. 58).*

audiência, por assim dizer, dos textos individualmente. Mesmo que as ideias fossem tomadas de empréstimo ou suas formas exercessem influência, o uso de elementos similares e características distintivas em culturas próximas não é capaz de revelar o que esses elementos representavam para os gregos, que os usavam.

*Egypt has been a popular source for the foreign origin of these ideas ever since Herodotus, who marked the unusual nature of these ideas by attributing them (along with many other things) to Egypt. Near Eastern parallels have been suggested by some, while others have traced certain motifs through the Indo-European tradition. However, even when specific motifs can be traced to earlier sources or different cultures, little is learned about the significance of these texts for the people who produced and used them, the authors and audience, as it were, of the individual texts. Even if ideas were borrowed or if forms were influential, the use of the similar elements and motifs in nearby cultures cannot reveal what these elements meant to the Greeks who were using them*⁹⁸.

No caso específico de “As rãs”, de Aristófanes, o pesquisador vê na viagem infernal de Dioniso uma oportunidade para discutir os grupos que compõem a sociedade ateniense, durante a Guerra do Peloponeso (460 – 404 a. C.). Ao fazer com que a divindade desça ao Hades, para trazer Eurípides de lá, e conseqüentemente auxiliar Atenas, o “Outro mundo” serviria a Aristófanes como um modo de renegociar categorias sociais estabelecidas, por meio de um tema também estabelecido, a saber, a descida aos mortos⁹⁹. Tampouco em Platão, o pós-vida seria assumido como uma paisagem estática, aguardando seu simples emprego. Assim como em Aristófanes, o filósofo utiliza o pós-vida, no entender de Edmonds, com vistas a um propósito particular: trazer ao centro da discussão o papel do sábio diante da morte. Escreve, no “Fédon”:

Mas quando essa alma [i. e. apegada ao que é corpóreo], afinal, chega ao lugar em que já se encontram as outras almas, cada uma destas imediatamente se afasta e a evita, pois sabem que ela praticou uma das negras ações seguintes: ou matou injustamente alguém, ou praticou

⁹⁸ Edmonds (2004, pp. 14-15). É oportuno ressaltar que pactuamos apenas parcialmente com a opinião de Edmonds, isto é, no sentido da importância em apurar, ao máximo, as peculiaridades das representações empregadas por determinados grupos. Dito isso, a metodologia proposta pelo autor não garantirá, em nossa opinião, as conclusões buscadas por ele, a saber, a aferição do significado de tais representações, caso o pesquisador se atenha a uma cultura específica. Assim como a comparação de elementos entre grupos relativamente próximos não seria conclusiva para revelar o significado destes elementos no seio deles isoladamente, tampouco o cotejo de obras pertencentes a um mesmo grupo garantirá conclusões mais satisfatórias. Trata-se, julgamos, de uma imprecisão peculiar ao objeto de estudo e intransponível.

⁹⁹ Sobre o tópico, *vide* Edmonds (2004, p. 112). Ademais, para a importância dos mistérios de Elêusis na sociedade ateniense, *vide* também p. 118, do mesmo estudo.

qualquer crime desse gênero, ou qualquer obra que seja própria dessa espécie de almas. [...] Inversamente, a alma cuja vida na terra foi pura e sábia lá encontra, por companheiros e guias, os próprios deuses, e sua residência será, da mesma forma, a que lhe é adequada¹⁰⁰.

ἀφικομένην δὲ ὀθιπερ αἱ ἄλλαι, τὴν μὲν ἀκαθάρτον καὶ τι πεποιηκυῖαν τοιοῦτον, ἣ φόνων ἀδίκων ἡμμένην ἢ ἄλλ' ὅττα τοιαῦτα εἰργασμένην, ἃ τούτων ἀδελφὰ τε καὶ ἀδελφῶν ψυχῶν ἔργα τυγχάνει ὄντα [...] ἣ δὲ καθαρῶς τε καὶ μετρίως τὸν βίον διεξελθούσα, καὶ συνεμπόρων καὶ ἡγεμόνων θεῶν τυχούσα, ὤκησεν τὸν αὐτὴ ἐκάστη τόπον, προσήκοντα (108b).

Dito de outro modo, o discurso platônico, ao utilizar aquilo que Edmonds (2004, p. 167) designa “histórias tradicionais” (*traditional tales*), criará uma ressonância junto ao seu leitor/ouvinte, a qual apenas a familiaridade prévia com tais temas poderia efetivar. Valora-se ali decerto o sábio, mas, sobretudo, a filosofia.

Quanto àqueles cujos erros foram reconhecidos como sendo faltas que, não obstante sua gravidade, não deixam de ter remédio, como as cometidas pelos que sob o domínio da ira usaram de violência contra o pai e a mãe, e que disso se arrependeram para o resto da vida, ou que, em condições semelhantes, se tornaram assassinos – estes, também, devem necessariamente ser lançados no Tártaro; mas, quando houver decorrido um ano depois que foram precipitados, uma onda os arremessa para fora – e os assassinos são lançados no Cocito, e os criminosos contra pai e mãe no Periflegetonte. Comboiados por esses rios, chegam ao lago Aquerúsia: e ali, chamam e pedem em altos brados, uns àqueles que mataram, outros àqueles que violaram; e lhes suplicam que os deixem passar do rio ao lago e vir ter com eles. Se conseguem o que pedem, saem do rio e não sofrem mais. Em caso contrário são de novo jogados ao Tártaro, e de lá outra vez aos rios, assim numa repetição sem tréguas, até que hajam obtido o perdão de suas vítimas – pois essa é a punição que os juízes lhe impuseram. Aqueles, enfim, cuja vida foi reconhecida como de grande piedade, são libertados, como de cárceres, dessas regiões interiores da terra, e levados para as alturas da morada pura, indo morar na superfície da verdadeira terra! *E, entre estes, aqueles que pela filosofia se purificaram de modo suficiente passam a viver absolutamente sem os seus corpos, durante o resto do tempo, e a residir em lugares ainda mais belos que os demais.*¹⁰¹

οἱ δ' ἂν ἰάσιμα μὲν μεγάλα δὲ δόξωσιν ἡρματηκέναι ἀμαρτήματα, οἷον πρὸς πατέρα ἢ μητέρα ὑπ' ὀργῆς βίαιόν τι πράξαντες, καὶ μεταμέλον αὐτοῖς τὸν ἄλλον βίον βιωσιν, ἢ ἀνδροφόνου τοιούτῳ τινὶ ἄλλῳ τρόπῳ γένωνται, τούτους δὲ ἐμπεσεῖν μὲν εἰς τὸν Τάρταρον ἀνάγκη, ἐμπεσόντας δὲ αὐτοὺς καὶ ἐνιαυτὸν ἐκεῖ γενομένους ἐκβάλλει τὸ κυμα, τοὺς μὲν ἀνδροφόνους κατὰ τὸν Κωκυτὸν, τοὺς δὲ πατραλοίας καὶ μητραλοίας κατὰ τὸν Πυριφλεγέθοντα ἐπειδὴν δὲ φερόμενοι γένωνται κατὰ τὴν λίμνην τὴν

¹⁰⁰ A tradução é de Souza (1983, p. 116).

¹⁰¹ A tradução é de Souza (*ibid.*, p. 122). As marcas são nossas.

Ἀχερουσιάδα, ἐνταυθα βοωσί τε καὶ καλοῦσιν, οἱ μὲν οὖς ἀπέκτειναν, οἱ δὲ οὖς ὕβρισαν, καλέσαντες δ' ἱκετεύουσι καὶ δέονται ἕασαι σφας ἐκβῆναι εἰς τὴν λίμνην καὶ δέξασθαι, καὶ ἔαν μὲν πείσωσιν, ἐκβαίνουσί τε καὶ λήγουσι τῶν κακῶν, εἰ δὲ μή, φέρονται αὐθις εἰς τὸν Τάρταρον καὶ ἐκεῖθεν πάλιν εἰς τοὺς ποταμούς, καὶ ταυτα πάσχοντες οὐ πρότερον παύονται πρὶν ἂν πείσωσιν οὖς ἡδίκησαν αὐτὴ γὰρ ἡ δίκη ὑπὸ τῶν δικαστῶν αὐτοῖς ἐτάχθη. οἱ δὲ δὴ ἂν δόξωσι διαφερόντως πρὸς τὸ ὀσίως βιῶναι, οὗτοί εἰσιν οἱ τῶνδε μὲν τῶν τόπων τῶν ἐν τῇ γῇ ἐλευθεπούμενοί τε καὶ ἀπαλλατόμενοι ὥσπερ δεσμοτηρίων, ἄνω δὲ εἰς τὴν καθαρὰν οἴκησιν ἀφικνούμενοι καὶ ἐπὶ γῆς οἰκίζόμενοι. τούτων δὲ αὐτῶν οἱ φιλοσοφία ἱκανῶς καθηράμενοι ἄνευ τε σωμάτων ζῶσι τὸ παρὰπαν εἰς τὸν ἔπειτα χρόνον, καὶ εἰς οἰκίσεις ἐπὶ τούτων καλλίους ἀφικνούνται, ἃς οὔτε ῥαδιον δηλωσαι οὔτε ὁ χρόνος ἱκανὸς ἐν τῷ παρόντι. (114a-114c).

Como se verá a seguir, parte da literatura visionária cristã tomaria para si o respectivo vocabulário e imagens, porém, reaproveitando-os em face de sua agenda. Antes de abordarmos propriamente a tradição de textos que se estende dos escritos patrísticos de Agostinho e Gregório Magno até os de Beda, no séc. VII, será proveitoso, todavia, o exame de dois textos que se mostram, a nosso ver, exemplares relativamente a diferentes grupos que se fariam valer simultaneamente de um mesmo repertório imagético, embora com intuítos bastante diversos. Pensamos aqui nos livros 1 e 2 dos “Oráculos sibilinos”.

Produzidos provavelmente entre 30 a. C. e 150 d. C., há algum consenso que os livros citados se componham de um substrato de origem judaica (1.1-323, por exemplo) a que se acresceram diversas interpolações cristãs (2.45-55; 2.177-83; 2.238-51; entre outras)¹⁰². Todavia, tendo suas principais características arraigadas às fontes helenísticas e romanas que os antecedem, criou-se uma narrativa em que o agrupamento de elementos pagãos com outros judaico-cristãos produz um efeito de sobreposição da matéria que se utiliza. Em outros termos, os traços fundamentais do que se convencionou chamar de gênero oracular, isto é, a divisão da história do mundo em gerações, o augúrio de eventos catastróficos a que se relacionam grupos que se vitupera ou enaltece, ou mesmo a figura da sibila como mediadora entre deuses e homens, permanecem presentes, não obstante sejam reinterpretados pela orientação religiosa de cada um dos redatores. Assim, ao mesmo tempo que é afirmado que a sexta geração dos homens, ou seja, a dos filhos de Noé (i.e. Shem, Ham e Japheth) “irá ao Aqueronte na

¹⁰² De acordo com Collins (2013, p. 330), nem sempre é possível identificá-las.

morada do Hades, onde será estimada” ([...] ἐς δ’ Αχέρωντας/ Εἰν Αδαο δόμοις ἀπελεύσονται, καὶ ἐχεῖσε/ Τιμὴν ἔξουσιν [...]) (linhas 301-303)¹⁰³, poucas linhas adiante se exalta a vinda do Cristo, em passagens retiradas do Novo Testamento. Em suma, a história humana adere, neste tipo de narrativa, a um esquema que é colocado em conformidade com o objetivo do vate. Como bem salienta Collins (1998, p. 320), se por um lado a sibila pagã fala em nome de Apolo; por outro, sua faceta judaica o faz em nome de Yahweh. Faríamos, no entanto, um adendo: mais do que a sibila falar por Yahweh, consideramos que este último fale por Apolo. Ademais, somos da opinião que algo não dessemelhante ocorria nas visões medievais.

3.2 Agostinho, Gregório Magno e Beda

Sto. Agostinho (354 – 430), bispo de Hipona (hoje Annaba, Argélia), mostra-se reticente sobre a sorte dos mortos. Como se verá no capítulo seguinte, ele é cauteloso, ao descrever os lugares do pós-vida, em especial um possível estágio intermediário entre a morte e a ressurreição. Segundo Le Goff (1981, pp. 99-100), seu interesse recairia sobre outro tópico, ou seja, acerca da iminência do fim do mundo e, por conseguinte, sobre o Julgamento Final, cujos sinais seriam fornecidos por eventos como o saque de Roma em 410, entre outros. Além disso, preocupa-se também com certa teoria supostamente vinculada a Orígenes (c. 185 – 254 d. C.), a qual afirma que todos seriam salvos, inclusive o demônio, tentando combatê-la no que imagina um relaxamento da conduta diária dos fiéis diante da certeza de sua redenção e do papel favorável dos sufrágios em benefício dessa. Em sua opinião, é possível dividir os homens em categorias, a fim de que lhes sejam imputados ou não os prêmios devidos. Em termos diversos, a noção de que as intervenções dos vivos poderão beneficiar todos os mortos – justos e injustos – ou que todos terão parte na salvação afigura-se a ele de modo inadmissível. Sobre a eficiência dos sufrágios, afirma, no cap. 29 de seu *Enchiridion ad Laurentium*: “Mas essas coisas são proveitosas àqueles que, enquanto viviam, mereceram que elas pudessem algum dia lhes ser de

¹⁰³ Alexandre (1869, p. 42).

algum proveito” (*Sed eis haec prosunt qui cum viverent haec ut sibi postea possent prodesse meruerunt*)¹⁰⁴. E logo abaixo, ao relacionar tais ações aos homens:

Há, pois, um modo de vida que nem é de tal forma bom, que não requeira estas coisas, nem de tal forma mau, que elas não sejam de algum proveito, depois da morte. Há também um modo de vida de tal maneira bom, que não as requeira e, por outro lado, um de tal maneira mau, que não lhe seja de nenhuma valia ser ajudado, ao partir desta vida. [...] Quando são feitas oferendas, seja do altar, seja de quaisquer esmolas, em prol de todos os que morreram batizados, estas são ações de graça pelos que foram bons em grande medida [*valde bonis*] e expiatórias aos que não o foram [*non valde bonis*]. No que se refere aos maus em excesso [*valde malis*], ainda que não sejam de nenhuma ajuda aos mortos, servem de algum consolo aos vivos.

*Est enim quidam vivendi modus, nec tam bonus ut non requirat ista post mortem, nec tam malus ut ei non prosint ista post mortem; est vero talis in bono ut ista non requirat, et est rursus talis in malo ut nec his valeat cum ex hac vita transierit adiuvari. [...] Cum ergo sacrificia, sive altaris sive quarumcumque eleemosynarum, pro baptizatis defunctis omnibus offeruntur, pro valde bonis gratiarum actiones sunt; pro non valde bonis propitiationes sunt; pro valde malis etiam si nulla sunt adiumenta mortuorum; qualescumque vivorum consolationes sunt*¹⁰⁵.

Além disso, como Moreira (2010, p. 32) bem lembra, as orações, no entender do santo, estão aptas a atenuar o destino de parte dos mortos, porém não podem modificá-lo. Em relação ao fogo escatológico propriamente, a posição do teólogo é de que há dois deles: um eterno e do qual não se escapa; e outro purgatório, que extinguirá os pecados veniais (i.e. leves) e que se pauta pela boa condução da vida prévia do fiel.

Não é surpreendente que tal coisa ocorra, depois desta vida. É algo que pode ser indagado e, ou descoberto, ou mantido em segredo, se alguns fiéis são salvos, mais cedo ou mais tarde, através de certo fogo purgatório, na proporção em que amaram, em maior ou menor medida, os bens que são efêmeros.

*Tale aliquid etiam post hanc vitam fieri incredibile non est, et utrum ita sit quaeri potest, et aut inveniri aut latere, nonnullos fideles per ignem quemdam purgatorium, quanto magis minusve bona pereuntia dilexerunt, tanto tardius citiusque salvari;*¹⁰⁶.

¹⁰⁴ *PL Enchiridion*, cap. 29.

¹⁰⁵ *Ibid.*

¹⁰⁶ *Ibid.*, cap. 18. Curiosamente, o fogo também é assimilado, no interior do direito medieval. Sobre seu uso enquanto prova jurídico-religiosa, escreve Bartlett (2014, p. 22): “Quando a autenticidade de uma relíquia estava, por exemplo, em dúvida, ela seria lançada ao fogo para ser testada. Há histórias de como livros também eram testados dessa forma. E indivíduos poderiam se voluntariar para passar através do fogo, a fim de defender suas

Explicitado o posicionamento de Agostinho, estudiosos como Le Goff (1981) e Carozzi (1994) parecem estar de acordo que aquele não seria o autor a propor uma sistematização do além-túmulo. Em sua opinião, interessa-lhe em última análise o presente, já próximo do fim dos tempos, conforme mencionado. De acordo com Carozzi (*ibid.*, p. 34), Agostinho “não está muito interessado no que se passa logo depois [da morte] e nós sabemos que ele mesmo quis fechar a porta às tentativas de se saber mais” (*ne s’est pas beaucoup intéressé à ce qui se passe juste après et nous savons qu’il même voulu fermer la porte aux tentatives d’en savoir plus*). Para ele, o tempo entre a morte e o Julgamento seria um intervalo temporal, mais do que espacial. Em consequência, depositar-se-ia pouca confiança nas viagens pelo “Outro mundo”, demasiadamente materiais e, no caso do “Apocalipse de Paulo” (séc. III)¹⁰⁷, contrário às Escrituras¹⁰⁸. Neste sentido, a opinião de

alegações de que teriam recebido uma mensagem ou missão divinas”. (*When the authenticity of relics was in doubt, for example, they would be cast into the fire to be tried. There are stories of how books too [...] were tested in this way. And men might volunteer to venture pass through fire to vindicate their claims to have received a divine message or mission*). Bartlett (*ibid.*) fornece, em seguida, exemplos históricos do que foi dito.

¹⁰⁷ A história das diferentes versões do Apocalipse/ Visão de Paulo constitui um estudo à parte. Acerca de sua origem, afirma Silverstein (1935, p. 3), na abertura de sua obra: “O ‘Apocalipse de Paulo’ foi escrito em grego, provavelmente por um egípcio, já no séc. III, e foi reeditado em algum momento depois do ano de 388, com um prefácio que buscou dar suporte à autoridade do livro, por meio do relato de sua descoberta miraculosa em Tarso [i.e. na casa do santo]” (*The Apocalypse of Paul was written in Greek, probably by an Egyptian, as early as the third century, and was reissued some time after the year 388 with a preface that sought to support the authority of the book by relating the story of its miraculous discovery in Tarsus*). Entre elas, selecionamos, para fins de cotejo com o *Tractatus*, a redação IV, considerada uma das versões mais importantes, sob o ponto de vista de sua circulação, na Idade Média: “Existente em ao menos 27 dos códices, é também a versão que com mais frequência foi traduzida para o vernáculo e, através de que, a ‘Visão de Paulo’ deixou sua principal marca sobre o conjunto geral da literatura de visões, da Idade Média tardia” (*Extant in twenty-seven, at least, of the codices, it is also de version which was most frequently translated into the vernaculars and through which the Visio Pauli chiefly left its mark on the general body of vision literature of the later Middle Ages*) (*idem*, p. 52). Enfim, uma vez que havia muitos pontos de contato entre *T* e a mesma, escolhemos traduzi-la integralmente (*vide anexos*) e não apenas nos limitarmos aos excertos selecionados, ao longo do trabalho.

¹⁰⁸ A crítica de Agostinho baseia-se em II Cor 12, 2-4, em que se diz: “Sei de um homem em Cristo, que catorze anos atrás, foi arrebatado até o terceiro céu, não sei se em seu corpo ou fora de seu corpo, visto que só Deus o sabe. E sei que, desse modo, o homem, não sei se em seu corpo ou fora de seu corpo, visto que só Deus o sabe, foi arrebatado ao Paraíso e ouviu palavras secretas das quais não é permitido ao homem falar” (*scio hominem in Christo ante annos quattuordecim sive in corpore nescio sive extra corpus nescio Deus scit raptum eiusmodi usque ad tertium caelum/ et scio huiusmodi hominem sive in corpore sive extra corpus nescio Deus scit/ quoniam raptus est in paradysum et audivit arcana verba quae non licet homini loqui*). Assim sendo, escreve Agostinho: “Alguns indivíduos levianos forjaram, com a mais estúpida das presunções, um ‘Apocalipse de Paulo’, repleto não sei com quais histórias fictícias, o qual a Igreja sensatamente não aceita. [...] No entanto, a

Le Goff (1981) pouco difere. Para ele, não há em Agostinho uma doutrina dos pecados veniais, nem a tradição apocalíptica e apócrifa lhe chamariam a atenção por sua concretude de imagens. Acredita-se que o Doutor da Igreja voltaria seus esforços, sobretudo, ao impasse da salvação de todos, da qual discorda. As penas do Inferno, ou melhor, seu fogo, lhe serviria antes de tudo como exemplo de um estado para o qual não há intervenções. Em resumo, Agostinho penderia para o aspecto eterno deste mesmo fogo, em detrimento de sua variante purgatória:

Em reação, Agostinho vai afirmar que há por certo dois fogos: um fogo eterno destinado aos condenados, pelos quais todo sufrágio é inútil: fogo sobre o qual insiste com veemência; e um fogo purgatório, sobre o qual é hesitante. O que interessa Agostinho, portanto, se podemos dizer isto, não é o futuro Purgatório, mas o Inferno.

En réaction Augustin va affirmer qu'il y a bien deux feux, un feu éternel destiné aux damnés, pour lesquels tout suffrage est inutile, feu sur lequel il insiste avec force, et un feu purgatoire sur lequel il est plus hésitant. Ce qui interesse donc Augustin, si l'on peut dire, ce n'est pas le futur Purgatoire, c'est l'Enfer¹⁰⁹.

Mais de um século depois de sua morte, as viagens pelo além-vida adquirem, todavia, um novo significado com Gregório Magno. Escolhido papa a partir de 590, seus quatro livros dos *Dialogi*, sobretudo o que conclui a obra, estão repletos de pequenas histórias envolvendo aparições dos que morreram. Lá os espíritos comunicam-se com os vivos, descrevem-lhes a geografia do além, reclamam a eles algum tipo de auxílio. Como Agostinho, alenta-se a existência de um tempo de entremeio para os pecados leves, onde as almas podem purgar-se antes de adentrar a bem-aventurança. Também como Agostinho, a eficácia da purgação é medida pela virtude das obras anteriores do falecido. Gregório, entretanto, deposita um tipo de autoridade nas historietas que não é partilhado pelo seu antecessor. Em outras palavras, não é incomum que às muitas perguntas de Pedro, seu

audácia deles seria tolerável, se tivesse dito que ele ouvira coisas das quais não era permitido, ainda, a nenhum homem falar. Mas porque disse que não é permitido a nenhum homem falar delas, quem são estes que ousam falar dessas palavras, sem nenhum pudor e calamitosamente?" (*Qua occasione, vani quidam Apocalypsim Pauli, quam sane non recipit Ecclesia, nescio quibus fabulis plenam, stultissima praesumptione finxerunt; [...] Utcumque illorum tolerabilis esset audacia, si se audisse dixisset quae adhuc non licet homini loqui: cum vero dixerit, quae non licet homini loqui; isti qui sunt qui haec audeant impudenter et infeliciter?*) (PL Tractatus XCVIII).

¹⁰⁹ Le Goff (1981, p. 100).

interlocutor nos *Dialogi*, o papa responde com anedotas fantásticas, corroborando-as a todo instante com a autoridade testamentária. Sobre tal aspecto de sua obra, escreve Carozzi (1994, p. 44):

Ao contrário do método seguido por Santo Agostinho, em especial no *De cura* [i.e. *De cura pro mortuis gerenda*], Gregório não toma como ponto de partida quase que único as Escrituras ou a reflexão filosófica, mas certas experiências espirituais excepcionais.

Contrairement à la méthode suivie par saint Augustin, notamment dans le De cura, Grégoire ne prend pas pour point de départ quasiment unique l'Écriture ou la réflexion philosophique, mais des expériences spirituelles exceptionnelles.

Deste modo, o “Outro mundo” descrito por Gregório criará o ensejo para as visões que o sucedem. Em outros termos, a aprovação eclesiástica de que goza permitiria a ele fornecer um léxico escatológico o qual não correrá o risco de ser desaprovado em bases teológicas, assim como ocorrera com o “Apocalipse de Paulo”. No que tange às representações propriamente, seu além é rico de elementos, num todo que recupera, propositalmente ou não, uma tradição escatológica que o antecede. Fala-se, por exemplo, da habitual escuridão infernal, dos *loca amoena* tão presentes na escatologia greco-romana, de criaturas que atacam os desafortunados, do Inferno e seu poço, enfim, da ponte que serve de teste aos que a atravessam no além. Todavia, mais do que apresentá-las como partes constitutivas de um pós-vida assimilado empiricamente, o “Outro mundo” dos *Dialogi* parece avocar para si um objetivo diverso, ou melhor, pautado por uma intenção de ordem quase que pastoral que perpassa os escritos de Gregório. Antes de nos contar a história do menino Teodoro (IV, cap. xxxviii), ele explica o motivo pelo qual algumas almas são capazes de observar o que as espera: explicação que poderia ser aplicada à sua própria obra:

Deve-se saber que as almas, até então postas em seus corpos, veem, às vezes, alguma punição no que diz respeito às coisas espirituais, o que costuma levá-las à sua própria edificação ou à edificação dos que as escutam.

Sciendum quoque est quia nonnunquam animae adhuc in suis corporibus positae poenale aliquid de spiritalibus vident, quod tamen quibusdam ad aedificationem suam, quibusdam vero contingere ad aedificationem audientium solet.

Assim, estabelecido o caminho para as visões, ou melhor, permitida sua aceitação como meio válido para transmissão do dogma, outras figuras eclesásticas dariam sequência ao uso proposto por Gregório. Entre os autores que dedicarão uma parcela de suas obras à memória deste, encontra-se o importante exegeta e historiador Beda (c. 673 – 735), cujo principal escrito continuaria, dentre muitos outros, a tradição de relatos escatológicos.

No capítulo XII, do livro V, de sua “História Eclesiástica do Povo Inglês” (*Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*), Beda narra aquela que viria a ser conhecida como a “Visão de Drythelm”. À maneira de Gregório, ele nos informa a respeito de um provinciano da Nortúmbria¹¹⁰ que, tomado por uma enfermidade repentina, é dado como morto, porém retorna à vida ao amanhecer. Em seguida, o visionário relata aos que estão em seu entorno a viagem que fizera pelo “Outro mundo”. Por fim, divide seus bens e recebe a tonsura no monastério de Melrose.

Assim como antes, seu itinerário mantém os elementos já vistos em narrativas da mesma ordem. Por um lado, têm-se as representações típicas do Inferno. Entre elas: as almas lançadas ao fogo; o ambiente que se torna mais e mais escuro, à medida que se avança; os demônios os quais ameaçam os desafortunados, com seus instrumentos de tortura; o poço do Inferno. Por outro, observa-se sua antítese, ou seja, o campo florido e odorífero das paragens paradisíacas, os bem-aventurados que lá permanecem, ou mesmo, a luz que se espalha por todos os lados.

No entanto, mesmo aqui, onde as representações da morte seriam, em princípio, equivalentes às aquelas arroladas anteriormente, haverá divergências acerca de uma separação habitual entre Inferno e Paraíso. Para alguns estudiosos, o além, como descrito por Beda, não se daria a partir de uma divisão binária, porém assinalaria um momento relevante na escatologia cristã, ao evidenciar um terceiro espaço, neste caso um lugar de purgação e não apenas tortura.

Neste sentido, o início do debate seria a polêmica afirmação de Le Goff (1981), que, embora não negue o traço purificador das punições em Drythelm, entende-as como estando em um Purgatório *avant la lettre*, ainda

¹¹⁰ Reino anglo-saxão que compreendia o norte da Inglaterra e o sudeste da Escócia.

indefinido e que careceria do vocabulário pertinente à respectiva localidade.

Nas palavras dele:

O que falta aí antes de tudo é a palavra “purgação” e, de modo mais amplo, qualquer palavra da família de “purgar”. Sem dúvida, Beda, sacrificando-se aqui a um gênero literário, omite cuidadosamente qualquer termo canônico e mesmo qualquer referência a uma autoridade, ao mesmo tempo em que a Bíblia e Agostinho estão próximos, por detrás desse texto. No entanto, um lugar que não é nomeado não existe totalmente.

*Ce qui y manque d’abord, c’est le mot de purgation et plus largement tout mot de la famille de purger. Sans doute Bede, sacrifiant ici à un genre littéraire, omet soigneusement tout terme canonique et même toute référence à une autorité, alors que la Bible et Augustin sont tout près derrière ce texte. Mais un lieu innommé n’existe pas tout à fait*¹¹¹.

E mais adiante:

Porque o sistema da visão de Drythelm permanece um sistema binário: um muro aparentemente intransponível separa um inferno eterno e um inferno temporário de um paraíso da eternidade e um paraíso de espera.

*Car le système de la vision de Drythelm reste un système binaire, un mur en apparence infranchissable separe un enfer éternel et un enfer temporaire d’un paradis d’éternité et un paradis d’attente*¹¹².

Entre os críticos de Le Goff, Moreira (2010), entre outros¹¹³, assume uma postura bastante discordante em relação a ele, sobretudo na importância que dá a um vocabulário que se prestaria ou não a descrever o “Outro mundo”. Para ela, as características essenciais do Purgatório, assim como reconhecidas pela teologia medieval subsequente, estão esboçadas no espaço além-túmulo de Beda. Nesta chave interpretativa, o Purgatório deve ser entendido como um local de purgação dos eleitos, que se posta antes do Juízo Final. Seu elemento continua sendo o fogo, punitivo e purificador, cuja pena pode ser atenuada ou mesmo anulada pela intercessão dos vivos, a saber, através das preces aos mortos, doações, jejuns, lamentos, bem como a realização de missas. Para corroborar sua tese, a autora apresenta, todavia, não a visão escatológica listada acima, porém outro texto de Beda, isto é, sua “Homilia para o Advento”, que não apenas reuniria as características

¹¹¹ Le Goff (1981, p. 158).

¹¹² *Idem, ibid.*

¹¹³ As críticas ao *La Naissance du Purgatoire* são tantas que já compreendem uma pequena bibliografia. Para algumas delas, vide lista em Moreira (2010, p. 214, n. 15).

purgatórias ditas imprescindíveis, porém relativizaria a afirmação de Le Goff sobre a ausência de vocábulos relacionados à purgação na *Historia Ecclesiastica*. Assim, lê-se na obra referida:

Mas, em verdade, alguns, predestinados à sorte dos eleitos, por causa de suas boas obras, porém ainda maculados, por causa de certas más ações, são tomados pelas chamas do fogo purgatório, para serem severamente castigados, tendo saído de seus corpos, após a morte. Esses, ou são purificados da sordidez de seus vícios por um longo exame, até o Dia do Juízo; ou chegam antes ao descanso dos bem-aventurados, sendo soltos das penas, pelas preces, esmolas, jejuns, lamentos ou pelo oferecimento do salutar sacrifício, feitos pelos amigos fiéis.

At uero non nulli propter bona quidem opera ad electorum sortem praeordinati sed propter mala aliqua uibus polluti de corpore exierunt post mortem seuere castigandi excipiuntur flammis ignis purgatorii et uel usque ad diem iudicii longa huius examinatione a vitiorum sorde mundantur uel certe prius amicorum fidelium precibus elemosinis ieiuniis fletibus et hostiae salutaris oblationibus a poenis et ipsi ad beatorum perueniunt requiem.

Segundo ainda Moreira (2010), a obra de Beda responderia, ademais, a um impasse teológico específico e já vivenciado por Agostinho em seu tempo. Em sua opinião, a noção de Orígenes de que a humanidade seria salva em sua totalidade impeliria Beda à reafirmação do fogo infernal e, por consequência, do Inferno como um todo. Somado a isso, ao jogar com as categorias de pecadores que poderão ou não ser salvos, Beda agiria duplamente: invalidaria a possibilidade dos maus de escaparem de sua danação, ao mesmo tempo em que define, em bases teológicas, os que obterão a redenção.

Mas antes de os Diálogos gregorianos terem apontado uma visão particular *credendus est* acerca da purgação post-mortem, nenhum autor prévio expusera uma interpretação particular sobre o purgatório como uma questão doutrinária – crença necessária a todos os cristãos. Em verdade, muitos escritores prévios escreveram sobre o purgatório como uma maneira de refutar ideias alternativas a respeito da salvação, mas não como uma expressão explícita de ortodoxia. Esta foi a contribuição de Beda: enquadrar o purgatório como uma resposta ortodoxa à heresia.

But before the Gregorian Dialogues indicated a particular view of postmortem purgation credendus est, no earlier author expounded a particular interpretation of purgatory as a matter of doctrine – a belief required of all Christians. Many earlier writers did, in fact, write on purgatory as a way of refuting alternative ideas about salvation. But it is

*not as an explicit expression of orthodox belief. This was Bede's contribution: to frame purgatory as an orthodox response to heresy*¹¹⁴.

Ao cabo, Moreira (2010) faz uma observação preliminar sobre a visão de Drythelm que nos parece interessante, embora inconclusiva. Através dela, a autora pretende demonstrar que diferentes percepções do “Outro mundo” coexistiriam, num mesmo período de tempo. Assim, em meio às almas que sofrem, Drythelm questiona-se se os tormentos que está vendo estão no Inferno. Poucas linhas abaixo, o mesmo personagem indaga-se se as benesses que presencia se encontram, por sua vez, no Paraíso. A resposta é negativa, em ambas as situações. Seu guia lhe explica que aqueles não são nem o Inferno, nem o Paraíso que ele, Drythelm, conhece. Em outras palavras, a concepção escatológica deste último, possivelmente baseada ainda numa bipartição do além, seria um indício, segundo Moreira, de uma transformação importante do pós-vida, mas que ainda não teria sido assimilada por todos. Em suma, o protagonista da *visio* demonstraria, através de suas dúvidas, um além que, embora retenha em si as características esperadas, não explicitaria nos séculos VII e VIII, nem seu funcionamento, nem seu possível caráter triplo, a saber, de um local ao mesmo tempo de torturas, purgação e bem-aventurança.

Seja como for, o *Tractatus* não tomará parte nas discussões sobre a existência do Purgatório e sua diferenciação, no que tange ao Inferno e Paraíso. Para ele, o respectivo espaço de purgação não só existe, mas é acessível corporalmente a todos que o quiserem.

3.3 Lough Derg

A história de *Lough Derg* (i.e. o “Lago vermelho”) passa inevitavelmente por suas origens pagãs. Entre os relatos existentes sobre seu substrato pré-cristão, Seymour (1918) nos informa de uma das histórias lendárias que justificariam a cor das águas do lago. Em linhas gerais, narra-se que uma bruxa teria vivido com seu filho na Irlanda, provocando terror nos seus habitantes. O rei, insatisfeito com a situação, requiere ao herói *Finn*

¹¹⁴ Moreira (*ibid.*, p. 159).

MacCumhaill que a mate, o qual, ao persegui-los, consegue atingir a mulher, que se desfaz sobre os ombros do filho, à medida que fogem. Quando lhe sobram apenas os ossos, este os arremessa ao chão, salvando-se em seguida. Alguns anos depois, o esqueleto é encontrado, contudo é dito que aquele que quebrar o fêmur da bruxa deverá enfrentar uma criatura que sairá dele. O osso é então partido e *Finn MacCumhail* mata o monstro, o qual tinge as águas do lago com seu sangue. Ao longo dos anos, a figura de Patrício apareceria também subjugando a criatura e, por conseguinte, cristianizando a história.

A respeito de tal apropriação, um comentário de Zaleski (1985, p. 468) se revela bastante oportuno:

O lago está localizado no extremo noroeste da Irlanda e é completamente rodeado de montanhas. Considerada pelos escritos continentais como sendo uma *Ultima Thule*, essa região parecera remota e ameaçadora mesmo para os nativos irlandeses. As quarenta e seis ilhas áridas e a cor avermelhada do lago (*Lough Derg* significa “Lago vermelho”) contribuíram para a sua mística. As lendas mais antigas relativas ao sítio tentam dar conta de sua estranha paisagem: as ilhas rochosas são os ossos e a cor vermelha é o sangue de uma serpente monstruosa que São Patrício subjugou e que se encontra presa no fundo do lago. [...] Esta é uma das muitas ocasiões, em que a cristianização da Irlanda é simbolizada pela transferência do papel da serpente, ou do matador de dragões, de heróis celtas para São Patrício.

The lake lies in the far Northwest of Ireland and is completely ringed by mountains. Considered by continental writers to be an Ultima Thule, this region must have seemed remote and forbidding even to Irish natives. The forty-six barren islands and the reddish waters of the lake (Lough Derg means Red Lake) contributed to its mystique. The earliest known legends concerning the site attempt to account for its strange landscape: the rocky isles are bones and the red tint is the blood of a monstrous serpent which St. Patrick overcame and bound to the bottom of the lake. [...] This is one of several instances in which the Christianization of Ireland is symbolized by the transfer of the role of serpent or dragon slayer from local Celtic heroes to St. Patrick.

De todo modo, *Lough Derg* não fora o único local de peregrinação cuja notoriedade se atribuiu a Patrício. Como salientam Pontfarcy (1985) e Easting (1976), o santo seria uma espécie de matéria comum a autores que, através de eventos o envolvendo, não deixariam de pôr em destaque sua autoridade e, consequentemente, a dos sítios em que estivera. Em uma das lendas, a qual é citada por três fontes diversas isto é, *Tírechán* (séc. VII), a *Vita Septima* (séc. X-XI) e a *Vita Sancti Patricii* (séc. XII), tem-se notícia,

num nível basilar, que Patrício teria permanecido certo intervalo de tempo em uma montanha, onde sofreria com a investida de pássaros¹¹⁵. O relato, no entanto, teria sofrido, segundo Pontfarcy (1985, pp. 18-20), um processo gradual de transformações com o passar dos anos. Se, na primeira versão da história, sabemos apenas que ele se detivera por quarenta dias no topo de *Cruachan Aigli*, padecendo ali do assédio das aves, nas demais versões uma série de elementos acabaria por enriquecê-la. Na *Vita Septima*, por exemplo, obra também conhecida como a *Vita Tripartita* (“Vida Tripartida”), acrescenta-se que os pássaros em questão eram criaturas demoníacas e que um anjo teria vindo em auxílio de Patrício, após este os ter afugentado¹¹⁶. Por sua vez, no último registro a que se referiu acima, aponta-se a prática de alguns peregrinos que, passando a noite na montanha, acreditariam ter sido remidos de seus pecados, particularidade esta que teria levado o monge Jocelin de Furness (fl. 1199 – 1214), o autor da obra, a conferir também o nome de “Purgatório de São Patrício” ao local¹¹⁷.

¹¹⁵ “Tírechán [autor de uma “Vida de São Patrício”], que, no final do século VII, foi o primeiro a mencionar esse retiro, apenas declara: ‘E Patrício prosseguiu até o topo da montanha, escalando Cruachan Aigli, e permaneceu lá por quarenta dias e quarenta noites, e pássaros causaram-lhe problemas, e ele não era capaz de ver a face do céu, da terra e do mar’”(Tírechán, *who at the end of the seventh century was the first to mention this retreat, merely states: And Patrick proceeded to the summit of the mountain, climbing Cruachan Aigli, and stayed there forty days and forty nights, and birds were troublesome to him and he could not see the face of sky and land and sea*) (Pontfarcy 1985, pp. 18-19).

¹¹⁶ “Now at the end of those forty days and forty nights the mountain was filled with black birds so that he knew not heaven nor earth. He sang maledictive psalms at them. They left him not because of this. Then his anger grew against them. He strikes his bell at them [...] No demon came to the land of Erin after that till the end of seven years and seven months and seven days and seven nights. Then the angel went to console Patrick [...]”. A tradução é de Stokes (1887, p. 115).

¹¹⁷ “And the demons grieved for their lost dominion, and assailing the saint they tormented him in his prayers and his fastings; and they fluttered around him like birds of the blackest hue, fearful in their form, their hugeness, and their multitude, and striving with horrible chatterings to prevent his prayer, long time they disturbed the man of God. But Patrick being armed with His grace, and aided by His protection, made the sign of the cross, and drove far from him those deadly birds; and by the continual sounding of his cymbal, utterly banished them forth of the island. And being so driven away, they fled beyond the sea, and being divided in troops among the islands which are alien unto the faith and love of God, there do they abide and practise their delusions. But from that time forward, even unto this time, all venomous creatures, all fantasies of demons, have through the merits and the prayers of the most holy father Patrick entirely ceased in Hibernia. And the cymbal of the saint, which from his frequent percussions thereof appeared in one part broken, was afterward repaired by an angel’s hand; and the mark is beheld on it at this day. Likewise on the summit of this mountain many are wont to watch and to fast, conceiving that they will never after enter the gates of hell; the which benefit they account to be obtained to them of God through the merits and the prayers of Patrick. And some who have thereon passed the night relate them to have suffered grievous torments, whereby they think themselves

Ao que tudo indica, no entanto, a imagem a que se alude ali, isto é, ao santo que se defronta com demônios travestidos de pássaros, não acabaria por se limitar aos relatos citados, nem à montanha de que se tem notícia. Antonio di Giovanni Mannini, mercador florentino que visitara o purgatório de *Lough Derg* em 1411, assinalaria seu medo, ao ver um pássaro negro junto à ilha do purgatório, o qual se dará a saber que é um demônio. Dentro de um pequeno barco que o leva até o local, escreve ele sobre seu temor:

Sábado, dia 7 de novembro de 1411 [...] O tempo estava sereno, belo e havia calma. Quando estávamos perto da ilha do Purgatório quase na metade do caminho¹¹⁸, eu vi levantar-se em voo um pássaro mais negro que o carvão, sem nenhuma pena ou cauda sobre todo o dorso, salvo por 4 ou 5 penas que tinha em cada uma das asas.

*Sabato a di 7 di novembre 1411 [...] Il tempo era cheto e bello e facea calma; quando noi fummo presso alla detta isola del Purgatorio quase mezzo trarre d'arco, io vidi levarsi a volo un uccello nero più che carbone senza niuna penna o coda su tutto il dosso, salvo il vero, 4 o vero 5 penne in ciascuna alia [...]*¹¹⁹.

Ao que o cônego que o acompanha explica tratar-se de uma criatura chamada *Corna*, que fora combatida pelo respectivo santo:

Donde São Patrício fez a Deus orações especiais, suplicando-lhe que deveria tomar o poder dele; donde, tendo sido escutado por Deus, este lhe apareceu naquele lugar da ilha, dizendo-lhe: “Patrício, Eu escutei as tuas orações”. E lhe mostrando o malvado pássaro, disse-lhe: “Eu o prendi nesta forma, e não terá nunca mais o poder de fazer mal a ninguém e permanecerá, em tal forma, até o Dia do Juízo [...]”.

[...] onde Santo Patrizio fece speziali orazioni a Dio, pregandolo ch'a detto Corna dimonio dovesse torre la possanza; onde, da Dio essaudito, visibilmente in quello luogo dell'isola gl'apparve dicendoli: , Patrizio, io ho essaudito le tue orazioni , mostrandogli il malvagio uccello; dicendogli: , lo l'ho legato in questa forma, nè giamai più avrà possanza di nuocere a alcuno e qui in tal forma starà fino al di del giudicio [...]

purified of all their sins; and for such cause many call this place the Purgatory of Saint Patrick”. A tradução é de O’ Leary (1904, pp. 320-321).

¹¹⁸ *mezzo trarre d'arco*. A tradução é conjectural, visto que a expressão não foi encontrada nos dicionários consultados. Em Seymour (1918, p. 56), a mesma é traduzida como “(...) *within half a bowshot* (...)”.

¹¹⁹ Frati (1886, pp. 156-157).

¹²⁰ *Idem*, p. 157. Laurence de Pasztho também faz referência ao demônio, em sua peregrinação a *Lough Derg*, no ano de 1411. Para sua descrição da criatura, *vide* Delehay (1908, p. 49).

No caso de *Giraldus Cambrensis* (c. 1146 – 1223), que se supõe a primeira fonte a situar o Purgatório de São Patrício no respectivo lago ao norte da Irlanda, também se dará ênfase, em sua *Topographia Hibernica*, à fisicalidade da experiência a que se submetem os peregrinos. Neste sentido, a descrição fornecida pelo autor é a de uma ilha cindida em duas partes (*insulam bipartitam*): a primeira delas seria destinada aos anjos, a outra aos demônios. De resto, sua exposição sugere ainda aquilo que já se sabe acerca das narrativas anteriores. Segundo ele, o embate noturno com as criaturas demoníacas permitiria a purgação dos pecados dos que são capazes de suportá-lo¹²¹. Em suma, *Lough Derg* tomará aos poucos para si a imagem de um local, onde o conhecimento do pós-vida é quase que tátil. Diferentemente de grande parte da literatura de visões anterior, ou seja, em que o viajante é arrebatado de seu corpo a fim de realizar sua jornada, os peregrinos de *Lough Derg* narram eventos que supostamente não dependeriam de situações que lhes escapam ao controle. Em outras palavras, o caráter excepcional não se deve àquele que visita o local ou à intervenção divina, mas tão somente à paragem em que tal purgatório se acha.

Não é de estranhar, portanto, que a narrativa de H. de Sawtry dê seguimento, por assim dizer, a uma materialidade possivelmente já latente do sítio. Ademais, o conjunto de representações sobre os quais se constrói a narrativa de Owein, protagonista do *Tractatus*, dialogaria com tamanha pluralidade de elementos escatológicos, que a simples enumeração das correspondências entre *T* e escritos análogos poderia fazer passar despercebidas suas discrepâncias. Antes de abordá-las, detemo-nos, porém, num ponto importante diante de algumas das questões prévias. Trata-se de um adendo que se julga necessário e reforçativo.

Conforme sugerido, cabe à escatologia uma função múltipla. A presença testamentária de representações escatológicas – pensa-se aqui em especial na esfera cristã – permite um manuseio ambivalente da escritura

¹²¹ “Como dizem, se alguém uma só vez tiver suportado estes tormentos a partir da pena imposta, não deverá submeter-se mais às penas infernais, a não ser que tenha cometido outras mais graves./ Este lugar é chamado de Purgatório de Patrício pelos seus habitantes” (*Haec, ut asserunt, tormenta si quis semel ex injuncta poenitentia sustinuerit, infernales amplius poenas, nisi graviora commiserit, non subibit./ Hic autem locus Purgatorium Patricii ab incolis vocatur*) (Dimock 1867, p. 83). A passagem é traduzida, por completo, no capítulo seguinte.

bíblica e, por conseguinte, de seus comentadores. De um lado, a canonicidade dos textos, à medida que essa é estabelecida, confere aos que se fazem valer deles um tipo de autoridade imprescindível; de outro, as flutuações interpretativas sobre o porvir, ou mesmo, a relutância com que é abordado (veja-se Agostinho) dão margem à sua adequação constante, segundo os objetivos de quem as usa. A nosso ver, o *Tractatus* não foge à regra.

Com efeito, não será, por exemplo, um fato novo que a obra de H. de Sawtry possua laços estreitos com *Cîteaux* (Cister)¹²². O vínculo é decerto explícito. Tudo leva a crer que ambos, autor e destinatário, sejam cistercienses, em razão de suas casas religiosas, a saber, Sawtry (Saltrey) e Wardon (Old Warden)¹²³. Gervase, abade de Louth, e Gilbert, abade de Basingwerk, tampouco deixariam de sê-lo, pelo mesmo motivo¹²⁴. Caso ainda reste dúvida, Owein nada deixa a hesitar acerca do valor atribuído à ordem. Em conversa com o rei ao término de sua viagem, o cavaleiro a enaltece sem meias-palavras: “Com alegria devo servir-lhe. No entanto, vós deveis dar as boas vindas, em vosso reino, aos monges da ordem cisterciense, porque, diga-se em verdade, não vi, no descanso dos santos, homens mais providos de tanta glória como os membros desta ordem”¹²⁵. Enfim, o interesse pelo destino dos mortos é apontado como um dos tópicos preferidos da ordem em questão¹²⁶.

¹²² Sobre bases beneditinas, a ordem cisterciense foi fundada em 1098 por Robert de Molesme (c. 1027 – 1111), cujo membro mais célebre fora sem dúvida Bernardo de Claraval (1090 – 1153). Sua casa mãe, a abadia de *Cîteaux*, localiza-se ao sul de Dijon.

¹²³ Vide nota 32.

¹²⁴ Vide notas 56 e 57.

¹²⁵ *Gratanter... religionis uiros*. (linhas 1081-1085).

¹²⁶ “Em verdade, os cistercienses eram especialmente sensíveis ao valor propagandístico da literatura de visões pelo outro mundo e, conseqüentemente, contribuíram para esse gênero mais do que qualquer outra ordem. Como Gregório Magno e Beda, eles usaram as histórias de viagens pelo outro mundo como uma narrativa de conversão, colocando grande ênfase na transformação do visionário, após seu retorno da morte. Todavia, durante o século XII e o início do XIII, um período de intensa controvérsia sobre votos e observâncias concorrentes, eles retrataram essa transformação sob uma feição sectária” (*In fact, the Cistercians were especially sensitive to the propaganda value of otherworld journey literature and therefore contributed more to this genre than did any other order. Like Gregory the Great and Bede, they used the otherworld journey story as a conversion narrative, putting great emphasis on the transformation of the visionary after his return from death; but during the twelfth and early thirteenth centuries, a period of intense controversy over competing vows and observances, they portrayed this transformation in a partisan fashion*) (Zaleski 1985, p. 479).

Dito isso, mais do que nos debruçarmos sobre as razões teológicas dessa inclinação cisterciense – algo a que caberia um estudo por si só –, preferimos trazer sumariamente ao primeiro plano uma narração que ilustra a fluidez com que se apropria do tema da morte. Para tanto, desperta-nos a curiosidade um relato posterior, do fim do séc. XIV e largamente baseado em *T*, que elencamos a título de exemplo. Nele, Ramon de Perellós (séc. XIV), súdito do rei Juan I de Aragão (1350 – 1396)¹²⁷, dirige-se a *Lough Derg* com um intuito diverso de seus antecessores. Com a morte do soberano aragonês, esse almeja observar o destino do rei, no além-túmulo¹²⁸, o que culminaria num uso político do porvir. Sua fala segue a de H. de Sawtry à letra por vezes¹²⁹. Todavia, colocadas lado a lado, as narrativas de Perellós e Sawtry contém uma divergência mínima, mas que salta aos olhos. Embora constantemente idênticas tanto em termos textuais quanto temáticos, Perellós suprime as figuras e elogios à ordem de *Cîteaux*, tomando para si a narrativa descrita em *T*. A experiência de Owein transforma-se na sua própria; as palavras de H. de Sawtry, na sua fala. Em suma, enquanto o autor do *Tractatus* empenha-se em pôr no entorno de Owein personagens históricas pertencentes àquela ordem, Perellós desloca pontualmente o interesse monástico para outro de natureza régia, naquilo que Torres (2013, p. 304) vê como um recurso dantesco de julgamento político:

Assim como Dante antes dele, Perellós usa a geografia do Purgatório, para avaliar um soberano temporal. Através de sua performance narrada de lealdade e discrição, Perellós exhibe um investimento na “vida” póstuma do rei de uma maneira que é imediatamente relevante aos próprios interesses pessoais de Perellós. [...] Ao cabo, Perellós identifica seu próprio lugar dentro do mundo que ele descreve – como um ultrapassador de limites e um observador privilegiado e comentador do poder político, tanto interno quanto externo.

Like Dante before him, Perellós uses the geography of Purgatory to evaluate a temporal ruler. Through his narrated performance of loyalty

¹²⁷ Separamos, no final do capítulo, trecho em que Perellós se apresenta ele mesmo.

¹²⁸ “It happened that I was with the aforesaid pope when my lord the king died and for this death – despite the will of God – I was very sad and sorrowful, as much as any servant can be on account of the death of his lord, and I set my heart at that time to go to Saint Patrick’s purgatory to find out if it was possible to find my lord in purgatory and the pains he was suffering”. A tradução é de Alan Mac an Bhaird.

¹²⁹ Tamanha é a proximidade entre os textos, que optamos, durante a tradução, por apontar somente suas diferenças.

and discretion, Perellós displays an investment in postmortem ‘life’ of the king in a way that is immediately relevant to Perellós’s own personal interests. [...] Finally, Perellós indentifies his own place within the world he describes – as a traverser of boundaries and a privileged observer of and commentator on political power, both at home and abroad.

Finda a observação, mesmo no caso de obras próximas temporalmente do *Tractatus*, como a “Visão de *Tnugdali*” (*Visio Tnugdali*) (séc. XII), as similaridades entre elas se estendem de maneira desigual, assim como suas ênfases. Por certo, as duas, tanto *T* quanto a *VisTnug* expõe os périclos de dois cavaleiros (*militēs*) que buscam a redenção. Não haveria também discordância que o “Outro mundo” se distribui nelas numa geografia fundamentalmente reconhecível, visto que dialoga com escritos de mesma ordem e estabelecidos por sua autoridade: por exemplo, os *Dialogi*, de Gregório. Também nos dois casos, os viajantes compartilham suas histórias, permitindo seu uso enquanto *exempla*, junto aos fiéis ou ao próprio clero. Arroladas essas semelhanças, as discrepâncias não seriam, todavia, menos dignas de nota. Diversamente de *T*, o Inferno de *Tnugdali* remete à diferenciação bíblica (*vide* capítulo seguinte) entre um inferno superior (caps. III – XI), composto por oito tormentos, e um inferno inferior (cap. XII)¹³⁰, morada de Satanás. Outrossim, não se nomeia o Purgatório, ainda que, de modo similar a Beda, sua presença seja pressentida, ao falar dos *mali sed non valde*, um eco claro das categorias agostinianas.

Desta forma, ao prosseguirem viram um muro muito alto e sob ele – na parte de onde vieram – havia uma gigantesca multidão de homens e mulheres os quais suportavam chuva e vento. Estavam os mesmos muito tristes, a padecer de fome e sede, no entanto possuíam uma luz e não sentiam nenhum fedor. Interrogando, questionou a alma: “Quem são estes, que neste repouso se demoram?”. Responde o anjo: “Estes são os maus, porém não em excesso [*Isti sunt mali, set non valde*]. De fato, aplicaram-se em observar uma conduta honesta, todavia não distribuíram seus bens temporais aos pobres – assim como deveriam – e, portanto, merecem por muitos anos padecer com essa chuva. Só então são conduzidos ao bom descanso”.

Euntes autem viderunt murum nimis altum et infra murum ex illa parte, qua ipsi venerant, erat plurima multitudo virorum ac mulierum pluviam ac

¹³⁰ “Todos os que viste mais acima esperam o juízo de Deus, no entanto, estes que estão agora nos Infernos Inferiores já foram julgados. Até este momento tu não chegaste a esses Infernos” (*Omnes, quos vidisti superius, iudicium dei expectant, set isti, qui adhuc sunt in inferioribus, jam iudicati sunt; adhuc namque non pervenisti ad inferos inferiores*) (Wagner 1989, p. 32).

*ventum sustinentium. Et illi erant valde tristes, famem et sitim sustinentes, lumen tamen habebant et fetorem non sentiebant. Interrogans autem anima: Qui sunt isti, qui in tali morantur requie? Angelus respondit: Isti sunt mali, set non valde, honeste quidem se observare studuerunt, set bona temporalia pauperibus non sunt, sicut debuerunt, et ideo per aliquot annos merentur pati pluviam et tunc ducuntur ad requiem bonam.*¹³¹

Em termos diversos, a peculiaridade do *Tractatus* seria outra. Neste, não se impõe mais a obrigatoriedade de ingressar no mundo por vir, somente por meio de uma enfermidade (cf. “Visão de Drythelm”, entre outras)¹³² ou do êxtase (cf. “Apocalipse de Paulo”)¹³³ e punição divinas (cf. “Visão de Tnugdal”)¹³⁴. Como se verá no capítulo que se segue, o Purgatório de *Lough Derg* possui dimensões específicas; sua caverna chama a atenção não pelo fantástico, mas em razão do que lhe é comezinho. Por sua vez, indivíduos, como Ramon, visconde de Perellós (séc. XIV)¹³⁵,

¹³¹ Wagner (1989, p. 40, linhas 13-23).

¹³² “[ele] que, tomado por uma enfermidade corporal e com esta crescendo dia após dia, chegou ao seu fim, morrendo logo ao anoitecer” (*qui infirmitate corporis tactus, et hac crescente per dies ad extrema perductus, primo tempore noctis defunctus est*) (*HE VisDry*, cap. XII).

¹³³ “Deve-se perguntar quem primeiro teria questionado Deus se as almas têm um descanso nas penas do Inferno. [Trata-se] do bem-aventurado apóstolo Paulo e do arcanjo Miguel quando foram ao Inferno – porque Deus o quis –, para que Paulo visse as penas do Inferno” (*Interrogandum est, quis primus rogaverit deum, ut anime habeant requiem in penis inferni. Id est beatus apostolus Paulus et Michahel archangelus, quando iverunt ad infernum, quia deus volvit, ut Paulus videret penas inferni*) (*VisPauli*).

¹³⁴ “O devedor, querendo acalmar seu amigo, rogava deste modo que o mesmo, antes de voltar, se dignasse a comer com ele de sua comida. Quando Tnugdal não mais conseguiu dizer não às suas súplicas, resolveu sentar-se: depositou no solo um machado que tinha em mãos e começou a comer com o companheiro a refeição. Mas a divina piedade pôs-se à frente de seu apetite. Não sei de que forma golpeado num átimo, o fato é que não conseguia fazer retornar à sua boca a mão que estendera. Começou então a gritar de um jeito terrível e, assim falando, confiou à esposa de seu companheiro o machado que antes depositara no chão: ‘Toma conta do meu machado, pois eu estou morrendo’. Em seguida, dito isso, seu corpo caiu incontinente, como se nenhum espírito tivesse ali estado antes. Assomam-lhe os sinais da morte: os cabelos tornam-se brancos, sua fronte se faz dura, vacilam os olhos, o nariz se acutela, os lábios ficam pálidos, pende seu queixo e todos os membros do corpo enrijecem” (*Debitor uero, mitigare cupiens amicum suum, rogabat eum, quatinus secum, priusquam recederet, dignaretur sumere cibum. Cujus cum precibus negare nequiret, resedit et securi deposita, quam manu tenuerat, cibos cum socio sumere cepit. Set prevenit divina pietas hunc appetitum. Nescio namque cita qua occasione percussus manum, quam extenderat, replicare non poterat ad os suum. Tunc terribiliter clamare cepit suamque securim, quam ante deposuerat, uxori socii sic commendavit: Custodi, inquires, meam securim, nam ego morior. Et tunc verbotenus corpus exanime continuo corrui, ac si nullatenus spiritus antea bi fuisset. Assunt signa mortis, crines candent, frons obduratur, errant oculi, nasus acuitur, pallescunt labia, mentum cadit et universa corporis membra rigescunt*) (*VisTnug*, cap. I).

¹³⁵ Diz ele sobre si: “After King Charles died, who was king of France, I had been in his service for a long time; and afterwards I was in the service of king Joan of Aragon [Juan I de Aragón], whose first knight I was and he was my natural lord; and for a long time I was his intimate and loved by him as much as a servant may be by his lord”. A tradução é de Alan Mac an Bhaird, a partir dos originais em catalão e occitano.

Antonio Mannini (séc. XV)¹³⁶ ou Laurence de Pasztho (*ibid.*)¹³⁷, todos eles visitantes de *Lough Derg*, almejam aquilo que o local possui de particular, isto é, o acesso *in corpore* ao além-túmulo, ainda que suas motivações respondam a propósitos muitíssimo diversos¹³⁸. Enfim, acreditamos que esta seja sua maior peculiaridade: seu aspecto mundano.

¹³⁶ Sobre Mannini, *vide* acima.

¹³⁷ Peregrino originário da corte de Sigismundo, rei da Hungria (1368-1437). Sua ida a *Lough Derg* é realizada em 1411, mediante solicitação redigida pelo próprio soberano. A carta se encontra em Delehay (1908, pp. 45-46), cuja edição foi usada por nós.

¹³⁸ Os objetivos dos três divergem entre si. Ramon de Perellós pretende, conforme visto, observar o estado do recém-falecido rei, Juan I de Aragão (1350-1396), no Purgatório. Mannini, por sua vez, vê na chegada de Laurence Rathhold de Pasztho à Irlanda (e na vontade desse de se dirigir ao Purgatório de São Patrício) o estímulo necessário para ir à *Lough Derg* e corrigir sua vida de pecador, voltada às coisas mundanas (*peccatore et sempre atteso alle cose mondane*) (Fratelli 1886, p. 155). Por fim, Laurence de Pasztho se encaminha ao referido lugar, com o intuito de saber sobre a condição dos seus, no além: “Pai, imploro a ti, pela autoridade que tu tens, que tu te dignes a mostrar-me todas as almas dos meus falecidos e benfeitores, as quais já escolhi ver há muito tempo, a fim de que eu possa saber se estão no Inferno, Purgatório ou Paraíso” (*rogo te, pater, per illam dignitatem quam tu habes ut michi monstrare digneris omnes animas defunctorum et benefactorum meorum, quas videre iam diucius adoptavi, ut scire possim si sint in inferno, purgatorio vel paradiso*) (Delehay 1908, p. 54).

4 A terminologia “Outro mundo”.

O capítulo que aqui se inicia pretende propor algumas reflexões acerca da nomenclatura “Outro mundo” e suas variantes, aplicadas a experiências ditas *extra corpore* ou *in corpore* e cujas narrativas se assemelham à do *Tractatus*. Para isso, abordar-se-á parte da tradição geográfica concernente à localização física do Inferno, Purgatório e Paraíso, tendo sido reunidas fontes antigas de cunho exegético tais como as *Enarrationes in Psalmos* de Agostinho de Hipona (354-430), e o cap. XLIII, do livro IV, dos *Dialogi* de Gregório Magno (c. 540-604), além de obras modernas como os estudos de Scafi (2006 e 2013). Terminada essa parte, conclui-se o capítulo com um breve comentário sobre a posição paradoxal de um *além* que é, por vezes, entendido como fisicamente próximo aos homens, porém que lhes é interdito.

O estudioso de representações escatológicas, sejam elas judaico-cristãs, sejam outras que lhe são alheias, depara-se com um problema terminológico basilar e por vezes indutor a possíveis equívocos, a saber: como abordar um “Outro mundo” tão arraigado a este?

A nomenclatura é comum, sobretudo enquanto componente entre duas esferas de existência. As obras de Carozzi (1994) e Zaleski (1987) a contém, por exemplo, logo em seus títulos, através de expressões também comumente empregadas, como *Otherworld* e *Au-delà*¹³⁹. Limitá-la, todavia, à sua faceta moderna não atestará para o fato de que sua utilização – mesmo quando subentendida pelo uso do outro membro do par “aquém/além” – é largamente documentada em textos antigos. Neste sentido, Gregório, assim como já fora feito por outros, utiliza-a em passagens em que expressões como *in hoc mundo* (*Dialogi*, cap. XXXIII, linhas 42, 45; cap. XXXIX, linha 49; cap. XLV, linha 8) se confundem com outras como: *huius seculi* (cap. XXXVII, linha 22), *in hoc seculo* (cap. XLI, linha 17), *in hac nobis*

¹³⁹ i.e. *Le voyage de l'âme dans l'Au-Delà e Otherworld journeys: accounts of near-death experience in medieval and modern times*. Note-se que, não obstante o presente trabalho procure problematizar tais expressões, não se quer em absoluto implicar que os autores citados desconheçam as fontes de que se faz abaixo o inventário. Em resumo, sublinha-se a fragilidade da fórmula como um todo e, em especial, de suas implicações.

uita (*ibid.*, linhas 36-37), onde a distinção temporal sobrepõe-se a outra de ordem eventualmente geográfica¹⁴⁰. A fórmula, como um todo, tampouco deixará de refletir certos trechos bíblicos em cujas passagens se alude extensivamente àquele binômio, ou melhor, à disparidade entre um *lá* e um *aquí*. Lê-se, por exemplo, no evangelho joanino, ao referenciar-se a missão do Cristo: “Antes do dia da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a Sua hora de partir deste mundo em direção ao Pai [...]” (*ante diem autem festum paschae sciens Iesus quia venit eius hora ut transeat ex hoc mundo ad Patrem [...]*) (Io 13, 1); ou ainda: “Disse-lhe Jesus: ‘Eu vim a este mundo para julgar, a fim de que os que não veem vejam e os que veem se façam cegos’” (*dixit ei Iesus in iudicium ego in hunc mundum veni ut qui non vident videant et qui vident caeci fiant*) (Io 9, 39); e mesmo: “Já não falarei muitas coisas convosco, pois vem o príncipe deste mundo e não tem poder algum sobre mim” (*iam non multa loquar vobiscum venit enim princeps mundi huius et in me non habet quicquam*) (Io 14, 30).

Listadas algumas de suas fontes, caberá, no entanto, uma outra indagação: a respectiva cisão entre um tempo terreno e um por vir equivaleria, em seu turno, a uma divisão tida como geográfica entre mortos e vivos?

¹⁴⁰ Ao questioná-lo sobre as visões e revelações de seu tempo, Pedro, interlocutor de Gregório nos *Dialogi*, obtém a seguinte resposta do santo: “Assim é: com efeito, mais a vida presente [*praesens saeculum*] se aproxima de seu fim, mais a vida futura é quase que palpável, pela sua proximidade, e se revela com sinais mais manifestos. Nesta vida, não vemos reciprocamente nossos pensamentos; naquela, porém, observamo-nos uns aos outros em nosso íntimo. O que é *esta vida* [*hoc saeculum*], senão uma noite? E o que eu diria ser a vida futura, senão o dia? Da mesma maneira que de algum modo, antes do nascer do Sol, as trevas se misturam simultaneamente com a luz no fim da noite e início do dia, até que o que resta da noite que se vai transforma-se totalmente na luz do que dia chega, assim o fim deste mundo [*huius mundi finis*] já se mistura com o início da vida futura [*futuri saeculi exordio*], e o que resta de trevas já brilha mesclado com aquilo que é espiritual. Muitas são as coisas daquele mundo [*illius mundi*] que distinguimos, mas que ainda não conhecemos totalmente, uma vez que as vemos como se diante do Sol, numa espécie de crepúsculo de nossa consciência” (*Ita est. Nam quantum praesens saeculum propinquat ad finem, tantum futurum saeculum ipsa iam quasi propinquate tangitur et signis manifestioribus aperitur. Quia enim in hoc cogitationes nostras uicissim minime uidemus, in illo autem nostra in alterutrum corda conspiciamus, quid hoc saeculum nisi noctem, et quid uenturum nisi diem dixerim? Sed quemadmodum cum nox finiri et dies incipit oriri, ante solis ortum simul aliquo modo tenebrae cum luce commixtae sunt, quousque discedentis noctis reliquiae in luce diei subsequentis perfecte uertantur, ita huius mundi finis iam cum futuri saeculi exordio permiscetur, atque ipsae reliquiarum eius tenebrae quadam iam rerum spiritualium permixtione translucent. Et quae illius mundi sunt multa iam cernimus, sed necdum perfecte cognoscimus, quia quasi in quodam mentis crepusculo haec uelut ante solem uidemus*) (*Dialogi* XLIII). As marcas são nossas. Por sua vez, a expressão *in hoc mundo* encontra-se também no *Tractatus* (linhas 30-31).

Acredita-se que a resposta seja provavelmente ambígua, embora não contraditória. Segundo Santo Isidoro, bispo de Sevilha em c. 600¹⁴¹ e autor das *Etymologiae*, as regiões inferiores (*De inferioribus*) listam-se como pertencentes às descrições acerca da terra e de suas partes (*De terra et partibus*)¹⁴². Escreve-se ali:

5. O nome “abismo” [*baratrum*] indica uma enorme profundidade e é dito *baratrum* como se fosse um turbilhão escuro [*vorago atra*], ou seja, em razão de sua profundidade. 6. O Érebo é a profundeza e a parte remota dos infernos. O Estige é chamado a partir da palavra *στυγερός*, isto é, “tristeza”, porque faz [os homens] tristes ou produz tristeza. 7. O Cocito é o lugar do Inferno de que Jó assim fala: ...¹⁴³ O Cocito, porém, recebeu seu nome de um significado grego, a partir [das palavras] “pesar” e “lamento”. 8. O Tártaro é [assim chamado], porque todas as coisas são lá turbadas, em acordo com a palavra *ταρταρίζειν* ou, o que é mais correto, com *ταραχῆς*, isto é, a partir do tremor em razão do frio, porque ali se resfia e se congela, visto que carece de luz e sol.

*5. Baratrum nimiae altitudinis nomen est: et dictum baratrum quasi vorago atra, scilicet a profunditate. 6. Erebus inferorum profunditas atque recessus. Styx ἀπὸ τοῦ στυγερός, id est a tristitia, dicta, eo quod tristes faciat vel quod tristitiam gignat. 7. Cocytus locus inferi, de quo Iob ita loquitur... Cocytus autem nomen accepit Graeca interpretatione, a luctu et gemitu. 8. Tartatus vel quia omnia illic turbata sunt, ἀπὸ τοῦ ταρταρίζειν, aut, quod est verius, ἀπὸ τῆς ταραχῆς, id est a tremore frigoris, quod est algere et rigere, scilicet quia lucem solemque caret*¹⁴⁴.

¹⁴¹ Para uma breve introdução sobre a vida de Sto. Isidoro, cf. Barney (2006, pp. 3-28).

¹⁴² Já no clássico estudo de Wright (1965, pp. 47-48), apontou-se a dependência de Isidoro para com a obra de Orosius (séc. V d. C.), Solinus (c. 200 d. C.), bem como Plínio (23-24 d. C. – 79 d. C.), possivelmente através do segundo. A listagem em Barney (2006, pp. 10-17) é, entretanto, muito mais extensa.

¹⁴³ Iob 21, 33.

¹⁴⁴ O texto latino é aquele de Reta e Casquero (2004, p. 1042). Ademais, cf., por exemplo, a descrição que se acha no “Fédon”, de Platão. A tradução abaixo é a de Souza (1983, pp. 119-121), enquanto o texto grego é aquele de Burnet (1963, 111a-111e; 113b): “Quanto às regiões interiores encontram-se muitos espaços ociosos, conforme as cavidades: uns são mais profundos e mais largamente abertos do que este em que moramos. Outros, embora sejam mais fundos, apresentam aberturas menores do que a de nossa região; e outros enfim, com menor profundidade de que a daqui, têm uma largura maior. Mas todas essas cavidades estão de muitas maneiras ligadas entre si no seio da terra: por meio de canais, uns mais amplos, outros mais estreitos; e muita água se precipita de uma cavidade para outra, assim como o vinho nos vasos em que o misturam. Há, com efeito, enormes caudais subterrâneos, de imensa grandeza, carregando água quente e água fria; e também há muito fogo e grandes rios de fogo. [...] Entre os abismos da terra há sobretudo um, que é o maior, precisamente porque atravessa a terra inteira dum lado a outro. É dele que fala Homero, quando diz: *Bem longe, no lugar em que sob a terra está o mais fundo dos abismos*, e é a ele que o próprio Homero em outros trechos, e da mesma forma muitos outros poetas, dão o nome de Tártaro. [...] Fazendo por sua vez face a este, corre o quarto rio: rolam suas águas primeiramente por uma região de assombrosa horripilância e selvageria, completamente revestida de uma uniforme coloração azulada – é a região que se denomina região Estigia; e Estige é então o nome do lago formado por esse rio. Depois de se haver lançado nesse lago, onde suas águas adquirem temíveis propriedades, mergulha pela terra adentro e, descrevendo espirais, corre em sentido contrário ao Periflegetonte, ante o qual avança, nas proximidades do lago

Ao que o autor complementa:

O Inferno é chamado [deste modo], porque se encontra abaixo. [...] Assim como o coração de um animal está no meio [de seu corpo], também o Inferno é designado como estando no meio da terra. Onde lemos no Evangelho: “No coração da terra” (Mat. 12, 40)¹⁴⁵. Os filósofos, todavia, dizem que os infernos são assim chamados, porque as almas são levadas para lá [i.e. relacionar-se-ia o substantivo ao verbo *ferre*]”.

*10. Inferus appellatur eo quod infra sit. [...] 11. Sicut autem cor animalis in medio est, ita et inferus in medio terrae esse perhibetur. Vnde et in Evangelio legimus (Mat. 12, 40): “In corde terrae.” Philosophi autem dicunt quod inferi pro eo dicantur quod animae hinc ibi ferantur.*¹⁴⁶

A tentativa de descrever as regiões infernais já fora esboçada, todavia, por Agostinho e Gregório. O primeiro, assim como o segundo o fará décadas depois, deduz a existência de dois infernos, tendo em vista a afirmação de Ps 85, 13, em que se lê: “porque grande é a Tua misericórdia sobre mim e tiraste a minha alma do inferno inferior” (*quia misericordia tua magna est super me et eruisti animam meam ex inferno inferiori*)¹⁴⁷. Sobre o tópico, seu posicionamento será, porém, cauteloso. Uma vez que lhe pareça inalienável a bipartição infernal¹⁴⁸, restará a dúvida sobre a exata localização geográfica de suas partes. Neste aspecto, duas seriam as hipóteses de Agostinho, ambas relativizadas por uma declaração que introduz seu argumento¹⁴⁹. Na primeira, coloca-se o Inferno na esfera

Aquerúsia, mas do lado oposto. Suas águas tampouco se misturam com outra; também elas, após o trajeto circular, finalmente desembocam no Tártaro, num ponto oposto ao periflegetonte: o nome deste rio, ao dizer dos poetas, é Cocito” (a tradução e marcas são de Jorge Paleikat e João Cruz Costa).

¹⁴⁵ Lê-se no versículo completo: “Assim como Jonas esteve no ventre da baleia por três dias e três noites, assim o Filho do Homem ficará no coração da terra por três dias e três noites” (*sicut enim fuit Ionas in ventre ceti tribus diebus et tribus noctibus sic erit Filius hominis in corde terrae tribus diebus et tribus noctibus*) (Mt 12, 40).

¹⁴⁶ Reta e Casquero (2004, p. 1042).

¹⁴⁷ Ou, nos *Psalmi iuxta hebraicum: et eruisti animam meam de inferno extremo*.

¹⁴⁸ “Entendemos que existem dois infernos, um superior e um inferior: pois por que motivo haveria um inferno inferior, senão porque há um inferno superior?” (*intelligimus tanquam duo inferna esse, superius, et inferius: nam unde infernum inferius, nisi quia est infernum superius?*) (*PL Enarrationes*, LXXXV, 17).

¹⁴⁹ “Irmãos, não fiquéis bravos, se o que dizemos não vos tiver sido exposto com certeza. Sou, pois, um homem, e o quanto me é concedido dizer das Sagradas Escrituras, é o que ousou dizer: nada por mim mesmo. [...] Estes assuntos são incertos” (*Quod dicimus, fratres, hoc si non vobis tanquam certus exposuero, ne succenseatis. Homo sum enim, et quantum conceditur de Scripturis sanctis, tantum audeo dicere: nihil ex me. [...] Incerta sunt haec*) (*ibid.*).

terrena, diretamente sob a bem-aventurança celeste¹⁵⁰. Na segunda, mantém-se seu aspecto subterrâneo típico, embora a região infernal seja agora cindida entre aqueles que pecaram em maior ou menor medida. Sobre esta última, diz Agostinho: “Falarei também a respeito de outra opinião, pois talvez exista uma outra parte mais inferior nos próprios infernos, à qual são confiados os ímpios que mais pecaram” (*Aliam etiam opinionem dicam. Fortassis enim apud ipsos inferos est aliqua pars inferior, quo traduntur impii qui plurimum peccauerunt*)¹⁵¹

No caso de Gregório, tampouco este se arrisca a uma explicação total acerca do assunto. À pergunta de Pedro se devemos crer que o Inferno se situe sobre ou sob a terra, sua resposta é categórica: “A respeito desta matéria, não ousar dar uma definição irrefletidamente” (*hac de re temere definire non audeo*)¹⁵². Na sequência, sua exposição se faz valer do procedimento agostiniano, ou seja, listam-se alguns dos principais juízos sobre o tema. Conforme o bispo de Hipona afirmara, o inferno poderá situar-se de dois modos: um, como visto, sob a terra (*sub terra*), e outro em alguma localidade dela (*in quadam terrarum parte*). Ademais, Gregório fornece ainda uma resposta bastante perspicaz por seu aspecto conciliatório. Diz ele, também se baseando no Salmo 85:

¹⁵⁰ “Parece-me, irmãos, que existe certa morada celeste dos Anjos: ali há uma vida de prazeres inefáveis, ali há imortalidade e incorrupção, ali tudo permanece segundo a dádiva e a graça de Deus. Aquela é a parte superna do que existe. [Por outro lado], esta é a terrena, onde há carne e sangue, onde há desintegração, onde há nascimento e morte, onde há partida e sucessão, onde há mudança e inconstância, onde há medos, desejos, terror, alegrias incertas, uma frágil esperança e uma débil essência. Penso que toda essa parte não pode ser comparada ao céu de que falava um pouco antes. Portanto, se esta parte não é comparável àquela outra, a primeira é superior e a segunda inferior. Depois da morte, aonde iríamos, caso não houvesse um inferno inferior a este inferno no qual estamos, em nossa vida e mortalidade?” (*Videtur ergo, fratres, esse habitatio quaedam caelestis Angelorum: ibi vita ineffabilium gaudiorum, ibi immortalitas et incorruptio, ibi omnia secundum Dei donum et gratiam permanentia. Illa pars rerum superna est. Si ergo illa superna est; haec terrena, ubi caro et sanguis, ubi corruptibilitas, ubi nativitas et mortalitas, ubi decessio atque successio, ubi mutabilitas et inconstantia, ubi timores, cupiditates, horrores, laetitiae incertae, spes fragilis, caduca substantia; puto quia omnis ista pars non potest comparari illi caelo de quo loquebar paulo ante: si ergo illi parti haec pars non comparatur, illa superna est, haec inferna. Et post mortem quo hinc, nisi sit infernum inferius hoc inferno, in quo sumus in carne, et ista mortalitate?*) (*PL Enarrationes*, LXXXV, 17).

¹⁵¹ *PL Enarrationes*, LXXXV, 18. A *Visio Tnugdali* (séc. XII) lançará mão da respectiva divisão: “E após isso falou: ‘Todos os que viste mais acima esperam o juízo de Deus, no entanto, estes que estão agora nos Infernos Inferiores já foram julgados. Até este momento tu não chegaste a esses Infernos’” (*Et post hec dixit: Omnes, quos vidisti superius, iudicium dei expectant, set isti, qui adhuc sunt in inferioribus, jam iudicati sunt; adhuc namque non pervenisti ad inferos inferiores*) (Wagner, p. 32, linhas 12-15). Ademais, cf. nota 9, cap. XI, em Nápoli (2011, p. 61).

¹⁵² *Dialogi*, XLIII.

Mas algo me disturba o espírito, pois se o chamamos de inferno porque jaz abaixo, ele deve sê-lo em relação a terra, visto que a terra o é em relação ao céu. Donde talvez [por isso] seja dito pelo salmista: “Livrade a minha alma do inferno inferior”, de modo que o inferno superior pareça estar na terra e o inferior sob ela.

*Sed tamen hoc animum pulsat, quia si idcirco infernum dicimus quia inferius iacet, quod terra ad caelum est, hoc esse inferus debet ad terram. Vnde et fortasse per psalmistam dicitur: Liberasti animam meam inferno inferiori, ut infernus superior terra, infernus uero sub terra esse uideatur.*¹⁵³

A questão voltará a ser abordada por Gregório nas *Moralia*. Ao se indagar sobre a sorte dos homens antes da vinda do Cristo, parecer-lhe-á importante uma definição que permita compatibilizar as duas realidades testamentárias. Em outros termos, o problema ali será fundamentalmente o da remissão, ao qual os limites geográficos se prestam como recurso argumentativo. Se todos os homens, pergunta-se ele, foram remidos pelo Cristo, em que lugar se teria dado sua morada no além-túmulo, visto que lhes fosse vetado adentrar um espaço de bem-aventurança antes da vinda do Salvador? Além disso, de que modo interpretar passagens como Jó 17, 16¹⁵⁴ e o Salmo 85, onde é patente a referência a diferentes instâncias infernais? Eis a resposta de Gregório:

E porque conste que os justos não são mantidos nos infernos, nos locais das penas, mas o são no seio superior de repouso¹⁵⁵, ocorre-nos uma grande questão: por que é que o bem-aventurado Jó declara, quando diz: “Tudo o que é meu descerá ao mais profundo inferno?” É evidente que, se antes da chegada do Mediador entre Deus e os homens ele estava prestes a descer ao mais profundo inferno, não haveria, porém, de descer [de fato] até o mesmo. Acaso ele está chamando os locais superiores de o mais profundo inferno?

¹⁵³ *Dialogi*, XLIII.

¹⁵⁴ “Tudo o que é meu descerá ao mais profundo inferno [...]” (*in profundissimum infernum descendent omnia mea* [...]) (Jó 17, 16).

¹⁵⁵ A ideia de um inferno discriminatório é expressa anteriormente por Gregório: “No entanto, não dizemos desta forma que as almas dos justos teriam descido ao inferno, para que fossem retidas nos locais das penas. Deve-se crer que existem locais superiores do Inferno e outros inferiores, a fim de que os justos descansem nos superiores e os injustos sejam atormentados nos inferiores. Donde o salmista diz por causa da graça de Deus, a qual intervém a seu favor: ‘Tomaste a minha alma do inferno inferior’” (*Nec tamen ita iustorum animas ad infernum dicimus descendisse, ut in locis poenalibus tenerentur. Sed esse superiora inferni loca, esse alia inferiora credenda sunt, ut et in superioribus iusti requiescerent et in inferioribus iniusti cruciarentur. Vnde et psalmista propter praeuenientem se Dei gratiam dicit: “Eripuisti animam meam ex inferno inferiori”*) (*Moralia in Iob*, XII, 13).

*Cum constet quod apud inferos iusti non in locis poenalibus, sed in superiori quietis sinu tenerentur magna nobis oboritur quaestio quidnam sit quod beatus Iob asserit, dicens: “In profundissimum infernum descendent omnia mea”. Qui et si ante aduentum mediatoris Dei et hominum in infernum descensurus erat, liquet tamen quia in profundissimum infernum descensurus non erat. An ipsa superiora loca inferi profundissimum infernum uocat?*¹⁵⁶

Segue-se à pergunta uma explicação em que se relativiza novamente o Inferno. Se sua localização se estabeleceria mediante a parte terrestre do mundo, ela o poderá fazer haja vista também o céu. Em suma, deve-se preservar seu significado semântico básico, isto é, que o Inferno – nome próprio ou comum – se constrói enquanto espaço abaixo, embora não necessariamente intraterreno. Ademais, de modo similar com que se há de discutir, por séculos, a real posição geográfica do Paraíso Terrestre (e, por que não, do Purgatório, localizado entre um ambiente puramente punitivo e outro de bem-aventurança), o Inferno propõe em si uma tangibilidade sobremodo evasiva. Seu sentido etimológico mostra-se enganosamente inequívoco, e a esse sentido se soma uma tradição clássica que o fixara há muito em meio à escuridão subterrânea¹⁵⁷.

¹⁵⁶ *Moralia in Iob*, XIII, xlviii, 53.

¹⁵⁷ As descrições clássicas sobre um mundo dos mortos sombrio são inúmeras: “Vós com grande violência e braços intocáveis/ surgi contra os Titãs na lúgubre batalha, / lembrai a doce lealdade e quanto sofrestes/ na prisão cruel antes de voltar à luz/ por nossos desígnios, de sob a treva nevoenta” (‘Υμεῖς δὲ μεγάλην τε βίην καὶ χεῖρας ἀάπτους/ φαίνετε Τιτῆνεςσιν ἐναντίον ἐν δαΐ λυγρῇ/ μνησάμενοι φιλότιτος ἐνέεος, ὅσσα παθόντες/ ἐς φάος ἄψ ἵκεσθε δυσηλεγέος ὑπὸ δεσμοῦ/ ἡμετέρας διὰ βουλὰς ‘θπὸ ζόφου ἡερόεντος) (Teogonia, vv. 649-653) (a tradução é de Jaa Torranó); “[...] E sob a terra de amplas vias/ lançaram-nos e prenderam em prisões dolorosas/ vencidos pelos braços apesar de soberbos,/ tão longe sob a terra quanto é da terra o céu, / pois tanto o é da terra o Tártaro nevoento” ([...] Καὶ τοὺς μὲν ὑπὸ χθονός εὐρυοδείης/ πέμψαν καὶ δεσμοῖσιν ἐν ἀργαλέοισιν ἔδησαν,/ νικήσαντες χερσὶν ὑπερθύμους περ ἑόντας/ τόσσον ἔνερθ’ ὑπὸ γῆς, ὅσον οὐρανός ἐστ’ ἀπὸ γαίης/ [τόσσον γάρ τ’ ἀπὸ γῆς ἐς Τάρταρον ἡερόέντα] (ibid., vv. 717-721) (idem); “‘Como vieste, meu filho, até às trevas espessas de baixo” (Τέκνον ἐμόν, πῶς ἦλθες ὑπὸ ζόφον ἡερόέντα/ ζῶδες ἐών [...]) (Odisséia, XI, vv. 155-156) (a tradução é de Carlos Alberto Nunes); “Mas, se revelas tão grande cobiça, tão forte desejo/ de duas vezes o Estige cruzar, contemplar duas vezes/ o escuro Tártaro, e o negro trabalho enfrentar decidido,/ ouve o que tens de fazer em primeiro lugar:” (quod si tantus amor menti, si tanta cupido est/ bis Stygios innare lacus, bis nigra videre/ Tartara, et insano iuvat indulgere labori,/ accipe quae peragenda prius. [...]) (Eneida, VI, vv. 133-136) (idem); “why are you seeking in the shadowy gloom of Hades.” (ὅττι δὴ ἐξερέεις Ἄιδος σκότος ὀρφνῆεντος) (Orphic Gold Tablets: B10 Hipponion, v. 9) (a tradução é de Radcliffe G. Edmonds III). Dentre os autores cristãos, Beda é um dos que cita Virgílio, ao detalhar a viagem infernal de Drythelm: “Enquanto prosseguíamos ‘pelas sombras sob a noite solitária’ [Eneida, VI, v. 268], eis que subitamente surgem diante de nós numerosos globos de chamas repulsivas, que subiam como que de um grande poço e, de novo, caíam nele”. (Et cum progredieremur “sola sub nocte per umbras,” ecce

Firmado, todavia, o prestígio destes autores, a continuidade de obras que perpetuarão ora os apontamentos de Agostinho e Gregório, ora os de Isidoro – e consequentemente de Orósio e Solino –, é expressiva. À guisa de uma tradição de tendência enciclopédica, o Inferno permaneceria um elemento comum tanto ao campo teológico, quanto àquele em que é compreendido como uma paragem acima de tudo descritível e significativa em textos díspares. Escritos como o *Imago mundi*, de Honorius Augustodunensis (séc. XII), continuarão por apresentá-lo, séculos depois, em termos ainda atrelados àqueles das *Etymologiae*¹⁵⁸. A descrição do Inferno lá contida, bem como o método de propô-la, não deixam de ser tipicamente os de Isidoro. Como seu antecessor, trata-se primeiro da etimologia, a que se complementa, por sua vez, com as nomenclaturas vinculadas à região infernal e, enfim, acerca de suas especificidades (entre elas, geográficas). Um adendo faz-se importante, entretanto. Ao passo que o santo enfatizara o significado primeiro dos nomes que compõem o repertório lexical do Inferno, aqui se dá relevo ao seu aspecto punitivo por excelência, sobretudo do fogo: imagem capital ao Purgatório, mas também às *uisiones* em geral.

O Inferno é assim chamado, porque se encontra numa posição inferior. Assim como a terra está no meio da atmosfera, também o inferno está no meio da terra. Onde é chamada de *a terra extrema*. No entanto, é um lugar terrível por seu fogo e enxofre, amplo embaixo e estreito em cima. Ele é chamado de *lugar* ou mesmo *terra da morte*, porque as almas que descem para lá estão em verdade mortas. Ele é chamado de *lago de fogo*, porque assim como uma pedra afunda no mar, do mesmo as almas são mergulhadas ali. Ele é nomeado *terra tenebrosa*, porque é tornado sombrio por uma névoa de fumaça e pestilência. É chamado pelo nome de *terra do esquecimento*, porque assim como eles não se lembraram de Deus, Deus não se lembrou de ser misericordioso para com eles. Ele é chamado de Tártaro por causa de sua aspereza e tremor, porque lá *há choro e ranger de dentes* [Lc 13, 28]. Ele é a Geena, ou seja, é chamado de terra do fogo. “Ge” diz-se terra, da qual o nosso fogo é dito ser a sombra do fogo. Suas profundezas e sua parte remota são chamadas de Érebo, pleno de dragões e vermes ígneos. Ele é dito ser uma boca descerrada e abismo, como se fosse um turbilhão escuro. Seus locais que exalam um mau cheiro

subito apparent ante nos crebri flamarum tetraurum globi, ascendentes quasi de puteo magno, rursumque decedentes in eundem) (HE VisDry).

¹⁵⁸ De importância inegável, a obra de Isidoro exercerá enorme influência durante toda a Idade Média. Entre os autores citados por Barney (2006, p. 25), destacam-se nomes como: Thomas de Cantimpré (c. 1245), Vincent de Beauvais (c. 1260), Brunetto Latini (1265), e o próprio Honorius.

são chamados de Aqueronte, isto é, passagens em que se emitem ventos imundos. Ele é o Estige, que em grego diz-se tristeza. Chama-se Flegetonte, que é um rio infernal, por sua semelhança com o fogo e enxofre, terrível por seu mau cheio e ardor. Há muitos outros locais sejam de punições em suas ilhas, sejam de estremecimento pela ferocidade de seu frio e vento, sejam de uma contínua fervura por seu fogo e enxofre. Tendo inspecionado os locais de fogo do Inferno, fuja ao refrigério das águas.

*Infernus ideo dicitur infernus, quia inferius est positus. Sicut enim terra est in medio aere: ita est infernus in medio terrae. Unde nouissima terra dicitur. Est autem locus, igne et sulphure horridus, inferius dilatatus, superius coangustus. Hic lacus uel terra mortis dicitur, quia animae illuc descendentes veraciter moriuntur. Hic est stagnum ignis dicitur, quia ut lapis mari, ita animae illi imerguntur. Hic terra tenebrosa vocatur, quia fumo et foetoris nebula obscuratur. Hic terra oblivionis nuncupatur, quia sicut ipsi obliti sunt Dei, ita eorum obliuiscitur Deus misereri. Hic dicitur Tartarus ab horrore, et tremore, quia ibi fletus et stridor dentium (Matth. VIII). Hic est gehenna, id est, terra ignis nominatur. Ge enim terra dicitur, cujus ignis noster ignis umbra esse dicitur. Huius profunditas et recessus dicitur Erebus, draconibus et igneis vermibus plenus. Hic patens os dicitur, et barathrum, quasi atra vorago. Hujus loca fetorem exhalantia dicuntur Acheronta, id est spiracula immundos spiritus emittentia. Hic est Styx quod Graece sonat tristitia. Dicitur et Phlegeton, qui est fluvius infernalis, ob vicinitatem ignis, sulphuris, fetore et ardore horribilis. Sunt et alia multa loca, siue in insulis poenalia, aut frigore et vento saepe horrentia, aut igne et sulphure jugiter ferventia. Ignea inferni loca inspeximus, ad refrigerium aquarum confugiamus.*¹⁵⁹

¹⁵⁹ PL *Imagine*, i, XXXVII. Assim como em Isidoro, o respectivo capítulo foi traduzido em sua totalidade. Note-se que a referência à respectiva tradição não implica, por si só, a crença em uma localidade física. Neste último aspecto, como bem demonstra Carozzi (1994, pp. 545-549), a questão sobre a configuração infernal não é nem simples, tampouco única, em Honorius. Para este, dever-se-ia falar de infernos, em detrimento de um apenas: “Se o inferno é um lugar de tormentos, em que a alma é torturada com o corpo ou sem ele, então são encontrados sete infernos particulares. O primeiro inferno é o corpo efêmero, que oprime a alma e [a] tortura com muitas dores. Nele padece de fome, sede, labor, fadiga, doenças, dores, diversas enfermidades. Em sua morada, é afetada pela ira, pela inveja, pelo ódio e pela tristeza; e é afligida pela avareza, pela concupiscência carnal e pela vã glória. [...] O segundo inferno é este mundo, em que a alma é torturada com o corpo, enquanto lamenta ter sido expulsa da região do paraíso. [...] O terceiro inferno é a convivência daqueles que se odeiam mutuamente, durante o tempo em que os justos são torturados, por causa da convivência com os maus, assim como Lot em Sodoma, ou os maus são atormentados, por causa da familiaridade com os bons, visto que são afastados de seus costumes amorais. Neste inferno, sofrem reciprocamente com chicotadas, vigílias, prisões, bestas, fogos e diversos sofrimentos. No espírito, são consumidos pelo [imorale], pela mágoa, pela ansiedade, pela covardia, pela angústia e pela tristeza. O quarto inferno é o local que se encontra no meio da terra, pleno de fogo e enxofre. Esse é chamado de Inferno ou Lago de fogo e enxofre, segundo seu nome usual. A ele estão relacionados todos os locais incandescentes na terra ou sobre ela. O quinto inferno é [aquele onde] a alma, uma vez retirada do corpo, é levada a locais espirituais e de penitência – [locais] similares ao que é corpóreo –, para ser torturada. O sexto inferno é quando a alma – seu corpo estando totalmente morto – sofre penas que não são materiais, mas espirituais e semelhantes ao que é corpóreo; além disso, é afetada pela dor, pela mágoa e pela tristeza. Esse inferno é chamado inferior, porque está mais abaixo e mais profundo que o corporal. Dele está escrito: “Tiraste a minha alma do inferno inferior” (Ps 85, 33). O sétimo inferno é o fogo eterno, ao qual a alma é levada no Dia do Juízo, após reaver o seu corpo, a fim de ser torturada com os demônios. Se esse inferno se dá neste mundo ou no mundo por vir, não se sabe”. (*Si infernus est locus tormentorum, in quo anima vel cum corpore vel sine corpore*

No que diz respeito propriamente ao Purgatório, ele padecerá de uma materialidade que talvez apenas se compare àquela do Paraíso pré-Queda. Sua nomenclatura foi entendida como sendo a mais recente das três, desprendendo-se pouco a pouco de uma adjetivação: o *ignis purgatorius*, de que fala Gregório¹⁶⁰ (*Dialogi* XLI, linhas 11-20), até seu suposto crivo doutrinário, mediante a confirmação papal do substantivo/ lugar *Purgatorium*¹⁶¹, no séc. XIII¹⁶².

Seja como for, o Purgatório (ou seu fogo) se dará como um domínio intermediário, isto é, onde haveria um julgamento que se supõe anterior ao Final e cujas penas devem levar em conta a existência de um tempo em que são aplicadas¹⁶³. Quanto às suas coordenadas, será significativo, por sua vez, que ele se assemelhe a uma solução teológica – ainda que não o seja de fato –, ou melhor, uma paragem acolhedora dos pequenos pecados e dos homens que, embora não dignos nem do suplício infernal, nem

*cruciat, tunc septem speciales inferni reperiuntur. Primus infernus est corpus corruptibile, quod animam aggravat, et cum multis doloribus cruciat; patitur namque in eo famem, sitim, laborem, fatigationem, morbos, dolores, varias infirmitates; ex ejus inhabitatione, ira, invidia, odio, tristitia afficitur, avaritia, concupiscentia carnali, vana gloria vexatur. [...] Secundus infernus est hic mundus, in quo cum corpore anima cruciatur, dum se patria paradisi exulare lamentatur; [...] Tertius infernus est cohabitatio invicem se odientium; dum vel justis de cohabitatione malorum, sicut Lot in Sodomis, cruciantur; vel mali de conversatione bonorum torquentur, cum a perditis moribus prohibentur. In hoc inferno verbera, vincula, jejunia, vigiliae, carceres, bestiae, ignes, varias passiones ab invicem patiuntur: in animo, in more, in moerore, in anxietate, in pusillanimitate, in angustia, in tristitia consumuntur; [...] Quartus infernus est locus in medio terrae positus, igne et sulphure plenus; hic usitato nomine dicitur infernus vel stagnum ignis et sulphuris; ad hunc pertinent omnia loca vel in terra vel super terra ardentia. Quintus infernus, cum anima corpori subtracta ad loca spiritualia et poenalia, corporibus similia ducitur crucianda. Sextus infernus est, cum anima, corpore penitus mortuo, non corporalibus, sed spiritualibus similia patitur, sed et dolore, in moerore ac tristitia afficitur. Hic quia corporali est inferior et depressior, infernus inferior vocatur; de hoc scribitur: Eruisti animam meam ex inferno inferiori (Psal. LXXXV). Septimus infernus est ignis aeternus, in quem anima cum recepto corpore traditur in die iudicii cum daemonibus semper crucianda. Utrum autem hic infernus in hoc mundo, an extra mundum futurus sit, ignoratur (PL Scala 18). A citação de Carozzi (*ibid.*, p. 548) é parcial, começando no que se refere ao quinto inferno. Em razão disso, optamos por traduzir o trecho inteiro.*

¹⁶⁰ Para as variantes do vocábulo, cf. Le Goff (1981, pp. 489-493).

¹⁶¹ i.e. a carta *Sub catholicae professione*, do papa Inocêncio IV (1243-1254). Pasulka (2015, pp. 68-69) aponta, por sua vez, o papel da escolástica e do cisma entre as igrejas Latina e Ortodoxa como mediadores da sistematização do Purgatório.

¹⁶² O neologismo teria entre seus criadores, Pedro Comestor (séc. XII), estudioso da Bíblia e discípulo de Pedro Lombardo. Neste sentido, cf. Le Goff (1981, p. 190).

¹⁶³ Sobre a famosa tese desse autor sobre o séc. XII como momento crucial da “origem” do Purgatório, vide Le Goff (1981, pp. 161 e 163).

imediatamente das benesses paradisíacas, possam coabitá-lo mediante suas faltas¹⁶⁴.

Ademais, o Purgatório estará, segundo Le Goff (1981, p. 61), lado a lado com o Seio de Abraão (*sinus Abrahae*)¹⁶⁵, local onde se teriam mantido os justos antes da chegada do Cristo, e que o estudioso chamará de “primeira encarnação cristã” do Purgatório. Além disso, também se confundirá o Purgatório com os *receptacula* de que fala Agostinho, num tempo “que é posto entre a morte do homem e sua ressurreição final e que encerra as almas em receptáculos secretos, de acordo com o que cada uma mereça de descanso ou tribulação, tendo em vista o que lhe coube enquanto estava viva” (*Tempus autem quod inter hominis mortem et ultimam resurrectionem interpositum est, animas abditis receptaculis continet, sicut unaquaeque digna est vel requie vel aerumna pro eo quod sortita est in carne dum viveret*)¹⁶⁶. Nenhum destes locais se aproximará, no entanto, do grau de materialidade atingido pelo purgatório de Lough Derg, no séc. XII.

Sobre ele, afirma *Giraldus Cambrensis*:

Há um lago em Ulster que contém uma ilha dividida em duas partes. Uma delas, tendo uma igreja da estimada religião, é bastante admirável e amena; incomparavelmente ilustre pela visitação dos anjos e pela visível reunião dos santos daquele lugar./ A outra, tosca e terrível, é dita ter sido destinada

¹⁶⁴ Agostinho é um dos primeiros a segmentar os pecadores em categorias: “Há, pois, um modo de vida que nem é de tal forma bom, que não requeira estas coisas, nem de tal forma mau, que elas não sejam de algum proveito, depois da morte. Dito isso, há também um modo de vida de tal maneira bom, que não as requeira e, por outro lado, um de tal maneira mau, que não lhe seja de nenhuma valia ser ajudado, ao se partir desta vida. [...] Quando são feitas oferendas, seja do altar, seja de quaisquer esmolas, em prol de todos os que morreram batizados, estas são ações de graça pelos que foram bons em grande medida [*valde bonis*] e expiatórias aos que não o foram [*non valde bonis*]. No que se refere aos maus em excesso [*valde malis*], ainda que não sejam de nenhuma ajuda aos mortos, servem de algum consolo aos vivos” (*Est enim quidam vivendi modus, nec tam bonus ut non requirat ista post mortem, nec tam malus ut ei non prosint ista post mortem; est vero talis in bono ut ista non requirat, et est rursus talis in malo ut nec his valeat cum ex hac vita transierit adiuvari. [...] Cum ergo sacrificia, sive altaris sive quarumcumque eleemosynarum, pro baptizatis defunctis omnibus offeruntur, pro valde bonis gratiarum actiones sunt; pro non valde bonis propitiationes sunt; pro valde malis etiam si nulla sunt adiumenta mortuorum; qualescumque vivorum consolationes sunt*) (*Enchiridion ad Laurentium*, cap. CX).

¹⁶⁵ A expressão se encontra em Lc 16, 22.

¹⁶⁶ *PL Enchiridion ad Laurentium*, 29, 109. A imagem dos “receptáculos” é mencionada no *Tractatus* (linhas 56-60): “Diz o bem-aventurado Agostinho que as almas dos mortos são mantidas, desde sua morte até à última ressurreição, em receptáculos secretos, tal como convém a cada uma, seja para o seu descanso, seja para a sua aflição” (*Dicit uero beatus Augustinus animas defunctorum post mortem usque ad ultimam resurrectionem abditis receptaculis contineri, sicut unaquaeque digna est, uel in requiem uel in erumpnam*).

apenas aos demônios, a qual se mantém quase sempre à vista com as turbas e comitivas dos maus espíritos. Esta parte tem em si nove depressões¹⁶⁷. Se alguém, por acaso, ousar passar a noite em alguma delas (o que algumas vezes consta ter sido tentado por homens imprudentes), imediatamente é agarrado pelos espíritos malignos e torturado com penas tão graves por toda a noite, [isto é], afligido incessantemente com tantos e tamanhos tormentos indizíveis do fogo, água e de outros gêneros, que com dificuldade é encontrado um pequeno sopro restando no miserável corpo. Como dizem, se alguém uma só vez tiver suportado estes tormentos a partir da pena imposta, não deverá submeter-se mais às penas infernais, a não ser que tenha cometido outras mais graves./ Este lugar é chamado de Purgatório de Patrício pelos seus habitantes.

*Est lacus in partibus Ultoniae continens insulam bipartitam. Cujus pars altera, probatae religionis ecclesiam habens, spectabilis valde est et amœna; angelorum visitatione, sanctorumque loci illius visibili frequentia, incomparabiliter illustrata./ Pars altera, hispida nimis et horribilis, solis daemoniis dicitur assignata; quæ et visibilibus cacodæmonum turbis et pompis fere semper manet exposita./ Pars ista novem in se foveas habet. In quarum aliqua si quis forte pernoctare præsumpserit, quod a temerariis hominibus nonnunquam constat esse probatum, a malignis spiritibus statim arripitur, et nocte tota tam gravibus pœnis cruciatur, tot tantisque et tam ineffabilibus ignis et aquæ variique generis tormentis incessanter affligitur, ut mane facto vix vel minimæ spiritus superstitis reliquæ misero in corpore reperiantur./ Haec, ut asserunt, tormenta si quis semel ex injuncta pœnitentia sustinuerit, infernales amplius pœnas, nisi graviora commiserit, non subibit./ Hic autem locus Purgatorium Patricii ab incolis vocatur.*¹⁶⁸

No caso de H. de Saltrey, ele é bastante enfático, ao apresentar o referido purgatório¹⁶⁹ no *Tractatus*. Sua ênfase recai sobre a materialidade de uma experiência (a do *miles Owein*¹⁷⁰)¹⁷¹, cuja aquiescência perante as fontes teológicas arroladas faz-se direta e de viés comprobatório. Os excertos de Agostinho e Gregório lá contidos responderão sobremaneira ao aspecto sensitivo de um pós-vida no qual a materialidade das penas e espaços (linhas 45-46), bem como do próprio fogo purgatório (linha 61), viriam antes de tudo a corroborar escritos julgados como indiscutíveis.

¹⁶⁷ Note-se que Giraldus não se refere à caverna/ fosso, mas a *foveas*, isto é, pequenos espaços circulares dedicados a santos e que serviriam para a prática de penitência. Tais sítios existem ainda hoje na localidade. Cf. Easting (1976, pp. cxxxix-cxl).

¹⁶⁸ Dimock (1867, pp. 82-83).

¹⁶⁹ Le Goff (1981, p. 246) afirma que o *Tractatus* é “por assim dizer, o ato de nascimento literário do Purgatório” ([...] *en quelque sorte l’acte de naissance littéraire du Purgatoire*).

¹⁷⁰ Sobre o protagonista de *T*, Pontfarcy (1985, p. 16) acredita que o mesmo possa ter sido nomeado a partir do príncipe Owein Gwynedd, falecido em 1168 e tido como fundador de Basingwerk. A existência de uma figura histórica com o respectivo nome é, todavia, motivo de debate.

¹⁷¹ As páginas introdutórias do *Tractatus* deixam poucas dúvidas quanto à ênfase dada pelo autor à materialidade do relato. Segue-se uma amostra daquela por meio de seu léxico: *corporali* (linha 15), *corporale* (linha 28), *corporibus* (*ibid.*), *corporales* (linha 45), *corporalia* (linha 46), *corporalis* (linha 61), *corporalibus* (linha 67), *corporali* (linha 73).

Tampouco se esquecerá ali, embora não nominalmente, da afirmação de Isidoro acerca da posição do Inferno, ainda repercutida – como visto acima – no séc. XII, no *Imago mundi*. Temos no *Tractatus*: “Alguns creem, ademais, que o Inferno se situe sob a terra ou abaixo de sua concavidade, como se fosse um cárcere ou uma tenebrosa masmorra, coisas que essa narração não menos deixa de declarar” (*Et quidem infernus subtus terram uel infra terre concauitatem quase carcer et ergastulum tenebrarum a quibusdam esse creditur, narratione ista nichilominus asseritur*) (linhas 51-54). O acúmulo de exemplos e fontes eclesiásticas não tomará para si, todavia, uma função exegética ou de discordância teológica sobre o Além. Almeja-se simplesmente assegurar a veracidade do relato, a partir da opinião de autoridades da Igreja, as quais, curiosamente, colocam-se muitas vezes em posições discordantes umas com as outras¹⁷². Antes de qualquer outra coisa, o *Tractatus* nos remeteria, sobretudo, a um dualismo bastante fluido daquilo que Pasulka (2015, p. 53) chama de “uma experiência física num domínio espiritual”¹⁷³. Owein, ainda *in corpore*, observa não somente punições e bem-aventuranças a que são submetidas as almas dos homens, porém interage com as mesmas num *continuum* sensorial que não está cindido, ou melhor, que se encontra imbuído de uma materialidade compartilhada naquele instante tanto pelo viajante quanto pelas almas e espaços que observa¹⁷⁴.

¹⁷² A título de exemplo, é notório o descaso de Agostinho pelo “Apocalipse de Paulo”, uma das possíveis fontes de *T*. Sobre a polêmica, cf. Silverstein (1935, p. 4).

¹⁷³ “The distinguishing characteristic of the Latin *Tractatus* is its emphasis on the physical experience of a spiritual realm, to which its author draws the reader’s attention”.

¹⁷⁴ Tal liame não será exclusivo da viagem de Owein. Saltará aos olhos, por exemplo, registros como o do peregrino Laurence Rathold de Pasztho, nos quais a descrição da caverna do Purgatório, visitada por ele em 1411, é prontamente seguida por eventos extraordinários. Escreve o mesmo: “A primeira e principal entrada da caverna tem onze palmos de comprimento, três de largura e quatro de altura. A segunda não excede nove palmos de comprimento, três de largura e quatro de altura” (*Illius vero spelunce XI palmas longitudine, três latitudine, quatuor altitudine continet primus et introitus principalis. Secundus autem introitus versus Gerbinum palmas novem longitudine três latitudine et quatuor altitudine non excedit*). Na sequência, relata a chegada de dois espíritos malignos (*duo maligni spiritus*) que o aterrorizam. Analogamente no mesmo ano, Antonio Mannini traça uma imagem que tampouco deixa de evocar a exiguidade do sítio: “e eu me mantive fechado no Purgatório, cujo local possui três pés de largura, nove de comprimento e é alto de tal maneira que um homem pode ali permanecer de joelhos, mas não em pé” ([...] *e io nel Purgatorio serrato rimasemi; il quale luogo è largo tre piedi e lungo noue et alto tanto che um huomo vi puote stare ginocchione man non dritto*). Mannini, entretanto, recusa-se a descrever por correspondência aquilo que presenciara na caverna: “o que vi, o que me foi mostrado e o que fiz não posso escrevê-lo a ti por carta, nem posso dizê-lo, senão em confissão, mas, se agradar a Deus que eu te reveja, tudo por ordem te direi” (*quello vidi e*

Dito de outra forma, se os homens conhecessem até então o pós-vida por meio de estados limítrofes entre a vida e a morte, transes ou mesmo sonhos¹⁷⁵, aquilo que se dá a saber pelo *Tractatus* lhe acrescenta um motivo peculiar e duradouro na longa permanência de Lough Derg como ponto de peregrinação. A factibilidade de se purgar no presente garantiria ao peregrino um porvir de maior bem-aventurança, ou ainda, de penas mais brandas, caso necessárias. Garantirá a ele, mais do que qualquer outra coisa, a confirmação de um estado punitivo além-túmulo e, portanto, de um sistema penal divino a que se teme e que se pode evitar. Ademais, completar-se-á ali o binômio tão comum nesses textos, diga-se, o da punição e também, não menos importante, o da recompensa. Pensando nesta última, tratemos brevemente do Paraíso.

Do mesmo modo que fizera haja vista o Inferno, H. de Sawtry repete o ditame bíblico sobre a posição (*in oriente*) do Paraíso e sobre o estado (*iocunde*) dos que lá se demoram¹⁷⁶. Seu modelo é o Pentateuco, mais precisamente, Gênesis (2, 8), em que se lê na versão da Septuaginta: “e o Senhor Deus plantou, a leste, um jardim no Éden e colocou lá o homem que formara” (*καὶ ἐφύτευσεν κύριος ὁ θεὸς παράδεισον ἐν Ἐδεμ κατὰ ἀνατολὰς καὶ ἔθετο ἐκεῖ τὸν ἄνθρωπον ὃν ἔπλασεν*). No caso ainda da Septuaginta, o vocábulo grego *παράδεισος* proviria, segundo Bremmer (1999, pp. 1-2), da palavra meda *paridaeza* (“lugar cercado”), composta pelos elementos *pari* (“em torno”) e *daeza* (“muro”), não obstante certas discrepâncias, ou melhor, flutuações de sentido do termo que se revelariam categóricas, ao

quello mi fu mostrato e quel feci non te lo posso scrivere per lettera, ne 'l posso dire se non in confessione; ma se mai a Dio piacerà ti riveggia, tutto per ordine ti dirò). Pasulka (2015, pp. 85-86), apoiando-se em Seymour (1918, p. 70), vê na narrativa de Laurence uma tentativa de atenuar o aspecto físico da visão. Embora sejamos em parte concordantes, pensamos que as palavras finais do peregrino traem seu cuidado no restante da narrativa. Ao expor a possibilidade de uma viagem em corpo ou não, afirma Laurence: “Mas me parece mais provável que eu tenha sido arrebatado em corpo do que fora dele” (*Sed probabilius michi videtur quod corpore verius raptus fui quam extra corpus [...]*) (Delehay, 1908, cap. 13, linhas 35-37). Pasulka (*ibid.*) não deixa de citar o trecho, porém relativiza sua importância.

¹⁷⁵ No caso do primeiro grupo, são exemplos a *VisTnug* (séc. XII) e a *VisDry*, conforme descrita por Beda (c. 673-735). Quanto ao segundo, cf. a *VisFur* (*ibid.*). Por fim, Gregório (*Dialogi*, cap. 48) atesta os sonhos como possível fonte revelatória.

¹⁷⁶ “Ela [sc. a narração] também demonstra que o Paraíso está no Oriente e sobre a terra, onde as almas dos fiéis, libertas das penas do purgatório, permanecem, segundo dizem, em júbilo por tempo considerável” (*Et quod paradysus in oriente et in terra sit, narratio ista ostendit, ubi fidelium anime, a penis purgatoriis liberate, dicuntur aliquandiu morari iocunde*) (linhas 54-56).

longo dos séculos, e que nem sempre condiriam com a descrição testamentária de um local de rica fauna e flora. De acordo ainda com o modelo de Bremmer (1999) – ao qual complementamos aqui com os trechos originais por ele listados –, indica-se, por meio do vocábulo, desde um local de caça dedicado à aristocracia persa¹⁷⁷ até jardins funcionais por sua artificialidade, em períodos romanos¹⁷⁸. Uma ressalva não deixaria, entretanto, de ser relevante, tendo em vista o desenvolver de certa tradição exegética que envolve o Paraíso. Ao tomá-lo como um posto terreno e crido temporalmente marcado na história humana¹⁷⁹, a pergunta que se seguiu tentaria dar conta, por conseguinte, de uma dúvida que lhe é fundamental: onde se encontra o Paraíso do *Genesis*? O questionamento é resumido por Scafi (2006, p. 35), nos termos a seguir:

A tradução da palavra Éden como sendo um lugar provocou inevitavelmente, no momento oportuno, a pergunta: onde estava esse jardim? Uma confusão adicional resultou da tradução de outras palavras do texto, as quais poderiam ser interpretadas como que se relacionando com sua localização geográfica. O hebraico qualifica גַּן־עֵדֶן (*gan-beEden*), “um jardim no Éden”, com o termo מִקְדֶּם (*miqedem*) (2. 8), palavra que

¹⁷⁷ Bremmer (1999, pp. 7-8) faz alusão, entre outras, a duas passagens de Xenofonte, a saber: *Cyropaedia* (I, III, 14) e *Oeconomicus* (4.20-25). São elas respectivamente: “And then, I present to you the animals that are now in the park [παραδείσῳ] and I will collect others of every description, and as soon as you learn to ride, you shall hunt and slay them with bow and spear, just as grown-up men do” (ἔπειτα τά τε νῦν ἐν τῷ παραδείσῳ θηρία δίδωμί σοι καὶ ἄλλα παντοδαπά συλλέξω, ἃ σὺ ἐπειδὴν τάχιστα ἵππεύειν μάθῃς, διώξει, καὶ τοξεύων καὶ ἀκοντίζων καταβαλεῖς ὥσπερ οἱ μεγάλοι ἄνδρες.) (a tradução é de Walter Miller); e: “Further, the story goes that when Lysander came to him bringing the gifts from the allies, this Cyrus showed him various marks of friendliness, as Lysander himself related once to a stranger at Megara, adding besides that Cyrus personally showed him round his paradise [παράδεισον] at Sartis. Now Lysander admired the beauty of the trees in it, the accuracy of the spacing, the straightness of the rows, the regularity of the angles and the multitude of the sweet scents that clung round them as they walked; (Οὗτος τοίνυν ὁ Κῦρος λέγεται Λυσάνδρῳ, ὅτε ἦλθεν ἄγων αὐτῷ τὰ παρὰ τῶν συμμάχων δῶρα, ἄλλα τε φιλοφρονεῖσθαι, ὥς αὐτὸς ἔφη ὁ Λύσανδρος ζένῳ ποτέ τι ἐν Μεγάροις διηγούμειος, καὶ τὸν ἐν Σάρδεσι παράδεισον ἐπιδεικνύναι αὐτὸν ἔφη. ἐπεὶ δὲ ἐθαύμαζεν αὐτὸν ὁ Λύσανδρος, ὥς καλὰ μὲν τὰ δένδρα εἶη, δι’ ἴσου δὲ [τὰ] πεφθετεμένα, ὀρθοὶ δὲ οἱ στίχοι τῶν δένδρων, εὐγώνια δὲ πάντα καλῶς εἶη, ὅσμαι δὲ πολλὰ καὶ ἡδεῖται συμπαρομαρτοῖεν αὐτοῖς περιπατοῦσι, [...]) (a tradução é de E.C. Marchant). Ademais, o próprio Bremmer (1999, pp. 12-13) chama a atenção para o vínculo que se estabeleceria entre o vocábulo e figuras reais como Salomão.

¹⁷⁸ Bremmer (*ibid.*, p. 14).

¹⁷⁹ Um dos que o defenderia é Agostinho, nos seus *De Genesi ad litteram libri duodecim*, VIII, I, 2. Diz ele, contrapondo o *Genesis* a livros como o *Canticum Canticorum*: “De fato, a narração nestes livros não é daquele gênero onde se expressam as coisas em sentido figurado, assim como no *Cântico dos Cânticos*, mas certamente de fatos produzidos, assim como nos *Livros dos Reis* e em outros deste tipo” (*narratio quippe in his libris non genere locutionis figuratarum rerum est sicut in Cantico canticorum, sed omnino gestarum est sicut in Regnorum libris et huiusmodi ceteris*).

possui dois significados distintos: um espacial e outro temporal. Em face da ambiguidade das palavras, os tradutores tiveram de escolher entre expressar o termo hebraico espacialmente – “longe no leste” – ou temporalmente – “antes do início”. Jerônimo adotou a última para a Vulgata, traduzindo מִקְדֶּם (miqedem) como *a principio*, a fim de transmitir a ideia de que o Paraíso Terrestre fora uma parte essencial da criação primeira de Deus. Contrariamente, os tradutores da Septuaginta, da *Vetus Latina* e da *English Authorized Version* escolheram, todos eles, dar à expressão um sentido espacial: *κατὰ ἀνατολὰς* (*kata anatonas*) em grego, *in oriente* em latim e “a leste” nas versões em inglês respectivamente.

*The translation of the word Eden as a place inevitably invoked in due course the question: where was this garden? Further confusion resulted from the translation of other words in the text that could be interpreted as relating to its geographical location. The Hebrew qualifies גַּן-עֵדֶן (gan-beEden), ‘a garden in Eden’, with the term מִקְדֶּם (miqedem) (2. 8), a word that has two quite different meanings, one referring to space, the other to time. Faced with the ambiguity of the words, translators had to choose between rendering the Hebrew spatially – ‘away to the east’ – or temporally – ‘from before the beginning’. Jerome adopted the latter for the Vulgate, translating מִקְדֶּם (miqedem) as *a principio*, to convey the idea that the earthly paradise had been an integral part of God’s primordial creation. In contrast, the translators of the Septuagint, the *Vetus Latina* and the *English Authorized Version* all chose to give the expression a spatial meaning: *κατὰ ἀνατολὰς* (*kata anatonas*) in the Greek, *in oriente* in the Latin, and ‘eastward’ in the English versions respectively.*

As tentativas de responder a tal indagação se desdobrariam por toda a Era Cristã, variando ora entre abordagens em grande parte alegóricas, como as do exegeta Orígenes (c. 185-254 d. C.)¹⁸⁰, ora entre outras em que se defendeu uma região de limites físicos bem definidos, como aquela de Albert R. Terry (1962)¹⁸¹. Por outro lado, houve também aqueles que propuseram uma solução intermediária, em que se procurou demonstrar o proveito de uma dupla leitura, literal e alegórica, do jardim edênico. Dentre os que o fizeram, possivelmente Agostinho tenha sido o autor de maior influência sobre os futuros comentadores do tópico. A abertura do livro VIII, de seu *De Genesi ad Litteram*, é clara, quando comenta o versículo bíblico reproduzido mais acima:

E Deus plantou o jardim no Éden, no Oriente, e colocou lá o homem que formara. Não ignoro que muitos tenham dito muitas coisas sobre o Paraíso.

¹⁸⁰ Para a refutação de Sto. Agostinho, cf. o *De Genesi ad litteram*, VIII, I, 4, bem como a nota explicativa 36 da edição de Agaësse e Solignac (2001, pp. 497-499) do texto.

¹⁸¹ Scafi (2006, p. 356; 2013, p. 154) nos relata que Terry, em seu livro *The Flood and Garden of Eden: Astounding Facts and Prophecies* (1963), afirma que Deus lhe informara da real localização do Éden sob o Mar Mediterrâneo.

No entanto, três são as opiniões mais ou menos gerais sobre o assunto. A primeira delas é a daqueles que procuram entender o Paraíso como sendo apenas material. A outra, dos que o acreditam apenas espiritual. A terceira, dos que aceitam o Paraíso como sendo de ambos os modos: material e espiritual. Para dizê-lo brevemente, confesso que estou de acordo com a terceira opinião.

*Et plantavit Deus paradysum in Eden ad orientem et posuit ibi hominem quem finxit. Non ignoro de paradiso multos multa dixisse; tres tamen de hac re quasi generales sunt sententiae. Vna eorum, qui tantummodo corporaliter paradysum intellegi uolunt, alia eorum, qui spiritaliter tantum, tertia eorum, qui utroque modo paradysum accipiunt, alias corporaliter, alias autem spiritaliter. Breuiter ergo ut dicam, tertiam mihi fateor placere sententiam*¹⁸².

Dito isso, os empecilhos a possíveis interpretações literais da narrativa bíblica seriam de tal modo latentes, que o trabalho de interpretá-los geograficamente teve de se defrontar com dados escassos, por vezes mínimos sobre a localidade edênica. Diz-se ali que quatro são os rios provenientes do Paraíso: dois deles de fácil identificação (o Tigre e o Eufrates) e dois restantes, a respeito de que muito se discutiu (o Pisom e o Giom). Escreve-se: “Um rio saía do Éden para irrigar o jardim, o qual dali se dividia em quatro braços/ O nome do primeiro é Pisom, que circunda a terra de Havilá, de onde emana ouro./ O ouro daquela terra é o melhor e lá são encontrados também o bdélio e a pedra ônix./ O nome do segundo rio é Giom, que circunda toda a terra da Etiópia/ o nome do terceiro rio é Tigre, que corre em direção à Assíria, e o quarto rio é o Eufrates” (*et fluvius egrediebatur de loco voluptatis ad inrigandum paradysum qui inde dividitur in quattuor capita/ nomen uni Phison ipse est qui circuit omnem terram Evilat ubi nascitur aurum/ et aurum terrae illius optimum est ibique invenitur bdellium et lapis onychinus/ et nomen fluvio secundo Geon ipse est qui circuit omnem terram Aethiopiae/ nomen vero fluminis tertii Tigris ipse vadit contra Assyrios fluvius autem quartus ipse est Eufrates*) (Gn 2, 10-14).

A despeito de tais obstáculos, a permanência de um Paraíso físico curiosamente se enraizaria, nos séculos subsequentes. Crê-se que o Éden esteja no extremo Oriente, inacessível aos homens em razão do pecado original, porém marcadamente físico e contíguo ao mundo habitado: uma contiguidade, ressalte-se, intransponível. Muitas são suas hipóteses. Isidoro,

¹⁸² O trecho também é reproduzido por Scafi (2006, p. 46).

por exemplo, identifica o Giom e o Pisom respectivamente com os rios Nilo e Ganges: “Ele [sc. o Giom] é chamado de Nilo, entre os egípcios” (*Hic apud Aegyptios Nilus vocatur*)¹⁸³, e mais à frente: “O rio Ganges, ao qual a Sagrada Escritura dá o nome de Pisom, corre em direção às regiões da Índia, depois de sair do Paraíso” (*Ganges fluvius, quem Pishom sancta Scriptura cognominat, exiens de Paradiso pergit ad Indiae regiones*)¹⁸⁴. Outros, em seu turno, preferirão enfatizar o caráter extremo do jardim, isolado da humanidade por meio de uma geografia que o tornara remoto e protegido. A título de exemplo, lê-se na *Glossa Ordinaria*¹⁸⁵, comentário atribuído a Estrabão (c. 808-849): “Certos textos dizem que: ‘O Éden está onde nasce o Sol’. Do que podemos concluir que o Paraíso está situado no oriente. Seja como for, sabemos que ele é terreno e que está muitíssimo longe do nosso mundo. Ele está separado [de nós] pelo Oceano e por montanhas, situado no alto, chegando até o círculo lunar. Motivo pelo qual as águas do Dilúvio não chegaram ali” (*Quidam codices habent: “Eden ad ortum”. Ex quo possumus conjicere paradisum in Oriente situm. Ubicunque autem sit, scimus eum terrenum esse, et interjecto Oceano, et montibus oppositis, remotissimum a nostro orbe, in alto situm, pertingentem usque ad lunarem circulum; unde aquae diluvii illuc minime peruenerunt*).

¹⁸³ Reta e Casquero (2004, p. 988).

¹⁸⁴ *Ibid.* A tradição lhe é anterior, remetendo-nos a Agostinho, mais uma vez, e ao historiador judeu Flávio Josefo (c. 37-100 d. C.). Escrevem os dois respectivamente: “Por certo, o Giom é aquele que é chamado agora de Nilo; o Pisom era chamado o [rio] que agora nomeiam como Ganges; os dois restantes, o Tigre e o Eufrates, mantiveram seus nomes antigos” (*Geon quippe ipse est, qui nunc dicitur Nilus; Phison autem ille dicebatur, quam nunc Gangem appellant; duo uero cetera, Tigris et Euphrates, antiqua etiam nomina tenuerunt*) (*De Genesi ad litteram*, VIII, VI, 13); “Now this garden is watered by a single river whose stream encircles all the earth and is parted into four branches. Of these Phison (a name meaning ‘multitude’) runs towards India and falls into the sea, being called by the Greeks Ganges; Euphrates and Tigris end in the Erythraean Sea: the Euphrates is called Phoras, signifying either ‘dispersion’ or ‘flower,’ and the Tigris Diglath, expressing at once ‘narrowness’ and ‘rapidity’; lastly Geon, which flows through Egypt, means ‘that which wells up to us from the opposite world,’ and by the Greeks is called the Nile” (*ἄρδεται δ’ οὗτος ὁ κῆπος ὑπὸ ἐνὸς ποταμοῦ πᾶσαν ἐν κύκλῳ τὴν γῆν περιρρέοντος, ὃς εἰς τέσσαρα μέρη σχίζεται. καὶ Φεισὼν μὲν, σημαίνει δὲ πληθὺν τοῦνομα, ἐπὶ τὴν Ἰνδικὴν φερόμενος ἐκδίδωσιν εἰς τὸ πέλαγος ὑφ’ Ἑλλήνων Γάγγης λεγόμενος, Εὐφράτης δὲ καὶ Τίγρις ἐπὶ τὴν Ἐρυθρὰν ἀπίασι θάλασσαν καλεῖται δὲ ὁ μὲν Εὐφράτης Φοράς, σημαίνει δὲ ἥτοι σκεδασμὸν ἢ ἄνθος, Τίγρις δὲ Διγλάθ, ἐξ οὗ φράζεται τὸ μετὰ στενότητος ὀξύ. Γηὼν δὲ διὰ τῆς Αἰγύπτου ῥέων δηλοῖ τὸν ἀπὸ τῆς ἐναντίας ἀναδιδόμενον ἡμῖν, ὃν δὴ Νεῖλον Ἕλληνες προσαγορεύουσιν*) (*Antiquidades judaicas*, I, 38-39) (A tradução é de H. St. J. Thackeray). Para explicações concernentes à geografia descrita por Josefo, cf. Thackeray (1961, pp. 19-21).

¹⁸⁵ Trata-se de uma série comentários sobre o texto bíblico baseados em passagens dos Padres da Igreja. A obra fora, por muito, atribuída a Estrabão e Anselmo de Laon (séc. XII).

Assim como ocorrera com o Inferno e o Purgatório, as definições envolvendo o Paraíso se revelarão, no entanto, precárias. As mesmas estarão sujeitas a uma percepção geográfica que as solapa aos poucos, à medida que são adquiridos conhecimentos sobre territórios até então quase que fabulares. O jardim do Éden se depara, neste caso, com a necessidade de adequar-se; sua posição torna-se volúvel, à luz, por exemplo, de uma Ásia cada vez mais próxima do mundo conhecido¹⁸⁶. A partir do séc. XV, encontramos-lo por toda parte: ao sul do continente africano (XV)¹⁸⁷, destruído pelo Dilúvio (*ibid.*)¹⁸⁸, na Mesopotâmia (XVI)¹⁸⁹, no polo Norte (*ibid.*)¹⁹⁰, na Armênia (XVII)¹⁹¹, entre outras.

Enfim, o Paraíso que outrora tivera uma posição de destaque em mapas como os de Ebstorf (1235-40) e Hereford (c. 1300), cuja orientação mantinha-se a leste¹⁹², ou seja, exibindo o jardim edênico em seu topo, paulatinamente se defronta com a dificuldade em ser representado. Tendo sido aceito um dia como lugar tão real quanto Roma ou Paris (Scafi 2006, p. 19), ele desaparecia por um motivo peculiar: tentava-se fixá-lo.

Comentários finais

Ao se falar de um “Outro mundo”, poderíamos pensar numa ruptura totalizante entre vivos e mortos. Mais do que isso, poder-se-ia imaginar a existência de um espaço que, fisicamente deslocado do mundo dos vivos,

¹⁸⁶ Scafi (2006, pp. 198 e 201) assinala, entre outras razões, dois pontos importantes sobre uma nova concepção geográfica europeia no que se refere a regiões longínquas (as asiáticas, por exemplo): o primeiro, o intercâmbio europeu (1250-1350) numa Ásia sob domínio Mongol, o qual propiciaria um novo fluxo de informações geográficas concernentes à respectiva região; o segundo, a introdução da carta náutica no início do séc. XIII, na região do Mediterrâneo. Ainda segundo Scafi (*ibid.*, p. 254) nenhum *mappa mundi*, a partir de 1500, teria entre suas representações a do Paraíso, relegando-o somente a mapas regionais cuja principal função seria a da exegese bíblica.

¹⁸⁷ Vide mapa do veneziano Albertin de Viga, produzido em 1411 ou 1415. Esta e as referências a seguir foram retiradas de Scafi (2006 e 2013).

¹⁸⁸ Lutero (1483-1546) é um dos que prega uma drástica mudança geográfica, advinda do Dilúvio.

¹⁸⁹ Calvino (1509-1564), semelhantemente a Augustinus Steuchus (1496-1549), o qual fora diretor da Biblioteca do Vaticano, vê a Mesopotâmia como uma provável região do Paraíso.

¹⁹⁰ A teoria é do jesuíta Guillaume Postel (1510-1581).

¹⁹¹ Entre os defensores da ideia, estariam Marmaduke Carver (séc. XVII), pároco de Yorkshire, e o beneditino Augustin Calmet (séc. XVIII).

¹⁹² Diferentemente da tradição ptolomaica de representar o norte no topo, há o costume medieval de fazê-lo com o leste na parte mais alta do mapa.

nada faria salvo exacerbar os elementos fantásticos deste suposto “Outro Mundo”, em detrimento de aspectos geográficos não necessariamente tidos como diversos do mundo habitável.

Diante de tais observações, não se objetivou aqui uma defesa de certa mundividência descrita nos textos apresentados. Fazê-lo seria incorrer no que entendemos como uma atitude similar àquela debatida. Também não se pretendeu, no trabalho como um todo, uma exaustão dos temas abordados, algo que seria, a nosso ver, uma tentativa de limitar as representações da morte. Ao cabo, a despeito de expressões como “homem medieval” nos parecerem incorrer em simplificações tais aquelas que se pretenderam evitar aqui, acreditamos feliz certa colocação de Jacques Le Goff (1989, p. 36) a qual é reproduzida por Scafi (2006, p. 25). Como ele, consideramos um recurso em demasia artificial tentar separar de maneira terminante um espaço de vivos e mortos. Talvez fosse mais frutífero discutir os seus modos de acesso. Buscar uma solução teológica também não solucionará o problema, pois o próprio purgatório de *Lough Derg* continuará a ser visitado, apesar de sua condenação papal, no séc. XV. Esperamos apenas que, ao apresentar algumas das fontes acima, parte das sutilezas que cercam o tema possam dar-se a conhecer, ainda que em suas incongruências aparentes ou não. Esta é a nossa única ressalva à certeza expressa na citação abaixo: “Não há uma ruptura, menos ainda uma barreira entre este mundo e o além. A existência do Purgatório é comprovada por aparições, e cavidades terrestres levam até ele: crateras sicilianas ou cavernas irlandesas. Mesmo os mortos condenados, os fantasmas do paganismo e do folclore, impelidos por Satanás, aparecem. A aparição assusta, mas não surpreende” (*Il n’y a pas de coupure, encore moins de barrière entre ce monde et l’au-delà. L’existence du purgatoire se prouve par des apparitions, et des cavités terrestres y conduisent: cratères siciliens ou grottes irlandaises. Même les morts illicites, les revenants du paganisme et du folklore, poussés par Satan, apparaissent. L’apparition effraie mais ne surprend pas*).¹⁹³

¹⁹³ Nossa tradução não se baseia no texto em inglês fornecido por Scafi (2006, p. 25), mas no original de Le Goff (1989, p. 36).

TRACTATUS DE PURGATORIO
SANCTI PATRICII

TRACTATUS DE PURGATORIO SANCTI PATRICII

Incipit primus Liber Reuelationum

De Purgatorio Patricii

5

*Patri svo in Christo preoptato, domino .H. abbati de Sartis, frater .H.,
monachorum de Saltereia minimus, cum continua salute, patri [filius],
10 obediencie munus.*

*[2.] Iussistis, pater uenerande, ut scriptum uobis mitterem, quod de
Purgatorio in uestra me retuli audisse presentia. Quod quidem eo libentius
aggredior, quo ad id explendum paternitatis uestre iussione instantius
compellor. Licet enim utilitatem multorum per me prouenire desiderem, non
15 nisi iussus tamen talia presumerem. Uestram uero minime lateat
paternitatem me nunquam legisse quicquam uel audisse, unde in timore et
amore Dei tantum profecirem. Et quoniam beatum papam Gregorium
legimus multa dixisse de hiis, que erga animas fiunt terrenis exutas, et
corporali narratione plurima proposuisse, ut et tristibus negligentium
20 animos terreret et letis iustorum affectum ad deuotionem inflammaret,
fiducialius quod iubetis ad profectum simplicium perficiam. In multis enim
exemplis que proponit ad exitum animarum angelorum bonorum siue
malorum presentiam adesse dicit, qui animas pro meritis uel ad tormenta
pertrahant uel ad requiem perducant. Sed et ipsas animas, adhuc in corpore
25 positas, ante exitum multa aliquando de hiis, que uentura sunt super eas,
siue ex responsione conscientie interiori siue per reuelationes exterius
factas prescisse fatetur. Raptas etiam et iterum ad corpora reductas
uisiones quasdam et reuelationes sibi factas narrare dicit siue de tormentis
impiorum seu de gaudiis iustorum et in hiis tamen nichil nisi corporale uel
30 corporibus simile recitasse: flumina, flammæ, pontes, naues, domos et
nemora, prata, flores, homines nigros uel cândidos, et cetera qualia in
hoc mundo solent uel ad gaudium amari uel ad tormentum timeri; se
quoque, solutas corporibus, solutas corporibus, manibus trahi, pedibus*

TRATADO DO PURGATÓRIO DE SÃO PATRÍCIO

Início do Primeiro Livro das Revelações¹⁹⁴.

Sobre o Purgatório de São Patrício.

I¹⁹⁵

Ao seu muito querido pai em Cristo, senhor H., abade de Sartis¹⁹⁶, o irmão H., menor dos monges de Sawtry¹⁹⁷, oferece em contínua saudação um presente de sua obediência, assim como um filho ao pai.

2. Pai venerando, ordenastes que eu vos enviasse, por escrito, aquilo que em vossa presença relatei ter ouvido sobre o Purgatório. E, em verdade, quanto mais de bom grado dou seguimento a isso, com mais diligência sou compelido a executá-lo, frente à solicitação de Vossa Paternidade. Ainda que eu desejasse prover de minha parte algo de útil a muitos, não levaria adiante tal tarefa, caso não tivesse sido solicitado a fazê-lo. Além disso, de modo algum se esconda de Vossa Paternidade que alguma vez eu tenha lido ou ouvido algo que tanto aproveitasse em meu temor e amor a Deus. E visto que lemos o bem-aventurado papa Gregório¹⁹⁸ muito dizer acerca destas coisas, que ocorrem em relação às almas libertas dos assuntos terrenos, bem como expor muitíssimas outras por meio de narrativas corpóreas, aterrorizando, pois, com tristezas os espíritos dos negligentes e inflamando

¹⁹⁴ Trata-se de rubrica do *Liber Revelationum* (1200), de Peter of Cornwall (c. 1139/ 40 – 1221), no qual o *Tractatus* (T) é o primeiro item.

¹⁹⁵ A numeração é nossa, não constando do original.

¹⁹⁶ Cf. cap. 2, item 2.2

¹⁹⁷ *Ibid.*, item 2.1.

¹⁹⁸ São Gregório Magno (c. 540 – 604), cujo papado deu-se a partir de 590. Conforme expresso anteriormente, seus *Dialogorum Libri IV*, sobretudo o último deles, exercerão indelével influência em textos análogos a T. Leem-se, por exemplo, na *Visio Wettini* (séc. IX) e no *Liber Revelationum*, em que também é citado nominalmente: “Assim quando terminaram, ergueu-se e se sentou em seu leito, pedindo que o ‘Diálogo’ [i.e. os ‘Diálogos’] do bem-aventurado Gregório lhe fosse lido. Enquanto ouvia, o início do último livro do mesmo ‘Diálogo’ foi lido até o fim da página nove ou dez” (*Illis ita finitis surrexit, ei resedit in lectulo, postulans Dialogum beati Gregorii sibi legi. Principia ergo ultimi libri ejusdem Dialogi audiente eo lecta sunt usque ad consummationem novem aut decem foliorum*). (PL VisWet, p. 773). Por sua vez, em *LibRev* (p. 76): “Do mesmo modo, nem todas as revelações de um [só] livro, por exemplo, os *Diálogos de Gregório* ou as *Vidas dos Padres*, serão encontradas no primeiro livro deste volume, nem todas no segundo”. (*Similiter nec omnes reuelationes unius libri, verbi gratia Dialogi Gregorii, aud Vitas patrum, in primo huius uoliminis libro reperientur, nec omnes in secundo*).

duci, collo suspendi, flagellari, precipitari et multa huiusmodi, que nostre minime repugnant narrationi. Notum esta utem multosmultociens quesisse qualiter anime a corporibus exeant, quopergant, quid inueniant, quid percipiant quidue sustineant. Que, quia a nobis sunt abscondita, magis nobis sunt timenda quam querenda. Quis enim umquam cum securitate in incertoperrexit itinere? Hoc uero omnibus certum habetur quod uitam bonam mors mala non sequitur. Et licet usque ad mortem maneat meritum et post mortem reddatur Premium, pena tamen post mortem esse dicitur, que purgatoria nominatur, in qua hii, qui in hac uita in quibusdam culpis, iusti tamen et ad uitam eternam predestinati, uixerunt, ad tempus cruciabuntur ut purgentur. Vnde, quemadmodum a Deo corporales pene dicuntur preparate, ita ipsis penis loca corporalia, in quibus sunt, dicuntur esse distincta. Creduntur tamen tormenta maxima, ad que culpa deorsum premit, `in` imo esse, et maxima[uero] gaudia, ad que sursum per iusticiam ascenditur, in summo; in medio autem bona esse et mala [media]; quod et hu`i`c uidetur congruere narrationi. Et quidem infernus subtus terram uel infra terre concauitatem quase carcer et ergastulum tenebrarum a quibusdam esse creditur, narratione ista nichilominus asseritur. Et quod paradysus in oriente et in terra sit, narratio ista ostendit, ubi fidelium anime, a penis purgatoriis liberate, dicuntur aliquandiu morari iocunde. Dicit uero beatus Augustinus animas defunctorum post mortem usque ad ultimam ressurrectionem abditis receptaculis contineri, sicut unaqueque digna est, uel in requiem uel in erumpnam. Quod et beatus Augustinus et beatus Gregorius incorporeos spiritus dicunt pena corporalis ignis posse cruciari, ista uidentur etiam affirmari narratione. In pena uero purgatoria, qua post exitum purgantur electi, certum est alios aliis plus minusue pro meritis cruciari; que quidem ab hominibus non possunt diffiniri, quia ab eis minime possunt sciri. Ab eis tamen, quorum anime a corporibus exeunt et iterum iubente Deo ad corpora redeunt, signa quedam corporalibus similia ad demonstrationem spiritualium nuntiantur, quia, nisi in talibus et per talia ab animabuscorporibus exutis uiderentur, nullo modo ab eisdem, ad corpora reuersis, in corpore uiuentibus et corporalia tantum scientibus, intimarentur. Vnde et in hac narratione a corporali et mortali homine spiritalia dicuntur uideri quase in specie et forma corporali. Quis uero eam

com alegrias a afeição dos justos no caminho à devoção, com mais confiança hei de cumprir o que ordenais, para o proveito dos mais simples. Nos muitos exemplos que relata, ele diz haver a presença de anjos bons ou maus na partida das almas¹⁹⁹, os quais ou as arrastam para seus tormentos, ou as conduzem ao seu descanso²⁰⁰, segundo seu mérito. Gregório também afirma que as próprias almas, ainda depositadas no corpo, têm, antes de partir, presciência de muito do que futuramente recairá sobre elas, seja pela resposta de sua consciência interior, seja através de revelações externas feitas a elas. Diz ele que algumas almas, as quais são arrebatadas e então de novo reconduzidas a seus corpos, narram certas visões e revelações que lhe são feitas, seja acerca dos tormentos dos ímpios, seja das alegrias dos justos; e que, no entanto, declaram nada haver nessas que não seja corpóreo ou similar a corpos²⁰¹, como: rios, chamas, pontes, embarcações, casas e bosques, prados, flores, homens negros ou brancos, e outras coisas, que costumam, neste mundo, ou serem amadas para a nossa alegria, ou temidas para o nosso tormento²⁰²; também declaram que, uma vez livres de seus corpos, são arrastadas pelas mãos, levadas pelos pés e erguidas pelo

¹⁹⁹ Tal segmentação se encontra ainda em outro trecho do *LibRev* (p. 296): “Ele então diz: ‘Fui levado agora mesmo diante do tribunal de Cristo, onde Santa Maria estava sentada no trono à direita de Seu Filho. Estava presente uma enorme multidão de anjos bons e maus por todos os lados à minha volta’ (*Ille autem ait, ‘Modo fui ante tribunal Christi adductus, ubi sancta Maria sedit in throno ad dextram filii sui. Affuit et multitudo maxima tam bonorum quam malorum angelorum undique in circuito meo [...]’*). Ademais, cf. *Dialogi*, 37, 12.

²⁰⁰ Bíblico em última análise [cf., por exemplo, Ps 61, 13; Mt 16, 27; Rm 2,6; I Cor 3, 8; Apc 2, 23], o tema da retribuição é constantemente aludido em seu aspecto punitivo nos *apocrypha* e *pseudepigrapha*. Cf. ANT ApPet [ethiopic] 1, 6; e OTP 3En 43, 44: 1-4; SibOr2 39-55, 149-152, 253-254, 283-338; QuesEzra (Recension A) 2-4; QuesEzra (Recension B) 1-3; 3Bar [slavonic] 16: 4. Ademais, cf. HE *VisFur* pp. 165-166; *Dialogi*, cap. XXVIII, p. 99; cap. XXXVII, p. 124-135. No caso da *VisPauli*, diz-se: “Lá são torturados e todos recebem [sua recompensa], segundo suas obras” (*Ibi cruciantur et recipiunt omnes secundum opera sua*) (vide Anexos, p. 151); “Acima do rio há uma ponte, pela qual as almas justas atravessam sem qualquer hesitação, e muitas almas pecadoras são mergulhadas, cada uma segundo seu mérito” (*Et desuper illud flumen est pons, per quem transeunt anime iuste sine ulla dubitatione, et multe peccatrices anime merguntur unaqueque secundum meritum suum*) (*ibid.*, pp. 151-152); “Qualquer um pode ir pela ponte tanto quanto seja o seu mérito” (*Tantum vero potest quisque per pontem illum ire quantum habet meritum.*) (*ibid.*). O tema não é tampouco esquecido no *LibRev* (p. 202): “E quanto menos sabia sobre as penas dos maus e os prêmios dos bons, mais ansioso estava para conhecê-[los]” (*et quanto minus de penis malorum et premiis bonorum nouerat, tanto magis talia scire sollicitus erat*).

²⁰¹ Cf. *Dialogi*, cap. XXXII, pp. 108-109.

²⁰² Cf. principalmente *PL De sacramentis*, XVI, cap. ii, de Hugo de São Victor (†1142). Ver também *Dialogi* XXXVII, 8-9, p. 130.

*mihi retulerit et quomodo eam agnouerit, in fine narrationis indicabo.
Quam quidem narrationem, si bene memini, ita exortus est.*

pescoço, flageladas e arremessadas²⁰³, além de sofrer muitos suplícios de igual natureza, os quais, de forma alguma, estão em desacordo com a nossa narrativa. É sabido que muitos, muitas vezes, perguntaram-se de que maneira as almas deixam os corpos, aonde se dirigem, o que lá encontram, o que obtêm ou o que suportam. São coisas que, por nos terem sido ocultadas, devem ser mais temidas do que procuradas por nós. Quem alguma vez prosseguiu, com segurança, por um caminho incerto? No entanto, todos tem como certo que uma morte ruim não se segue a uma boa vida²⁰⁴. Além disso, embora seu mérito permaneça até o instante da morte e depois dela lhes seja dada sua recompensa, diz-se que há, após a morte, uma pena, chamada de purgatória²⁰⁵, na qual aqueles que viveram certas faltas nesta vida, mas que são justos e predestinados à vida eterna, serão torturados no momento oportuno, a fim de que sejam purgados. Logo, assim como se diz que penas corpóreas são preparadas por Deus, também se diz que lugares corpóreos – lugares em que estas se encontram – são definidos, a partir das próprias penas. Acredita-se que a culpa pressiona para baixo, na direção dos maiores tormentos, que estariam na parte mais profunda; por outro lado, as maiores alegrias estariam no ponto mais alto, às quais, pela justiça, ascende-se às alturas; no meio, benesses e males medianos, o que também parece ser congruente com esta narrativa. Alguns creem, ademais, que o Inferno se situe sob a terra ou abaixo de sua concavidade²⁰⁶, como se fosse um cárcere

²⁰³ O argumento se constrói quase como por extensão à materialidade expressa acima. O aspecto tátil das almas encontra, por sua vez, amparo em significativo número de textos escatológicos. Cf. OTP 2En [J] 7: 1; 3En 44: 3; ApZeph 10: 4-5; e *VisPauli* 6-9, p. 151.

²⁰⁴ *notum... sequitur*. Cf. *PL De sacramentis*, XVI, cap. ii. A noção é antes expressa por Agostinho, em *PL De Ciu. Dei*, I, cap. xi.

²⁰⁵ Para um uso em algum grau similar do adjetivo, embora em contextos históricos díspares, cf. OTP 3En 44: 5 e SibOr8 411; ANT ApPet [ethiopic] 6. A título de exemplo, listam-se abaixo dois outros empregos da adjetivação: “Ainda assim se deve crer, a respeito de pequenas faltas, que há um fogo purgatório antes do Juízo, conforme aquilo que diz o Senhor: ‘se alguém disser uma blasfêmia contra o Espírito Santo, nem nesta vida será perdoado, nem na futura’ [Mt 12, 32]” (*Sed tamen de quibusdam levibus culpis esse ante iudicium purgatorius ignis credendus est, pro eo quod ueritas dicit, quia si quis in sancto Spiritu blasphemiam dixerit, neque in hoc seculo remittetur ei, neque in futuro*) (*Dialogi*, cap. XLI, 3). Ademais, “disse que as penas que suportou no Inferno eram mais brandas do que as penas transitórias da mulher citada” ([...] *dixit penas suas, quas ipse in inferno sustinuit, mitiores esse penis mulieris predictae transitorias*) (*LibRev*, p. 264).

²⁰⁶ Cf. ApPet [ethiopic] 6. O tema é abordado por Gregório Magno, que o arremata de modo quase a atenuar parte dos argumentos precedentes: “Visto que é dito que ninguém digno foi encontrado para abrir o livro sob a terra, não vejo o que se oponha à crença de que o Inferno esteja sob ela” (*Cum ergo ad solvendum librum nullus sub terra inventus dignus dicitur, quid obstet non video ut sub terra infernus esse credatur*) (*Dialogi*, cap. XLIII, p. 158). O trecho bíblico a que se refere é, sobretudo, Apc 5, 3: “e ninguém no céu, nem na

ou uma tenebrosa masmorra²⁰⁷, coisas que essa narrativa não menos deixa de declarar²⁰⁸. Ela também demonstra que o Paraíso está no Oriente e sobre a terra²⁰⁹, onde as almas dos fiéis, libertadas das penas do purgatório, permanecem, segundo dizem, em júbilo por tempo considerável. Diz o bem-aventurado Agostinho²¹⁰ que as almas dos mortos são mantidas, desde sua morte até à última ressurreição, em receptáculos secretos, tal como convém a cada uma, seja para o seu descanso, seja para a sua aflição²¹¹. Por sua vez, tanto o bem-aventurado Agostinho, quanto o bem-aventurado Gregório dizem que os espíritos incorpóreos podem ser torturados pela pena do fogo corporal²¹², o que também parece ser confirmado na respectiva narração. Na

terra, nem sob a terra, podia abrir o livro nem olhar para ele” (*et nemo poterat in caelo neque in terra neque subter terram aperire librum neque respicere illum*). No entanto, ver discussão nos capítulos 3 e 4 do presente trabalho.

²⁰⁷ Para a representação do Inferno (ou variantes) como uma prisão e/ou seus habitantes como prisioneiros, cf. OTP IEn 10: 13-14; 14: 5-6; 18: 14; 21: 10; 2En [J] 18: 3; 2En [J e A] 40: 12-13; ANT GNic [Latin A] pp. 193-194.

²⁰⁸ Grande parte do que foi dito é retirado de Hugo de São Victor. Cf. *PL De sacramentis*, XVI, cap. iv.

²⁰⁹ Vide nosso cap. 4 acima.

²¹⁰ Conforme explicitado nas seções introdutórias, Sto. Agostinho (354 – 430) exerce enorme influência acerca do tema do porvir, embora evite definições categóricas sobre ele. Entre os textos que mais instigaram os estudiosos (modernos e antigos) ao tópico supracitado, está o “Enquirídio a Laurêncio: sobre a Fé, a Esperança e o Amor” (*Enchiridion ad Laurentium: De Fide, Spe et Caritate*), comumente citado por tratar de questões como o fogo purgatório (cap. LXIX/ 18) e a morada dos mortos (cap. CIX/ 29), no além.

²¹¹ Cf. *PL Enchiridion ad Laurentium*, 29, 109. O trecho é por nós citado e traduzido no cap. 4. O trecho também é citado por Hugo de São Victor, em *PL De sacramentis*, XVI, cap. v.

²¹² De modo geral, dedica-se ao tópico o cap. XXX dos *Dialogi*. Cf. também *PL De Ciu. Dei*, XXI, cap. x; e *PL De sacramentis*, XVI, cap. v. Em Dante, o fogo é o elemento principal da sétima e última cornija do Purgatório, na qual são punidos os luxuriosos. Além disso, o próprio poeta deverá se submeter à prova, antes de adentrar o Paraíso Terrestre. Lê-se ali: “Chegando agora ao último cordão,/ fomos pra destra após galgada a crista,/ atentas a uma nova precaução/ Aqui da costa um fogo invadea pista/ e, da borda pra cima, sopra um vento/ que o respinge, e uma via dele conquista;/ que seguimos então com passo atento,/ só de um e um, e eu sempre a recear/ por cá o fogoe por lá o tombamento” (*E già venuto a l’ultima tortura/ s’era per noi, e volto a la man destra,/ ed eravamo attenti ad altra cura./ Quivi la ripa fiamma in fuor balestra,/ e la cornice spira fiato in suso/ che la riflette e via da lei sequestra;/ ond’ir ne convenia dal lato schiuso/ ad uno ad uno; e io temëa ’l foco/ quinci, e quindi temeva cader giuso*) (*Purgatorio*, canto XXV, vv. 109 – 117). Assim como nos excertos abaixo, a tradução é de Italo Eugenio Mauro; “Que lhes dure creio eu tal tratamento/ por todo o tempo em que o fogo os queimar,/ pois deverá essa cura e esse alimento,/ por fim, a última chaga remendar” (*E questo modo credo che lor bastil per tutto il tempo che ’l foco li abbruscia:/ con tal cura conviene e con tai pastil/ che la piaga da sezzo si ricuscia*) (*ibid.*, vv. 135 – 139); “E depois: ‘Ninguém passa se o não morde/ o fogo; cada um ora o atravessa/ e ao canto de lá atento estar recorde’” (*Poscia “Più non si va, se pria non morde,/ anime sante, il foco: intrate in esso,/ e al cantar di là non siate sorde”*) (*Purgatorio*, canto XXVII, vv. 10-12); “‘Creias que poderias, deste bravo/ fogo no centro, demorar mil anos/ sem do cabelo teu perder um fio’” (*Credi per certo che se dentro a*

pena purgatória, por meio da qual os eleitos são purgados após sua morte, é certo que cada um é torturado em maior ou menor medida segundo os seus méritos, os quais não podem ser determinados pelos homens, porque não podem ser conhecidos por eles de nenhum modo. No entanto, alguns homens, cujas almas saem dos corpos e a eles retornam por ordem de Deus, anunciam certos sinais similares aos corpóreos para a demonstração do que é espiritual. Se os espíritos, livres dos seus corpos, não os vissem em locais e através de penas dessa natureza, de nenhum modo as entenderiam ao retornarem aos seus corpos, eles que vivem no corpo e que apenas conhecem o que é corporal²¹³. É por esse motivo que, nesta narração, diz-se que um homem mortal e ainda em seu corpo vê aquilo que é espiritual, como se possuísse aparência e forma corpóreas. Enfim, quem me relatou esta história e de que maneira tomou conhecimento dela, indicarei ao fim da narração, que, se bem me lembro, começa assim:

l'alvo/ di questa fiamma stessi ben mille anni,/ non ti potrebbe far d'un capel calvo.)(ibid., vv. 25 – 27).

²¹³ *ab eis... intimarentur. Cf. PL De sacramentis, XVI, cap. ii.*

Dicitur `Magnus`sanctus Patricius, qui a primo est secundus. Qui dum in Hybernia uerbum Dei predicaret atque miraculis gloriosis choruscaret, studuit bestiales hominum illius patrie animos terrore tormentorum infernalium a malo reuocare et paradysi gaudiorum promissione in bonum confirmare. 'Eos uero', inquit relator horum, 'bestiales esse, ueraciter et ipse comperi. Cum enim essem in patria illa, accessit ad me uir quidam ante Pascha cano quidem capite et etate decrepita, dicens se corporis et sanguinisChristi numquam percepisse sacramentum et in illo die proximo Pasche se tanti sacramenti uelle fieri participem. Et, quoniam uidebat me et monachum esse et sacerdotem, mihi per confessionem uitam suam manifestare curauit, quatinus ad tantum sacramentum securius posset accedere. Et quoniam illius patrie linguam ignorauit, interpretem mihi adhibens, eius confessionem recepi. Qui cum finem confessionis sue faceret, ipsum per interpretem interrogaui, si 'hominem' umquam interfecisset. Qui respondit se pro certo nescire si plures quam quinque tantum homines interfecisset. Ita dixit paruipendens et quase satis innocens esset in eo quod tam paucos occidisset, Multos uero a se uulneratos asseruit, de quibus ignorauit si inde obierint an non. Putabat enim homicidium esse non peccatum dampnabile. Cui cum dicerem grauissimum hoc esse peccatum et in hoc creatorem suum dampnabiliter offendisse, quicquid illi pro peccatorum suorum absolutione preciperem, gratanter suscipere et absque ulla retractacione uelle se perficere respondit. Habent enim hoc quase naturaliter homines illius patrie ut, sicut sunt alterius gentis hominibus per ignorantiam proniores ad malum, ita, dum se erase cognouerint, promptiores et stabiliores sunt ad penitendum.' Hec ideo proposui ut eorum ostenderem bestialitatem.

II

É chamado “O Grande” aquele São Patrício que é o segundo²¹⁴, tendo em vista o primeiro²¹⁵. Ele que, enquanto pregava a palavra de Deus na Hibérnia e brilhava por meio de gloriosos milagres, aplicou-se em afastar do mal os espíritos bestiais dos homens daquele país, com o terror dos tormentos do Inferno, e os encorajar ao bem, com a promessa das alegrias do Paraíso. Diz o narrador destes eventos: “Em verdade, eu próprio testemunhei serem eles homens bestiais, pois, estando naquele país, aproximou-se de mim, antes da Páscoa, certo homem de cabelos brancos e idade muito avançada, dizendo nunca ter recebido o sacramento do corpo e do sangue de Cristo e que, naquele dia seguinte de Páscoa, desejava tomar parte de tão importante sacramento. Assim, vendo que eu era não só monge, mas também padre, cuidou de revelar-me sua vida, em confissão, de modo que pudesse com mais segurança se submeter a tamanho sacramento. E porque eu ignorava a língua daquele país, recebi sua confissão, recorrendo a um intérprete. Quando chegou ao fim da confissão, questionei-o, por meio do mesmo intérprete, se alguma vez matara um homem. Ele respondeu não saber ao certo se teria matado número maior que o de cinco apenas. E o disse desse modo, fazendo pouco caso, como se fosse inocente nisso, visto que tinha tirado a vida de tão poucos. Também afirmou que havia ferido muitos, a respeito dos quais ignorava se teriam ou não morrido depois. Pensava não ser o homicídio um pecado digno de danação. Tendo-lhe então dito que era esse um pecado gravíssimo e que, através dele, ofendera condenavelmente seu Criador, respondeu que suportaria de bom grado tudo o que lhe aconselhasse pela absolvição de seus pecados, além de desejar o que fosse haja vista sua retratação. Os homens desse país têm isso, pois, quase como algo natural e, ainda que estejam mais propensos ao mal do que homens de outros lugares, por sua ignorância, são também mais firmes e

²¹⁴ i.e. São Patrício (séc. V), “Apóstolo dos irlandeses”, título que lhe é atribuído haja vista seu papel evangelizador naquele país.

²¹⁵ *Palladius* (séc. V), santo tido como precursor de Patrício na Irlanda e a quem se refere também por esse nome. Sobre as atribuições equivocadas concernentes à sua pessoa, ver Easting (1991, p. 237).

dispostos a se penitenciarem, ao tomarem consciência de que erraram”.
Expus tais acontecimentos, com o propósito de demonstrar sua bestialidade.

Igitur, cum beatus Patricius, ut predixi, gentem prefatam et terrore tormentorum et amore gaudiorum ab errore conuertere uoluisset, dicebant
5 se ad Christum numquam conuersuros nec pro miraculis que per eum uidebant fieri nec per eius predicationem, nisi aliquis eorum et tormenta illa malorum et gaudia bonorum posset intueri, quatinus rebus uisis certiores fierent quam promissis. Beatus uero Patricius, Deo deuotus, etiam tunc pro salute populi deuotior in uigiliis, ieiuniis et orationibus atque operibus
10 bonis effectus est. Et quidem, dum talibus pro salute populi intenderet bonis, pius dominus Ihesus Christus ei uisibiliter apparuit, dans ei textum ewangeliorum et baculum unum, que hucusque pro magnis de pretiosis reliquiis in Hybernia, ut dignum est, uenerantur. Idem autem baculus pro eo, quod illum dominus Ihesus dilecto suo Patricio contulit, baculus Ihesu
15 cognominatus est. Quicumque uero in patria illa summus fuerit archiepiscopus, hec habebit, id est textum et baculum, quasi pro signo summi presulatus illius patrie. Sanctum uero Patricium Dominus in locum desertum eduxit, et unam fossam rotundam et intrinsecus obscuram ibidem ei ostendit, dicens, quia quisquis ueraciter penitens uera fide armatus
20 fossam eandem ingressus unius diei ac noctis spacio moram in ea faceret, ab omnibus purgaretur tocius uite sue peccatis, sed et per illam transiens non solum uisurus esset tormenta malorum uerum etiam, si in fide constanter egisset, gaudia beatorum. Sicque ab oculis eius Domino disparente iocunditate spirituali repletus est beatus Patricius tam pro
25 Domini sui apparitione quam pro fosse illius ostensione, per quam sperabat populum ab errore conuersurum. Statimque in eodem loco ecclesiam construxit et beati patris Avgustini canonicos uitam apostolicam `sectantes` in ea constituit. Fossam autem predictam, que in cimiterio est extra frontem ecclesie orientalem, muro circumdedit et ianuas serasque apposuit, ne quis
30 eam ausu temerario et sine licentia ingredi presumeret. Clauem uero custodiendam commendauit priori eiusdem ecclesie. Ipsius autem beati patris tempore multi penitentia ducti fossam ingressi sunt, qui regredientes et tormenta se maxima perpessos et gaudia se uidisse testati sunt. Quorum relationes iussit beatus Patricius in eadem ecclesia notari. Eorum ergo

III

Como dizia, uma vez que o bem-aventurado Patrício quisesse afastar aquela gente do erro, seja pelo terror dos tormentos, seja pelo amor das alegrias, diziam em resposta que nunca se converteriam ao Cristo, nem por causa dos milagres que viam ocorrer por meio do santo, nem por causa de sua pregação, a não ser que algum deles pudesse contemplar os tormentos dos maus e as alegrias dos bons, pois ficariam mais seguros acerca de coisas vistas e não apenas prometidas²¹⁶. O bem-aventurado Patrício, devotado a Deus, tornou-se então ainda mais devotado, em prol da salvação do povo, em suas vigílias, jejuns, orações e boas obras. E assim, enquanto se voltava a tais boas ações pela salvação do povo, o pio senhor Jesus Cristo apareceu a ele, dando-lhe o texto dos Evangelhos e um báculo, os quais são venerados até hoje na Hibernia como as maiores dentre as relíquias preciosas do país, assim como convém. Esse báculo é denominado báculo de Jesus, pois o Senhor Jesus o conferiu ao dileto Patrício. E todo aquele que vier a ser sumo arcebispo, naquele país, os terá, ou seja, o texto e o báculo, como sinal da suma prelazia do lugar. Após isso, o Senhor conduziu São Patrício a um local deserto e lhe mostrou ali um fosso redondo e escuro por dentro, dizendo que o verdadeiro penitente que, armado com a verdadeira fé²¹⁷, nele entrasse e se demorasse nesse lugar, pelo espaço de um dia e uma noite, seria purgado de todos os pecados de sua vida. Disse também que aquele que o percorresse não apenas haveria de ver os tormentos dos maus, mas também, se agisse de forma constante em sua fé, as alegrias dos bem-aventurados. E assim, quando o Senhor desapareceu diante de seus olhos, o bem-aventurado Patrício encheu-se de júbilo espiritual, tanto pela aparição Dele quanto pela revelação do fosso, por meio do qual esperava afastar o povo para longe do erro. Imediatamente construiu uma igreja nesse mesmo

²¹⁶ Citada no prólogo do *LibRev* (p. 78), selecionou-se passagem em que Gregório Magno enfatiza a importância dada ao sentido da visão como condição de crença: “Mas os homens, porque não são capazes de conhecer o que é invisível por sua experiência, duvidam se existe ou não o que seus olhos corporais não veem” ([...] *sed carnales quique, quia illa invisibilia scire non valent per experimentum, dubitant utrumne sit quod corporalibus oculis non vident*) (*Dialogi*, cap. I, 2, p. 18).

²¹⁷ *fide armatus*. A fórmula é também utilizada por Laurence de Pasztho.

attestacione ceperunt alii beati Patricii predicationem suscipere. Et quoniam ibidem homo a peccatis purgatur, locus ille Purgatorium sancti Patricii nominatur. Locus autem ecclesie Reglis dicitur.

local²¹⁸ e instituiu nela cônegos do bem-aventurado pai Agostinho, seguidores da vida apostólica²¹⁹. Quanto ao fosso mencionado, que se encontra no cemitério junto à face oriental da igreja, ele o cercou com um muro e lhe ajuntou portas com ferrolhos, para que ninguém ousasse adentrá-lo, com temerária audácia e sem autorização²²⁰. Por fim, confiou a guarda da chave ao prior da igreja. No tempo do bem-aventurado pai, muitos, levados pela penitência, ingressaram no fosso, os quais, ao retornar, testemunharam ter suportado tormentos e visto alegrias enormes. Seus relatos o bem-aventurado Patrício ordenou que fossem anotados na própria igreja. Graças a esses testemunhos, outros começaram a aceitar a pregação de bem-aventurado Patrício. E porque ali o homem é purgado de seus pecados, aquele local é chamado de O Purgatório de São Patrício; e onde está a igreja se chama Reglis²²¹.

²¹⁸ Não obstante *T* pouco atue no sentido de sua precisão geográfica, a narrativa que lhe sucede, no *LibRev*, é bastante explícita sobre a localização do Purgatório: “O supracitado Purgatório está à distância de quatro dias da cidade de Dublin, em direção ao norte. De Dublin até Mellifont é um dia de viagem e também um dia de Mellifont até o monastério de São Patrício. Também é um dia deste monastério até Armagh, sede do arcebispado ou primado, local onde costumam estar as escolas hibernicas. E quase um dia de Armagh até uma ilha de certa maneira grande que é chamada de Mabeoch” (*Predictum igitur Purgatorium distat a ciuitate Duuelina per quattuor dietas aquilonem uersus. Vna enim dieta est a Duuelina usque ad Mellefonsem, et una dieta a Mellefonse usque ad monasterium Sancti Patricii. Et una dieta ab illo monasterio usque ad Armacha sedem Archiepiscopatus siue Primatie, in quo loco scole Hybernicae solent esse, et ab Armacha una dieta fere usque ad quandam insulam aliquantulum magnam que dicitur Mabeoch*) (*LibRev*, p. 132).

²¹⁹ A afirmação de H. de Sawtry é anacrônica, visto que a ordem se estabeleceu na metade do séc. XI. De todo modo, trata-se possivelmente de uma maneira encontrada pelo autor, para atribuir autoridade ao clero local, tendo em vista a figura de Patrício. Para outras informações, vide Easting (1991, p. 239).

²²⁰ O *LibRev* (*ibid.*) acrescenta tradições diferentes sobre as características do local: “O referido Walter [contou] ao referido Bricius – o qual, como dissemos, narrou-me estas coisas – que são diversas as opiniões de alguns sobre a entrada deste Purgatório. Certas pessoas dizem que sua entrada é por uma porta, assim como se encontra no livro a que primeiro fizemos menção e que é escrito sobre o Purgatório de Patrício [i.e. o *Tractatus*]. Outros dizem, no entanto, que são dispostos certos assentos no lado de fora do pátio de um velho que ali permanece, como numa horta ou pomar. Demônios aproximam-se não muito tempo depois daquele que os adentra e o conduzem por diversos locais e tormentos, como lhe parece”. (*Ait igitur predictus Walterus prefato Bricio, qui hec mihi narrauit, ut diximus, quod diuersae sunt quorundam sententiae de introitu ipsius Purgatorii. Dicunt enim quidam quod introitus illius est per portam quandam, sicut continentur in libro de quo prius fecimus mentionem, qui est scriptus de Purgatorio Patricii. Alii autem dicunt quod quedam sedes extra curtem cuiusdam senis, qui ibi manet, sunt paratae, quasi in quodam herbario siue uiridario. Ad quas sedes qui intrat, non multa mora interueniente, accedunt ad eum demones et, ut illi uidetur, ducunt eum per diuersa loca et tormenta*). Ainda sobre o tópico, cf. n.8 de Easting e Sharpe, a qual acompanha o trecho.

²²¹ De acordo com Easting (1991, p. 198), a palavra é derivada do vocábulo irlandês *reicléis*, a saber, um oratório, uma pequena igreja ou uma cela monástica.

Post obitum sancti Patricii erat prior quidam in eadem ecclesia, uir quidem
sancte conuersionis, ita decrepitus ut pre senectute non haberet in capite
5 nisi tantummodo dentem unum. Et, sicut beatus Gregorius dicit, 'Licet senex
sit sanus, ipsa tamen senectute sua semper est infirmus,' uir iste, ne
senectutis sue infirmitate uideretur aliis inferre molestiam, iuxta
canonicorum dormitorium parari sibi fecit cellulam. Porro iuniores fratres
senem uisitantes sepe ex amore iocando dicere consueuerant, 'Quamdiu,
10 pater, in hac uita uis morari? Quando uis hinc abire?' Et ille, 'Mallem,'
inquit, 'fili, hinc abire potius quam ita uiuere. Fiat uoluntas Dei! Hic enim
non sentio nisi miseriam. Alibi uero magnam habebam gloriam.' Porro illi
canonici in cella senis angelos audiebant a dormitorio suo sepius circa eum
cantantes. Cantus autem eorum hunc habebat modum: 'Beatus es tu, et
15 beatus est dens qui est in ore tuo, quem nunquam tetigit cibus delectabilis!'
Eius enim cibus erat sal et panis siccus, potus autem eius aqua frigida. Qui
tandem, ut optauit, feliciter ad Dominum migravit.

[2.] Hoc autem sciendum quod et tempore sancti Patricii et aliis
postea temporibus multi homines Purgatorium intrauerunt, quorum alii
20 reuersi sunt, alii in ipso perierunt. Redeuntium uero narrationes a canonicis
eiusdem loci scripto mandantur. Est autem consuetudo, tam a sancto
Patricio quam ab eius successoribus constituta, ut Purgatorium illud nullus
introeat nisi qui ab episcopo, in cuius est episcopio, licentiam habeat et qui
propria uoluntate illud intrare pro peccatis suis eligat. Qui dum ad
25 episcopum uenerit et ei propositum suum manifestauerit, prius eum hortatur
episcopus a tali proposito desistere, dicens quia multi illud introierunt qui
nunquam redierunt. Si uero perseuerauerit, perceptis episcopi litteris ad
locum festinat. Quas cum prior loci illius legerit, mox eidem homini
Purgatorium intrare dissuadeat et ut aliam penitentiam eligat diligenter
30 ammoneat, ostendens ei in eo multorum periculum. Quodsi perseuerauerit,
introducitur [eum] in ecclesiam, ut in ea .xv. diebus ieiuniis uacet et
orationibus. Quibus peractis conuocat [prior] uicinum clerum, maneque
missa celebrata munitur penitens sacra communione et aqua ad idem
officium benedicta aspergitur sicque cum processione et letania ad ostium

IV

Após a morte de São Patrício, havia um prior na mesma igreja²²², homem de santo viver, de tal forma decrépito em razão de sua velhice, que não tinha senão um único dente, na boca. Como diz o bem-aventurado Gregório: “Ainda que o velho esteja são, sempre está frágil, por causa de sua própria velhice”²²³. Assim, esse homem fez com que uma cela lhe fosse preparada junto ao dormitório dos cônegos, a fim de que não causasse incômodo aos outros devido à fragilidade de sua velhice. Por afeição, no entanto, os irmãos mais jovens costumavam muitas vezes brincar com ele, dizendo, ao visitar o velho: “Pai, por quanto tempo desejas demorar-te nesta vida? Quando desejas partir?”. E ele em resposta: “Filhos, preferiria daqui partir a viver assim. Faça-se a vontade de Deus! Aqui não sinto nada senão sofrimento. Em outro lugar, porém, terei a grande glória”. Daí em diante, os cônegos passaram a escutar com frequência de seu dormitório anjos cantando na cela do velho, à sua volta²²⁴. Seu canto era como se segue: “Bem-aventurado és tu e bem-aventurado é o dente que está na tua boca, o qual nunca nenhum alimento aprazível tocou!”. Sal e pão seco eram, de fato,

²²² Ramon de Perellós acrescenta que o homem fora o primeiro prior do local. Uma vez que o texto de Perellós é muitíssimo semelhante, por vezes igual, ao de H. de Sawtry, sublinharemos doravante apenas trechos em que há discrepâncias.

²²³ Easting (1991, p. 239), com o auxílio de Paul Tombeur, afirma que a atribuição é equivocada.

²²⁴ Por sua vez, nos “Diálogos”: “Mas entre essas coisas, deve-se saber que a doçura do louvor celeste costuma muitas vezes irromper na partida das almas dos eleitos, de modo que, enquanto a escutem com prazer, sintam minimamente a separação entre corpo e alma” (*Sed inter haec sciendum est, quia saepe animabus exeuntibus electorum, dulcedo solet laudis caelestis erumpere, ut, dum illam libenter audiunt, dissolutionem carnis ab anima sentire minime permittantur*) (*Dialogi*, cap. XV, p. 58); “‘Calai-vos! Acaso não ouvís quão grandes cantos de louvor ressoam no céu?’ E enquanto dava atenção, com o ouvido de seu coração, aos louvores que ouvira ali dentro, aquela santa alma desprendeuse de seu corpo” (*‘Tacete. Numquid non auditis quantae resonant laudes in caelo?’ Et dum ad easdem laudes, quas intus audierat, aurem cordis intenderet, sancta illa anima carne soluta est*) (*ibid.*, p. 62); “Redenta e as outras discípulas dela ainda não tinham se afastado do leito daquela que jazia, quando eis que subitamente dois coros cantando salmos colocaram-se no espaço à frente da porta desta mesma cela. [...] E enquanto se davam tais exéquias celestes diante das portas da cela, aquela santa alma desprendeuse de seu corpo. Ela foi levada ao céu, e quanto mais alto os coros cantando salmos se elevavam, mais tênue era ouvido o salmodiar, até que o seu som e a doçura daquele prolongado aroma cessaram”. (*Necdum uero eadem Redempta uel illa alia eius discipula a lectulo iacentis abscesserant, et ecce subito in platea ante eiusdem cellulae ostium duo chori psallentium constiterunt [...]* *Cumque ante fores cellulae exhiberentur caelestes exsequiae, sancta illa anima carne soluta est. Qua ad caelum ducta, quanto chori psallentium altius ascendebant, tanto coepit psalmodia lenius audiri, quousque et eiusdem psalmodiae sonitus et odoris suavitas elongata finiretur*) (*ibid.*, cap. XVI, pp. 66 e 68).

Purgatorii deducitur. Prior autem iterum infestationem demonum et multorum in eadem fossa perditionem, ostium ei coram omnibus aperiens, denuntiat. Si uero constans in proposito fuerit, percepta ab omnibus sacerdotibus benedictione et omnium se commendans orationibus propiaque
5 *manu fronti sue signum crucis imprimens, ingreditur, moxque a priore ostium obseratur, sicque processio ad ecclesiam reuertitur, que die altera iterum mane de ecclesia ad ostium fosse ingreditur, ostiumque a priore aperitur. Et si homo reuersus fuerit, cum gaudio in ecclesiam deducitur, in qua aliis quindecim diebus uigiliis et orationibus intentus moratur. Quod si*
10 *die altera eadem hora reuersus non apparuerit, certissimi de eius perditione, ostio a priore obserato, uniuersi recedunt.*

sua comida, e água gelada sua bebida. Por fim, como desejava, feliz migrou a Deus.

2. Deve-se saber que, seja no tempo de São Patrício, seja naqueles posteriores, muitos homens entraram no Purgatório, alguns dos quais retornaram, enquanto outros ali pereceram. As narrativas dos que retornam são apresentadas por escrito pelos cônegos do local. No entanto, há o costume, estabelecido tanto por São Patrício como por seus sucessores, de que ninguém adentre o Purgatório, salvo quem obtiver a autorização do bispo, sob cujo bispado se encontre, e escolher lá entrar por sua própria vontade, devido aos seus pecados. Assim, tão logo tenha ido ao bispo e lhe manifestado seu propósito, primeiro este o incita a desistir disso, dizendo que muitos foram os que ali adentraram e nunca retornaram. Todavia, se ele se mantiver firme em seu propósito, recebe as cartas do bispo e se apressa ao local. Depois de lê-las, o prior de lá tenta dissuadir de imediato o respectivo homem de entrar no Purgatório e de igual modo o aconselha diligentemente a escolher uma outra penitência, mostrando-lhe a perdição dos muitos que ali estiveram. Se ainda se mantiver firme em propósito, ele então é introduzido na igreja, a fim de que nela se dedique a jejuns e orações, durante quinze dias²²⁵. Ao término do período, o prior convoca então o clero das redondezas e, numa missa celebrada ao amanhecer, o penitente é fortalecido pela sagrada comunhão e aspergido com água benzida para esse mesmo ofício. Assim, é conduzido com uma procissão e ladainha, preces à entrada do Purgatório. O prior, mais uma vez, alerta-o sobre a hostilidade dos demônios²²⁶ e a perdição de muitos naquele fosso, enquanto lhe abre a porta, diante de todos. Se ainda permanecer constante em seu propósito, recebe a benção de todos os sacerdotes e, encomendando-se às orações deles e assinalando com sua própria mão a testa com o sinal da cruz, entra e logo a porta é trancada pelo prior. E assim, a procissão retorna à igreja e novamente, no dia seguinte, encaminha-se da igreja à entrada do

²²⁵ Em razão da severidade do jejum, o período é diminuído para cinco dias, no caso de Laurence de Pasztho, em analogia com as cinco chagas de Cristo. Cf. Delehaye (1908, pp. 47-48).

²²⁶ A designação é típica e muitas vezes intercambiável, como os *spiritus maligni* de *HE VisFur* (p. 165) e *VisDry* (p. 306); e os *uiri teterrimi* dos *Dialogi* (cap. XXXVII, p. 132). Para ocorrências similares, cf., por exemplo, *VisTnug*, pp. 9, linha 21; 11, linha 18; 24, linha 16; 35, linhas 1-5 e 8; e *VisPauli*, nos anexos.

fosso, ao amanhecer, quando a porta é reaberta pelo prior. Se o homem tiver retornado, com alegria é reconduzido à igreja, na qual se detém, aplicando-se em vigílias e orações, por outros quinze dias. Porém, se no dia seguinte e na mesma hora não tiver retornado, todos se retiram, certíssimos de sua perdição, sendo a entrada trancada pelo prior.

Contigit autem hiis temporibus nostris, diebus scilicet regis Stephani, militem quemdam nomine Owein, de quo presens est narratio, ad episcopum, in cuius episcopatu prefatum est Purgatorium, confessionis gratia uenire. Quem cum pro peccatis increparet episcopus Deumque
5 offendisse grauiter diceret, intima contritione cordis ingemuit seque condignam penitentiam acturum ad episcopi libitum deuouit. Cumque ei episcopus penitentiam secundum peccati modum iniungere uoluisset, respondit, 'Dum, ut asseris, factorem meum in tantum offensum habeam, penitentiam omnibus penitentiis grauiorem assumam. Vt enim remissionem
10 peccatorum accipere merear, Purgatorium sancti Patricii te precipiente ingrediar.' Episcopus autem hoc ei presumere dissuasit, sed uirilis animi miles episcopi dissuasioni non consensit. Episcopus uero quam plurimam in Purgatorio perdicionem, ut eum ab hac auerteret intentione, narrauit; sed uere penitentis et uere militis animum nullo terrore flectere potuit.
15 Admonuit episcopus ut monachorum uel canonicorum susciperet habitum. Miles uero respondit hoc se nulla ratione facturum, donec prefatum intrasset Purgatorium. Episcopus igitur, illius uidens penitudinis constantiam, misit per ipsum epistolam illius loci priori, quatinus eundem penitentem secundam penitentium morem in Purgatorium intromitteret. Quo
20 cum peruenisset, cognita ipsius causa, ei plurimorum perditionem periculumque proposuit, ut eius animum ab hac intentione reuocaret. Miles uero, se grauiter offendisse Deum reminiscens et uere penitens, feruore penitudinis uicit suasionem prioris. Prior igitur eum in ecclesiam intromisit, in qua secundum morem quindecim diebus ieiuniis et orationibus uacauit.
25 Quibus expletis a fratribus et a uicino clero, sicut supradictum est, ad Purgatorium ducitur, ubi iterum enumeratis tormentorum intolerabilium generibus dissuasum est ei a priore huiusmodi subire penam. Milite uero constanter in proposito permanente hoc a priore dictum accepit, 'Ecce nunc in nomine Domini intrabis, tamdiu per concauitatem subterraneam iturus,
30 donec exeas in campum unum, in qu[o] aulam unam inuenies mira arte fabricatam. Quam cum intraueris, statim ex parte Dei nuntios habebis, qui tibi quid facturus es uel passurus diligenter exponent. Illis autem exeuntibus

Ocorreu em nossos tempos, a saber, nos dias do rei Stephen²²⁷, que um certo cavaleiro²²⁸ de nome Owein, a respeito do qual é a presente narração, veio se confessar junto ao bispo em cujo bispado está o referido Purgatório²²⁹. E uma vez que o bispo o censurasse por seus pecados e dissesse ter ele ofendido gravemente a Deus, o cavaleiro se lamentou numa profunda consternação de seu coração e jurou cumprir penitência condigna, para o agrado do bispo. No entanto, quando o religioso quis lhe impor a penitência, segundo a ordem de seu pecado, respondeu: “Visto que eu tenha, como afirmas, de tal forma ofendido meu Criador, assumirei uma penitência mais grave que todas as outras penitências. Sob teu conselho, entrarei no Purgatório de São Patrício, a fim de que eu mereça receber a remissão de meus pecados”. O bispo então tentou dissuadi-lo de empregar-se nisso, porém o cavaleiro de vigoroso ânimo não consentiu. O bispo lhe narrou quão desmedida era a perdição no Purgatório, de modo a demovê-lo desse intuito, porém não pôde dobrar, por nenhum terror, o ânimo de um verdadeiro penitente e um verdadeiro cavaleiro. Em seguida, o bispo aconselhou-o a tomar o hábito de monge ou de cônego, mas o cavaleiro respondeu que não o faria de modo algum, enquanto não tivesse entrado naquele Purgatório. Desta forma, o bispo, ao ver a constância de seu arrependimento, enviou por meio do cavaleiro uma carta ao prior do lugar, para que esse admitisse tal penitente no Purgatório, segundo o costume dos que se penitenciam. Quando lá chegou, o prior, tomando conhecimento de seu propósito, expôs-lhe o perigo e a perdição de muitíssimos, a fim de afastar seu espírito desse intento. O cavaleiro, entretanto, recordou-se de ter ofendido gravemente a Deus e, arrependendo-se verdadeiramente, rejeitou a recomendação do prior, graças ao fervor de seu arrependimento. O prior

²²⁷ Stephen of England, rei entre 1135 e 1154.

²²⁸ *militem*. O vocábulo “cavaleiro” dificilmente dá conta das muitas significações relativas ao termo. Sobre seu caráter intrincado e, por vezes, debatido, somos gratos aos apontamentos dos colegas pesquisadores Barbara Lopes Roma e Tarcísio Lakatos, ambos discentes da área de História Social, do Departamento de História (FFLCH – USP). Quanto ao mais, optou-se por solução concordante com a de outras traduções e comentadores modernos de *T*.

²²⁹ Easting (1991, p. 240) vê aqui uma possível hesitação de H. de Sawtry, que desconheceria o bispado a que apenas alude.

et te solo in ea remanente statim temptatores accedent. Sic enim habetur
euenisse hiis qui ante te introierunt. Tu uero in Christi fide constans esto.'
Miles autem uirilem in pectore gerens animum, quod alios audiuit
absorbuisse, periculum non formidat. Et qui quondam ferro munitus pugnis
5 interfuit hominum, modo, ferro durior, fide, spe, et iusticia, de Dei
misericordia presumens, ornatus, confidenter ad pugnam prorumpit
demonum. Primo namque se commendans omnium orationibus et dextera
eleuata fronti sue inprimens sancte crucis signaculum, confidenter
hilariterque per portam intrauit. Quam prior statim de foris obserauit et
10 cum processione ad ecclesiam rediit.

[2.] Miles itaque nouam et inusitatam cupiens exercere militiam,
pergit audacter, licet solus, ac diutius, confidens in Domino, per foueam.
Ingrauescentibus magis magisque tenebris, lucem amisit in breui totius
claritatis. Tandem ex aduerso lux paruula cepit eunti per foueam tenuiter
15 lucere. Nec mora ad campum predictum peruenit et aulam. Lux autem ibi
non apparuit nisi qualis hic in hyeme solet apparere post solis occasum.
Aula uero non habebat parietem integrum, sed columnis et archiolis erat
undique constructa in modum claustrum monachorum. Cumque circa aulam
diutius ambulasset eius mirabilem mirando structuram, ingressus est in
20 eam, infra cuius septa uidit eam multo mirabiliorem. Sedit itaque in aula
aliquandiu, oculos huc illucque iactans, eius apparatus et pulcritudinem
satis ammirans. Cumque solus aliquandiu sedisset, ecce quindecim uiri
quasi religiosi et nuper rasi, albis uestibus amicti, domum intrauerunt et,
salutantes illum in nomine 'Domini', consederunt. Et, tacentibus aliis, unus
25 cum eo loquebatur, qui quasi prior et eorum dux esse uidebatur, dicens,
'Benedictus sit omnipotens Deus, qui in corde tuo bonum confirmauit
propositum et ipse in te perficiat bonum quod incepit. Et quoniam ad
Purgatoriurn uenisti, ut a peccatis tuis purgeris, aut uiriliter agere ex
necessitate compelleris aut pro inertia, quod absitⁱ, et anima et corpore

ⁱ Sobre a fórmula exclamativa, Guibert, abade de Nogent (c. 1053/65 – 1125), faz um comentário curioso, a respeito de seu emprego: "Por certo, muitos indivíduos pouco letrados enganam-se frequentemente, em suas preces, porém os ouvidos divinos julgam mais a intenção do que as palavras. Pois, se dizes: 'Senhor, esteja longe de nós [absit] o poder do Espírito Santo!', quando deverias dizer: 'Esteja conosco [adsit]!', isso não fará nenhum mal a ti, caso digas em lamento. Deus não está preocupado com a gramática. Não há palavra que Nele penetre [à qual] seu coração não se volte". (*Et certe multi parum*

então o admitiu na igreja, onde se dedicou, segundo o costume, a jejuns e orações, durante quinze dias. Ao término do período, foi conduzido, como já mencionado, ao Purgatório pelos frades e pelo clero vizinho, onde mais uma vez o prior tentou dissuadi-lo de submeter-se a essa pena, enumerando-lhe os gêneros de seus intoleráveis tormentos. O cavaleiro, todavia, permaneceu constante em seu propósito e recebeu a seguinte advertência do prior: “Eis que agora entrarás em nome do Senhor. Seguirás por muito tempo através de uma concavidade subterrânea, até que saias em um campo, no qual encontrarás um salão²³⁰ construído com admirável arte. Quando nele entrares, imediatamente notarás emissários de Deus, que te anunciarão diligentemente o que deverás fazer ou pelo que deverás passar. No entanto, ao saírem, permanecendo tu apenas ali, imediatamente demônios se aproximarão. Assim, diz-se, foi o que se passou com os que entraram antes de ti. Tu, porém, sê constante em tua fé no Cristo”.

O cavaleiro então, levando no peito seu espírito corajoso, não teme o perigo que ouviu ter devorado os demais. Ele que, outrora, munido de uma espada, tomou parte nas batalhas dos homens; agora, mais duro que o ferro, lança-se confiante na batalha dos demônios, pois está armado com a fé, a esperança e a justiça e acreditando na misericórdia de Deus²³¹. Primeiro, encomenda-se às orações de todos e, erguida a mão direita, assinala sua testa com o sinal da santa cruz. Em seguida, confiante e alegre, entra pela porta, que o prior tranca imediatamente do lado fora, retornando à igreja com a procissão.

2. O cavaleiro, no desejo de exercer sua nova e inusitada cavalaria, avançou corajoso, ainda que só, por um longo tempo através da cavidade, confiante no Senhor²³². Tornando-se as trevas mais e mais opressivas, viu

²³⁰ *aula*. Uma imagem afim é apresentada na sequência ao *T*, a qual narra as tribulações de outro cavaleiro (*quidam miles*) neste Purgatório: “Sem demora entrou em certo salão, cujo rei e senhor era chamado de Gulino” (*Nec mora in quandam aulam intrauit, cuius rex et dominus uocabatur Gulinus*) (*LibRev*, p. 134). Note-se, todavia, que se lá o espaço se faz um de punições, aqui se obtém a instrução que permitirá superar as penas. Ao cabo, sobre a tradução propriamente do vocábulo, agradecemos as sugestões da professora doutora Maria Cristina Correia Leandro Pereira. Sua leitura é corroborada pela passagem acima traduzida.

²³¹ *Cf.* nota 217.

²³² Um evento extraordinário ocorre com Ramon de Perellós, após entrar na cavidade: “When I was in the pit, I at once found the end; and it is about two ells of Montpellier long and at the end of the pit it is a bit twisted to the left. And as soon as I was at the end, I tried with my hands to see if I could find a hole or a place through which I could pass but I did not find any. The truth is that going forward I felt that the end of the pit was very weak and

peribis. Mox enim, ut egressi fuerimus, replebitur immundorum spirituum
domus ista, qui tibi grauia inferent tormenta et inferre minabuntur
grauiora. Ad portam, qua intrasti, te illesum ducturos, si eis ut reuertaris
assenseris, promittent, conantes si uel hoc modo te decipere possint. Et si
5 quolibet modo, uel tormentorum afflictione uictus uel minis territus seu
promissis deceptus, illis assensum prebueris, et corpore et anima pariter, ut
dixi, peribis. Si uero firmiter in fide spem totam in Domino posueris, ita ut
nec tormentis nec minis nec promissis eorum cesseris, sed constanter quasi
nichilum contempseris, non solum a peccatis omnibus purgaberis, uerum
10 etiam tormenta, que preparantur peccatoribus, et requiem, in qua iusti
letantur, uidebis. Deum semper habeas in memoria, et cum te cruciauerint,
inuoca Dominum Ihesum Christum. Per inuocationem etenim huius nominis
statim a tormento liberaberis. Tecum autem non possumus hic morari
diutius, sed omnipotenti Deo te commendamus.' Sicque, data benedictione
15 uiro, recesserunt ab eo. Miles itaque, ad noui generis militiam instructus,
qui quondam uiriliter oppugnabat homines, iam presto est uiriliter certare
contra demones. Armis igitur Christi munitus exspectat quis eum demonum
ad certamen primo prouocet. Iusticie lorica induitur; spe uictorie salutisque
eterne mens, ut capud galea, redimitur; scuto fidei protegatur. Habet etiam
20 gladium spiritus, quod est uerbum Dei, deuote uidelicet inuocans Dominum
Ihesum Christum, ut eum regio munimine tueatur, ne ab aduersariis
infestantibus superetur. Nec enim eum Domini pietas fefellit, que
confidentes in se fallere nescit.

*litterati in suis creberrime precibus mentiuntur, sed auris divina intentiones potius quam
verba metitur. Si enim, cum debeas dicere: Adsit, dicas: Absit nobis, Domine, virtus
Spiritus Sancti, si cum singultibus ores, non tibi officit. Non est Deus grammaticae
curiosus, vox eum nulla penetrat, pectus intendit) (PL De Pignoribus Sanctorum, p. 630).*

perder-se rapidamente a luz de qualquer claridade²³³. Uma luz muito fraca começou então a luzir tênue em sua direção e, sem demora, ele chegou ao campo e ao salão mencionados. A luz lá surgiu tal qual aquela que costuma surgir no inverno, após o pôr do sol. O salão não tinha paredes inteiras, mas era construído por todos os lados com colunas e pequenos arcos, à maneira de um claustro de monges. Depois de muito andar à volta dele, admirando sua maravilhosa estrutura, adentrou-o e viu dentro de seus recintos sagrados ser ele muito mais admirável. Sentou-se ali por algum tempo, lançando seus olhos para cá e para lá e admirando bastante sua magnificência e beleza. Enquanto permanecia sentado sozinho, eis que quinze homens²³⁴, religiosos ao que parecia, recém-tonsurados e envolvidos em vestes brancas²³⁵,

it appeared that if one kept up the pressure one would enter. And then I sat myself down as well as I could and stayed like that for more than an hour without thought for anything else. It is true that a sweating and great anguish of heart took me as if I was seasick or sailing. And after a bit I fell asleep almost through boredom for the great anguish I had had; afterwards there came a thunderclap so great that all those who were in the monastery, both the canons and those who had come with me, felt it as if it were September thunder; and the sky was clear so that all those outside considered this a great wonder. And in that hour I fell from a height of some two ells; but through the anguish which I had had so that I was all sleepy, I was a bit dazed and for the great thunderclap which had been so terrible that it almost deafened me. And after a bit I groaned and said the words which the prior had taught me, which are as follows: 'Christe fili Dei vivi, miserere mei peccatori.' And then I saw the pit opened and went through it for a long way and I lost my companion — I neither saw him nor knew what had become of him". A tradução é de Alan Mac an Bhaird.

²³³ Compare-se, por exemplo, com: "Mas uma vez que me trouxesse pouco a lugares mais distantes, estando eu aterrorizado com este espetáculo tão horrendo, vi subitamente aqueles locais começarem a escurecer diante de nós e todos se tornarem repletos de trevas". (*At cum me hoc spectaculo tam horrendo perterritum paulatim in ulteriora produceret, uidi subito ante nos obscurari incipere loca, et tenebris omnia repleri*) (*HE VisDry*, p. 305). Em decorrência de sua amplitude, a listagem de tais gradações seria quase que inesgotável. Para outras ocorrências que não bíblicas, cf.: OTP 1En 103: 7-8; 2En [J e A] 10: 1-2, onde se refere a um dos céus; SibOr2 290-292 e 300-393, respectivamente se referindo à Geena e ao Tártaro, este último vinculado ali à temática judaico-cristã.

²³⁴ Em Perellós, eles são em número de 12. Para uma rápida discussão sobre a variante, *vide* Easting (1991, p. 241).

²³⁵ Ainda que plenamente justificável a associação entre tais figuras de branco e os monges da ordem de Cister (*vide* Easting 1991, p. 241, n. 270-3; e cap. XXIII abaixo), cabe ressaltar que a representação não é incomum no que diz respeito à respectiva indumentária: "E havia, neste campo, inúmeros grupos de homens vestidos de branco e diversos assentos de alegres multidões" (*Erantque in hoc campo innumera hominum albatorum conuenticula, sedesque plurimae agminum laetantium*) (*HE VisDry*, p. 307); "Enquanto estava de pé junto ao leito daquele que jazia, viu de repente certos homens vestidos com estolas muito brancas entrando na direção do homem de Deus, os quais superavam com a luz de seus semblantes a brancura de suas vestes". (*Qui dum lecto iacentis adsisteret, subito aspexit intrantes ad virum Dei quosdam viros stolis candidis amictos, qui eundem quoque candorem vestium, uultuum suorum luce vincebant*) (*Dialogi*, cap. XIII, 3, p. 54); "Ele que, ao ser oprimido por uma grave doença corporal, viu em uma visão noturna homens vestidos de branco — seus hábitos eram inteiramente brilhantes — que desciam dos céus em direção a este mesmo monastério" ([...] *qui cum gravi molestia corporis fuisset depressus, in visione nocturna albatos viros, et clari omnimodo habitus in hoc ipsum monasterium descendere*

entraram na casa e, saudando-o em nome do Senhor, tomaram assento. Enquanto os demais faziam silêncio, um que parecia ser o prior e líder deles falou ao cavaleiro, dizendo: “Bendito seja Deus Todo-Poderoso, que fortaleceu em teu coração o bom propósito²³⁶; que Ele Próprio perfaça em ti o bem que principiou²³⁷. E porque vieste ao Purgatório, a fim de que sejas purgado de teus pecados, serás ou impelido a agir corajosamente por necessidade, ou perecerás, em razão de tua inércia – Deus o proíba! –, tanto em corpo quanto em alma. Esta casa ficará repleta de espíritos imundos tão logo tenhamos saído dela, que te infligirão graves tormentos e ameaçarão infligir-te outros ainda mais graves. Se consentires em retornar com eles, prometerão conduzir-te ileso à porta pela qual entraste. Tentam ver se podem lograr-te deste modo. Se concordares com eles, seja vencido pela aflição daqueles tormentos, seja aterrorizado por suas ameaças, ou ainda logrado por suas promessas, perecerás tanto em corpo quanto em alma, assim como já disse. Se, no entanto, puseres firmemente em tua fé toda a esperança no Senhor, de modo que não cedas nem aos tormentos, nem às ameaças, nem às promessas deles, mas desdenhes continuamente essas coisas como se nada fossem, serás purgado não só de todos os teus pecados, mas também verás os tormentos preparados aos pecadores e o descanso em

de superioribus aspexit) (*ibid.*, cap. XXVII, 4, p. 88); “Certa noite a Santa Mãe de Deus, a Virgem Maria, apareceu-lhe por meio de uma visão e lhe mostrou moças da mesma idade vestidas de branco” ([...] *quadam nocte ei per visionem sancta Dei genitrix virgo Maria apparuit, atque coevas ei in albis vestibus puellas ostendit*) (*ibid.*, cap. XVIII, 1, p. 70); “Ele que estando próximo da morte temeu muitíssimo, mas depois dela apareceu a seus discípulos em uma estola branca e [lhes] indicou quão esplendorosamente tinha sido recebido” ([...] *qui ad mortem veniens vehementer timuit, sed post mortem discipulis in stola alba apparuit, et quam praeclare sit susceptus indicavit*) (*ibid.*, cap. XLVIII); “Depois disso, uma noite, o supracitado homem de Deus viu à distância, em uma visão, jovens muitíssimo belos e de formas graciosas que seguravam velas acesas em suas mãos e estavam cobertos com vestes brancas de linho. (*Postea autem una noctium in uisione uidit predictus uir Dei eminus [...] iuuenes nimis decoros et uenuste forme baiulantes in manibus suis cereos accensos lineisque uestibus albis indutos [...]*) (*LibRev*, p. 190). Ademais, cf. OTP 1En 71: 1-2; 3En 28:7; ApEl 5:5-6. Entre suas possíveis fontes testamentárias, parecem-nos capital Dn 7, 9: “E o Ancião de Dias sentou-se/ Sua vestimenta branquíssima como a neve” (*et antiquum dierum sedit/ vestimentum eius quasi nix candidum*), além de Apc 3, 5; 4, 4; 7, 9; 15, 5-6; 19,14.

²³⁶ Act 11, 23: “o qual, quando chegou e viu a graça de Deus, alegrou-se e exortava todos a permanecer, com propósito de coração, no Senhor” (*qui cum pervenisset et vidisset graltiam Dei gavisus est/ et hortabatur omnes proposito cordis permanere in Domino*).

²³⁷ Phil 1, 6: “confiante nisto mesmo: que quem começou a boa obra a executará até o dia de Jesus Cristo” (*confidens hoc ipsum/ quia qui coepit in vobis opus bonum/ perficiet usque in diem Christi Iesu*).

que os justos se regozijam²³⁸. Lembra-te sempre de Deus e, quando te torturarem, invoca o Senhor Jesus Cristo. Pela invocação do Seu nome, serás imediatamente liberado do tormento²³⁹. Não podemos nos demorar aqui contigo por mais tempo, mas te encomendamos ao Deus Onipotente”. E assim, dada a benção ao homem, afastaram-se dele.

Assim, o cavaleiro, que antes combatia corajosamente homens, agora, estando instruído em um novo gênero de cavalaria, já está pronto para corajosamente lutar contra os demônios. De posse das armas de Cristo, ele espera qual dos demônios primeiro o desafiará para a luta. Veste-se com a couraça da justiça; sua mente está cingida pela esperança na vitória e na salvação eterna, como uma cabeça coberta por um capacete; o escudo da fé o protege. Ele tem ainda a espada do espírito — que é a palavra de Deus —²⁴⁰, ao invocar devotamente o Senhor Jesus Cristo, a fim de que Ele, com Sua régia proteção, olhe pelo cavaleiro e esse não seja superado por seus infestos adversários. E a piedade do Senhor não lhe faltou, a qual é incapaz de faltar aos que Nele confiam.

²³⁸ Vide nota 200.

²³⁹ O mesmo é dito a Ramon de Perellós. No caso de Laurence de Pásztho, o peregrino se faz valer de uma oração.

²⁴⁰ Eph 6, 11-17: “Vesti-vos com as armas de Deus, para que possais estar firmes contra as insídias do Diabo, porque não é nossa a contenda contra a carne e o sangue, mas contra os príncipes e as potestades, contra os regentes das trevas desse mundo, contra os espíritos da vilania, nos lugares celestes. Por isso, recebei a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, feito tudo, estar firmes. Estai firmes, portanto, cingidos os vossos lombos com a verdade e vestidos com a loriga da justiça, calçados vossos pés na preparação do evangelho da paz, em tudo tomando o escudo da fé, com o qual possais extinguir todos os ígneos dardos do Mais Torpe. Tomai a gálea da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus” (*induete vos arma Dei ut possitis stare adversus insidias diaboli quia non est nobis conluctatio aduersus carnem et sanguinem sed adversus principes et potestates adversus mundi rectores tenebrarum harum contra spiritalia nequitiae in caelestibus propterea accipite armaturam Dei ut possitis resistere in die malo et omnibus perfectis stare state ergo succincti lumbos vestros in veritate et induti loricam iustitiae et calciati pedes in praeparatione evangelii pacis in omnibus sumentes scutum fidei in quo possitis omnia tela nequissimi ignea extinguere et galeam salutis adsumite et gladium Spiritus quod est verbum Dei*). Cf. também Is 59, 17; Sap 5, 17-20; 1 Th 5, 8. Entre os *pseudepigrapha*, cf. ApEl 4: 30-31.

Miles igitur, ut dictum est, cum in domo solus sederet, animo inpauido demonum pugnam exspectans subito circa domum cepit audiri tumultus, ac si totus commoueretur orbis. Etenim si omnes homines et omnia animantia terre, maris et aeris toto conanime pariter tumultuarent, ut ei uidebatur,
5 *maiolem tumultum non facerent. Vnde, nisi diuina uirtute protegeretur et a uiris predictis commodius instrueretur, ipso tumultu amentaretur.*

VI

Diz-se que enquanto o cavaleiro estava sentado a sós naquela casa, a esperar com destemido ânimo o embate dos demônios, subitamente um alvoroço começou a ser ouvido em volta dali, como se todo o orbe tremesse²⁴¹. De fato, se todos os homens e todos os animais da terra, do mar e do ar se agitassem num esforço conjunto, não fariam, parecia-lhe, alvoroço maior. Por isso, se não estivesse protegido pela divina virtude e sido instruído adequadamente pelos homens mencionados, teria perdido a razão haja vista aquele alvoroço.

²⁴¹ A chegada de Gulino é descrita em termos similares: “Logo em seguida, o rei Gulinus aproximou-se da casa, como se voltasse de uma caçada; tamanho eram o estrépito das carruagens, o barulho dos cavalos e o tumulto do povo em aclamação ouvidos, que parecia que todo o mundo tremesse” (*Nec mora rex Gulinus, quasi de uenatione veniens, domui appropinquavit, et tantus strepitus redarum et fremitus equorum et tumultus acclamantium populorum audiebatur, quasi totus mundus concuteretur*) (*LibRev*, p. 134).

Et ecce post horrorem talis auditus sequitur [horribilior] demonum uisibilis aspectus. Visibiliter etenim undique cepit innumera multitudo demonum
5 *formarum deformium in domum irruere, cachinnando ac deridendo illum salutare et quasi per obprobrium dicere, 'Alii homines qui nobis seruiunt non nisi post mortem ad nos ueniunt. Unde tibi maiorem mercedem recompensare debemus, quod societatem nostram, cui studiose deseruisti, in tantum honorare uoluisti, ut, sicut alii, diem mortis nolueris exspectare, sed*
10 *uiuendo corpus tuum et animam simul nobis tradere. Vt maiorem a nobis remunerationem acciperes, hoc fecisti. Recipies ergo a nobis habundanter qu[e] meruisti. Huc enim uenisti, ut pro peccatis tuis tormenta sustineres: habebis igitur nobiscum quod queris, pressuras uidelicet et dolores. Verumptamen pro eo quod hactenus nobis seruieris, si nostris adquiescendo*
15 *consiliis reuerti uolueris, hoc tibi pro munere faciemus quod ad portam, qua intrasti, illesum te ducemus, quatinus uiuens adhuc in mundo gaudeas, ne totum quod suaue est corpori tuo funditus amittas.' Hec ei promiserunt, quia aut terrore aut blanditiis eum decipere uoluerunt. Sed uerus miles Christi nec terrore concutitur nec blandimento seducitur. Eodem enim animo et*
20 *terrentes contempnebat et blandientes, nichil penitus respondens.*

VII

Após o horror de tal som, eis que se seguiu algo ainda mais terrível: a aparição dos demônios. Diante de seus olhos, uma inumerável multidão de demônios de aparência disforme começou a irromper pela casa²⁴², vindos de todos os lados. Saudavam-no, gargalhando e zombando²⁴³, e diziam como que para reprová-lo: “Os outros homens que nos servem só vêm a nós depois de mortos²⁴⁴, donde devemos recompensar-te com uma dádiva maior, porque de tal forma quiseste honrar a nossa comunidade, à qual serviste com aplicação, que não desejaste, como os outros, esperar o dia da tua morte, mas, ainda em vida, preferiste entregar-nos teu corpo e tua alma de uma só vez. Fizeste isso, para obter de nós uma maior recompensa. Portanto, receberás de nós abundantemente aquilo que mereceste. Vieste até aqui para suportar tormentos, pelos teus pecados. Sendo assim, terás conosco o que procuras: constrição e dor. Entretanto, considerando que até hoje nos serviste, faremos o seguinte como um presente a ti, caso queiras retornar, após condescender com os nossos conselhos: nós te conduziremos ileso à porta pela qual entraste, de sorte que ainda vivo te regozijes no mundo e não percas completamente tudo aquilo que é agradável ao teu corpo”. Prometeram-lhe isso, pois queriam logrã-lo, seja pelo terror, seja com lisonjas. Mas o verdadeiro soldado de Cristo²⁴⁵ não se abala frente ao terror, nem se deixa seduzir pelo que é lisonjeiro. Desta forma, não respondendo absolutamente nada e com o mesmo ânimo, ignorou os que o aterrorizavam e lisonjeavam.

²⁴² Lê-se na *HE VisDry* (p. 306): “Quando o mesmo som, tendo retornado com maior nitidez, chegou até mim, observo uma multidão de espíritos malignos que arrastava muito exaltada e às gargalhadas cinco almas de homens para o meio das trevas, os quais se lamentavam e se deploravam” (*Ut autem sonitus idem clarior redditus ad me usque peruenit, considero turbam malignorum spirituum, quae quinque animas hominum merentes heulantesque, ipsa multum exultans et cachinnans, medias illas trahebat in tenebras*).

²⁴³ Para o comportamento jocoso dos demônios, o qual irá contrastar com aqueles dos bem-aventurados, cf. nota acima, bem como: “E ocorreu que, conforme eles se afastavam descendo, não conseguia discernir com clareza o choro dos homens do riso dos demônios. (*factumque est, ut cum longius subeuntibus eis, fletum hominum et risum daemoniorum clare discernere nequirem, [...]*)” (*HE VisDry, ibid.*).

²⁴⁴ Assim como fora feito no cap. III, os demônios enfatizam a unicidade da viagem de Owein.

²⁴⁵ II Tim 2, 3: “sofre como bom soldado de Jesus Cristo” (*labora sicut bonus miles Christi Iesu*).

Demonēs igitur, a milite se contempni cernentes, horribiliter fremebant in eum struxeruntque in eadem domo maximi incendii rogam, ligatisque manibus ac pedibus militem in ignem proiecerunt uncisque ferreis huc
5 *illucque per incendium clamantes traxerunt. Primo igitur missus in ignem graue sensit tormentum. Sed uir Dei, tam regis sui munimine septus quam a prefatis uiris nuper instructus, arm[a] militie spiritalis nequaquam oblitus est. Cum enim aduersarii eum in incendio torrerent, pii Ihesu nomen inuocauit statimque de illo incendio utpote de primo eorum assultu liberatus*
10 *est. Inuocato enim piissimi saluatoris nomine dicto citius ita extinctus est totius rogam incendii, ut nec scintilla inueniretur ipsius. Quod dum miles cerneret, audatior effectus est, constanter animo proponens eos deinceps non formidare, quos ad inuocationem sancti nominis tam facile conspicit se posse euincere.*

VIII

Percebendo-se ignorados pelo cavaleiro, os demônios urraram horivelmente contra ele e fizeram, na mesma casa, uma enorme fogueira²⁴⁶. Em seguida, lançaram o cavaleiro às chamas, depois de atarem suas mãos e pés²⁴⁷, e o arrastaram com ganchos de ferro de um lado para o outro do fogo²⁴⁸, enquanto gritavam. De início, o cavaleiro sentiu um grave tormento ao ser arremessado nas chamas, mas o homem de Deus, tão envolto que estava pela proteção de seu Rei, quão instruído pelos homens mencionados há pouco, de forma alguma se esqueceu das armas daquela cavalaria espiritual. Enquanto seus adversários queimavam-no nas chamas, ele invocou o nome do pio Jesus e imediatamente foi libertado do fogo, isto é, do primeiro ataque deles, pois apenas começou a invocar o nome do muitíssimo pio Salvador, a fogueira se extinguiu totalmente de tal modo, que nem uma fagulha sequer poderia ser encontrada. E no momento em que o cavaleiro percebeu isso, fez-se mais corajoso, propondo-se, constante em sua vontade, a não temer no futuro aqueles, pois viu que poderia vencê-los tão facilmente, mediante a invocação do santo nome.

²⁴⁶ *rogum*. O termo é empregado nos *Dialogi*: “Quando o menino se foi, Reparatus, que retornara a si, declarou-lhes algo daquele lugar aonde fora conduzido, dizendo: ‘Fora preparada uma enorme fogueira [...]’”(Cum uero puer pergeret, narrauit isdem Reparatus, qui ad se reversus fuerat, quid de illo ubi ductus fuerat agnouit, dicens: “Paratus fuerat rogos ingens [...]”) (*Dialogi*, cap. XXXII, 4, p. 108); “Em verdade Reparatus viu uma fogueira ser preparada não porque [alguma] madeira no Inferno deva arder para que haja fogo [...]” (*Rogum vero construi Reparatus uidit, non quod apud infernum ligna ardeant ut ignis fiat*) (*ibid.*).

²⁴⁷ Mt 22, 13: “Então o rei disse aos seus subordinados: ‘Amarrados os pés e as mãos dele, lançai-o nas trevas exteriores. Lá haverá pranto e ranger de dentes’” (*tunc dixit rex ministris/ ligatis pedibus eius et manibus mititite eum in tenebras exteriores/ ibi erit fletus et stridor dentium*). Citada por Easting (1991, p. 242), a alusão nos parece em demasia geral.

²⁴⁸ A coação por parte dos demônios é bastante usual, reafirmando o caráter impositivo das penas. Dois outros exemplos são fornecidos no próprio *Liber Revelationum*: “Aquele irmão morreu sem o hábito de um converso e foi raptado por demônios, que o arrastaram por muitas penas aos locais do Inferno que eram apropriados a ele” (*Mortuus est igitur frater ille sine habitu conuersi, et raptus est a demonibus qui illum per multas penas ad inferni loca sibi debita trahebant*) (*LibRev*, p. 232); “Quando o sacerdote perguntou como estava, respondeu já estar sendo entregue pelos demônios e levado à força aos tormentos” (*Querenti autem sacerdoti qualiter se haberet, respondit se iam a demonibus tradi et ad tormenta pertrahi*) (*ibid.*, p. 266). Por fim, ressalte-se o emprego do mesmo verbo e derivados. As marcas são nossas.

Relinquentes igitur demones domum, cum eiulatu et horrido tumultu secum traxerunt militem. Egredientes uero alii ab aliis discesserunt. Quidam autem eorum militem per uastam regionem diutius traxerunt. Nigra erat
5 *terra et regio tenebrosa, nec quicquam preter demones qui eum traxerunt uidit in ea. Ventus quidem urens ibi flauit qui uix audiri potuit, sed tamen sui rigiditate corpus suum uidebatur perforare. Traxerunt autem illum uersus fines illos ubi sol oritur in media estate. Cumque illuc euntes uenissent quasi in fine mundi, ceperunt de[xtr]orsum conuerti et per uallem*
10 *latissimam contra austrum tendere, scilicet uersus locum quo sol oritur media hyeme. Illucque diuertendo cepit quasi uulgi tocius terre miserrimos clamores et eiulatus et fletus audire, et quo magis appropiauit, eo clarius clamores eorum et fletus audiuit.*

IX

Os demônios então deixaram a casa e, aos uivos e em um horrendo alvoroço, arrastaram o cavaleiro consigo. Em verdade, separaram-se uns dos outros ao saírem. E, no entanto, alguns deles o arrastaram, por um longo tempo, através de uma região desolada. Sua terra era escura e a região tenebrosa. Nela não viu ninguém exceto os demônios que o arrastaram. Um vento ardente²⁴⁹ soprava ali, que mal se podia ouvir, e que, no entanto, parecia perfurar o corpo do cavaleiro por sua severidade. Eles o arrastaram para aqueles extremos, onde o sol nasce na metade do verão²⁵⁰. E quando, indo para lá, chegaram ao que parecia ser o fim do mundo, voltaram-se à sua direita e prosseguiram por um vastíssimo vale voltado ao sul²⁵¹, ou seja, em direção ao local em que o sol nasce na metade do inverno. À medida que

²⁴⁹ Ex 10, 13: “Moisés estendeu seu cajado sobre a terra do Egito, e o Senhor trouxe um vento ardente por todo aquele dia e noite, e, ao amanhecer, o vento ardente fez ascender os gafanhotos” (*extendit Moses virgam super terram/ Aegypti/ et Dominus induxit ventum urentem/ tota illa die ac nocte/ et mane facto ventus urens levavit/ lucustas*); Ez 17, 10: “Eis que estando plantada será próspera? Acaso não secará quando o vento ardente a tiver tocado? Ela se tornará seca no canteiro de seu broto (*ecce plantata est ergone prosperabitur/ nonne cum tetigerit eam ventus urens/ siccabitur/ et in areis germinis sui arescet*); Ier 4, 11: “Naquele tempo, será dito a este povo e a Jerusalém: ‘Um vento ardente nos caminhos, que estão no deserto, [vem] à via da filha de meu povo, não para joeirar e purgar’” (*in tempore illo dicetur populo huic/ et Hierusalem/ ventus urens in viis quae sunt in deserto/ viae filiae populi mei non ad ventillandum et ad purgandum*).

²⁵⁰ Vide nota abaixo.

²⁵¹ Igualmente em *HE VisDry*, as coordenadas compõem certo trajeto que desemboca numa depressão geográfica: “Em silêncio avançamos em direção ao lugar onde o Sol nasce durante o solstício; enquanto andávamos, chegamos a um vale bastante largo e profundo, cuja extensão era infinita” (*Incedebamus autem tacentes, ut uidebatur mihi, contra ortum solis solstitialem; cumque ambularemus, deuenimus ad uallem multae latitudinis ac profunditatis, infinitae autem longitudinis*) (*HE VisDry*, p. 304). Sobre a imagem do vale, enquanto paragem de tormentos, compara-se com *LibRev*, em que aquele se confunde com o próprio Inferno: “Enfim havia um vale enorme e muitíssimo terrível. [...] O vale era o Inferno, cheio de demônios atormentando as almas, conforme o filho contou depois ao pai. Havia lá todos os gêneros de penas, as quais ninguém seria capaz de enumerar, ou ver, ou tomar conhecimento. Lá havia banhos de todos os metais, que derretiam pelo excessivo calor do fogo. Neles as tristes almas eram tristemente fervidas, atormentadas; eram consumidas sem fim e sem fim renasciam de novo às penas. Lá havia correntes de fogo; lá havia tridentes ígneos; lá havia uma chama que devorava e consumia as almas; lá a força da chama vomitando as tristes almas para cima e de novo as puxando para baixo as compelia à Geena do fogo eterno” (*Vallis denique maxima et horribilis ualde erat ut ei predixit.[...] Vallis enim infernus erat, plena demonibus animas torquentibus sicut postea filius patri exposuit. Erant enim ibi penarum omnia genera, quas nemo dinumerare potest, aut etiam uidere et cognoscere. Ibi balnea omnium metallorum ex calore ignis nimio liquescentium, in quibus misere anime miserabiliter excoquebantur, torquebantur, et sine fine deficientes, sine fine iterum crescebant ad penas. Ibi cathene ignee. Ibi tridentes igniti. Ibi flamma deuorans, et animas consumens. Ibi uis flamme miseras animas sursum a se euomens, et rursum easdem deorsum ad se retrahens, in gehennam ignis eterni detrudebat*). (*LibRev*, pp. 208 e 210). Ao cabo, Laurence de Pasztho observa seus parentes serem torturados num vale cheio de chamas (*vallem [...] perignitam*) (Delehay 1908, p. 54).

se dirigiam para lá, começou então a ouvir gritos muitíssimo tristes, lamentos e também choro, como se fossem do povo de toda a terra. E quanto mais se aproximou, mais claramente ouviu os gritos e o choro daqueles.

Tandem itaque tractu demonum in latissimum et longissimum peruenit miles campum miseriis ac dolore plenum. Finis autem illius campi pre nimia longitudine non potuit a milite uideri. Ille itaque campus hominibus
5 *utriusque sexus [diuerseque] etatis in terra iacentibus nudis plenus erat, qui, uentre ad terram uerso, clauis ferreis candentibus per manus pedesque defixis in terra extendebantur. Hii uero aliquando pre dolore uidebantur terram comedere, aliquando autem cum fletu et eiulatu miserabiliter clamare, 'Parce! Parce!' uel 'Miserere! Miserere!' Sed non erat in loco qui*
10 *misereri nosset aut parcere. Demones enim inter eos et super eos uidebantur discurrere, qui non cessabant flagris eos dirissimis cedere. Dicunt ei demones, 'Hec tormenta que uides sentiendo experieris, si nostris non adqueueris consiliis: hoc est, ut a proposito cesses et reuertaris. Quod si uolueris, ad portam per quam uenisti te pacifice ducentes illesum te abire*
15 *permitteremus.'* Hoc autem eo renuente, prostrauerunt eum in terram et clauis eum transfigere conati sunt. Sed, inuocato Ihesu nomine, nichil in eo conanime profecerunt.

X

Após ser arrastado pelos demônios, o cavaleiro enfim chegou a um campo muitíssimo vasto e longo, cheio de tristezas e dor, cujo fim não podia ser visto por ele, devido à sua enorme extensão. Tal campo estava repleto de pessoas de ambos os sexos e diferentes idades, que jaziam nuas no solo, com o ventre voltado para baixo, fixadas na terra pelas mãos e pelos pés, com pregos de ferro em brasa²⁵². Elas, ora eram vistas comendo a terra em virtude de sua dor, ora ainda gritavam tristemente com seu choro e lamento: “Poupei-nos! Poupei-nos!” ou mesmo: “Tende misericórdia! Tende misericórdia!” Mas ali não havia quem fosse capaz de comiserar-se delas ou poupá-las. Em verdade, viam-se demônios correr por todas as direções por sobre e entre elas, os quais não cessavam de lhes dar chicotadas crudelíssimas²⁵³. Dizem-lhe os demônios então: “Experimentarás estes tormentos que vês, sentindo-os, caso não condescendas com os nossos conselhos, isto é, de maneira que cesses em teu propósito e retournes. Todavia, se quiseses isso, permitiremos que saias ileso, conduzindo-te pacificamente à porta pela qual vieste”. Quando o cavaleiro não anuiu a essas palavras, prostraram-no no chão e tentaram trespassá-lo com pregos. Mas ao invocar o nome do Senhor, nada alcançaram nisso, em seu ímpeto²⁵⁴.

²⁵² Escreve Dante, por sua vez, sobre os avaros, na quinta cornija do monte do Purgatório: “Era esse o quinto giro, que a visão/ me deu de gente em contínuo lamento,/ estendida co’o rosto para o chão” (*Com’io nel quinto giro fui dischiuso,/ vidi gente per esso che piangeva/ giacendo a terra tutta volta in giuso*) (*Purgatorio*, canto XIX, vv. 70 – 72). A tradução é de Italo Eugenio Mauro.

²⁵³ *flagris... dirissimis*. Cf. OTP SibOr2 286-288; ApZeph 4: 1-7; VisEzra 12-14, 19-20; e ANT ApPet [Akhmim] 27. Além disso, ainda no *Liber Reuelationum*: “Quando o padre perguntou o que lhe sobreviria, respondeu que seu assento, banho e chicotadas intoleráveis estavam sendo preparados todos os dias no Inferno. [...] No entanto quando Iohannes disse ao mesmo que chicotadas estavam sendo preparadas no Inferno, o padre, apenas ouvida a palavra chicotadas, já sentiu fortemente as mesmas em seu corpo. (*Querenti autem sacerdoti de se quid sibi uenturum esset, respondit sedem illius et balneum et flagella intolerabilia cotidie in inferno preparari* [...]) *Vbi autem Iohannes dixerat in inferno ipsi preparari flagella, sacerdos [...], audito uocabulo flagellorum, iam ipsa flagella in corpore suo sibi fieri persensit* [...]) (*LibRev*, p. 264). A punição também é aplicada pelos demônios, na *Commedia*: “vi corníferos demos, estalando/ o relho em suas costas, rijamente” (*vidi demon cornuti con gran ferze,/ che li battien crudelmente di retro*) (*Inferno*, XVIII, vv. 34-36). A tradução é de Cristiano Martins.

²⁵⁴ No relato de Perellós, mesclam-se os tormentos deste campo e do seguinte: “And then the devils made a great noise and sound and left the chamber and departed to many places; but quite enough remained for me and they led me into a land laid waste for a long time. And that land was very black and shady and all I saw there were malign spirits who

*Igitur ab illo campo recedentes traxerunt militem ad alium campum, maiori
miseria plenum. Iste itidem campus hominibus utriusque sexus [diuerseque]
5 etatis clauis in terra fixis erat plenus. Istos inter autem et alterius campi
miseros hec erat diuersitas, quod illorum quidem uentres, istorum dorsa
terre herebant. Dracones igniti super alios sedebant et quasi c[om]edentes
illos modo miserabili dentibus ignitis lacerabant. Aliorum autem colla uel
brachia uel totum corpus serpentes igniti circumcingebant et, capita sua
10 pectoribus miserorum inprimentes, ignitum aculeum oris sui in cordibus
eorum infigebant. Buffones etiam mire magnitudinis et quasi ignei
uidebantur super quorundam pectora sedere et, rostra sua deformia
infigentes, quasi eorum corda conarentur extrahere. Qui ita fixi et afflicti a
fletu et eiulatu nunquam cessabant. Demones etiam inter eos et super eos
15 transcurrentes flagris eos uehementer cedendo cruciabant. Finis huius
campi pre sui longitudine uideri non potuit nisi in latitudine, qua intrauit et
exiuit; in transuersum enim campos pertransiuit. 'Hec,' inquiunt demones,
'que uides tormenta patieris, nisi ut reuertaris assenseris.' Cumque eos
contempsisset, conati sunt, sicut et superius, clauis eum figere, sed non
20 potuerunt, audito Ihesu nomine.*

XI

Depois de se retirarem daquele campo, arrastaram o cavaleiro a um outro, pleno de um infortúnio ainda maior. De forma similar, esse campo estava repleto de pessoas de ambos os sexos e diferentes idades presas à terra, com pregos. No entanto, havia uma diferença entre estes últimos e os desafortunados do outro campo, pois aqueles tinham seus ventres presos na terra, e estes, suas costas. Dragões em chamas sentavam-se sobre alguns e, como que os devorando tristemente, dilaceravam-nos com dentes chamejantes²⁵⁵; em outros, serpentes em chamas²⁵⁶ enrolavam-se em seus pescoços, braços ou por todo o corpo e, forçando suas cabeças contra o peito

dragged me through the middle of that land; and there was so great a wind but very gentle that one could hardly hear it but it seemed to me that that wind passed through me and traversed my whole body and it was so painful to me that I could not stand it. And from there on those devils led me towards the east, where the sun rises on the longest days in summer. And when they had gone a little way they turned me there where the sun rose on the shortest days of the year in winter, we came there almost to the end of the world. And there I heard many persons weeping, shouting and groaning and lamenting painfully and hard, that it seemed to me that many folk from all lands were gathered together to mourn; and the further on we came, the stronger we heard and understood their great pain. And from there we came to a great field full of pain and captivity; and I could not see the end because it was so long. And there were men and women of various kinds and estates who were lying on the ground completely naked and altogether stretched out on their bellies; and they were nailed to the ground with burning nails and there lay upon them burning dragons and they were nailed down by their feet and their hands and the dragons were biting them and poking their teeth into the flesh of their bodies as if they were to eat them. And from the great pain that those people were suffering, they many times bit the earth and cried for mercy but they did not find it because the devils were shouting in their midst and from above they tormented them and beat them most cruelly”. A tradução é de Alan Mac an Bhaird.

²⁵⁵ A presença da figura do dragão/serpente se faz habitual e possivelmente deficitária de passagens como Apc 12, 9: “e o grande dragão foi expulso, a antiga serpente, que é chamado de Diabo e Satanás” (*et proiectus est draco ille magnus/ serpens antiquus qui vocatur Dia-/bolus et Satanas*). Ver também, por exemplo: “Retrocedei! Eis que sou dado ao dragão para ser devorado e, por causa de vossa presença, não pode me devorar” (*Recedite. Ecce draconi ad devorandum datus sum, qui propter vestram praesentiam devorare me non potest*) (*Dialogi*, cap. XL, 4, p. 140); “Quando vós acreditáveis que eu jejuava convosco, eu comia escondido, e eis que agora sou confiado ao dragão para que me devore, o qual atou meus joelhos e pés; e enfiando sua cabeça dentro da minha boca, extrai meu espírito engolindo-o” (*Quando me vobiscum ieiunare credebatis, occulte comedebam. Et nunc ecce ad devorandum draconi sum traditus, qui cauda sua mea genua pedesque conligavit, caput uero suum intra meum os mittens, spiritum meum ebibens abstrahit*) (*ibid.*). Em seu turno, é patente a similaridade entre o *Tractatus* e a *Visio Pauli*: “dragões de fogo e serpentes e víboras enrolavam-se em seus pescoços” (*et dracones igneos et serpentes atque vipere circa colla sua*) (*VisPauli*, p. 153, em anexos).

²⁵⁶ Somado ao exemplo acima, outra vez a *VisPauli* é profícua no âmbito de suas representações: “E viu em outro lugar homens e mulheres que eram comidos por vermes e serpentes” (*Et vidit in alio loco viros ac mulieres et vermes et serpentes comedentes eo*) (*VisPauli*, p. 154, em anexos). Cf., por sua vez, a punição dos ladrões na *Commedia*, *Inferno*, livro XXIV, vv. 82-99.

dos desafortunados, fincavam as presas ardentes de suas bocas nos corações deles. Além disso, sapos de admirável magnitude, como se fossem de fogo, também podiam ser vistos sentados sobre os peitos de alguns, fincando aí suas bocarras disformes, como se tentassem arrancar-lhes os corações. Os que se achavam assim presos e abatidos nunca cessavam de chorar e se lamentar. Demônios também corriam por sobre e entre eles e os torturavam, golpeando-os violentamente com chicotes²⁵⁷. Não se podia ver o fim desse campo em termos de profundidade, mas apenas na largura, por onde o cavaleiro entrou e saiu, pois ele cruzou os campos transversalmente. Disseram-lhe os demônios: “A não ser que consintas em retornar, suportarás os tormentos que vês”. No entanto, ignorados pelo cavaleiro, tentaram, como antes, fixá-lo com pregos, mas não puderam fazê-lo, quando ouviram o nome do Senhor.

²⁵⁷ Para práticas penitenciais e regulares envolvendo agressões físicas, *vide* McNeill & Gamer (1990, pp. 93, 115-116, 142, 144-146, 158, 163, 165, 256-265, 268) e Ó Maidín (1996, pp. 35 e 88).

*Transeuntes igitur inde duxerunt demones militem in tercium campum
miseriis plenum. Iste etenim campus hominibus utriusque sexus
[diuerseque] etatis plenus erat, qui ita in terram clavis ferreis
5 candentibusque fixi iacebant ut pre multitudine clauorum a summitate
capitum usque ad digitos pedum locus uacuu non inueniretur quantus digiti
unius summitate tegeretur. Isti uero uix uocem ad clamandum formare
potuerunt, sed, sicut homines qui morti proximi sunt, ita utcunque uocem
emiserunt. Nudi et isti, sicut ceteri, uidebantur et uento frigido et urente
10 flagrisque demonum cruciabantur. 'Hec,' inquiunt demones, 'tormenta
patieris, si nobis ut reuertaris, non assenseris.' Et cum eum, contempnentem
eorum comminationes, figere uoluissent, inuocauit nomen Ihesu Christi nec
quicquam amplius ei ibidem facere potuerunt.*

XII

Depois de atravessarem aquele lugar, os demônios conduziram o cavaleiro a um terceiro campo, pleno de infortúnios. Esse estava também repleto de pessoas de ambos os sexos e diferentes idades, que jaziam afixadas na terra com tantos pregos de ferro em brasa, que não se encontrava, do alto de suas cabeças até os dedos de seus pés, um lugar vazio que se pudesse cobrir com a ponta de um único dedo. Elas mal conseguiam articular sons para que gritassem, mas, assim como os homens que estão próximos da morte, emitiam-nos o melhor que podiam. Também como os demais, elas estavam nuas e eram torturadas pelas chicotadas dos demônios e por um vento frio e penetrante. Disseram os demônios então: “Se não consentires conosco em retornar, suportarás esses tormentos”. No entanto, quando tentaram prendê-lo, o cavaleiro, ignorando suas ameaças, invocou o nome de Jesus Cristo, e nada mais puderam fazer ali contra ele.

Hinc ergo militem trahentes, peruenerunt in quartum campum multis ignibus plenum, in quo omnia genera inuenta sunt tormentorum. Alii suspendebantur cathenis igneis per pedes, alii per manus, alii per capillos, alii per brachia, alii per tibias, capitibus ad ima uersis et sulphureis flammis inmersis. Alii in ignibus pendebant, uncis ferreis in oculis fixis, uel auribus, uel naribus, uel faucibus, uel mamillis, aut genitalibus. Alii fornacibus sulphureis cremabantur; alii quasi super sartagine urebantur. Alii uerubus igneis transfixi ad ignem assabantur, quos demonum alii uertunt, alii diuersis metallis liquescentibus deguttauerunt, quos tamen omnes discurrentes demones flagris cicerunt. Omnia genera tormentorum que excogitari possunt ibidem uisa sunt. Ibi etiam uidit quosdam de suis quondam sociis et eos bene cognouit. Eiulatus et clamores miserorum et fletus quos audiuit nulla sufficit hominum exprimere lingua. Hii autem campi non solum crutiatis hominibus, sed etiam pleni erant excruciantibus demonibus. Cumque illum ibidem torquere uoluissent, inuocato Ihesu Christi nomine mansit illesus.

XIII

Assim, tendo arrastado de lá o cavaleiro, chegaram a um quarto campo, repleto de muitos fogos, em que se achavam todos os gêneros de tormentos. Por meio de correntes em brasa, alguns estavam suspensos pelos pés, alguns pelas mãos, alguns ainda pelos cabelos, outros pelos braços, outros pelas pernas, todos com as cabeças viradas para baixo e imersas em labaredas sulfurosas. Outros se achavam em meio às chamas, pendurados por ganchos de ferro presos em seus olhos, ou ouvidos, ou narinas, ou gargantas, ou mamilos ou em suas genitálias²⁵⁸. Uns eram consumidos em fornalhas sulfúreas²⁵⁹; outros ardiam como se sobre frigideiras²⁶⁰; alguns ainda eram

²⁵⁸ O flagelo da suspensão é divisível na medida em que, ao se identificar o membro afligido, vislumbra-se o pecado a que esse se vincula. Evidentemente, a mera menção à pena também é atestada e significativa. Dentre os exemplos do primeiro grupo, cf. OTP GkApEzra 4: 22-24; 5: 1-3; 5: 24-25; VisEzra 19-20; e ANT ApPet [ethiopic] 7; e ApPet [akhmim] 22 e 24. No que se refere ao segundo, lê-se nos *Dialogi*, *Visio Pauli* e *Liber Reuelationum* respectivamente: “[...] mas logo em seguida tendo retornado ao corpo, testemunhou ter visto os suplícios do Inferno e os inúmeros locais das chamas. Narrou também ter visto alguns homens poderosos deste mundo suspensos nas mesmas chamas” ([...] *sed protinus corpori restitutus, inferni se supplicia atque innumera loca flammarum uidisse testabatur. Qui etiam quosdam huius saeculi potentes in eisdem flammis suspensos se uidisse narrauit*) (*Dialogi*, cap. XXXVII, 3, p. 126); “Paulo viu, diante das portas do Inferno, árvores em chamas e pecadores nelas suspensos e torturados. Alguns pendiam pelos pés, alguns pelas mãos, alguns pelos cabelos, alguns pelas orelhas, alguns pelas línguas, alguns pelos braços” (*Vidit vero Paulus ante portas inferni arbores igneas et peccatores cruciatis et suspensos in eis. Alii pendebant pedibus, alii manibus, alii capillis, alii auribus, alii linguis, alii brachiis*) (*VisPauli*, p. 152, em anexos); “Os ministros levaram-no a uma casa quadrada construída sobre quatro muros de pedra. Pedras afiadas e ligeiramente proeminentes estavam por todos os lados na paredes desta casa. Havia também uma viga colocada transversalmente acima dos muros, na qual estava presa uma corda que pendia para baixo. Os ministros prenderam os pés do cavaleiro nesta corda, fazendo com que sua cabeça pendesse para baixo. Puxando-o um pouco para cima, lançavam-no e o traziam de volta de parede em parede como se fosse uma bola (*Duxerunt igitur eum ministri in domum quadra[d/t]am super quattuor muros lapideos constructam. Erant autem undique per girum domus istius in parietibus acuti lapides aliquantulum prominentes. Et erat trabes quedam sursum super muros in transversum posita, ad quam funiculus unus alligatus deorsum dependebat. Ad hunc autem funem ministri alligabant pedes militis, capite deorsum dependente. Sursumque illum paululum trahentes, proicerunt et repulerunt eum quasi pilam de pariete in parietem [...]*) (*LibRev*, p. 138).

²⁵⁹ Cf. 1En 54:6; VisEzra 48-52. Na *VisPauli* (p. 152, em anexos), temos: “Além disso, viu uma fornalha ardente por meio de sete chamas de cores diversas e os pecadores que ali eram punidos” (*Et iterum vidit fornacem ignis ardentem per septem flammis in diversis coloribus, et puniebantur in eo peccatores*).

²⁶⁰ II Mcc 7, 5: “e quando já tivesse sido incapacitado por todas essas coisas, ordenou ser levado ao fogo ainda vivo e ser queimado na frigideira. Enquanto fosse torturado nela por algum tempo, os demais se incitavam, com a mãe, a morrer corajosamente” (*et cum iam per omnia inutilis factus/ esset/ iussit ignem admoveri/ et adhuc spirantem torrerem in sartagine/ in qua cum diu cruciaretur/ ceteri una cum matre invicem se hortabantur mori fortiter*). Os símiles culinários, por vezes, juntam-se a outros motivos característicos. Diz-se na *Fis Adamnán* (“A Visão de Adamnán”) (séc. X – XI A.D.), obra escrita em língua céltica, e na *Visio Tnugdali* (séc. XII) respectivamente: “Above this, a fiery furnace

assados junto ao fogo, trespassados por espetos ardentes que os demônios faziam girar; outros gotejavam com diferentes metais liquefeitos²⁶¹. A todos eles os demônios golpeavam com seus chicotes, enquanto corriam em várias direções. Todos os gêneros de tormentos que se possam imaginar eram vistos naquele lugar. Ali viu também alguns de seus companheiros de outrora e bem os reconheceu²⁶². Nenhuma língua dos homens seria suficiente para exprimir os lamentos²⁶³, os gritos dos desafortunados e o choro, que ouviu. Esses campos não só estavam repletos de pessoas

keeps ever burning, its flames reaching a height of twelve thousand cubits; through it the righteous pass in the twinkling of an eye, *but the souls of sinners are baked and scorched therein for twelve years*, and then their guardian angel conveys them to the fourth door” (Boswell 1908, p. 36) (A tradução é de Boswell); “Sobre aquela lâmina, descia uma multidão de muitíssimo miseráveis almas e ali eram queimadas até que se liquefizessem ao modo de uma pasta totalmente crestada na frigideira” (*Descendebat enim super illam laminam miserrimarum multitudo animarum et illic cremabantur, donec ad modum cremii in sartagine concremati omnino liquescerent* [...]) (*VisTnug*, cap. IV, p. 13, linhas 5-8); “Quando seguiam por locais tenebrosos e áridos, surgiu-lhes então uma casa aberta. A casa que viram era, por sua excessiva magnitude, vastíssima como um alto monte. *Era também redonda como um forno onde, dispostos os pães, costumam ser eles assados*. De lá, uma chama escapava, chama que por mil passos consumia quaisquer almas sobre as quais se punha” (*Cum autem irent per tenebrosa loca et arida, apparuit eis domus aperta. Domus autem ipsa, quam viderant, erat maxima, ut arduus mons pre nimia magnitudine, rotunda uero erat quasi furnus, ubi panes coqui solent positione. Flamma quoque inde exiebat, que per mille passus, quascunque animas invenit, comburebat*) (*ibid.*, cap. IX, p. 23, linhas 6-11). As marcas são nossas. Para outra possível fonte bíblica, cf. Nápoli (2011, p. 37, n. 3).

²⁶¹ Vide nota anterior, em especial, o primeiro excerto da *VisTnug*.

²⁶² O reconhecimento travestido de comentário será basilar em textos como a “Comédia”. Lá logo no início: “Logrei a uns poucos identificar;/ e a alma reconheci [acredita-se de Celestino V], que no alto estando/ se viu a grã renúncia praticar” (Poscia ch’io v’ebbi alcun riconsosciuto,/ vidi e conobbi l’ombra di colui [acredita-se Celestino V]/ che fece per viltade il gran rifiuto) (*Inferno*, livro III, vv. 58-60) (A tradução é de Cristiano Martins). Dito isso, ambas as obras são muito diversas entre si, mantendo sobremaneira o liame escatológico de que são possuidoras. Neste sentido, cf. nosso cap. 3.

²⁶³ A tópica ocorre em Virgílio entre outros: “Ainda que cem línguas eu tivera,/ Cem bocas, férrea voz, não poderia/ Os crimes abranger de toda espécie,/ Todos os nomes percorrer das penas” (*non mihi si linguae centum sint oraque centum,/ ferrea vox, omnis scelerum comprehendere formas,/ omnia poenarum percurrere nomina possim*) (*Eneida*, livro VI, vv. 625-627) (A tradução é de José Victorino Barreto Feio). No universo cristão, os autores da *Visio Tnugdali* e *Visio Pauli* lançam mão de igual recurso: “[...] escutou os gritos e berros de uma assombrosa multidão e também um trovão de tal forma horrível, que nem nossa pequenez poderia conceber, nem sua língua, como confessava, seria capaz de descrever por completo” ([...] *audivit clamores et ululatus mire multitudinis et tonitruum quoque ita horribilie, ut nec parvitas nostra possit capere, nec lingua ejus, ut fatebatur, valeat enarrare*) (*VisTnug*, cap. XII, p. 33, linhas 11-13); “Paulo perguntou então ao anjo quantas são as penas do Inferno. Disse-lhe o anjo: ‘Há 144 mil penas, e se houvesse cem homens falando desde o início do mundo, e cada um possuísse 104 línguas de ferro, [ainda assim] não poderiam enumerar as penas do Inferno’” (*Et interrogavit Paulus angelum, quot pene sint in inferno. Cui ait angelus: ‘Sunt pene .c. xliiij. milia, et si essent .c. viri loquentes ab inicio mundi et unusquisque .c. iij. linguas ferreas haberent, non possent dinumerare penas inferni.’*) (*VisPauli*, p. 156, em anexos). Paralelamente, cf. ApPet [ethiopic] 15 e ApPet [akhmim] 7.

torturadas, mas também de demônios torturadores. No entanto, quando quiseram torturá-lo, permaneceu ileso, ao invocar o nome de Jesus Cristo.

Cumque transissent inde, apparuit ante eos rota ignea mire magnitudinis, cuius radii et c'h'anti uncis igneis erant undique circumsepti, in quibus singuli homines infixi pendebant. Huius dum rote medietas sursum in aere
5 *stabat, alia medietas in terra deorsum mergebatur. Flamma uero tetri sulphureique incendii de terra circa rotam surgebat et in ea pendentes miserrime torrebat. 'Hoc,' inquiunt demones, 'qu[od] isti patiuntur patieris, nisi reuerti uolueris. Que tamen tolerant, prius uidebis.'* Demones igitur ex
10 *utraque parte alii contra alios uestes ferreos inter rote radios inp[er]gentes, eam tanta agilitate rotarunt ut in ea pendentium omnino nullum ab alio uisu posset discernere, quia pre nimia celeritate cursus sui uidebatur circulus igneus integer esse. Cumque iactassent militem super rotam et in aerem rotando leuassent, inuocato Christi nomine descendit illesus.*

XIV

Ao atravessarem aquele lugar, surgiu diante deles uma roda de fogo de admirável magnitude²⁶⁴, cujos raios e aro estavam cobertos por todos os lados com ganchos de ferro, dos quais pendiam pessoas presas. Enquanto metade da roda se achava acima no ar, a outra metade afundava embaixo na terra. Em verdade, uma chama de um fogo tétrico e sulfuroso erguia-se da terra em torno da roda e queimava muito tristemente os que dela pendiam. Falam os demônios: “Isto que eles suportam, suportarás, se não quiseses retornar. Mas antes verás do que padecem”. Os demônios então, lançando uns aos outros hastes de ferro, de ambas as partes entre os raios da roda, rodaram-na com tamanha rapidez, que não se podia discernir nenhum dos que pendiam nela de outra coisa vista, uma vez que sua trajetória se assemelhava à de um contínuo círculo de fogo, em razão de sua enorme velocidade. No entanto, quando jogaram o cavaleiro sobre a roda e o levantaram no ar, girando-a, ele desceu ileso, ao invocar o nome do Senhor.

²⁶⁴ Cf. OTP SibOr2 295; ANT ApPet [ethiopic] 12. A respectiva roda também é descrita entre os tormentos da *VisPauli* (p. 152, em anexos): “em que há a roda de fogo possuidora de mil órbitas. Mil vezes por dia, o anjo infernal a gira, e toda vez mil almas são torturadas nela” ([...] *in quo est rota ignea habens mille orbitas. Mille vicibus uno die ab angelo tartareo volvitur, et in unaquaque vice mille anime cruciantur in ea*).

Procedentes igitur inde cum milite demones traxerunt eum uersus domum unam grandem horribiliter fumigantem, cuius latitudo nimia fuit, longitudo uero tanta ut illius non poss[i]t ultima uidere. Cum autem adhuc ab ea
5 *aliquantum longius essent, pre nimio calore, qui inde exibat, substitit, procedere formidans. Dixerunt ergo ei demones, 'Quid tardas? Balnearium est quod uides. Velis nolis illuc usque progredieris; in eo cum ceteris balneabis.'* *Ceperunt autem de domo illa miserrimi fletus et planctus audiri. Introductus autem domum uidit diram uisionem et horrendam. Etenim*
10 *domus illius pauimentum fossis rotundis erat plenum, que sibi inuicem ita coherebant ut uix inter eas aut nullatenus iri potuisset. Erant autem fosse singule metallis diuersis ac liquoribus feruentibus plene, in quibus utriusque sexus et `diuerse' etatis mergebatur hominum multitudo non minima. Quorum alii omnino erant inmersi, [alii usque ad supercilia], alii ad oculos,*
15 *alii ad labia, alii ad colla, alii ad pectus, alii ad umbilicum, alii ad femora, alii ad genua, alii ad tibias; alii uno pede tantum tenebantur, alii utraque manu uel una tantummodo. Omnes pariter pre dolore plangentes clamabant et flebant. 'Ecce,' inquiunt demones, 'cum istis balneabis.'* *Subleuantesque militem conati sunt eum in unam fossarum proicere. Sed audito Christi*
20 *nomine defecerunt in suo conanime.*

Tendo prosseguido de lá com o cavaleiro, os demônios arrastaram-no na direção de uma grande casa, horivelmente fumegante, cuja largura era enorme, porém tamanho era seu comprimento, que não podia ver seu limite²⁶⁵. Em verdade, quando ainda estavam bastante longe dela, o cavaleiro estacou, temendo prosseguir, haja vista o intenso calor que de lá saía. Disseram-lhe os demônios: “Por que tardas? O que vês são banhos. Queiras ou não, seguirás até eles e lá te banharás com os demais”. Então um choro e pranto tristíssimos começaram a ser ouvidos vindos daquela casa e, ao ser introduzido nela, viu uma horrenda e aterrorizante visão. O pavimento da casa estava repleto de buracos redondos, de tal maneira próximos uns aos outros, que mal se podia andar entre eles, se é que se podia. Cada um dos buracos estava cheio de diferentes metais e líquidos ferventes²⁶⁶, em que uma gigantesca multidão de pessoas de ambos os sexos e diferentes idades estava mergulhada²⁶⁷. Algumas delas estavam totalmente

²⁶⁵ Assim como as outras penas ou benesses, as habitações do pós-vida adquirem especificidades, segundo os escritos em que estão contidas. Em sua faceta punitiva, cf. OTP 2En [J e A] 61:2-3; 3En18: 3; *LibRev* (pp. 138 e 206); e *VisTnug* (cap. IX, p. 23, linhas 6-11). Como contraponto, compare-se esta última com outro trecho da obra: “Após avançarem um pouco, viram uma casa admiravelmente ornada, cujas paredes e toda sua estrutura eram de ouro, prata e todos os gêneros de pedras preciosas” (*Cum autem modicum procederent, viderunt domum mirabilitier ornatam, cujus parietes et omnis structura ex auro erant et argento et ex omnibus pretiosorum generibus;*) (*VisTnug*, cap. XVIII, p. 42, linhas 16-19). Ao final, Gregório Magno tampouco se omite da discussão no cap. XXXVII, de seus *Dialogi*.

²⁶⁶ Os metais são especificados por Perellós: “And each of these pits was full inside of metals, all molten and burning, and there people dived into molten lead; and others in boiling copper; and others in iron which by the force of the fire and the great heat seemed to be red wine; and other in silver so hot and boiling that it seemed to be clear water; and others in gold so hot and all molten it was as bright as the sun”. A tradução é de Alan Mac an Bhaird.

²⁶⁷ À suspensão pelos membros se associa o ato de submergir os pecadores em líquidos ora ferventes, ora congelantes. Também de acordo com aquela primeira pena, a proporção com que as almas ou corpos são submersos torna-se representativa do grau e tipo de sua falta. Cf. OTP VisEzra 23-28; ANT ApPet [akhmim] 24. Leem-se no *LibRev*, onde sua recorrência é manifesta: “Ali havia fogos, porretes, tridentes, banhos de chumbo e piche e enxofre, e de todos os metais, os quais ardiam, queimavam e consumiam mais do que qualquer fogo. Nestes as tristes almas eram fervidas, chamuscadas, atormentadas e consumidas enquanto se liquefaziam”. (*Erant enim ibi ignes, fustes, tridentes, balnea plumbea et picea, et sulphurea, et omnium metallorum plus omni igne ardentium et urentium et consummentium, in quibus misere anime excoquebantur, torrebantur et torquebantur et liquentes consumebantur [...]*) (*LibRev*, p. 208); “Imediatamente foi lançado na água fervente, mais quente do que qualquer fogo. Neste banho, todos os seus membros derreteram, como cera no fogo [...]”. (*Statimque proiectus est in aquam bullientem, omni igne calidiorem. In quo balneo, tamquam cera in igne, liquefacta sunt omnia membra [...]*) (*ibid.*, p. 136); “As almas mencionadas estavam sob o rio, isto é,

imersas, algumas estavam imersas até as sobrancelhas, algumas até os olhos, outras até os lábios, outras até o pescoço, outras até o peito; algumas estavam imersas até o umbigo, algumas até a coxa, outras até os joelhos ou até a canela. Uns eram retidos por um pé apenas, outros por ambas as mãos ou tão somente uma. Todos, no entanto, gritavam e choravam igualmente, em pranto pela dor. Falam os demônios: “Eis que te banharás com eles!”. E, erguendo o cavaleiro, tentaram lançá-lo em um dos buracos, mas desistiram de sua investida, quando ouviram o nome do Senhor.

algumas totalmente [submersas], algumas até o rosto ou até os olhos, algumas até o pescoço, algumas até os ombros ou até o peito, ou até o umbigo, ou até a genitália, ou até os joelhos, ou até a canela, ou até os pés, algumas tinham as solas dos pés sobre o rio, já prestes a serem liberadas assim do perigo”. (*Erant igitur anime predictae sub flumine, quedam videlicet omnino, quedam usque ad frontem siue ad oculos, quedam usque ad collum, quedam usque ad scapulas siue ad pectus, siue ad umbilicum, siue ad pudenda, siue ad genua, siue ad tibias, siue ad pedes, quedam autem super plantas iam in flumine stabant, iamiam a periculo huiusmodi pene liberande*) (*ibid.*, p. 204); “respondeu que ela estava em enormes penas, submersa em um panela borbulhante com piche, enxofre e chumbo” ([...] *respondit illam esse in maximis penis et in cacabo pice et sulphure et plumbo bulliente esse dimersam*) (*ibid.*, p. 264). Na *VisPauli*, delimitam-se as penas mediante as partes do corpo torturadas: “Lá Paulo viu muitas almas submersas: algumas até os joelhos, algumas até o umbigo, algumas até os lábios, algumas até as sobrancelhas, eternamente sob tortura. E Paulo chorou, suspirou e perguntou ao anjo quais eram as que estavam submersas até os joelhos. O anjo lhe disse: ‘São os que se metem em conversas alheias, difamando os outros’. ‘E os outros, que estão submersos até o umbigo?’ ‘Esses são os fornicadores e adúlteros, que depois disso não se lembram de se penitenciarem’. ‘E os outros, imersos até os lábios?’. ‘Esses são os que fazem acusações entre si na igreja, não ouvindo a palavra de Deus’. ‘E os outros, submersos até as sobrancelhas?’ ‘Esses são os que se regozijam da desventura de seu próximo’” (*Ibi vidit Paulus multas animas dimersas, alie usque ad genua, alie usque ad umbilicum, alie usque ad labia, alie usque ad supercilia, et perhenniter cruciantur. Et flevit Paulus et suspiravit et interrogavit angelum, qui essent dimersi usque ad genua. Cui angelus dixit: ‘Qui se mittunt in sermonibus alienis aliis detrahentes. Alii dimersi sunt usque ad umbilicum?’ , Hi sunt fornicatores et adulterantes, qui postea non recordantur venire ad penitenciam. Alii mersi usque ad labia?’ , Hi sunt, qui lites faciunt inter se in ecclesia non audientes verbum dei. Alii usque supercilia?’ , Hi sunt, qui gaudent de malitia proximi sui*) (*VisPauli*, p. 153, em anexos). No caso da *Divina Commedia*, a imersão, aqui num rio de sangue fervente, é usada para punir os tiranos, entre eles, Alexandre da Macedônia: “Sob esta escolta fomos caminhando/ aolongo da caldeira ali sangrenta,/ em que os réus se coziam, gritos dando./ Quantos submersos vi até a venta!” (*Or ci movemmo con la scorta fida/ lungo la proda del bollor vermiglio, dove i bolliti facieno alte strida. Io vidi gente sotto infino al ciglio*) (*Inferno*, livro XII, vv. 100-103). A tradução é de Cristiano Martins. Dito isso, a punição no poeta adquire um matiz político ausente em *T*. Por fim, é interessante lembrar que a imagem da água fervente em que se submerge, parte ou inteiramente, não se limitaria ao universo literário, pertencendo também ao âmbito jurídico medieval. Neste caso, seu exemplo mais célebre e sistemático seria o do ordálio da água fervente, onde o réu deve retirar de um caldeirão um objeto, normalmente um anel ou uma pedra, a fim de provar sua inocência. Sobre a origem histórica do procedimento, *vide*, entre outros, Bartlett (2014, pp. 4-5), que avalia que a referência inicial à prova seja a primeira recensão da Lei Sállica (c. 510). Como adendo, ainda Bartlett (*ibid.*) comenta acerca de tal prática em território irlandês.

Recedentes autem a loco illo perrexerunt contra montem unum, in quo utriusque sexus et diuerse etatis super digitos pedum curuatam tantam uidit sedere multitudinem nudorum hominum quod pauci uiderentur ei omnes quos ante uiderat. Hii omnes, quasi mortem cum tremore prestolantes,
5 *uersus aquilonem intendebant. Cumque miles miraretur quid hec misera multitudo prestolaretur, ait unus demonum ad eum 'Forte miraris quid cum tanto timore populus hic exspectat. [Nisi nobis consentiens reuerti uolueris, scies quid tam tremebundus expectat.]' Vix demon uerba finierat, et ecce ab aquilone uentus turbinis ueniebat, qui et ipsos demones et quem duxerunt*
10 *militem totumque populum illum arripuit et in quoddam flumen fetidum ac frigidissimum flentem ac miserabiliter eiulantem longe in aliam montis partem proiecit, in quo inestimabili frigore uexabantur. Et cum niterentur de aquis emergere, currentes demones super aquas eos incessanter inmerser[un]t. At miles, adiutoris sui non immemor, nomen ipsius*
15 *reclamans, in alia ripa se sine mora repperit. '*

XVI

E assim, retirando-se daquele lugar, avançaram na direção de uma montanha, na qual viu tão grande multidão de pessoas de ambos os sexos e diferentes idades, nuas e curvadas sobre os dedos dos pés, que lhe pareceram poucos todos os que vira antes. Todas elas se arqueavam em face ao vento norte, tremendo como se aguardassem a morte. Quando o cavaleiro se admirou do porquê de essa triste multidão estar ali a esperar, respondeu-lhe um dos demônios: “Talvez te admires do motivo pelo qual esta gente espera aqui com tanto temor. Caso não queiras consentir conosco e retornar, saberás por que ela aguarda tão tremebunda”. Mal o demônio terminara suas palavras, eis que um vento em turbilhão lhes sobreveio do norte²⁶⁸ e arrebatou os próprios demônios e o cavaleiro que conduziam, bem como toda aquela multidão, que chorava e se lamentava miseravelmente, e os lançou para longe num rio fétido e muitíssimo gelado²⁶⁹, em outra parte da

²⁶⁸ Ez 1, 4: “e vi, e eis que um vento em turbilhão sobreveio do Norte e uma grande nuvem e um fogo revoltado e um esplendor em volta dela e no meio dela como se um aspecto de âmbar, isto é, do meio do fogo” (*et vidi et ecce ventus turbinis veniebat ab aquilone et nubes magna et ignis involvens et splendor in circuitu eius et de medio eius quasi species electri id est de medio ignis*). Cf. também OTP 1En 17: 1-3; 3En 47: 2.

²⁶⁹ Outra faceta do rio de fogo, a hidrografia do Inferno/Purgatório caracteriza-se pela desmesura, experimentada por vezes simultaneamente, nos extremos de calor e frio de um mesmo ciclo punitivo: “Enquanto andávamos, chegamos a um vale muito largo e profundo, cuja extensão era infinita, o qual estava situado à nossa esquerda. Um de seus lados mostrava-se bastante terrível com suas chamas ferventes; o outro não era menos intolerável, soprando e arrebatando por todos os lados, com a fúria de seu granizo e o frio da neve. Ambos os lados estavam repletos de almas humanas, que pareciam ser lançadas em turnos de um lado para o outro, como se pela fúria de uma tempestade” (*cumque ambulemus, deuenimus ad uallem multae latitudinis ac profunditatis, infinitae autem longitudinis; quae ad leuam nobis sita, unum latus flammis feruentibus nimium terribile, alterum furenti grandine ac frigore niuium omnia perflante atque uerrente non minus intolerabile praeferbat. Utrumque autem erat animabus hominum plenum, quae uicissim huc inde uidebantur quasi tempestatis impetu iactari*) (*HE VisDry*, pp. 304-305); ou ainda: “Depois disso, viu homens e mulheres em um lugar glacial, e um fogo queimava metade deles e a outra era congelada” (*Post hoc vidit viros ac mulieres in loco glaciali, et ignis urebat de media parte et de media frigatebat*) (*VisPauli*, p. 154, em anexos). Sobre a variante frígida do rio e suas variações, escreve-se no *LibRev*: “[...] imediatamente foi lançado em um banho muitíssimo frio, que superava toda neve e gelo em razão de sua frieza” ([...] *statim proiectus est in balneum frigidissimum, quod frigiditate sui omnem niuem et gelu superaret*) (*LibRev*, p. 136); “Chegando de novo a outro rio, que se enrijecia com mais frialdade do que toda neve, gelo ou tudo que nesse mundo se pode imaginar como muitíssimo frio [...]” (*Veni[a/e]ntibus iterum illis ad aliud flumen quod omni niue aut gelu uel omni quod in hoc seculo frigidissimum potest excogitari, frigidius rigeat [...]*) (*ibid.*, p. 206). No que tange ao direito medieval, soma-se ao ordálio da água fervente (*vide* nota 267) seu oposto, isto é, da água fria. Nele, o réu é amarrado e lançado em um corpo de água, por vezes, um rio. Espera-se que os inocentes afundem, enquanto os culpados retornem à

montanha, onde eram assolados por um frio inimaginável. Quando tentavam sair das águas, os demônios, correndo sobre elas, afogavam-nos sem cessar. Mas o cavaleiro não se esqueceu de seu Salvador e, exclamando o nome Dele, encontrou-se sem demora na margem oposta.

superfície. Acerca de suas origens, Bartlett (2014, pp. 10 – 11) é da opinião de que se trate de uma inovação do reinado de Carlos Magno (c. 742 – 814).

Necdum militis Christi demones iniuria saciati, accedentes traxerunt eum contra austrum. Et ecce uidit ante se flammam teterrimam et sulphureo fetore putentem quasi de puteo quodam ascendere et quasi homines nudos et igneos utriusque sexus et etatis diuerse sicut scintillas ignis sursum in aere iactari, qui et, flammarum ui deficiente, reciderunt iterum in puteo et igne. Quo approximantes dixerunt militi demones, 'Iste flammiumus puteus inferni est introitus. Hic est habitatio nostra. Et quoniam nobis hucusque seruisti, hic sine fine nobiscum manebis. Omnes enim qui nobis seruiunt hic sine fine nobiscum manebunt. Quo si semel intraueris, in eternum et anima et corpore peribis. Si tamen nobis consenseris, illesus ad propria remeare poteris.' Illo uero de Dei auxilio presumente illorumque promissa spernente, precipitauerunt se demones in puteum, trahentes secum militem. Et quo profundius descendit, eo latiore puteum inuenit, sed et grauiorem penam pertulit. Adeo namque fuit intolerabilis ut pene sui saluatoris sit oblitus nominis. Deo tamen inspirante rediens ad se, ut potuit, nomen Domini Ihesu Christi clamauit. Statimque uis flamme cum reliquis sursum eum in aerem proiecit. Descendensque iuxta puteum solus aliquandiu stetit. Cumque se ab ore putei subtrahens stetisset, ignorans quo se uerteret, egressi sunt alii demones de puteo, `ab` eo, ut ita dixerim, ignoti. Qui dixerunt ei, 'Quid ibi stas? Quod hic esset infernus, tibi dixerunt socii nostri. Mentiti sunt. Consuetudinis nostre semper est mentiri, ut quos non possumus per uerum fallamus per mendacium. Non est h[ic] infernus, sed nunc ad infernum te ducemus.'

XVII

Não satisfeitos com a injúria feita ao cavaleiro de Cristo, os demônios tornaram a atacá-lo e o arrastaram contra o vento sul. Eis que ele viu, diante de si, uma chama muitíssimo tétrica, além de mal cheirosa por seu fedor sulfuroso²⁷⁰, a qual se alçava como se de um poço²⁷¹. Viu também pessoas de ambos os sexos e diferentes idades, nuas e em chamas, que eram lançadas para os ares, à maneira de fagulhas, e que, conforme as labaredas perdiam sua força, caíam de volta no poço e no fogo²⁷². Dali se

²⁷⁰ Em última análise, o mau cheiro das regiões infernais e purgatórias contrasta com o bom aroma do Paraíso Terrestre e Celestial. A união com o fogo, a seu tempo, dá forma à punição bíblica que recai sobre Sodoma e Gomorra. Sobre essa, atesta Gregório Magno: “Como o livro do Gênesis [Gn 19, 24] confirma, aprendemos que o Senhor fez chover fogo e enxofre sobre os sodomitas, a fim de que o fogo os queimasse e o fedor do enxofre os matasse” (*Nam libro Geneseos adtestante didicimus quia super Sodomitas Dominus ignem et sulphurem pluit, ut eos et ignis incenderet, et foetor sulphuris necaret.*) (*Dialogi*, cap. XXXVIII, 1, p. 138). Dito isso, a combinação típica entre o poço infernal e tais componentes nos é apresentada, por exemplo, na *VisPauli* (p. 154, em anexos): “Perguntou-lhe o anjo: ‘Por que te lamentas? Ainda não viste as maiores penas do Inferno’. E lhe mostrou um poço lacrado com sete selos e disse a ele: ‘Mantém-te longe, para que possas suportar seu fedor’. Aberta a boca do poço, elevou-se um fedor malfazejo e inclemente que superava todas as penas do Inferno. Disse o anjo: ‘Se alguém for lançado neste poço, ele não será lembrado à vista de Deus’” (*Et dixit ei angelus: ‘Quare ploras, Paule? Nondum vidisti maiores penas inferni. Et ostendit illi puteum signatum .vij. sigillis et ait illi: ‘Sta longe, ut possis sustinere fetorem hunc.’ Et aperto ore putei surrexit fetor malus et durus superans omnes penas inferni. Et dixit angelus: ‘Si quis mittatur in hoc puteo, non fiet commemoracio eius in conspectus domini.*”). Para uma outra variante, cf. OTP 1En 67: 4-7.

²⁷¹ Apc 9, 1-2: “E o quinto anjo tocou a trombeta e vi uma estrela cair do céu na terra e lhe foi dada a chave do poço do abismo. E abriu o poço do abismo. E subiu uma fumaça do poço assim como a fumaça de uma grande fornalha. E o sol e o ar foram obscurecidos pela fumaça do poço” (*et quintus angelus tuba cecinit/ et vidi stellam de caelo cecidisse in/ terram/ et data est illi clavis putei abyssi/ et aperuit puteum abyssi/ et ascendit fumus putei sicut fumus/ fornacis magnae/ et obscuratus est sol et aer de fumo/ putei*). Em Dante, os temas habituais do Inferno, geográficos e sensitivos, apresentam-no: “Na verdade, eu estava bem à frente/ do recôndito vale doloroso, de que vinha um rumor surdo e plangente./ Tão sombrio era ele, e nebuloso,/ que eu, por mais que scrutasse tudo a fundo, nada enxerguei do que era então curioso” (*Vero è che ‘n su la proda mi trovai/ de la valle d’abisso dolorosa/ che ‘ntrono accoglie d’infiniti guai./ Oscura e profonda era e nebulosa/ tanto che, per ficcar lo viso a fondo,/ io non vi discerneva alcuna cosa*) (*Inferno*, livro IV, vv. 7-12). A tradução é de Cristiano Martins. Com efeito, as características infernais elencadas pelo poeta nada mais são muitas vezes que a própria matéria descritiva do Purgatório, como se acha em *T*.

²⁷² A semelhança com Drythelm é imediata, a saber: “Quando avançávamos ‘pelas sombras sob a noite solitária’[Eneida, VI, v. 208], eis que apareceram diante de nós diversas esferas de repulsivas chamas, que subiam de um grande poço e de novo caíam nele” (*Et cum progredieremur “sola sub nocte per umbras”, ecce subito apparent ante nos crebri flammularum tetra globi, ascendentes quasi de puteo magno, rursumque decedentes in eundem*) (*HE VisDry*, p. 305); “Enquanto os mesmos globos de fogo subiam sem interrupção e depois desciam ao fundo do abismo, percebo que as extremidades das chamas que ascendiam estavam cheias de espíritos humanos, que à maneira de brasas que sobem com a fumaça, ora eram lançados às alturas, ora caíam de volta nas profundezas com o recuo do vapor do fogo. No entanto, o incomparável fedor, fervendo com os mesmos

aproximando, disseram os demônios ao cavaleiro: “Este poço que vomita fogo é a entrada do Inferno²⁷³. Aqui é a nossa morada. E porque nos serviste até agora, permanecerás para sempre aqui conosco. Todos aqueles que nos servem permanecerão aqui conosco para sempre. Se nele entrares uma só vez, perecerás em corpo e alma pela eternidade. Porém, se consentires conosco, poderás voltar ileso para casa”. Todavia, estando o cavaleiro confiante no auxílio de Deus e repudiando tais promessas, os demônios precipitaram-se no poço, arrastando-o consigo. Quanto mais caía, mais via alargar-se o poço e mais pesada era a pena que suportava. A tal ponto ela foi intolerável, que quase se esqueceu do nome de seu Salvador. No entanto, sob a inspiração de Deus, o cavaleiro voltou a si e gritou, como pôde, o nome do Senhor Jesus Cristo. Imediatamente a força da chama lançou-o com os demais para o ar e, caindo próximo ao poço, ficou ali a sós por muito tempo. Enquanto se afastava de sua boca, ignorando para onde se dirigir, outros demônios saíram do poço, os quais o cavaleiro, como teria dito, não reconheceu. Eles lhe disseram: “Por que estás aí parado? Nossos sócios te disseram que este aqui fosse o Inferno. Mas mentiram! É do nosso feitio sempre mentir, de modo que aqueles que não podemos enganar com verdades enganamos com mentiras!²⁷⁴ Este aqui não é o Inferno, mas agora te conduziremos a ele”.

vapores, enchia todos aqueles locais de trevas” (*At cum idem globi ignium sine intermissione modo alta peterent, modo ima baratri repeterent, cerno omnia, quae ascendeant, fastigia flammarum plena esse spiritibus hominum, qui instar fauillarum cum fumo ascendentium, nunc ad sublimiora proicerentur, nunc retractis ignium uaporibus relaberentur in profunda. Sed et fetor incomparabilis cum eisdem uaporibus ebulliens omnia illa tenebrarum loca replebat*) (*ibid.*, pp. 305-306).

²⁷³ O poço do Inferno, que muitas vezes se confunde com o abismo bíblico [cf. Apc 9, 11], é um dos obstáculos com que se deparam alguns dos viajantes do além-túmulo: “Por sua vez aquele poço que viste, o qual vomita chamas e é mau cheiroso, é a boca da Geena, em que qualquer um que caia uma só vez, nunca mais será liberado de lá” (*Porro puteus ille flammiumus ac putidus, quem uidisti, ipsum est os gehennae, in quo quicumque semel inciderit, numquam inde liberabitur in aeuum*) (*HE VisDry*, p. 308). A idéia de um local cujo acesso é vedado encontra-se do mesmo modo nos “Diálogos”: “Abertos os olhos, viu espíritos repulsivos e muitíssimo escuros que estavam de pé à sua vista, bastante ávidos para carregarem-no à entrada do Inferno” ([...] *apertis oculis vidit tetros et nigerrimos spiritus coram se adsistere et vehementer insistere, ut ad inferni claustra eum raperent*) (*Dialogi*, cap. XL). Em meio aos *pseudepigrapha*, cf. OTP 1En 18: 11-12; 56: 3-4; 88 1-2; 90: 24-27; SibOr8 195-197, 241; ApZeph 6: 15; 7: 9; 9: 1-2, os quais compartilham algumas das imagens de *T*. Conforme se revelará, no entanto, a descrição dos demônios é falsa neste caso.

²⁷⁴ Io 8, 44: “Vós sois do vosso pai, Diabo, e quereis cumprir os desejos do vosso pai. Desde o início, ele foi homicida e não se manteve na verdade, porque não há verdade nele. Quando fala a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e o pai dela” (*vos ex*

Inde igitur trahentes militem cum magno tumultu et horribili peruenerunt ad flumen quoddam latissimum et fetidum, totum quasi sulphurei incendii flamma coopertum demonumque multitudine plenum. Dixerunt ergo ei, 'Sub
5 *isto flammante flumine noueris infernum esse.'* *Vltra flumen illud quod uidebatur pons unus protendebatur. Dixeruntque demones [ad militem], 'Oportet te per hunc pontem transire; nos autem, uentos et turbines commouentes, de ponte proiciemus te in flumen. Socii uero nostri qui in eo sunt te captum in infernum demergent. Volumus tamen te prius probare*
10 *quam tutum tibi sit per illum transire.'* *Tenentes igitur manum eius ducebant super pontem. Erant autem in eodem ponte tria transeuntibus ualde forrnidanda. Primo uidelicet, quod ita lubricus erat ut, etiamsi latissimus esset, aut uix aut nullatenus quis in eo pedem figere posset; secundum, quod ita strictus et gracilis erat ut uix aut nullo modo in eo aliquis stare uel*
15 *ambulare posse uidebatur; tertium quod adeo alte protendebatur in aere ut etiam horribile uideretur ad ipsius altitudinem oculos erigere. 'Si tamen,' inquit, 'adhuc nobis assenseris ut reuertaris, etiam ab hoc discrimine securus ad patriam remeare poteris.'* *Cogitans autem intra se fidelis Christi miles de quantis eum periculis liberauerit aduocatus eius piissimus, ipsius*
20 *inuocato nomine cepit super pontem pedetemptim incedere. Nichil igitur lubrici sub pedibus sentiens, firmiter incedebat, in Domino confidens. Et quo alcius ascendit, eo spaciosiore pontem inuenit. Et ecce post paululum tantum creuit pontis latitudo ut etiam duo carra exciperet sibi obuiantia.*

XVIII

Após arrastarem o cavaleiro com grande e horrível alvoroço, chegaram a um rio muitíssimo vasto e fétido, todo ele coberto como pela chama de um sulfuroso fogo²⁷⁵, além de repleto de uma multidão de demônios. Disseram-lhe eles: “Saibas que, sob este rio flamejante, está o Inferno”. Além disso, uma ponte era vista se estender através do rio²⁷⁶. Disseram então os

patre diabolo estis! et desideria patris vestri vultis facere! ille homicida erat ab initio! et in veritate non stetit! quia non est veritas in eo! cum loquitur mendacium ex propriis! loquitur! quia mendax est et pater eius).

²⁷⁵ O rio de fogo que aqui é sobremodo punitivo tende a conter em si funções variadas, por vezes simultâneas. Em princípio, seu fogo é tríplice: punitivo, purgatório e salvador, embora, ao afirmá-lo, deva-se recordar que tal esquema não é em absoluto fixo. Se por um lado as almas são punidas nele em *T* (e em textos diversos; *vide* exemplos abaixo), por outro se recorde que os anjos de 3En 36:1-2 se banharão no mesmo, a fim de que possam produzir o seu canto. De todo modo, a relação estabelecida com o rio ígneo de Dn 7, 10 e com o lago em chamas de Apc 19,20; 20: 9-10, 14-15; 21, 8 é dinâmica. São eles: “Um rio de fogo fluía rápido de Sua presença. Milhares de milhares O serviam, e miríades de miríades se mantinham de pé diante Dele” (*fluvius igneus rapidusque egrediebatur a facie eius milia milium ministrabant ei et decies milies centena milia adsistebant ei*); “E a besta foi aprisionada e com ela o falso profeta [...] eles dois foram lançados vivos no lago de fogo, sulfuroso e ardente” (*et adprehensa est bestia et cum illo pseudopropheta [...] vivi missi sint hii duo in stagnum ignis ardentis sulphure*); “e o fogo desceu do céu vindo de Deus e os devorou; e o diabo, que os iludia, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde a besta e o falso profeta estão e serão torturados dia e noite, pelos séculos dos séculos” (*et descendit ignis a Deo de caelo et devoravit et diabolus qui seducebat eos missus est in stagnum ignis et sulphuris ubi bestia et pseudoprophetae et cruciabuntur die ac nocte in saecula saeculorum*); “o inferno e a morte foram lançados no lago de fogo; essa é a segunda morte, o lago de fogo; e quem não foi encontrado inscrito no Livro da vida foi lançado nele” (*et inferus et mors missi sunt in stagnum ignis haec mors secunda est stagnum ignis! et qui non est inventus in libro vitae scriptus missus est in stagnum ignis*); “aos covardes, incrédulos, detestáveis, homicidas, fornicadores, feiticeiros, idólatras e a todos os mentirosos, eles terão sua parte no lago de fogo e enxofre ferventes” (*timidis autem et incredulis et execrates et homicidis et fornicatoribus et veneficis et idolatris et omnibus mendacibus pars illorum erit in stagno ardenti igne et sulphure*). Tendo em mente a ambivalência da respectiva imagem, *cf.* ainda OTP 1En 17: 5-7; 2En[J e A] 10: 2; 3En 18:19; 19: 4; 33: 4-5; 47: 1-2; 3En [Appendix] 22B: 3-4; SibOr2 196-200, 203-205, 252-253, 283-286, 313-314; SibOr8 243; ANT ApPet [ethiopic] 6; ApPet [akhmim] 23. Para uma representação mais próxima do *Tractatus*, o próprio *Liber Revelationum* a fornece: “Quando o pai olhou para baixo, viu o mesmo rio: muitíssimo repugnante, horrendo e mau cheiroso, exalando de si uma fumaça fétida superior a todo o fedor que poderia ser sentido no mundo. Viu também o mesmo rio borbulhar em razão de seu enorme calor e as inumeráveis almas dos mortos serem ali retidas contra sua vontade, enquanto fervem; elas gritavam e se lamentavam pela intensidade e intolerabilidade do calor e do fogo em que eram queimadas, fervidas e chamuscadas”. (*Respiciens igitur pater deorsum, vidit ipsum flumen teterrimum, horrendum, fetidissimum, fumum fitidum ex se exhalans omnem fetorem qui in mundo sentiri potest superantem. Vidit et ipsum flumen ex nimio sui calore bullire, et in eo infinitas animas defunctorum inuitas teneri et excoqui, clamare et eiulare, ob immensitatem et intolerabilitatem caloris et incendii quo urebantur, excoquebantur, incendebantur*) (*LibRev*, p. 204).

²⁷⁶ A ponte que se adapta aos pecadores e bem-aventurados é um motivo que, não obstante seja vinculado a Gregório Magno faz-se passível de observação em fontes não cristãs. Diz-se no primeiro: “Ele que, tendo sido levado de seu corpo, jazeu sem vida, mas rapidamente voltou e narrou os acontecimentos que aconteceram com ele. Disse, pois, que havia uma

demônios ao cavaleiro: “É necessário que tu atravesses esta ponte. Quanto a nós, poremos em agitação ventos e vórtices e te lançaremos dela em direção ao rio. Em verdade, nossos sócios que ali estão te afundarão para dentro do Inferno, depois de capturarem-te. Todavia, primeiro queremos dar-te prova de quão seguro será a ti atravessá-la”. E assim, tomando-o pela mão, conduziram-no até a ponte. Nela havia três coisas a serem bastante temidas pelos que a atravessavam. A primeira, sem dúvida, é que era de tal forma escorregadia, que, mesmo se fosse muitíssimo larga, mal — ou de modo algum — alguém poderia fixar os pés nela; a segunda, é que era tão estreita e fina, que aparentemente ninguém seria capaz de ficar de pé ou caminhar sobre ela, a não ser com dificuldade ou de modo algum; a terceira, por fim, é que se estendia a tal altura no ar, que até mesmo levantar os olhos para avistá-la era por certo aterrorizante²⁷⁷. Falam os demônios: “Se, contudo,

ponte – algo que [já] era então conhecido por muitos – sob a qual corria um rio escuro e nebuloso que exalava uma névoa de um intolerável mau cheiro. (*Qui eductus e corpore exanimis jacuit, sed citius rediit, et quae cum eo fuerant gesta narravit. Aiebat enim, sicut tunc res eadem etiam multis innotuit, quia pons erat, sub quo niger atque caligosus foetoris intolerabilis nebulam exhalans fluvius decurrebat*) (*Dialogi*, cap. XXXVII, 7-8, p. 130); “Havia uma provação nesta ponte, pois quaisquer injustos que quisessem atravessá-la cairiam no tenebroso e fétido rio; por outro lado, os justos a quem a culpa não fosse obstáculo chegariam aos lugares amenos com passo seguro e desimpedido” (*Haec vero erat in praedicto ponte probatio, ut quisquis per eum iniustorum uellet transire, in tenebroso foetentique fluvio laberetur, iusti vero, quibus culpa non obsisteret, securo per eum gressu ac libero ad loca amoena peruenirent*) (*ibid.*, 10, p. 130); “Nesta mesma ponte, testemunhou ter reconhecido este Stephen de quem falei. Quando ele quis atravessá-la, seu pé escorregou e, com metade de seu corpo já se projetando para fora da ponte, certos homens horribilíssimos que surgiam do rio começaram a puxá-lo para baixo pelos quadris; enquanto outros, vestidos de branco e belíssimos, puxavam-no pelos braços para cima” (*In eodem quoque ponte hunc quem praedixi Stephanum se recognovisse testatus est. Qui dum transire voluisset, eius pes lapsus est, et ex medio corpore iam extra pontem deiectus, a quibusdam teterrimis viris ex flumine surgentibus per coxas deorsum, atque a quibusdam albatis et speciosissimis viris coepit per brachia sursum trahi*) (*ibid.*, 12, p. 132). A descrição de Paulo pouco se afasta dela: “Acima do rio há uma ponte, pela qual as almas justas atravessam sem qualquer hesitação, e muitas almas pecadoras são mergulhadas, cada uma segundo seu mérito. Lá estão muitas bestas diabólicas e muitas habitações mal preparadas, assim como diz o Senhor no evangelho: ‘Prendei-os em pequenos feixes para que sejam queimados, isto é, iguais com iguais, adúlteros com adúlteros, gananciosos com gananciosos, iníquos com iníquos’. Qualquer um pode ir pela ponte tanto quanto seja o seu mérito” (*Et desuper illud flumen est pons, per quem transeunt anime iuste sine ulla dubitatione, et multe peccatrices anime merguntur unaqueque secundum meritum suum. Ibi sunt multe bestie dyabolice multaeque mansiones male preparatae, sicut dicit dominus in evangelio: ‘Ligate eos per fasciculos ad comburendum; id est similes cum similibus, adulteros cum adulteris, rapaces cum rapacibus, iniquos cum iniquis. ‘Tantum vero potest quisque per pontem illum ire quantum habet meritum*) (*VisPauli*, p. 154, em anexos).

²⁷⁷ Em Perellós, há algumas discrepâncias, quando descreve as características da ponte: “And that had in it three things which make one fear much. The first that it was icy and narrow; and even if it were wide enough, one could hardly keep oneself on it. The second, it was so high that it was most to be feared and it was a terrible thing to look at the ground.

consentires conosco em retornar, poderás ainda voltar ao teu país, livre deste perigo”. O fiel cavaleiro de Cristo refletiu consigo mesmo sobre os tantos perigos de que seu muitíssimo pio Defensor o havia liberado. Invocou então o nome de Deus e começou a avançar sobre a ponte, pé ante pé. Nada de escorregadio sentindo sob eles, avançava firmemente, confiante no Senhor. E quanto mais subia, mais descobria tornar-se espaçosa a ponte. Eis que, em pouco tempo, a largura dela tanto aumentou, que poderia receber duas carroças vindo em direções opostas.

The third was that the wind rushed so strongly on it that no one could imagine the noise that it made there”. A tradução é de Alan Mac an Bhaird.

Porro demones, qui militem illuc [usque] perduxerant, ulterius progredi non ualentes, ad pedem pontis steterunt, quasi lapsum militis prestolantes. Videntes autem eum libere transire, ita clamoribus aerem concusserunt, ut
5 *intolerabilior ei uideretur huius horror clamoris quam preteritarum aliqua penarum quam sustinuerat ab ipsis. Cernens tamen eos subsistere nec ultra progredi ualere pique ductoris sui reminiscens, securius incedebat. Demones autem supra flumen discurrentes uncis suos ad eum iaciebant, sed illesus ab eis preteriit. Securus tandem procedens, uidit latitudinem pontis*
10 *in tantum excrescere ut uix ex utraque parte posset aquam aspicere.*

XIX

Os demônios que até ali trouxeram o cavaleiro, incapazes de ir além, permaneceram aos pés da ponte, como se aguardassem a sua queda. No entanto, ao verem-no atravessá-la livremente, de tal forma golpeavam o ar aos gritos, que parecia ao cavaleiro mais intolerável o horror daquela gritaria, do que qualquer uma das penas pretéritas que deles suportara. O cavaleiro, entretanto, percebeu que eles se detinham, incapazes de prosseguir adiante, e, lembrando-se de seu pio Guia, com maior segurança continuou sua subida. Os demônios corriam por todas as direções sobre o rio e lançavam seus ganchos sobre o cavaleiro, que escapou ileso desses. Enfim, avançando tranquilamente, viu a largura da ponte aumentar a tal ponto, que mal conseguia enxergar a água em cada um dos seus lados.

Comparentur igitur, karissimi, passiones huius uite predictorum locorum tormentis et miserie. Qu[e] si igitur inuicem opponantur in mentis statera, quasi incomparabilis harene multitudo maris leuissime comparata pluuiæ, grauior apparebit eorundem locorum inestimabilis miseria. [Carn]eis ut
5 credo, motibus sane mentis nemo delectabitur, quamdiu puro mentis intuitu talia contemplabitur. Et quibus grauis et aspera uidetur in monasterio sui ipsius pro Christo temporalis abnegatio, reminiscantur, oro, quam amara sit illorum tormentorum diuturna excrutatio. Incomparabiliter enim leuior est uita claustralis et districtissime regule rigor discipline cenobialis, ubi
10 tam corporum quam animarum necessaria sine sollicitudine queruntur, quam supradicta penarum loca in quibus miseri pro peccatis in hac uita non emendatis, non tantum maximis sed etiam minimis negligenter multiplicatis, diuturna miseria cruciari creduntur. Sunt autem peccata que minima uel parua siue leuia dicuntur, non quia parua uel leuia sint, sed quoniam in hac
15 uita uere penitentibus leuiter a Deo dimittuntur. Quod si quis ea emendanda in futurum distulit contempnendo, non leuia sed grauia immo grauissima in penis ea sentiet experiendo. Nemo se de peccatorum leuium leuitate, quia ita apellantur, blandiendo seducat. Quanto etenim fuerint leuiora, tanto fit culpe grauioris eorum in interni iudicis examine corrigendi negligentia.
20 Nullum igitur omnino peccatum paruum estimare debemus. Anselmus. Vtinam districtus iudex parui existimaret aliquod peccatum! Nonne omne peccatum per preuaricationem Deum exhonorat? Quod ergo peccatum audet quis dicere paruum? [Deum enim exhonorare quis sane mentis dicturus est paruum?] Quid respondebimus cum exigetur a nobis usque ad
25 ictum oculi tocius uite presentis cursus? Tunc quippe condempnabitur quicquid in nobis inuentum fuerit operis ociosi uel sermonis, uel eciam silentii inemendatum usque ad minimam cogitationem. Quis uel mente captus audeat affirmare peccata fore leuia quibus amara debetur gehenna? Ve, quot peccata proruent ibi ex inproviso quasi ex insidiis, que modo
30 paruipendimus. Certe plura et forsitan terribiliora hiis que grauia iudicamus. Quot que non esse mala putamus, quot etiam que nunc sub specie religionis uelata bona ualde existimamus, ibi nudata facie

XX

Ó caríssimos, sejam comparados os sofrimentos desta vida com os tormentos e a tristeza dos lugares mencionados! Se os pusermos lado a lado na balança de nossa mente, ficará evidente a maior gravidade da incalculável tristeza daqueles lugares, do mesmo modo que se fosse comparado à levíssima chuva o número incomparável de grãos da areia do mar²⁷⁸. Ninguém de bom juízo, creio eu, há de deleitar-se em impulsos carnaís, na medida em que contemplar tais coisas com o puro olhar da mente. E àqueles a quem parecer onerosa e áspera a abnegação temporal de si próprios em favor do Cristo em um mosteiro, rogo-lhes que tragam à memória quão amarga é a duradoura tortura desses tormentos. A vida no claustro e o rigor da severíssima regra da disciplina monástica, onde se busca sem inquietude aquilo que o corpo e alma necessitam, são incomparavelmente mais leves do que os lugares de penitência de que falamos. Nestes se acredita que os desafortunados sofram torturas em um longo infortúnio, em razão de pecados não emendados em vida e que são multiplicados pela negligência não apenas com grandes coisas, mas em miudezas. No entanto, tais pecados são ditos menores, pequenos ou mesmo leves não porque sejam [eles mesmos] pequenos ou leves, mas porquanto os pecadores são ficalmente perdoados em vida por Deus. De fato, se alguém os desdenhar e adiar para o futuro aquilo que deve ser emendado, esse os sentirá não como leves, mas graves, ou melhor, gravíssimos, experimentado-os por meio de penas. Ninguém se seduza iludido pela leveza dos leves pecados, simplesmente porque assim são chamados. Em verdade, quanto mais leves tenham sido os pecados, mais a negligência em corrigi-los é tida como um erro de maior gravidade, no exame de nosso juízo interior. Não devemos, pois, considerar de forma alguma pequeno nenhum pecado. Diz Anselmo²⁷⁹: “Quem dera nosso severo Juiz

²⁷⁸ Iob 6, 2-3: “Oh se os meus pecados, pelos quais mereci a ira, e os infortúnios, que suporto, fossem colocados na balança! Isso pareceria mais pesado como que a areia do mar, donde minhas palavras estão cheias de dor” (*utinam adpenderentur peccata mea/ quibus iram merui et calamitas/ quam patior in stateral quasi harena maris haec gravior ap/pareret unde et verba mea dolore sunt plena*).

²⁷⁹ São Anselmo (c. 1033 – 1109), arcebispo de Canterbury e autor de várias obras de cunho teológico. A maioria das citações existentes em *T* são extraídas ou parafraseadas de

apparebunt teterrima. Ibi procul dubio recipiemus prout in corpore
gessimus, siue bonum, siue malum, tunc cum iam non erit tempus
misericordie; tunc cum penitentia non recipietur, cum emendatio non
promittetur. Hec autem, karissimi, non mea sed sanctorum patrum sunt
5 uerba. Hic, hic cogitemus que gessimus, et que in futuro pro hiis accepturi
sumus. Si multa bona, pauca mala: multum gaudeamus. Si multa mala,
pauca bona: multum lugeamus. O peccator inutilis, nonne hec tibi sufficiunt
ad inmanem rugitum; ad eliciendum sanguinem et medullas in lacrimas? Ve
mirabilis duritia, ad quam confringendam leues sunt tam graues mallei!
10 Augeamus ergo, miseri, augeamus superioribus erumpnis pondus, addamus
terrorem super terrorem, ululatum super ululatum. Nam ipse nos iudicabit,
ad cuius contumeliam spectat quicquid ordinis et uoti preuaricator
inobediens Deo et Dei personam inter [n]os gerentibus peccauerit.
Meminerimus, dilectissimi uoti, quod sponte Deo uouimus et ipsius uicariis.
15 Exigetur enim a nobis usque ad nouissimum quadrantem, aut hic cum
benignitate et misericordia, aut in futuro, quod absit, cum seueritate et
iusticia. Ille quidem iudicabit qui cum esset Deo Patri coequalis pro nobis
factus obediens usque ad mortem, ut nos a superbia ad humilitatem, ab
inobedientia ad obedientiam inclinaret, sed potius subleuaret. Ergo ad
20 humilitatem Domini confundatur elatio serui. Avgustinus. Intueamur,
karissimi, Domini humilitatem. Intueamur, inquam, dulcem natum Dei, toto
corpore in crucis patibulo pro nobis extensum. Cernamus manus innoxias,
pio manantes sanguine. Consideremus inerme latus, crudeli perfossum
cuspidem. Videamus immaculata uestigia, que non steterunt in uia
25 peccatorum, sed semper ambulauerunt in lege Domini, diris terebrata clauis
rubente sanguinis unda. O mirabilis censure conditio! O inestimabilis
mysterii disp[osi]tio! Nos inique agimus et ipse pena mulctatur. Nos facinus
admittimus, et ipse plectitur ultione. Nos crimen committimus, ipse torture
subicitur. Nos superbimus, ipse humiliatur. Nos tumemus, ipse attenuatur.
30 Nos prelati nostris inobedientes sumus, ipse patri suo obediens scelus luit
inobedientie nostre. Nos obedientes gule diuersa fercula querimus, et ipse
inedia pro nobis afficitur. Nos ad illicitam arborem rapit concupiscentia,
ipsum perfecta caritas pro nobis ducit ad crucis supplicia. Nos presumimus
uetitum, et ipse subit eculeum. Nos iocando delectamur cibo, et ipse

considerasse pequeno qualquer pecado! Acaso todo pecado não desonra a Deus, por sua prevaricação? Que pecado, afinal, alguém ousa chamar de pequeno? Quem de bom juízo o chamará de pequeno, desonrando a Deus?²⁸⁰ O que responderemos, quando formos indagados do percurso de toda a nossa vida presente, até mesmo de um piscar de olhos? Por certo, será condenado tudo o que tiver sido encontrado sem correção em nós, seja em obras supérfluas, seja naquilo que se disse ou no que se calou, até o mínimo pensamento²⁸¹. Quem, em sã consciência, ousaria afirmar que serão leves os pecados merecedores da amarga Geena²⁸²? Oh, quantos pecados, de que fazemos pouco caso agora, cairão inesperadamente sobre nós lá, como se fossem armadilhas! Decerto serão em maior número e talvez mais terríveis do que esses que julgamos graves. Quantas são as coisas que pensamos não serem más, quantas, também, que agora sob o véu da religião consideramos bastante boas e que lá, desnudada sua face, se mostrarão as mais repulsivas. Quando já não for tempo de misericórdia, quando a penitência não for mais aceita, quando não mais for prometido o arrependimento, receberemos lá, sem dúvida, o bem ou o mal de acordo com nossa conduta em vida. Caríssimos, estas palavras não são minhas, mas dos Santos Padres. Aqui, aqui refletamos sobre o que fizemos e também sobre o que haveremos de obter por isso, no futuro. Se forem muitas as coisas boas e poucas as más, muito nos alegremos. No entanto, se forem muitas as más e poucas as boas, muito lamentemos. Ó pecador incapaz, acaso isso não é suficiente a ti para um imenso urrar? Para levar às lágrimas teu sangue e teus ossos? Oh, surpreendente inépcia, à qual tão pesados martelos são ainda leves, para destruí-la!²⁸³ Acrescentemos, pois, ó desafortunados, acrescentemos peso às aflições narradas; coloquemos terror sobre terror, lamento sobre lamento. Pois Ele próprio nos julgará, [que] observa a ofensa feita contra Ele, sempre que o traidor de sua ordem ou voto tiver pecado, sendo desobediente a Deus

seu “Proslogion” e de suas “Meditações”, mais especificamente da “Meditação para Instigar ao Medo” (*Meditatio ad Concitandum Timorem*).

²⁸⁰ *Vtinam... paruum. Cf. Meditationes*, I, 34-37.

²⁸¹ *Quid... cogitacionem. Ibid.*, 38-42.

²⁸² *gehenna*. Vale de Ben-Hinnom (*Geihinnom*, ou *Gei ben Hinnom*), situado no entorno de Jerusalém. Dentre algumas das práticas realizadas no local, destacam-se: os sacrifícios de crianças consagrados a Molech (divindade semítica e possivelmente ctônica), bem como o descarte de carcaças e corpos de criminosos. Sua acepção infernal é considerada pós-bíblica. Ademais, *vide* Werblowsky & Wigoder (1997, pp. 266-267).

²⁸³ *Ve... mallei. Cf. Meditationes*, I, 43-53.

condolendo nobis laborat in patibulo. Nobis [nam] lasciuiens conridet Eua,
ipsi uero plorans compatitur Maria. Dic, age, dic, cenobita, qui dum
corriperis, dum ad emendandum ad ueniam petendam citaris, recusas,
recalcitras, reclamans inflaris, prorumpis in uerba malitie, ad excusandas
5 excusationes in peccatis. Dic, queso, quid superbis cum sis puluis et cinis?
O ceca elatio! O insensibilis tumor, ad quem compungendum sunt obtunsi
tam acuti aculei. Compungamur ergo, karissimi, et humiliemur coram ipso
qui pro nobis humilis et obediens factus est, non tantum Deo Patri, sed
etiam hominibus. Scriptum quippe est, 'Et erat subditus illis.' Dulce quod
10 mandatum dedit nobis ut diligamus inuicem. Et nouimus quis ait, 'Increpasti
superbos; rnaledicti qui declinant a mandatis tuis '. Preceptum quoque dedit
nobis desiderabile dicens, 'Petite et accipietis'. Quid precipit ut petamus?
Aurum, argentum, pretiosam mundi substantiam? Absit. Non enim expedit
ut ea petamus que se petentes interimunt. Quid ergo? Veniam. Non igitur
15 erubescamus nos ab eo ueniam petere pro propriis delictis, qui pro ipsis
innocens tot et tantis affectus est obprobriis. Quicumque igitur animo
ueniam postulauerit, presto est ut tribuat. Et qui non ex animo petit, [uel
omnino non petit], certe non accipit. Ipse enim nouit abscondita cordis. Ve
tumidis in presenti ueniam petere contempnentibus. De hiis procul dubio
20 scriptum est, 'Peccator cum in profundum uenerit, contempnet.' Hii quoque
in laboribus hominum non sunt, et cum hominibus non flagellabuntur. Sed
quia hic eos tenuit superbia, sepelientur in puteo in iniquitate et impietate
sua. Attendat caritas uestra. Dictum quippe est militi. Vniuersi qui pro
peccatis purgandis, extra os putei, in quibuslibet locis cruciantur, hii sunt
25 qui in presenti uita penitentiam egerunt, et nondum peracta [sibi] iniuncta
penitentia ab hac uita discedentes pro culparum qualitate in tormenti
detinentur. Statim ergo post commissa ducti uera penitentia ueniam
postulantes, statim aut hic aut in futuro liberantur. Qui si corde duro `et`
inpenitenti usque ad extrema uite presentis penitere non uideantur,
30 timendum ualde est ne etiam eorum tormenta usque ad huius seculi finem
perdurent. Hii tamen omnes per beneficia que pro ipsis in presenti fiunt a
predictis suppliciis cotidie liberantur. Transeamus igitur, karissimi, sepius
mente per hec loca tormentorum. Patres nostros et matres, fratres et
sorores, ceterosque cognatos amicosque nobis quondam carissimos qui

e àqueles que levam a pessoa de Deus, entre nós²⁸⁴. Caríssimos, tenhamos em mente o voto que, por vontade própria, fizemos a Deus e a Seus vigários. Pois nos será exigida até a nossa última posse²⁸⁵, ou aqui, com benevolência e misericórdia, ou no futuro – Deus o proíba! –, com severidade e justiça. Ele por certo nos julgará; Ele que, sendo igual ao Deus Pai, fez-se obediente a Ele até a morte²⁸⁶, para nos levar da soberba à humildade, da desobediência à obediência, porém, mais ainda para nos amparar. Seja repreendida a presunção do servo frente à humildade do Senhor! Diz Agostinho²⁸⁷: “Caríssimos, contemplemos a humildade do Senhor. Contemplemos – repito – o gracioso rebento de Deus, por nós estendido com todo seu corpo, no patíbulo da cruz. Notemos suas inocentes mãos, emanando seu pio sangue. Examinemos seu flanco indefeso trespassado pela lança cruel. Olhemos seus imaculados pés, que não se firmaram na via dos pecadores²⁸⁸, mas sempre caminharam na lei do Senhor, pés perfurados com terríveis pregos, em meio a uma rubra onda de sangue²⁸⁹. Oh admirável estado de juízo! Oh inescrutável disposição do mistério!²⁹⁰ Nós agimos injustamente e Ele é castigado com a pena. Nós admitimos aquilo que é errado, e Ele é objeto da punição divina. Nós cometemos crimes, e Ele é submetido à tortura. Nós somos soberbos, enquanto Ele se humilha. Nós nos inflamamos, enquanto Ele se apequena. Nós somos desobedientes para com nossos prelados, enquanto Ele, obediente ao Seu Pai, paga pela injúria de nossa desobediência. Nós, obedientes à nossa gula, procuramos diferentes iguarias, e Ele impõe a si o jejum, por nós. A concupiscência arrasta-nos à árvore proibida, e o perfeito amor O conduz, por nós, aos suplícios da cruz.

²⁸⁴ *Augeamus... peccauerit. Ibid.*, 63-66. A tradução de Maschio (1997, p. 436) foi essencial para o trecho apresentado por nós.

²⁸⁵ Mt 5, 26: “Em verdade digo a ti: não sairás dali até que pagues até tua última posse”. (*amen dico tibi non exies inde donec reddas novissimum quadrantem*).

²⁸⁶ Phil 2, 8: “humilhou a si mesmo, feito obediente até à morte, morte da cruz” (*humiliavit semet ipsum factus oboediens usque ad mortem mortem autem crucis*).

²⁸⁷ Na verdade, João de Fécamp (c. 990-1079).

²⁸⁸ Ps 1,1 (Psalmi Iuxta LXX): “Bem-aventurado é o homem que não se afastou pelo conselho dos ímpios e não se firmou na via dos pecadores e não se sentou no assento da pestilência” (*Beatus vir qui non abiit in consilio impiorum et in via peccatorum non stetit et in cathedra pestilentiae non sedit*); Ps 1,1 (Psalmi Iuxta Hebr.): “Bem-aventurado é o homem que não se afastou pelo conselho dos ímpios e não se firmou na via dos pecadores e não se sentou no assento dos escarnecedores” (*Beatus vir qui non abiit in consilio impiorum et in via peccatorum non stetit in cathedra derisorum non sedit*).

²⁸⁹ *rubente sanguinis unda. Cf. PL LibMed*, I, cap. vi.

²⁹⁰ *O mirabilis... dispositio. Ibid.*, cap. vii.

forsan ibi torquentur uisitemus, crebris uigillis et orationibus insistendo, missarum solempnia cum concentu psalmorum celebrando, elemosinas largiendo, scientes quia quicquid pro ipsis laboris subierimus, nobis ipsis inpendimus. Et si eos in corpore cruciari cerneremus, et, cum possemus, a
5 tormentis eos eruere negligeremus, nonne infideles filii, cognati, et amici iudicaremur? Multo quidem infideliores sunt qui, [d]um possunt, missis, psalmis, precibus, elemosinis de predictis tormentis suos quondam karissimos eruere non satagunt. Testatur enim sanctus Gregorius penas eorum qui saluandi sunt istis mitigari et annihilari remediis. Nobis ergo
10 summopere cauendum est ne, dum hec in ecclesia pro eorum liberatione fiunt, rebus ociosis potius quam orationi uacemus. Hec autem ad eorum correptionem dico, qui pro causis minimis inter missarum sollempnia chorum psallentium sine necessitate sepissime deserunt, quos nullius obediencie sollicitudo, sed sola mentis extrahit et expellit euagatio. Terreant
15 nos, karissimi, tormenta supradicta, sed multo magis dies illa omnium extrema. Quid torpemus, peccatores? Dies iudicii uenit. Juxta est dies Domini magnus, iuxta et uelox nimis. Dies ire dies illa, dies tribulationis et angustie, dies calamitatis et miserie, dies tenebrarum et caliginis, dies nebule et turbinis, dies tube et clangoris. O uox diei Domini amara! Quid
20 dormimus, tepidi? Quid dormimus? Qui non expergiscitur, qui non contremittit ad tam terrificum tonitruum, non dormit, sed mortuus est. Ibi, ibi apparebit iudex uiuorum et mortuorum, Ihesus Christus, nunc patientissimus, tunc districtissimus; clementissimus nunc, iustissimus tunc. Ve ibi ueniam petere contempnentibus hic. O angustie! Hinc erunt
25 accusantia peccata, inde terrens iusticia; subtus patens horridum chaos inferni, desuper iratus iudex; intus urens conscientia, foris ardens mundus. Si iustus uix saluabitur, peccator sic apprehensus in quam partem se premet? Constrictus ubi latebit, quomodo parebit? Latere erit impossibile, apparere intolerabile. Illud desiderabit, et nusquam erit; istud execrabitur
30 et ubique erit. Quid? Quid tunc? Quid erit tunc? Quis eruet de manibus Dei? Vnde consilium? Vnde salus? O! Quis est qui dicitur 'magni consilii angelus'? Quis est qui dicitur 'saluator', ut ante quam ueniat dies illa nomen eius uociferemur? Iam ipse est, iam ipse est Ihesus. Ipse idem est iudex, inter cuius manus tremimus. Respira iam, o peccator; respira ne desperes.

Nós somos os primeiros a fazer o que nos é vetado, e Ele se submete ao flagelo do cavalete. Divertindo-nos, nós nos deleitamos em comer, e Ele, condoendo-se, sofre no patíbulo, por nós. A lasciva Eva nos sorri, enquanto Maria, aos prantos, compadece-se Dele²⁹¹. Fala, vamos, fala cenobita! Tu que, até que sejas reprovado, até que sejas incitado a pedir perdão para que te emendes, recusas-te, recalcitras, mostras-te orgulhoso em altos brados, rompes a dizer palavras maliciosas, a fim de buscar desculpas aos teus pecados. Fala, imploro, por que és soberbo, se és poeira e cinzas²⁹²? Oh cega presunção! Oh estúpido orgulho, a que tão penetrantes espinhos não são pontiagudos o bastante para furá-lo!²⁹³ Caríssimos, arrependamo-nos e sejamos humildes na presença Dele, que se fez, por nós, humilde e obediente não apenas ao Deus Pai, mas também aos homens. Pois está escrito: “E lhes era submisso”²⁹⁴. Doce é aquele mandamento que [Ele] nos deu, de que amemos uns aos outros. E conhecemos quem diz: “Censuraste os soberbos, amaldiçoados que dão as costas aos teus mandamentos”²⁹⁵. E também nos deu um desejável conselho, ao dizer: “Pedi e recebereis”²⁹⁶. Mas o que aconselha que peçamos? Ouro, prata, as riquezas do mundo? Deus o proíba! Decerto não há nenhum proveito em que peçamos estas coisas que arruinam quem as pede. O que pedir então? O perdão. Assim, não nos envergonhemos de pedir-Lhe o perdão por nossas próprias faltas, a Ele que, inocente, sofreu por essas mesmas ofensas, tantas e tão graves. Qualquer um que o pedir de coração, Ele está pronto a concedê-lo. Contudo, aquele que não o pede de coração, ou ainda não o pede em absoluto, esse certamente não o receberá. Ele conhece o que se esconde em nosso

²⁹¹ *Nos inique... Maria. Ibid.*

²⁹² Gn 18, 27: “E respondendo, diz Abraão: ‘Porque uma vez comecei, falarei com meu Senhor, embora [eu] seja poeira e cinzas’” (*respondens Abraham ait quia semel coepi loquar ad Domilnum meum cum sim pulvis et cinis*).

²⁹³ *O insensibilis... aculei. Cf. Meditationes*, I, 53-54.

²⁹⁴ Lc 2, 51: “e desceu com eles e veio a Nazaré e lhes era submisso, e sua mãe guardava todas estas palavras em seu coração” (*et descendit cum eis et venit Nazareth et erat subditus illis et mater eius conservabat omnia verba haec in corde suo*).

²⁹⁵ Ps 118, 21 (Psalmi Iuxta LXX): “censuraste os soberbos, amaldiçoados que dão as costas aos teus mandamentos” (*increpasti superbos maledicti qui declinant a mandatis tuis*).

²⁹⁶ Mt 7, 7: “Pedi e vos será dado, procurai e encontrareis, batei e vos será aberto” (*Petite et dabitur vobis quaerite et invenietis pulsate et aperietur vobis*).

*Ipse pius Ihesus, ipse est cuius nominis non inmemor miles noster a tot et
tantis tormentis misericorditer eripitur; cuius audito nomine fortitudo
demonum eneruatur, penarum asperitas hebetatur, ab ipsius infernalis putei
gurgite miles mirabiliter liberatur. Prosequamur ergo, karissimi, militem
5 nostrum, a quo tam necessario tam longe digressi sumus, qui eodem pio
Ihesu duce iam pertransiuit per ignes et aquas, et uideamus si forte eduxerit
eum adhuc in refrigerium; ut cuius miseriis et calamitatibus conpatiebamur,
illius etiam solatii participes efficiamur, et quorum corda ad compassionem
pietatis forte non flexerunt tristia tormentorum, deuotione saltem et affectu
10 flectant succedentia gaudiorum.*

íntimo²⁹⁷. Ai dos presunçosos, que desdenham de pedir o perdão, em vida. Acerca deles, está escrito, sem que haja dúvida: “Quando o pecador chegar às profundezas, será desdenhoso”²⁹⁸. E ainda: “aqueles que não partilham dos trabalhos dos homens não serão flagelados com eles. No entanto, porque a soberba se apossou aqui dos mesmos, serão sepultados no poço, em sua iniquidade e impiedade”²⁹⁹. Portanto, esteja atenta a vossa caridade. É o que foi dito ao cavaleiro. Todos os que são torturados, para purgar seus pecados, em quaisquer que sejam os locais fora da boca do poço, são os que fizeram penitência em sua vida presente e que, ao partir desta vida sem ter ainda completado a penitência que lhes foi imposta, são mantidos em tormentos de acordo com o tipo de sua culpa. Pouco tempo depois, pedem, entretanto, o perdão, guiados pela verdadeira penitência que empreenderam, e são libertados seja ali mesmo, seja no futuro. Assim, aqueles de coração duro e impenitente que não forem vistos se penitenciando até o término de suas vidas presentes devem muito temer que seus tormentos durem até o fim dos tempos. Por outro lado, todos os que, no presente, fazem sufrágios, em prol desses, são liberados diariamente dos suplícios citados. Caríssimos, cruzemos, com disposição e mais frequência, tais lugares de tormentos. Persistindo em frequentes vigílias e orações, celebrando a liturgia da missa com seus harmoniosos salmos, bem como distribuindo esmolas, visitemos os nossos pais e mães, nossos irmãos e irmãs, nossos demais parentes e amigos, que, outrora caríssimos a nós, talvez lá estejam sendo atormentados³⁰⁰. Fiquemos cientes de que tudo aquilo a que nós nos

²⁹⁷ Ps 43, 22 (Psalmi Iuxta LXX): “Acaso Deus não exigirá estas coisas? Pois, Ele conhece o que se esconde em nosso íntimo. Por causa de Ti, somos mortos, todo dia; somos tidos como ovelhas do matadouro” (*nonne Deus requiret istal ipse enim novit abscondita cordis/ quoniam propter te mortificamur/ omni die aestimati sumus sicut oves occisiolnis*).

²⁹⁸ Prv 18, 3: “Quando o ímpio tiver chegado às profundezas dos pecados, desdenha, mas o segue a ignomínia e a desgraça” (*impius cum in profundum venerit/ peccatorum contemnit sed sequitur eum ignominia et obprobrium*).

²⁹⁹ Ps 72, 5-6 (Psalmi Iuxta LXX): “não partilham dos trabalhos dos homens e com os homens não serão flagelados/ Em razão de que a soberba se apossou deles, cobriram-se com sua iniquidade e impiedade” (*in labore hominum non sunt/ et cum hominibus non flagellabuntur/ ideo tenuit eos superbiat operti sunt iniquitate et impietate/ sua*).

³⁰⁰ Esta e outras passagens homiléticas parecem ecoar, em Perellós: “Many things I saw in that purgatory, things which I was forbidden to tell on pain of death, and God forbid that they should be revealed by my mouth. He who would think on the afflictions and the torments which are there, would have them always in the memory of his heart; the travails and pains of this world or other sicknesses or poverty would not weigh them down for all the torments of this world are but sweet dews and sweet honey compared to those; and no one would take carnal pleasure in any delights of this world. And he who thinks well — of

submetermos, em razão de seus sofrimentos, pagaremos por nós próprios. Acaso não seríamos julgados como filhos, parentes ou amigos desleais, se os observássemos serem torturados em vida e fôssemos negligentes em resgatá-los destes tormentos, ainda que pudéssemos fazê-lo? Com certeza, muito mais desleais são os que, podendo, não tentam resgatar, com missas, salmos, preces ou esmolas, os que lhes foram muitíssimo caros um dia. São Gregório mesmo atesta que as penas dos que devem ser salvos são mitigadas e mesmo eliminadas, por meio de tais auxílios³⁰¹. Assim, enquanto providências são tomadas, na igreja, pela libertação deles, devemos cuidar com o maior zelo de que não nos ocupemos em assuntos supérfluos, ao invés de orarmos. Digo isso, para repreender os que, por quaisquer motivos, quase sempre abandonam sem necessidade o canto dos salmos, em meio à liturgia da missa, arrebatados e ausentes não pelo dever

these who are religious and in affliction, they should think how great are the torments and pains of hell and the pains and torments of purgatory, for it is a by far lighter thing to suffer pains in this world, both in body and soul, than if one has to suffer and go to so many ills and afflictions in purgatory, and even more in hell. Let us pray always to Our Lord that through his holy mercy and his great mildness he may grant and make us pass through the pains of purgatory and come to the glory of paradise in the joy and well being which will never fail us. And let us pray Our Lord for our fathers and mothers and for all our good friends who have passed from this world to the other and are in those torments, that Jesus Christ through his grace and mercy may deign to release them. And may all those who will pray and give alms or other good things for those men or women who are in those pains be blessed by God and before his face, because this is the greatest need that may exist, or have pity on those who are there, for this is the greatest charity that may exist. And this is a thing for which those persons are tormented in purgatory so that they may be lightened of the torments and released, not for those who will inter through the mouth of hell. Now let everyone decide to do good and not evil and keep himself so as not to do what will oblige him to go to hell, for this is without return and without end. And may that Lord who has all things in his power keep us all, men and women, from evil. Amen”. A tradução é de Alan Mac an Bhaird.

³⁰¹ Easting (1991, p. 247, n. 707-708) aponta *Dialogi*, lib. IV, 59, 6, como exemplo da menção a Gregório Magno. De nossa parte, listamos, entre outros, o cap. LVII, do mesmo livro. Quanto ao tópico, a outra autoridade mencionada em *T*, isto é, Agostinho, já chamara a atenção para os limites da intervenção dos vivos. Diz ele em seu *De cura pro mortuis agenda* (“Dos cuidados a serem tidos com os mortos”), citado no prólogo do *LibRev*: “Visto que seja assim, julgamos que os mortos, com que nos preocupamos, não alcancem senão aquilo que por eles suplicamos solenemente seja nos altares, seja por meio dos sacrifícios das orações e esmolas” (*Que cum ita sint, non existimemus ad mortuos, pro quibus curam gerimus, peruenire, nisi quod pro eis siue altaris, siue orationum, siue elemosinarum sacrificiis sollempniter supplicamus*) (*ibid.*, p. 144). Em seguida, o santo faz uma série de outras restrições. Finalmente, uma construção similar se verifica na *VisDry*: “As preces dos vivos, as esmolas, os jejuns e especialmente a celebração de missas ajudam muitos, para que sejam liberados antes do Dia do Juízo (*Multos autem preces uiuentium, et elemosynae, et ieiunia, et maxime celebratio missarum, ut etiam ante diem iudicii liberentur, adiuvant*) (*HE VisDry*, p. 308). Quanto a Laurence de Pasztho, seu guia, Miguel, enfatiza o papel da celebração da missa, para a mitigação das penas purgatórias: “Por meio de todas as boas obras e, sobretudo, pela celebração da missa, podem ser liberados mais rapidamente dessas penas” (*“Omnibus bonis operibus et presertim celebritate <missae> possunt ab earum penis celerius liberari”*) (Delehay 1908, p. 56).

da obediência, mas por um único divagar de suas mentes. Caríssimos, que os tormentos acima citados nos causem temor, mas muito mais aquele dia que é o último de todos. Ó pecadores, por que somos indolentes? O Dia do Juízo está chegando. Aproxima-se o grande dia do Senhor, aproxima-se com enorme rapidez. Esse dia é o dia da ira, dia da tribulação e da angústia, dia da calamidade e da tristeza, dia das trevas e da escuridão, dia das brumas e dos turbilhões, dia da trombeta e do seu clangor. Oh amargo som do dia do Senhor!³⁰² Por que dormimos lânguidos? Por que dormimos? Aquele que não se levanta, aquele que não se agita frente a tão terrível estrondo, não está dormindo, mas já está morto³⁰³. Lá, lá surgirá o juiz dos vivos e dos mortos³⁰⁴, Jesus Cristo, que sendo agora muitíssimo tolerante, será então o mais severo; que sendo agora muitíssimo clemente, será então o mais justo de todos³⁰⁵. Ai lá dos que desdenham de pedir aqui a graça. Oh angústia! Enquanto daqui virão os condenadores pecados, de lá virá a aterrorizante justiça. Enquanto abaixo se abrem as temíveis profundezas do Inferno, acima está o furioso juiz. Enquanto dentro a consciência queima, fora arde o mundo. Se a custo o justo será salvo, onde se ocultará então o pecador assim apanhado?³⁰⁶ Onde se esconderá constrangido? Como se mostrará? Esconder-se será impossível; mostrar-se, intolerável. No entanto, desejará aquilo e não haverá onde se esconder. Amaldiçoará isto, e o mesmo se dará por toda parte. O quê? O que fazer então? O que se passará? Quem te resgatará das mãos de Deus?³⁰⁷ De onde virá o julgamento? De onde, a

³⁰² So 1, 14-16: “aproxima-se o grande dia do Senhor, aproxima-se com enorme rapidez. Amargo é o som do dia do Senhor. Lá o forte será afligido. Esse dia é o dia da ira, dia da tribulação e da angústia, dia da calamidade e da tristeza, dia das trevas e da escuridão, dia das brumas e dos turbilhões, dia da trombeta e do seu clangor, sobre as cidades fortificadas e sobre as altas torres” (*iuxta est dies Domini magnus/ iuxta et velox nimis/ vox diei Domini amara/ tribulabitur ibi fortis/ dies irae dies illa/ dies tribulationis et angustiae/ dies calamitatis et miseriae/ dies tenebrarum et caliginis/ dies nebulae et turbinis/ dies tubae et clangoris/ super civitates munitas et super angulos excelsos*).

³⁰³ *Quid torpemus... mortuus est. Cf. Meditationes*, I, 23-29.

³⁰⁴ Act 10, 42: “e nos aconselhou pregar ao povo e atestar que é Ele próprio que foi constituído por Deus [como] juiz dos vivos e dos mortos” (*et praecepit nobis praedicare populo et testificaril quia ipse est qui constitutus est a Deo iudex vivorum et mortuorum*).

³⁰⁵ *nunc patientissimus... iustissimus tunc. Cf. Meditationes*, I, 67-68.

³⁰⁶ I Pt 4, 18: “e se a custo o justo é salvo, onde aparecerá o ímpio e o pecador?” (*et si iustus vix salvatur impius et peccator ubi parebit*).

³⁰⁷ Dt 32, 39: “Vede que eu seja o único e não haja outro deus além de mim. Eu matarei e eu farei viver. Eu golpearei e curarei. E não há quem possa resgatar de minha mão” (*videte quod ego sim solus et non sit alius deus praeter me/ ego occidam et ego vivere faciam/ percutiam et ego sanabo/ et non est qui de manu mea possit eruere*); Iob 10, 7: “E saibas que não tenha feito nenhuma impiedade, considerando que não haja ninguém que possa

salvação? Ora! Quem é chamado “Anjo do Grande Conselho”?³⁰⁸ Quem é chamado “Salvador”³⁰⁹, de modo que clamemos pelo seu nome, antes da chegada do dia final? É Ele mesmo! Ele, Jesus Cristo! Ele próprio é o juiz, em cujas mãos trememos. Recobra o teu fôlego, pecador! Recobra-te, para que não te desespere!³¹⁰ Pois o próprio pio Jesus, cujo nome não foi esquecido pelo nosso cavaleiro, faz com que seja misericordiosamente livrado de tantos e tão grandes tormentos³¹¹. Ao ser ouvido o Seu nome, a força dos demônios faz-se débil, a aspereza das penas se enfraquece e o cavaleiro é libertado milagrosamente do turbilhão do poço do Inferno.

Portanto, prossigamos, caríssimos, com o nosso cavaleiro, do qual nos separamos por tanto tempo e com tanta necessidade. Ele já atravessou o fogo e a água, tendo o pio Jesus como seu guia. Vejamos se, acaso, Ele já o terá conduzido ao refrigério³¹². Assim como sofremos juntos em suas dores e infortúnios, façamo-nos também partícipes de seu alívio. Que os corações daqueles que, porventura, não se dobraram à piedosa compaixão frente às tristezas dos tormentos dobrem-se em sua devoção e afeto frente às alegrias que se seguem.

resgatar da tua mão” (*et scias quia nihil impium fecerim/ cum sit nemo qui de manu tua pos/sit eruere*).

³⁰⁸ Is 9, 5: “[...] Μεγάλης Βουλῆς ἄγγελος [...]”.

³⁰⁹ Lc 2, 11: “porque hoje, na cidade de Davi, nasceu-vos o Salvador, que é Cristo, o Senhor” (*quia natus est vobis hodie salvator/ qui est Christus Dominus in civitate David*).

³¹⁰ *O angustie... desperes. Cf. Meditationes*, I, 72-81.

³¹¹ 2 Cor 1, 10: “[Ele] que nos livrou de tamanhos perigos e [nos] resgatará, no qual temos esperança que ainda [nos] livrará” (*qui de tantis periculis eripuit nos et/ eruert/ in quem speramus quoniam et adhuc/ eripiet*).

³¹² Ps 65, 12 (Psalmi Iuxta LXX): “impuseste homens sobre nossas cabeças, atravessamos o fogo e a água e nos conduziste ao refrigério” (*inposuisti homines super capital nostral transivimus per ignem et aquam/ et eduxisti nos in refrigerium*); Ps 65, 12 (Psalmi Iuxta Hebr.): “impuseste homens sobre a nossa cabeça, atravessamos o fogo e a água e nos conduziste ao refrigério” (*inposuisti homines super caput nos/trum/ transivimus per ignem et aquam et/ eduxisti nos in refrigerium*).

Procedens igitur miles, iam liber ab omni demonum uexatione, uidit ante se murum quendam magnum et altum in aere a terra erectum. Erat autem
5 *murus ille mirabilis et incomparandi decoris structure. In quo muro portam unam clausam uidebat, que metallis diuersis lapidibus[que] pretiosis ornata mirabili fulgore radiabat. Cui cum appropinquasset, sed adhuc quasi spacio dimidii miliarii abesset, porta illa contra eum aperta est et tante suauitatis odor ei occurrens per eam exiit ut, sicut uidebatur, si totus mundus in*
10 *aromata uerteretur, non uinceret huius magnitudinem suauitatis. Tantasque uires ex ea percepit suauitate ut existimaret se tormenta, que pertulerat, iam posse sine molestia sustinere. Respiciensque intra portam patriam solis splendorem claritate nimia uincente lustratam uidit et nimirum introire concupiuit. Beatus homo cui talis aperitur ianua! Nec fefellit militem qui*
15 *illum eo uenire permisit. Cum enim adhuc aliquantulum longius esset, egressa est in occursum eius cum crucibus et uexillis et cereis et quasi palmarum aurearum ramis processio talis ac tanta quanta in hoc mundo, prout estimauit, nunquam uisa est. Ibi uidit homines [unius]cuiusque ordinis ac religionis diuerse etatis et utriusque sexus. Alios quasi archiepiscopos,*
20 *alios ut episcopos, alios ut abbates, canonicos, monachos, presbiteros et singulorum graduum sancte ecclesie ministros, sacris uestibus ordini suo congruentibus indutos. Omnes uero, tam clerici quam laici, eadem forma uestium uidebantur induti in qua Deo seruierunt in seculo. Militem uero cum magna ueneratione et leticia susceperunt, eumque cum concentu seculo*
25 *inaudite armonie secum perducentes, per portam introierunt. Finito uero concentu et soluta processione, secedentes duo seorsum quasi archiepiscopi militem in suo comitatu susceperunt secumque duxerunt quasi patriam et eius amenitatis glotiam ei ostensuri. Qui cum eo loquentes primo benedixerunt Deum, qui eius animum in tormentis tanta corroborauit*
30 *constantia. Ipsis ergo illum per amena patrie ducentibus, huc illucque transiens multo plura quam ipse uel aliquis hominum peritissimus lingua uel calamo possit explicare delectabilia iocundaque perspexit. Tanta uero lucis erat illa patria claritate lustrata ut sicut lumen lucerne solis obcecatur splendore, ita solis claritas meridiana posse uideretur obtenebrari lucis*

XXI

Seguindo adiante, o cavaleiro, já livre de toda a violência dos demônios, viu diante de si um muro alto e vasto, que se erguia da terra aos céus. Era um muro admirável, construído com incomparável beleza. Nele, via-se uma única porta, fechada e ornada por diversos metais e pedras preciosas, que resplandecia com um fulgor também admirável³¹³. Ao aproximar-se dela, porém, estando ainda à distância de aproximadamente quinhentos passos, a porta se abriu à sua frente. Um perfume de tamanha doçura saiu por ela, vindo-lhe ao encontro, que, se o mundo inteiro fosse transformado em um bom aroma³¹⁴, não superaria a grandeza daquela doce fragrância³¹⁵, como

³¹³ A magnificência da Jerusalém Celeste testamentária mescla-se aqui com o Paraíso (ora Terrestre, ora Celestial), enquanto paragem que se vedou ao mundo exterior. Lê-se em Apc 21, 10-12; e 18-19: “E levou-me, em espírito, a uma montanha grande e alta/ e mostrou-me a santa cidade, Jerusalém, descendo do Céu, vinda de Deus;/ tinha o esplendor Dele e sua luz era similar a uma pedra preciosa, como o jaspe e o cristal; e possuía um muro grande e alto, que continha doze portas [...]” (*et sustulit me in spiritu in montem magnum et altum/ et ostendit mihi civitatem sanctam Hierusalem/ descendentem de caelo a Deo/ habentem claritatem Dei lumen eius simile lapidi pretioso/ tamquam lapidi iaspidis sicut cristallum; et habebat murum magnum et altum/ habens portas duodecim [...]*); “e a estrutura de seu muro [era] de jaspe;/ a própria cidade [era] de ouro puro, similar a um vidro límpido;/ as fundações de seu muro eram ornadas com todos os tipos de pedras preciosas [...]” (*et erat structura muri eius ex lapide iaspide/ ipsa vero civitas auro mundo simile vitro mundo/ fundamenta muri civitatis omni lapide pretioso ornata [...]*). Na sequência do versículo bíblico, listam-se os doze muros e as pedras que os compõem. Ademais cf. também OTP 1En 14: 8-14. Sobre o tema da entrada a princípio inacessível e que depois se revela transponível pela intervenção divina, selecionaram-se dois exemplos: “Sem demora, guiou-me para longe das trevas em direção aos céus da serena luz. E enquanto me levava em meio à luz aberta, vi um muro gigantesco diante de nós, cujo término de sua extensão de um lado e outro, nem sua altura, poderia ser visto. Admirado, comecei a questionar-me como teríamos acesso àquele muro, visto que não percebesse nele nenhuma porta, janela ou escada onde quer que fosse. No entanto, quando chegamos ao muro, imediatamente nos achamos – não sei de que maneira – em seu topo” (*Nec mora, exemptum tenebris in auras me serenae lucis eduxit; cumque me in luce aperta duceret, uidi ante nos murum permaximum, cuius neque longitudini hinc uel inde, neque altitudini ullus esse terminus uideretur. Coepi autem mirari, quare ad murum accederemus, cum in eo nullam ianuam, uel fenestram, uel ascensum alicubi conspicerem. Cum ergo peruenissemus ad murum, statim nescio quo ordine fuimus in summitate eius*) (*HE VisDry*, p.307); “Desta forma, ao prosseguirem viram um muro muito alto e sob ele – na parte de onde vieram – havia uma gigantesca multidão de homens e mulheres os quais suportavam chuva e vento” (*Euntes autem viderunt murum nimis altum et infra murum ex illa parte, qua ipsi venerant, erat plurima multitudo virorum ac mulierum pluviam ac ventum sustinentium*) (*VisTnug*, p. 40, linhas 13-16). A *Visio Tnugdali* é rica neste tipo de representação, cf. p. 45, linhas 3-4; *ibid.*, linhas 6-7; p. 47, linhas 8-12; p. 51, linhas 20-24.

³¹⁴ O texto de Perellós caracteriza mais detidamente o bom aroma da paragem: “and when I was close to it, at two miles distance or more, it opened and from inside there came out a great odor as if in all the world they were toasting or roasting spices or as if it were full of other sweet smelling things”. A tradução é de Alan Mac an Bhaird.

³¹⁵ Assim como sua flora e luminosidade abundantes, o bom aroma paradisíaco é uma das características de maior recorrência nestes textos, cuja fonte é por vezes Gn 1; 2. Neste aspecto, cf. OTP 1En 24: 3-5; 31: 2-3; 32: 3-5; 2En [J e A] 8: 1-3; 3En [appendix] 23: 18;

illius patrie mirabili fulgore. Finem uero patrie pre nimia ipsius
magnitudine scire non potuit nisi tantum ex ea parte qua per portam
intrauit. Erat autem tota patria quasi prata amena atque uirentia, diuersis
floribus fructibusque herbarum multiformium et arborum decorata, quorum,
5 ut ait, odore tantum sine fine uixisset, si ibidem sibi permanere licuisset.
Nox illam nunquam obscurat, quia splendor eam purissimi celi perhenni
claritate perlustrat. Tantamque uidit in ea sexus utriusque multitudinem
hominum, quantam in hac uita neminem estimabat unquam uidisse
mortalium. Quorum alii in hiis, alii in aliis locis, per conuentus distincti,
10 commanebant, et tamen, prout uoluerunt, alii de istis in illas, alii de illis in
istas cateruas cum leticia transibant. Sicque fiebat ut et alii de aliorum
[uisione gauderent et alii de aliorum] uisitacione feliciter exultarent. Chori
per loca choris assistebant dulcisque armonie concentu Deo laudes
resonabant. Et sicut stella differt a stella in claritate, ita erat quedam
15 differentia concors in eorum uestium et uultuum claritatis uenustate. Alii
enim induti uestitu uidebantur aureo, alii argenteo atque alii uiridi,
purpureo, iacinctino, ceruleo, candido. Forma tamen habitus qua singuli
utebantur in seculo. [Forma etenim uestis indicabat militi] cuius [quilibet in
seculo] meriti fuerit uel ordinis. Quorum habitus uariis color uarie
20 uidebatur claritatis splendor. Alii quasi reges coronati incedebant, alii
palmas aureas in manibus gestabant. Talium ergo tantorumque fuit in illa
requie iustorum militi delectabilis conspectus nec minor eorundem armonie
suauis et ineffabiliter dulcis auditus. Vndique sanctorum audiuit concentum
Deo laudes perso[na]ntium. Singuli uero de propria felicitate gaudebant,
25 sed et de singulorum gaudio singuli exultabant. Tantaque patria illa odoris
suauitatis repleta erat fragrantia ut inde uiderentur uiuere habitantes in ea.
Omnes uero, qui militem intuebantur, Deum benedicentes de eius aduentu
quasi de fraterna ereptione a morte gratulabantur. Videbatur ibi
quodammodo de ipsius aduentu quasi noua exultatio fieri. Omnes
30 exultabant; undique sanctorum melodia resonabat. Nec estum nec frigus ibi
sentiebat, nec quod ullo modo posset offendere uel nocere quicquam
uidebat. Omnia ibi placata, omnia placita, omnia grata. Multo plura uidit in
illa requie quam aliquis hominum unquam loqui sufficeret aut scribere.
Hiis igitur ita completis, dixerunt pontifices ad militem, 'Ecce, frater,

parecia ao cavaleiro³¹⁶. Além disso, ele se revigorou tanto graças a essa doçura, que julgava ser agora capaz de suportar sem dificuldade os tormentos, de que padecera. Olhando porta dentro, viu uma região iluminada por uma enorme claridade, superior ao esplendor do Sol³¹⁷, e desejou adentrá-la sem hesitar. Bem-aventurado é o homem a quem tal porta se abre! E não passou despercebido ao cavaleiro Ele que permitiu que o mesmo ali chegasse. De fato, enquanto ali permanecia um pouco, uma procissão saiu ao seu encontro, portando cruzes, estandartes, círios e o que pareciam palmas de ouro, tão bela e grandiosa quanto nunca foi vista em nosso mundo³¹⁸, como julgou o cavaleiro. Lá viu pessoas de todas as ordens

ANT ApPet [ethiopic] 16. Cf. também em Dante, *Purgatorio* (canto XXVIII, vv. 5-6). Para uma descrição que lhe é comparável, cf. *Dialogi* (cap. XXXVII, p. 130, linhas 63-68) em que se escreve: “Cruzada a ponte [vide nota 276], havia prados verdejantes, ornados por flores odoríferas, em que eram vistos grupos de homens vestidos de branco. Existia um aroma tão agradável naquele lugar, que a própria fragrância saciava os habitantes que ali vagavam” (*Transacto autem ponte amoena erant prata atque virentia, odoriferis herbarum floribus exornata, in quibus albatorum hominum conventicula esse videbantur. Tantusque in eodem loco odor suavitatis inerat, ut ipsa suavitatis fragrantia illic deambulantes habitantesque satiaret*). Por sua vez, Beda: “E eis que havia lá um campo muitíssimo grande e alegre, que estava repleto de tamanha fragrância de flores desabrochando, que a suavidade deste admirável aroma dispersasse rapidamente todo o odor da tenebrosa fornalha, o qual me impregnara” (*Et ecce ibi campus erat latissimus ac laetissimus, tantaque flagrantia uernantium flosculorum plenus, ut omnem mox fetorem tenebrosi fornacis, qui me peruaserat, effugaret admirandi huius suauitas odoris*) (*HE VisDry*, p. 307); “E tamanha fragrância do fantástico aroma se espalhava dali, que aquele aroma, que considerava como se fosse o melhor depois de prová-lo, parecia-me mínimo agora” (*sed et odoris fragrantia miri tanta de loco effundebatur, ut is, quem antea degustans quasi maximum rebar, iam permodicus mihi odor uideretur*) (*ibid.*, pp. 307-308). Conforme se poderá notar no comentário abaixo, a *VisTnug* não deixa de remeter seus leitores a tais representações.

³¹⁶ A sequência repete-se quase em sua totalidade, na *VisTnug*: “Indo um pouco adiante, eles chegaram a uma porta que se abriu a eles segundo sua vontade. Quando por ela entraram, viram um belo campo perfumado, semeado de flores, luminoso e bastante ameno [...]” (*Et euntes paululum venerunt ad portam, que ultro aperta est eis. Quam cum intrassent, viderunt campum pulchrum, odoriferum, floribus insitum, lucidum et satis amenum [...]*) (*VisTnug*, p. 41, linhas 2-4).

³¹⁷ Cf. OTP 2En [J] 31: 2; [J e A] 65: 9-10; 3En 5: 3-4; QuesEzra [recension A] 21. A luz (em oposição à escuridão) será também entendida como uma das recompensas do pós-vida. Entre alguns exemplos desta ordem, cf. OTP SibOr2 313-316, 325-329; SibOr8 409-410, 424-428. Ao brilho das regiões de ventura também é dado ênfase, na *VisDry*: “Tamanha luz se derramava por todos aqueles locais, que parecia mais brilhante do que todo o esplendor do dia ou mesmo dos raios do Sol do meio-dia” (*Tanta autem lux cuncta ea loca perfuderat, ut omni splendore diei siue solis meridiani radiis uideretur esse praeclarior*) (*HE VisDry*, p. 307); “Avançando, passamos pelas mansões dos espíritos bem-aventurados, e contemplo diante de nós a beleza de uma luz muito maior do que antes” (*Cumque procedentes transissemus et has beatorum mansiones spirituum, aspicio ante nos multo maiorem luminis gratiam quam prius;*) (*ibid.*).

³¹⁸ Apc 7, 9: “depois disso, vi uma grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, paradas diante do trono e à vista do Cordeiro. Estavam vestidos com longas vestes brancas e palmas em suas mãos” (*post haec vidi turbam magnam quam/ dinumerare nemo poterat/ ex omnibus gentibus et tribubus et/ populis et*

auxiliante Deo uidisti que uidere desiderasti. Vidisti enim huc ueniendo tormenta peccatorum, hic autem uidisti requiem iustorum. Benedictus sit Creator et Redemptor omnium, qui tibi dedit tale propositum, cuius gratia per tormenta transiens constanter egisti. Nunc autem, karissime, nosse te

5 uolumus que s[i]nt illa que uidisti tormentorum loca, sed et que sit ista tante patria beatitudinis. Patria igitur ista terrestris est paradysus, de qua propter inobedientie culpam eiectus est Adam prothoplastus. Postquam enim inobediens Deo subici contempsit, ultra uidere que uides, immo incomparabiliter maiora gaudia non potuit. Hic enim ipsius Dei uerba

10 sedulo audierat cordis munditia et celsitudine uisionis interne, hic beatorum angelorum uisione perfrui poterat. Cum autem per inobedientiam a tanta beatitudine cecidisset, etiam lumen rationis quo illustrabatur amisit. Et quia, cum in honore esset, non intellexit, comparatus est iumentis insipientibus et similis factus est illis. Huius autem uniuersa posteritas ob

15 ipsius inobedientie culpam, sicut et ipse, mortis suscepit sententiam. O detestabile scelus inobedientie! Motus tandem pietate piissimus Deus noster super humani generis miseria[m] filium suum unigenitum incarnari constituit, Dominum nostrum Ihesum Christum, cuius fidem suscipientes per baptismum tam ab actualibus quam ab originali peccato liberi ad istam

20 patriam redire meruimus. Verum [quod] post fidei susceptionem per fragilitatem creberrime peccauimus, ideo necesse erat ut per penitentiam ueniam actualium impetraremus. Penitentiam etenim, quam ante mortem uel in extremis positi suscepimus nec eam in uita peregimus, post carnis solutionem in locis penalibus que uidisti, alii maiori alii minori temporis

25 spacio, secundum modum culparum, tormenta luendo persoluimus. Omnes autem ad hanc requiem per illa loca transiuimus. O transitus inestimabiliter horribilis! Similiter et omnes quos in singulis locis penalibus uidisti, preter eos qui infra os putei infernalis detinentur, postquam purgati fuerint, tandem ad istam requiem uenientes saluabuntur. Sed et cotidie quidam

30 purgati ueniunt, quos suscipientes, sicut et te suscepimus, cum gaudio huc introducimus. Eorum uero qui in penis sunt nullus nouit quamdiu torquebitur. Per missas autem et psalmos et orationes et elemosinas, quotiens pro eis fiunt, aut eorum tormenta mitigantur aut in minora et tolerabiliora transferuntur, donec omnino per talia beneficia liberentur. Ad

religiosas, as quais eram de ambos os sexos e diferentes idades. Uns estavam paramentados como arcebispos, outros como bispos, outros como abades, cônegos, monges, presbíteros ou como ministros de cada uma das divisões da Santa Igreja, portando vestes de acordo com seu posto. Todos, tanto clérigos, quanto laicos, estavam vestidos de maneira igual àquela com que serviam a Deus em vida.

Eles receberam o cavaleiro com enorme veneração e alegria, conduzindo-o consigo em meio a um coro de uma harmonia nunca antes ouvida no mundo, e então entraram pela porta. Quando o coro chegou ao seu fim e a procissão se dispersou, dois homens semelhantes a arcebispos, que seguiam separadamente, receberam o cavaleiro em sua companhia e o levaram consigo, para lhe mostrar aquela região e a glória daquela amenidade. Ao falarem com ele, primeiro bendisseram a Deus, que com tamanha perseverança fortaleceu seu espírito em meio aos tormentos. Em seguida, eles próprios o conduziram através dos encantos daquela região, a respeito da qual notou, enquanto a percorria de um lado ao outro, que muito mais eram seus deleites e bem-aventuranças do que ele mesmo ou qualquer outro homem seria capaz de descrever, ainda que fosse muitíssimo habilidoso com a língua ou com a pena³¹⁹. Tamanha era a claridade que iluminava aquela região, que, assim como a luz de uma lanterna se veria apagada frente ao resplendor do Sol, de igual maneira a claridade do meio-dia parecia poder ser obscurecida pelo admirável fulgor da luz do lugar. Além disso, exceto apenas pela distância que o separava da porta pela qual entrou, tampouco era capaz de saber onde terminava aquela região, tendo em vista sua enorme magnitude³²⁰. Toda ela parecia coberta por prados

linguis/ stantes ante thronum et in conspectu/ agni/ amicti stolas albas/ et palmae in manibus eorum).

³¹⁹ Vide nota 263.

³²⁰ Sua imensidão também é expressa em: “E eis que lá estava um campo muitíssimo amplo e alegre [...]” (*Et ecce ibi campus erat latissimus ac laetissimus [...]*) (*HE VisDry*, p. 307); “Vindo de lá, chegaram imediatamente a certo campo de infinita grandeza, cujo comprimento e largura não podiam ser discernidos” (*Transeuntes autem inde statim peruenerunt ad quemdam campum infinite magnitudinis, cuius longitudo uel latitudo peruideri non poterat*) (*LibRev*, p. 210); “apareceu ao cavaleiro [...] um prado plano e verde, cujo fim de seu comprimento e largura não pôde ver” (*apparebat militi [...] unum planum viride pratum cuius longitudinis et latitudinis finem videre non potuit*) (Delehaye 1908, p. 54).

hunc autem locum quietis cum ueneri`n`t, quamdiu hic mansuri fuerint
nesciunt; nullus enim nostrum hoc scire potest de se quamdiu hic debeat
esse. Sicut enim in locis penalibus secundum culparum quantitatem morandi
percipiunt spacium, ita et qui hic sumus secundum merita bona plus
5 minusue morabimur in ista requie. Et licet a penis omnino liberi simus, ad
supernam sanctorum leticiam nondum ascendere digni sumus. Diem enim et
terminum nostre promotionis in melius nemo nostrum nouit. Ecce hic, ut
uides, in magna requie sumus; sed post terminum singulis constitutum in
maiores transibimus. Cotidie enim societas nostra quodammodo crescit et
10 decrescit, dum singulis diebus et a penis ad nos et a nobis in celestem
paradysum ascendunt.' Hiis dictis, assumentes militem secum in montem
unum, iusserunt ut sursum aspiciens diceret cuiusmodi coloris ei supra se
celum uideretur. Quibus ille respondit, 'Auro mihi simile uidetur ardenti in
fornace.' 'Hec' inquiunt, 'est porta celestis paradysi. Hac introeunt qui a
15 nobis sumuntur in celum. Nec te latere debet quod cotidie pascit nos
Dominus semel cibo celesti. Qualis autem fuerit cibus ille quamque
delectabilis, iam Deo donante nobiscum gustando senties.' Vixque sermone
finito, quasi flamma ignis de celo descendit, que patriam totam cooperuit et,
quasi per radios diuisim super singulorum capita descendens, tandem in eos
20 tota intrauit. Sed et super militem inter alios descendit et intrauit. Vnde
tantam dilect[at]ionis dulcedinem in corde et corpore sensit ut pene pre
nimietate dulcedinis non intellexerit utrum uiuus an mortuus fuisset. Sed et
illa hora cito transiit. 'Hic,' inquiunt, 'est cibus ille unde semel, ut diximus, a
Deo cotidie pascimur. Qui uero in celum a nobis assumuntur, hoc cibo sine
25 fine perfruuntur. Sed quoniam ex parte uidisti que uidere desiderasti,
requiem uidelicet beatorum et tormenta peccatorum, oportet nunc, frater, ut
redeas per eandem uiam qua uenisti. Et si amodo sobrie ac sancte uixeris,
non solum de ista requie, sed et de celorum mansionibus securus esse poteris.
Si uero, quod absit, iterum illecebris carnis uitam tuam pollueris, en ipse
30 uidisti quid tibi maneat in penis. Securus ergo redeas; nam quicquid huc tibi
uenienti terroris erat, tibi redeunti etiam apparere pertimescet.' Ad hec
uerba pauescens miles magno merore pontificibus supplicare cepit ne a
tanto leticia ad erumpnas huius seculi redire cogeretur. 'Non,' inquiunt, 'ut
postulas, erit, sed sicut ipse disposuit qui quod omnibus expediat solus

amenos e verdejantes³²¹, adornados com diferentes flores e frutos de plantas e árvores multiformes³²², em cujo aroma o cavaleiro – como disse – viveria para sempre, caso lhe tivesse sido permitido permanecer ali. A noite nunca a torna escura³²³, porque o esplendor do mais puro dos céus perpassa-a com sua perene luminosidade. Por sua vez, viu uma multidão de pessoas de ambos os sexos tão numerosa quanto jamais nenhum mortal julgaria ter visto nesta vida. Separados em diferentes grupos, alguns deles descansavam nesse local, outros o faziam em outros e, no entanto, transitavam entre si alegremente, conforme sua vontade. Sucedia que os primeiros se regozijavam em ver os demais, enquanto estes se rejubilavam com sua visita. Coros avizinham-se a coros, ao longo do caminho, e louvavam a Deus, com um cantar de uma doce harmonia³²⁴. E assim como uma estrela

³²¹ Conforme expresso na nota 315 e a despeito de sua variabilidade, o campo aprazível dos afortunados (cf. *LibRev*, p. 210) compõe-se como um espaço de abundância, em plena oposição às regiões infernais. Ora situada na Terra – ou mesmo sob ela, caso se rememore parte da tradição greco-latina –, ora ainda sobre a mesma (como em 3Bar 10: 1-2 e 5), a paragem em questão acumula em si uma série de motivos cridos como pertencentes a um mundo anterior à queda do homem. Além disso, deve-se reforçar que a expressão de suas benesses é conjunta e comum (cf., por exemplo, o cap. XXXVII, dos *Dialogi*), ainda que sua fruição possa sofrer restrições, mediante o grau de beatitude de seus habitantes. Como explica o guia de Drythelm: “Este local florido, em que vês esta belíssima juventude deleitar-se e fulgir, é aquele onde são recebidas as almas dos que partiram de seus corpos tendo feito boas obras, porém que [ainda] não possuem tamanha perfeição, a fim de que mereçam ser introduzidos imediatamente no Reino dos Céus” (*Locus uero iste florifer, in quo pulcherrimam hanc iuventutem iucundari ac fulgere conspicis, ipse est, in quo recipiuntur animae eorum, qui in bonis quidem operibus de corpore exeunt; non tamen sunt tantae perfectionis, ut in regnum caelorum statim mereantur introduci*) (*HE VisDry*, p. 308). Em suma, será necessário sublinhar ao menos dois pontos: a simultaneidade do deleite, bem como a progressiva incapacidade em descrevê-lo.

³²² Concorde com o que foi dito acima, a fartura de frutos se dá concomitantemente às demais, trazendo à memória a descrição de Gn 2, 8-9: “E o Senhor Deus plantou um jardim no Éden, a Leste [sobre a tradução da fórmula latina *a principio*, ver nosso cap. 4 acima], em que colocou o homem que formara/ e o Senhor Deus produziu da terra todo tipo de árvore bela e aprazível para se comer [...]” (*plantaverat autem Dominus Deus paradisum voluptatis a principio in quo posuit hominem quem formaverat/ produxitque Dominus Deus de humo omne lignum pulchrum visu et ad vescendum suave [...]*). Nesta chave representativa, cf. ainda 1En 24: 4-5; 31: 2-3; 32: 4; 2En [J e A] 8: 1-3; 8: 7; [J] 30: 1; SibOr2 313-321; SibOr3 741-748; SibOr8 209-210, 409-410; ApAb 21: 6; ApDan 10: 1-2 e 7; ANT ApPet [ethiopic] 16; ApPet [akhmim] 14-16. Enfim, cf. *Purgatorio* (canto XXVIII, vv. 37-42 e, sobretudo, 118-120)

³²³ Apc 21, 25: “e as suas portas não se fecharão de dia, pois não haverá noite lá” (*et portae eius non cludentur per diem nox enim non erit illic*).

³²⁴ O canto dos anjos e bem-aventurados – bastantes vezes em êxtase – é outro elemento comum da presença divina e, por conseguinte, da bem-aventurança. Em relação à angelologia que se expressa nele, o hino dos serafim em Is 6 certamente será um possível elo entre sua ocorrência testamentária e escritos escatológicos posteriores. Com isso em mente, cf. OTP 2En [J e A] 1a: 6; 8: 8; 17: 1; 19: 3; 21: 1; [J] 20: 4; [J] 22: 2; [J] 42: 4; [A] 19:6; 3En 22: 15; 26: 8; 35: 6; 3En [appendix] 22B: 1; 7; 3Bar 10: 5; ANT LetJames p. 680. Em textos que nos parecem diretamente vinculados a *T*, temos: “onde [i. e. o Reino dos Céus] escutei a dulcíssima voz dos que cantavam” (*in qua etiam uocem cantantium*

*agnouit.' Merens igitur miserabiliter, uolens nolens egreditur accepta
bene[di]ctione, tristis admodum sed tamen intrepidus, eadem qua uen[er]at
uia reuertitur et clausa est ianua.*

difere de outra em seu brilho³²⁵, também havia uma harmoniosa diferença em relação ao belo brilhar de suas vestes e faces. Alguns estavam paramentados com roupas douradas, outros com roupas prateadas, outros ainda estavam de verde, de púrpura, de azul, azul-claro ou de branco. A aparência de seus hábitos, no entanto, era a mesma das vestes utilizadas por cada um deles, ainda em vida; aparência, pois, que indicava ao cavaleiro quais eram seu posto e ordem, enquanto viveram. As variadas cores de seus hábitos se assemelhavam ao resplendor de variados brilhos. Alguns andavam como se fossem reis coroados, outros portavam palmas ouro. E, deste modo, a visão de tamanhas e tão belas coisas foi de grande deleite ao cavaleiro, naquele descanso dos justos; nem menor foi seu prazer em ouvir seus suaves sons de indescritível doçura e harmonia, pois, em todas as partes, escutava o concerto dos santos, cantando em louvor a Deus. Todos se alegravam com a própria felicidade e, ainda assim, cada um rejubilava-se com a felicidade de todos. Aquele lugar estava repleto de uma fragrância tão doce, que parecia que seus habitantes viviam em meio a ela³²⁶. Todos eles bendiziam a Deus, ao contemplar o cavaleiro, e se congratulavam por sua chegada, como se um irmão tivesse sido salvo da morte. Em outras palavras, era como se um novo contentamento se desse lá, em razão de sua vinda. Todos se regozijavam e, por todos os lados, ressoava a melodia dos santos. Ali não sentia nem calor, nem frio e não via nada que pudesse de algum

dulcissimam audiui;) (*HE VisDry*, p. 307); “Neste campo ou paraíso, o velho mencionado viu, tendo sido guiado pelo filho, os diversos e inumeráveis coros das alegres almas que vagavam como que passeando de um lado para outro. Separadamente, lá estavam os coros das virgens; lá estavam os coros das viúvas; lá estavam os coros dos cônjuges; lá os coros dos prelados; lá os coros dos bispos” (*In hoc autem campo siue paradyso, uidit predictus senex ducente eum filio suo diuersos ualde et infinitos choros animarum letantium, et quasi spaciando huc illucque deambulantium. Ibi chori separatim erant uirginum. Ibi chori uiduarum. Ibi chori coniugatorum. Ibi prelatorum. Ibi episcoporum*) (*LibRev*, pp. 210 e 212); “Uma vez que tu te admires da doçura do canto de uma só pessoa e este tanto te deleite, qual e quanta julgas ser a glória e alegria de estar na presença de Deus na pátria celeste, onde há de existir o sumo contentamento da visão de Deus, onde toda a corte celeste ressoa em uníssono cantos de louvor a Deus com uma inefável e concorde doçura de vozes e espírito e O exulta perpetuamente?” (“*Cum unius tamen persone cantus dulcedinem sic ammiraris et tantum te exhilarat, qualem et quantam esse existimas gloriam et leticiam coram Deo in celesti patria ubi summum erit gaudium ex uisione Dei, ubi tota celestis curia simul laudes Dei ineffabili et concordi suauitate uocum et animorum perpetuo resonat et exultat?*”) (*ibid.*, p. 228).

³²⁵ I Cor 15, 41: “um é o brilho do sol, outro é o brilho da lua, outro ainda é o brilho das estrelas, pois uma estrela difere de outra em seu brilhar” (*alia claritas solis/ alia claritas lunael et alia claritas stellarum/ stella enim ab stella differt in claritate*).

³²⁶ Cf. *Dialogi* cap. XXXVII, 8, linhas 66-68.

modo ferir ou causar sofrimento. Tudo era apazível, tudo era agradável, tudo era deleitoso. Ele viu muito mais coisas, nesse local de descanso, do que algum homem, alguma vez, seria suficientemente capaz de falar ou escrever³²⁷. E assim, concluído isso, os dois pontífices³²⁸ disseram a ele: “Eis, irmão, graças ao auxílio de Deus, viste o que desejaste ver. Ao vir para cá, viste os tormentos dos pecadores e, neste lugar, o descanso dos justos. Bendito seja o Criador e Redentor de tudo, Ele que te deu tal propósito e, por cuja graça, agiste com constância, ultrapassando esses tormentos. Mas agora, caríssimo, desejamos que saibas quais são os locais de tormentos, que observaste, bem como qual é esta região de tamanha bem-aventurança. Este país é o Paraíso terrestre³²⁹, de onde o primeiro dos homens, Adão, foi expulso, por causa de sua desobediência. Depois que ele, sendo desobediente, desdenhou de se submeter a Deus, não mais lhe foi permitido ver estas incomparáveis alegrias que tu vês. Aqui, esse ouvira diligentemente as palavras do próprio Deus, com Seu coração puro e Sua magnificente visão interior! Aqui, esse pudera desfrutar da visão dos bem-aventurados anjos! No entanto, por causa de sua desobediência, foi lançado de tamanha bem-aventurança e perdeu a luz da razão, pela qual era iluminado³³⁰. E, embora estivesse na honra, [aquele] não teve bom senso, sendo comparável às insipientes bestas e feito similar a elas³³¹. Também por sua desobediência, toda a sua progênie foi submetida à sentença da morte, assim como ele próprio. Ó detestável crime da desobediência! Nosso Muitíssimo Pio Senhor, porém, movido pela piedade, decidiu que seu único filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, se fizesse carne, frente às misérias do

³²⁷ Vide nota 263.

³²⁸ i.e. os arcebispos supracitados.

³²⁹ Para uma análise mais pormenorizada do respectivo paraíso, bem como de sua localização e características, faz-se de novo alusão ao cap. 4 de nossa análise introdutória. A seu tempo, cf. OTP 1En 32: 6; 2En [J] 30: 1; 42: 3-4; [A] 42: 3; 3En 5: 3-4; SibOr [fragment 3] 46-49. No *LibRev*, a divisão entre as esferas paradisíacas serve de reforço às diferentes estâncias do além-túmulo: “Lá era o Paraíso de Deus, em que as almas dos santos descansam no sumo repouso e alegria, até que lhes seja aberta a porta da corte celeste, na qual os anjos estão com Deus [...]” (*Ibi erat Paradysus Dei in quo requiescunt anime sanctorum in summa quiete et leticia, donec eis aperiatur ianua celestis curie in qua angeli sunt cum Deo [...]*) (*LibRev*, p. 210).

³³⁰ Cf. *Dialogi* cap. I, 1.

³³¹ Ps 48, 13/ 21 (Psalmi Iuxta LXX): “e o homem, embora esteja na honra, não teve bom senso. É comparado às insipientes bestas e feito similar a elas” (*et homo cum in honore esset non/ intellexit/ comparatus est iumentis insipientibus/ et similis factus illis*).

gênero humano. E assim, submetendo-se à Sua fé por meio do batismo, merecemos retornar a esta região, libertos tanto dos pecados praticados, quanto do pecado original. É verdade que, mesmo após nos submetermos àquela fé, pecamos copiosamente, em vista de nossa fragilidade. Por tal motivo, era necessário que obtivéssemos o perdão daqueles através da penitência. Se nos submetemos a uma penitência antes da morte ou no momento dela, mas não a levamos a cabo em vida, nós pagamos pela mesma ao passar pelos tormentos, depois da dissolução de nossa carne, nos locais das penas que viste: alguns, no entanto, a sofrem por mais tempo, outros por menos, segundo sua culpa. Todos, porém, cruzamos aqueles lugares, em direção a este descanso. Ó percurso inimaginavelmente horrível! De modo similar, todos os que viste em cada um dos locais de punição serão salvos e, uma vez purgados, chegarão a esse descanso, à exceção daqueles que estão presos sob a boca do poço do Inferno. Diariamente alguns chegam aqui, depois de purgados, e os recebemos tal como fizemos contigo, introduzindo-os neste lugar com alegria. Em verdade, os que se encontram em meio às penas desconhecem o tempo pelo qual sofrerão estas torturas, porém, através de missas, salmos, orações e esmolas, sempre que feitos em nome deles, seus tormentos são mitigados ou tornados menores e mais toleráveis, até que sejam totalmente liberados, graças a tais sufrágios. Por sua vez, quando chegam a este local de repouso, não sabem por quanto tempo aqui permanecerão. Nenhum de nós pode saber isso a respeito de si, isto é, por quanto tempo deve ficar aqui. Assim como uns tomam conhecimento do tempo de permanência nos locais das penas, segundo a extensão de sua culpa; também nós que aqui estamos nos demoraremos mais ou menos tempo neste descanso, segundo os nossos méritos. E mesmo que tenhamos sido completamente liberados das penas, ainda não somos dignos de ascender à superna felicidade dos santos. Ninguém de nós conhece o dia e o fim de nossa promoção para algo melhor. Como vês, eis que estamos aqui num lugar de grande descanso. E no entanto, quando for apontado a cada um de nós, prosseguiremos a um descanso ainda maior. Todos os dias, nossa comunidade cresce e diminui de alguma forma, pois, a cada dia alguns ascendem das penas a nós, enquanto outros ascendem de nós ao Paraíso celeste”. Ditas essas palavras, levaram

consigo o cavaleiro a uma montanha e lhe ordenaram que, olhando para cima, dissesse de que cor lhe parecia ser o céu sobre ele. O cavaleiro então lhes respondeu: “Parece-me similar à cor do ouro, ardendo na fornalha”³³². “Esta – disseram eles – é a porta do Paraíso Celeste”³³³. Por ela, entram aqueles que nos são tomados em direção aos céus. Também não escape ao teu conhecimento que o Senhor nos alimenta uma vez por dia com alimento celestial. Qual é esse alimento e quão deleitável, sentirás em breve, degustando-o conosco, depois que Deus nos presentear com ele”. Apenas terminada sua fala, uma espécie de chama desceu dos céus e cobriu toda aquela região, e, descendo separadamente sobre a cabeça de cada dos indivíduos, como se fossem raios de luz, entrou neles por completo³³⁴. Assim, ela desceu sobre o cavaleiro, que estava junto aos outros, e entrou nele. Era tão deleitável a doçura que o cavaleiro sentiu no coração e no corpo, que não sabia com certeza se estava vivo ou se tinha morrido, frente à grandeza daquela doce sensação. Mas aquela hora também transcorreu rapidamente. Disseram-lhe então: “Este é o alimento de que falamos, com o qual somos nutridos por Deus, uma vez ao dia. Por outro lado, aqueles que são retirados de nós em direção aos céus, podem usufruir dele o quanto quiserem. Mas porque viste o que desejava ver nestas partes, ou seja, o descanso dos bem-aventurados e os tormentos dos pecadores, é necessário agora, irmão, que retournes pela mesma via por onde vieste. E se daqui em diante viveres sóbria e religiosamente, poderás ficar seguro, não só em relação a este descanso, mas também em relação à morada dos céus”³³⁵.

³³² Perellós acrescenta a aparência argêntea da entrada à descrição: “And I looked there and they asked me what color it was or what it seemed to me or where I was. And I answered them that to me it seemed the color of gold and silver come out of the furnace”. A tradução é de Alan Mac an Bhaird.

³³³ Exemplos de entradas celestiais, cujo ingresso é por meio de portas/portões, não deixam de ser típicas em textos apocalípticos e visionários. Cf. OTP 1En 9: 3 e 10; 14: 25; 33: 2; 34: 2; 35: 1; 36: 1-4; 3En 38: 1; SibOr3 767-771; ApZeph 3: 6-7 e 8-9; 5: 1-6; 3Bar [slavonic, greek] 2: 2 e 5; 3:1; [slavonic] 4: 2; ANT GNic 3:1; 8:2; GNic [latin a] p. 191; p. 196; GNic [latin b] p. 200; ApThom [A] p. 648; [B] p. 650. Nos textos bíblicos, um exemplo é o de Apc 4,1, onde se diz: “depois disso, olhei e eis que uma porta [estava] aberta no céu [...]” (*post haec vidi et ecce ostium apertum in caelo [...]*) (Apc 4,1).

³³⁴ Act 2, 3: “e lhes apareceram distribuídas línguas como que de fogo e assentaram sobre cada um deles” (*et apparuerunt illis dispersitae linguae tamquam ignis! seditque supra singulos eorum*).

³³⁵ A conversão dos costumes decorrente da viagem além-túmulo busca evidenciar o quão profícua deverá ser a narrativa àquele que a lê. Em outras palavras, ao se reformar o pecador, almeja-se em algum grau a mudança ou reforço das premissas religiosas do leitor/ouvinte. Entre os viajantes cuja transformação é ressaltada, Drythelm e Tnugdal são alguns

Todavia – Deus o proíba disto! –, se de novo maculares a tua vida, com as armadilhas da carne, eis que tu próprio viste o que te espera em meios às penas. Assim, retornes em segurança. Todo o terror que até agora sucedeste a ti em tua vinda, ele próprio temerá aparecer-te em tua volta”. Alarmado com essas palavras, o cavaleiro começou então a suplicar com profundo pesar aos pontífices que não fosse obrigado a deixar tamanha alegria, retornando às aflições do mundo, ao que eles responderam: “Não poderá ser como pedes, mas apenas como Ele dispôs, pois somente Ele tem conhecimento do que guarda a todos nós”. Lamentando-se tristemente, o cavaleiro retirou-se a contragosto, depois de receber a benção. Bastante triste, embora com coragem, ele retornou pelo caminho por onde viera e então a porta foi fechada.

deles: “Levantando-se imediatamente, dirigiu-se ao oratório da casa e lá permaneceu em oração até o amanhecer. Logo em seguida, dividiu tudo o que tinha em três partes: a primeira delas deu à mulher, a outra aos filhos e, conservando para si a terceira, imediatamente a distribuiu aos pobres. Não muito tempo depois, foi ao monastério de Melrose, [já] livre das preocupações do mundo. Aceita a tonsura, adentrou uma habitação à parte que fora providenciada pelo abade e ali permaneceu com tamanha constrição de sua mente e corpo até o dia de sua morte, que, embora sua língua silenciase sobre as muitas coisas horrendas ou desejáveis que ele vira, seu modo de vida as declarava” (*Statimque surgens, abiit ad uillulae oratorium, et usque ad diem in oratione persistens, mox omnem, quam possederat, substantiam in tres diuisit portiones, e quibus unam coniugi, alteram filiis tradidit, tertiam sibi ipse retentans, statim pauperibus distribuit. Nec multo post saeculi curis absolutus ad monasterium Mailros [...] peruenit; acceptaque tonsura, locum secretae mansionis, quam praeuiderat abbas, intrauit; et ibi usque ad diem mortis in tanta mentis et corporis contritione durauit, ut multa illum, quae alios laterent, uel horrenda uel desideranda uidisse, etiamsi lingua sileret, uita loqueretur*) (*HE VisDry*, p. 304); “‘Quantas tribulações, muitas e más, revelaste-me, também me reviveste convertido e dos abismos da terra me reconduziste de volta’. E ao dizer essas palavras, por meio de uma escritura dividiu tudo o que tinha e deu aos pobres. Ele próprio ordenou ainda que fosse assinalado com o salutar sinal da cruz e fez votos de abandonar de todos os modos sua vida anterior. Enfim, todas as coisas que vira ou por que passara, a nós narrou, logo a seguir, dizendo:” (*Quantas ostendisti michi tribulationes multas et malas et conversus vivificasti me et de abyssis terre iterum reduxisti me. Et cum hec dixisset, sub testamento omnia, que habuit, dispersit et dedit pauperibus, ipse vero signo se salutifere crucis signari precepit et pristinam vitam in antea se relicturum omnimodis vovit. Cuncta autem que viderat aut passus fuerat, nobis postmodum narravit dicens:*) (*VisTnug*, p. 9, linhas 3-10). Para conjunturas onde a admoestação é coletiva, cf. textos como OTP 2En 39 [J]; 4Ezra 1: 4-11; 2Bar 1: 1-5; ApEl 1-2: 1-7. Será importante salientar, entretanto, que com frequência nestes últimos a admoestação forneceria subsídios para que se compreenda uma conduta dita desvirtuada em sua coletividade e que já sofrera punição. Em suma, trata-se de uma espécie de exegese do passado que busca a correção de uma conduta frente ao fim dos tempos.

Eya nunc, dilectissimi, redeunte milite nostro, recordetur unusquisque qualia et quanta sunt omnia, siue beatorum gaudia, siue peccatorum tormenta, que adhuc in carne positus, intuitus et expertus est. Mira certe uidentur immo mira sunt et inestimabilia. Verum si conparata fuerint ad illa que nec oculus uidit, nec auris audiuit, nec cor hominis cogitare potuit que preparauit Deus diligentibus siue contempnentibus se, fere nulla uel minima parebunt. De tormentis autem inpiorum ad presens sufficiant que superius dicta sunt. Excitemus, igitur, et erigamus, karissimi, totum intellectum nostrum in quantum Deus donauerit, [et] cogitemus quale et quantum sit illud electorum unicum et singulare gaudium. Illud scilicet unum et summum bonum, omnino sibi sufficiens, nullo indigens, quo omnia indigent ut sint, et ut bene sint. Hoc bonum est Deus pater; hoc est uerbum, id est filius patris. Hoc ipsum est amor unus et communis patri et filio, id est spiritus sanctus ab utroque procedens. Quod autem horum est singulus quisque, hoc est tota trinitas simul, pater et filius et spiritus sanctus; quoniam singulus quisque non est aliud quam summe simplex unitas et summe una simplicitas, que nec multiplicari nec aliud et aliud esse potest. Porro hoc est illud idem unum quod est necessarium. Porro hoc est illud idem unum necessarium, in quo est omne et unum et totum et solum bonum. Si enim singula bona delectabilia sunt, cogitate intente quam delectabile sit illud bonum, quod continet iocunditatem omnium bonorum; et non qualem in rebus creatis sumus experti, sed tanto differentem quanto differt creator a creatura. Si enim bona est uita creata: quam bona est uita creatrix? Si iocunda est salus facta: quam iocunda est salus que facit omnem salutem? Si amabilis est sapientia in cognitione rerum conditarum: quam amabilis est sapientia que omnia condidit ex nichilo? Denique si multe et magne delectaciones sunt in rebus delectabilibus: qualis et quanta est delectacio in illo qui fecit illa delectabilia? O qui hoc bono fruatur: quid illi erit, et quid illi non erit! Certe quicquid uolet erit, et quod nolet non erit. Ibi quippe erunt bona corporis et anime, qualia nec oculus uidit, nec auris audiuit, nec cor hominis cogitauit. Cur ergo per multa uagamur, querendo bona anime nostre et corporis nostri? Amemus unum bonum, in quo sunt omnia bona, et

XXII

Sigamos agora, queridíssimos devotos! Com a volta de nosso cavaleiro, que cada um recorde quantas e quais foram todas aquelas alegrias dos bem-aventurados, bem como todos os tormentos dos pecadores, os quais ele não só viu de perto, mas experimentou, ainda estando em seu corpo! Certamente parecem coisas admiráveis, ou melhor, admiráveis e inimagináveis. E, no entanto, se forem comparadas com aquelas que nem o olho viu, nem o ouvido escutou, nem o coração do homem pôde cogitar, que Deus preparou aos que Lhe foram ou diligentes ou desdenhosos³³⁶, elas se mostrarão quase que nulas e insignificantes. Todavia, seja suficiente por ora o que foi dito acima, acerca dos tormentos dos ímpios. Avivemo-nos, caríssimos! Elevemos todo o nosso intelecto àquilo com que Deus nos presenteou!³³⁷ Pensemos qual e quanta é a alegria única e singular dos eleitos, isto é, o uno e sumo bem, que se basta em sua completude e que não carece de nada, ainda que todas as coisas careçam dele, a fim de que não só existam, mas existam bem³³⁸. Esse bem é o Deus Pai. Esse bem é o Verbo, isto é, Seu Filho³³⁹. Ele próprio é o uno amor, comum ao Pai e ao Filho, isto é, o Espírito Santo, que provém de ambos³⁴⁰. Porém, aquilo que é cada um deles em separado é toda a Trindade ao mesmo tempo, isto é, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Porque cada um separadamente não é outra coisa senão uma só unidade e, ainda assim, são pessoas unívocas da Suma Trindade, a qual nem pode ser aumentada, nem ser múltíplice. Outrossim, esse é ele mesmo o único bem que é necessário. Outrossim, esse é ele mesmo o único bem necessário³⁴¹ e no qual está todo o bem, um, único e por inteiro. Logo, se todos os bens são motivo de deleite, ponderai atentos quão deleitável é aquele bem que contém a felicidade de todos os bens. Não é um bem tal

³³⁶ I Cor 2, 9: “mas assim como está escrito: o olho não viu, nem o ouvido escutou, nem o coração do homem alcançou estas coisas que Deus preparou aos que Lhe são diligentes” (*sed sicut scriptum est/ quod oculus non vidit nec auris audivit nec in cor hominis ascendit/ quae preparavit Deus his qui diligunt illum*).

³³⁷ *Excitemus... gaudium. Cf. Proslogion*, cap. xxiv, p. 117, linhas 25-26.

³³⁸ *unum... bene sint. Ibid.*, cap. xxii, p. 117, linhas 1-2.

³³⁹ *Hoc bonum... patris. Ibid.*, cap. xxiii, p. 117, linhas 6-7.

³⁴⁰ *Hoc ipsum... procedens. Ibid.*, linhas 11-12.

³⁴¹ Lc 10, 42: “mas uma coisa é necessária; Maria escolheu a melhor parte, que não será tomada dela” (*porro unum est necessarium/ Maria optimam partem elegit quae non auferetur ab ea*).

sufficit. *Desideremus simplex bonum, quod est omne bonum, et satis, est. Quid enim amas, caro, quid desideras, anima? Ibi est, ibi est quicquid amatis, quicquid desideratis. Si delectat pulcritudo: fulgebunt iusti sicut sol. Si uelocitas aut fortitudo, aut libertas corporis cui nichil obsistere possit:*
5 *erunt similes angelis Dei, quia seminatur corpus animale, et surget corpus spirituale, potestate utique non natura. Si longa et salubris uita: ibi est sana eternitas et eterna sanitas, quia iusti in perpetuum uiuent et salus iustorum a Domino. Si sacietas: saturabuntur [cum apparuerit gloria Dei. Si ebrietas: inebriabuntur] ab ubertate domus Dei. Si melodia: ibi chori*
10 *angelorum concinunt sine fine Deo. Si quelibet non inmunda sed munda uoluptas: torrente uoluptatis sue potabit eos Deus. Si sapientia: ipsa Dei sapientia ostendet eis seipsam. Si amicitia: diligent Deum plus quam seipsos, et inuicem tamquam seipsos, et Deus illos plus quam illi seipsos; quia illi illum et se et inuicem per illum, et ille [se et] illos per seipsum. Si*
15 *concordia: omnibus illis erit una uoluntas, quia nulla eis erit nisi Dei sola uoluntas. Si potestas: omnipotentes erunt sue uoluntatis ut Deus sue. Nam sicut poterit quod uolet per seipsum, ita poterunt illi quod uolent per illum; quia sicut illi non aliud uolent quam quod ille, ita et ille uolet quicquid illi uolent; et quod ille uolet non poterit non esse. Si honor et diuitie: Deus suos*
20 *seruos bonos et fideles supra multa constituet, immo filii Dei et dii uocabuntur et erunt; et ubi erit unicus eius, ibi erunt et illi heredes quidem Dei, coheredes autem Christi. Si uera securitas: certe ita certi erunt nunquam et nullatenus ista uel potius istud bonum sibi defuturum, sicut certi erunt se non sua sponte illud amissuros, nec dilectorem Deum illud*
25 *dilectoribus suis inuiti's' ablaturum, nec aliquid Deo potentius inuitos Deum et illos s[e]paraturum.*

[2.] *Gaudium uero quale et quantum est, ubi tale ac tantum bonum? Cor humanum, cor indigens, cor expertum erumpnas immo obrutum erumpnis: quantum gauderes, si hiis omnibus habundares? Interroga intima*
30 *tua, si caper'e' possunt gaudium suum de tanta beatitudine sua. Sed certe si quis alius, quem omnino sicut teipsum diligeres, eandem beatitudinem haberet, duplicaretur gaudium tuum, quia non minus gauderes pro eo quam pro teipso. Si uero duo uel tres uel multo plures idipsum haberent, tantundem pro singulis quantum pro teipso gauderes, si singulos sicut*

qual experimentamos nas coisas criadas, mas tão diverso disso quanto diferem Criador e criatura. Com efeito, se uma vida criada já é boa, quão boa será a vida que cria? Se é agradável a salvação que foi produzida, quão agradável será a salvação que produz toda a salvação? Se é amável a sabedoria no entendimento das coisas criadas, quão amável será a sabedoria que cria tudo do nada? Enfim, se vários e grandes são os deleites nas coisas deleitáveis, como será o deleite naquilo que as concebeu deleitáveis?³⁴² Oh, quem desfrutará desse bem? O que caberá a ele e o que não lhe caberá?”. Por certo terá tudo o que quiser e não possuirá aquilo que não quiser. Lá existirão bens para o corpo e para a alma tais quais, nem o olho viu, nem o ouvido escutou, nem o coração do homem cogitou³⁴³. Ora, por que então divagamos por tantos lugares, buscando o bem para o nosso corpo e nossa alma? Amemos, pois, o único bem, no qual estão todos os bens, e isso é suficiente. Desejemos o puro bem, que é todo o bem, e basta. Portanto, o que amas, minha carne? O que desejas, minha alma? Lá está, lá está tudo o que amais, tudo o que desejais. Se vos deleita a beleza, os justos fulgirão como o Sol³⁴⁴. Se é a rapidez, a força ou a liberdade do corpo, de modo que nada vos possa obstruir, serão similares aos anjos de Deus³⁴⁵, porque: “Semeia-se um corpo animal e se eleva um corpo espiritual”³⁴⁶, tendo em vista, decerto, seu poder e não sua natureza. Se é uma vida longa e saudável, lá a eternidade é salutar, e eterna é a saúde, visto que os justos viverão para sempre³⁴⁷ e a salvação deles virá do Senhor³⁴⁸. Se é a saciedade, serão

³⁴² *Si enim singula... delectabilia? Cf. Proslogion*, cap. xxiv, pp. 117 e 118, linhas 26 e 1-9.

³⁴³ I Cor 2, 9: “mas assim como está escrito: o olho não viu, nem o ouvido escutou, nem o coração do homem alcançou estas coisas que Deus preparou aos que Lhe são diligentes” (*sed sicut scriptum est/ quod oculus non vidit nec auris audilvit nec in cor hominis ascendit/ quae preparavit Deus his qui diligunt illum*).

³⁴⁴ Mt 13, 43: “então os justos fulgirão como o Sol no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos que escute” (*tunc iusti fulgebunt sicut sol in regno Patris eorum/ qui habet aures audiat*).

³⁴⁵ Mt 22, 30: “pois, na ressurreição, nem se casarão, nem serão dados em casamento, mas são assim como os anjos de Deus, no céu” (*in resurrectione enim neque nubent/ neque nubentur/ sed sunt sicut angeli Dei in caelo*).

³⁴⁶ I Cor 15, 44: “semeia-se um corpo animal, eleva-se um corpo espiritual. Se é um corpo animal, também é espiritual. Assim está escrito:” (*seminatur corpus animale/ surgit corpus spiritale/ si est corpus animale/ est et spiritale/ sic et scriptum est*).

³⁴⁷ Sap 5, 16: “os justos, no entanto, viverão para sempre e junto do Senhor está a sua recompensa e o pensamento deles junto ao Altíssimo” (*iusti autem in perpetuum vivent/ et apud Dominum est merces eorum/ et cogitatio illorum apud Altissimum*).

³⁴⁸ Ps 36, 39 (Psalmi Iuxta LXX): “a salvação dos justos [virá] do Senhor, seu protetor no tempo de tribulação” (*salus autem iustorum a Dominol et protector eorum in tempore tribulationis*); Ps 36, 39 (Psalmi Iuxta Hebr.): “a salvação dos justos [virá] do Senhor, sua

teipsum amares. Ergo in illa perfecta caritate innumerabilium angelorum et hominum, ubi nullus minus diligit alium quam seipsum, non aliter gaudebit quisque pro singulis aliis quam pro seipso. Si ergo cor hominis de tanto suo bono uix capiet gaudium suum: quomodo capax erit tot et tantorum gaudiorum? Et utique quoniam quantum quisque diligit aliquem, tantum de bono illius gaudet: sicut in illa perfecta felicitate unusquisque plus amabit sine comparatione Deum plus quam se et omnes alios secum, ita plus gaudebit absque estimatione de felicitate Dei quam de sua et omnium aliorum secum. [Sed si Deum sic diligent toto corde, [tota mente,] tota anima, ut tamen totum cor, tota mens, tota anima non sufficiat dignitati delectionis: profecto sic gaudebunt toto corde, tota mente, tota anima, ut totum cor, tota mens, tota anima non sufficiat plenitudini gaudii. Et hoc fortasse est gaudium de quo dicit nobis pater per filium suum: 'Petite et accipietis, ut gaudium uestrum sit plenum.' Ecce, karissimi, inuenimus gaudium quoddam plenum, et plusquam plenum. Pleno quippe corde, plena mente, plena anima, pleno toto homine gaudio illo: adhuc supra modum supererit gaudium. O si forte hoc gaudium est in quod intrabunt serui boni, qui intrabunt in gaudium Domini sui. Sed gaudium illud certe quo gaudebunt electi Dei, nec oculus uidit, nec auris audiuit, nec in cor hominis ascendit. Nondum ergo dixi aut cogitaui, quantum gaudebunt illi beati serui Domini. Vtique enim gaudebunt, quantum amabunt; tantum amabunt, quantum cognoscent.] Quantum tunc boni agnoscent Deum, et quantum amabunt eum? Certe neo [sic] oculus uidit, nec auris audiuit, nec in cor hominis ascendit in hac uita, quantum cognoscent eum in illa uita. Ergo miles noster, licet mira et merito desideranda gaudia uiderit, non dum illud summum bonum et singulare beatorum gaudium uidit. Orandum ergo nobis est summopere, karissimi, ut de Deo gaudeamus. Et si non possumus in hac uita ad plenum, uel proficiamus in dies usque dum ueniat illud ad plenum. Proficiat hic in nobis noticia Dei, et ibi fi[a]t plena; crescat hic amor ipsius, et ibi [sit] plenus: ut hic gaudium nostrum sit in spe magnum, et ibi sit in re plenum. Deus enim per filium suum iubet immo consulit petere et promittit accipere, ut gaudium nostrum sit plenum. Petamus, igitur, quod consulit per admirabilem consiliarium nostrum; accipiamus quod promittit per ueritatem suam, ut gaudium nostrum plenum sit. Meditetur interim mens

saciados pela glória de Deus, quando surgir³⁴⁹. Se é a embriaguez, eles se inebriarão, junto à fartura da casa de Deus³⁵⁰. Se é ouvir melodias, lá os coros dos anjos cantam em uníssono para Deus, sem nunca parar. Se é um prazer que não seja impuro, mas puro, Deus lhes dará de beber da torrente de Suas delícias. Se é a sabedoria, a própria sabedoria de Deus se revelará a eles. Se é a amizade, amarão a Deus mais do que a eles próprios e uns aos outros como a si mesmos. E Deus os amará mais do que eles a si mesmos; com efeito, eles amarão ao Senhor, a si mesmos e aos demais, por meio Dele, enquanto Ele ama a Si mesmo e àqueles, por meio de Si. Por outro lado, se desejam a concórdia, lhes caberá a todos uma só vontade, pois não possuirão nenhuma outra senão a vontade de Deus. Se é o poder, serão onipotentes sobre o seu querer, assim como Deus é sobre o Dele, pois assim como o Senhor poderá o que quiser por Sua vontade, de igual modo serão capazes aqueles que assim agirem por meio Dele. Decerto, assim como não desejaram algo diverso do que Ele, também Ele desejará o que desejarem. Ora, aquilo que Ele quiser não poderá deixar de ser. Se é honra e riquezas, Deus designará sobre muitos os seus bons e fiéis servos³⁵¹, ou melhor, serão chamados de filhos de Deus³⁵² e senhores e o serão. Logo, onde estiver um único desses, lá por certo estarão os herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo³⁵³. Enfim, se é a verdadeira tranquilidade, terão a certeza de que nunca e de forma alguma lhes irá faltar essa ou outras dádivas e também

força no tempo de tribulação” (*THAV salus iustorum a Dominol fortitudo eorum in tempore tribulationis*).

³⁴⁹ Ps 16, 15 (Psalmi Iuxta LXX): “eu, no entanto, surgirei na justiça diante da tua vista. Serei saciado pela tua glória, quando surgir” (*ego autem in iustitia apparebo conspectui tuo/ satiabor cum apparuerit gloria tua*).

³⁵⁰ Ps 35, 9 (Psalmi Iuxta LXX): “se inebriarão junto à fartura de tua casa e os farás beber da torrente da tua vontade” (*inebriabuntur ab ubertate domus/ tuae/ et torrente voluntatis tuae potabis/ eos*).

³⁵¹ Mt 25, 21: “O Senhor disse a ele: ‘Muito bem, bom e fiel servo. Porque foste fiel sobre o pouco, designar-te-ei sobre muito. Adentra a alegria do teu Senhor!’” (*ait illi dominus eius/ euge bone serve et fidelis/ quia super pauca fuisti fidelis super/ multa te constituam/ intra in gaudium domini tui*); Mt 25, 23: “O Senhor disse a ele: ‘Muito bem, servo bom e fiel. Porque foste fiel sobre o pouco, designar-te-ei sobre muito. Adentra a alegria do teu Senhor!’” (*ait illi dominus eius/ euge serve bone et fidelis/ quia super pauca fuisti fidelis supra/ multa te constituam/ intra in gaudium domini tui*).

³⁵² Mt 5, 9: “bem-aventurados são os que fazem a paz, porque serão chamados filhos de Deus” (*beati pacifici quoniam filii Dei vocabuntur*).

³⁵³ Rm 8, 17: “se, no entanto, somos filhos também somos herdeiros, herdeiros por certo de Deus e coerdeiros de Cristo; precisamente porque sofremos juntos, para que também sejamos juntos glorificados” (*si autem filii et heredes/ heredes quidem Dei/ coheredes autem Christi/ si tamen conpatimur ut et congrorificemur*).

nostra, loquatur inde lingua nostra. Amet illud cor nostrum, sermocinetur os nostrum. Esuriant illud anima nostra, desideret tota substantia nostra, donec intremus in gaudium Domini Dei nostri. Amen.

terão a certeza de que não apenas não a perderão por sua vontade, mas também de que Deus, amando-os, não a tomará contra a vontade daqueles que O amam, ou de que algo mais poderoso que Deus os separará a contragosto.

2. Qual e em que proporção é esta alegria? Onde está tal e tamanho bem? Ó coração humano, coração necessitado, coração experiente acerca de tribulações, ou melhor, oprimido por elas, quanto te alegrarias, se possuísses tudo isso em abundância! Interroga o teu íntimo se ele seria capaz de conter a alegria proveniente de tamanha ventura. Em verdade, se alguém que amasses inteiramente como a ti próprio fosse feliz desta maneira, a tua alegria seria duplicada, porque não menos te alegrarias por ele do que por ti. Consequentemente, se dois, ou três, ou muitos mais tivessem a mesmíssima felicidade, tu te alegrarias por eles na mesma proporção que contigo, caso amasses cada um como a ti mesmo. Naquele perfeito amor de incontáveis anjos e homens, onde ninguém amará outrem menos do que a si mesmo, cada um se alegrará pelos outros exatamente como por si. Ora, se o coração do homem contém com dificuldade a alegria de sua própria sorte, de que modo será capaz de fazê-lo com tantas e tão grandes alegrias? Seja como for, quanto mais alguém amar ao próximo, mais se alegrará pela bem-aventurança deste. Do mesmo modo, cada um amará incomparavelmente mais a Deus do que a si e a todos os seus próximos, naquela perfeita alegria, e todos se alegrarão sem comparação mais com a felicidade de Deus do que com a sua própria ou a dos que estiverem com eles. E caso amem a Deus com todo o seu coração, com todo o seu juízo e com todo o seu espírito, ainda que todo o seu coração, todo o seu juízo e todo o seu espírito não sejam suficientes à grandiosidade desse amor, certamente se regozijarão com todo o seu coração, com todo o seu juízo e com todo o seu espírito, ainda que todo o seu coração, todo o seu juízo e todo o seu espírito não sejam suficientes à plenitude dessa alegria³⁵⁴. Provavelmente essa é a alegria de que nos fala o Pai, por meio do Seu Filho: “Pedi e recebereis, para que a

³⁵⁴ *O qui hoc... illa uita. Cf. Proslogion*, cap. xxv e cap. xxvi, pp. 118-121, linhas 12-25, 1-19, 1-25 e 1-13.

vossa alegria seja plena”³⁵⁵. Caríssimos, eis que encontramos uma alegria plena e mais do que plena, porque, estando pleno o nosso coração, pleno o nosso juízo, pleno o nosso espírito e pleno todo o nosso ser com essa alegria, ela restará ainda em abundância. Ó, com sorte, é essa a alegria na qual adentrarão os bons servos, aqueles que entrarão na alegria do Senhor³⁵⁶. Seguramente o olho não viu, nem o ouvido escutou, nem alcançou o coração do homem essa alegria³⁵⁷, em que os eleitos de Deus se regozijarão. Ainda não disse ou refleti acerca de quanto se regozijarão os bem-aventurados servos do Senhor. Em todo o caso, regozijarão tanto quanto O amarem e O amarão tanto quanto O conhecerem. E em que medida os bons tomarão conhecimento de Deus e O amarão? Decerto nem o olho viu, nem o ouvido escutou, nem alcançou o coração do homem³⁵⁸ nesta vida o quanto O conhecerão naquela outra³⁵⁹. Embora tenha observado alegrias extraordinárias e desejáveis segundo seu mérito, o nosso cavaleiro ainda não viu o sumo bem e a singular alegria dos bem-aventurados. Caríssimos, devemos orar, num enorme esforço, para que nos regozijemos em Deus. E se não podemos alcançá-la plenamente nesta vida, avancemos os dias até que esta alegria nos chegue plenamente. Aqui avancemos no conhecimento de Deus e lá ele se torne pleno; aqui cresça o amor a Ele e lá seja esse amor pleno, para que, aqui, nossa alegria seja grande em sua esperança, porém lá seja completa, de fato. Deus, por intermédio de Seu Filho, ordena, ou melhor, aconselha que peçamos e promete que receberemos, de maneira que nossa alegria seja plena. Peçamos, pois, aquilo que Ele nos aconselha por meio de nosso Admirável Conselheiro! Recebamos o que Ele promete por meio da sua verdade, a fim de que a nossa alegria seja plena!³⁶⁰ Que o nosso espírito medite sobre ela, neste

³⁵⁵ Io 16, 24: “Até agora não pedistes coisa alguma em meu nome. Pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja plena” (*usque modo non petistis quicquam/ in nomine meol petite et accipietis ut gaudium ves/trum sit plenum*).

³⁵⁶ Vide nota 351.

³⁵⁷ I Cor 2, 9: “mas assim como está escrito: o olho não viu, nem o ouvido escutou, nem o coração do homem alcançou estas coisas que Deus preparou aos que Lhe são diligentes” (*sed sicut scriptum est/ quod oculus non vidit nec auris audilvit nec in cor hominis ascendit/ quae preparavit Deus his qui dililgunt illum*).

³⁵⁸ *Ibid.*

³⁵⁹ *quantum... uita. Cf. Proslogion*, cap. xxvi, p. 121, linhas 12-13.

³⁶⁰ Io 16, 24: “Até agora não pedistes coisa alguma em meu nome. Pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja plena” (*usque modo non petistis quicquam/ in nomine meol petite et accipietis ut gaudium ves/trum sit plenum*).

ínterim, e que a nossa língua a exprima! Ame-a o nosso coração, e que fale a nossa boca a seu respeito! Aqueça-se com ela a nossa alma! E que toda a nossa matéria a deseje, até que adentremos a alegria do nosso Senhor Deus!³⁶¹ Amém³⁶².

³⁶¹ *Vide* nota 351.

³⁶² *Orandum... Amen. Cf. Proslogion*, cap. xxvi, pp. 121-122, 14-24 e 1-2.

Occurramus modo, fratres karissimi, militi nostro redeunti et uideamus si forte sine impedimento redierit.

5 [2.] *Egressus itaque, sicut supradiximus, miles de paradyso, lugens eo quod a tanta felicitate ad huius uite miseriam redire cogeretur, per eandem uiam qua uenerat reuersus est. Quem redeuntem quidem demones undique discurrentes terrere conati sunt, sed ad eius aspectum ut auiculae territi per aera diffugerunt. Sed nec eum tormenta quicquam ledere*
10 *potuerunt. Cumque uenisset ad predictam aulam, in qua demones eum primitus inuaserunt, ecce uiri illi quindecim qui ibidem ei primo apparentes eum instruxerant, subito apparuerunt. Qui Deum laudantes eiusque uictorie congratulantes dixerunt, 'Eya, frater, nunc scimus, quoniam per tormenta que sustinens uiriliter uicisti, ab omnibus peccatis tuis purgatus es. Et ecce*
15 *iam in patria tua lucis aurora clarescit. Ascende ergo quamtocius. Nam si prior ecclesie, post missarum solempnia cum processione sua ueniens ad portam, te redeuntem non inuenerit, statim, de reditu tuo diffidens, obserata porta redibit.'* *Accepta itaque ab eis benedictione, protinus ascendit. Eadem uero hora qua prior portam aperuit, miles de intro ueniens apparuit. Quem*
20 *cum gaudio magno prior suscipiens in ecclesiam introduxit, in qua eum aliis quindecim diebus orationibus insistere constituit. Deinde, signo dominice crucis in humero suscepto, dominici corporis sepulchrum ierosolimis uisitare perrexit. Et inde rediens, regem, dominum suum, cui prius familiaris extiterat, utpote uirum industrium et prudentem adiit, quatinus*
25 *eiusmodi quem sibi consuleret ipse religionis habitum susciperet. Eodem autem tempore pie memorie Geruasius, abbas cenobii Ludensis, qui a prefato rege locum ad construendum monasterium inpetrauerat, monachum suum nomine Gilebertum de Luda cum quibusdam aliis (qui scilicet Gilebertus fuit postea abbas de Basingewerch) ad eundem regem in*
30 *Hyberniam misit, ut et locum susciperet et monasterium fundaret. Qui cum ueniens ad regem susceptus esset, conquestus est quod illius patrie linguam ignoraret. Quod audiens rex ait, 'Optimum interpretem tibi commendabo.'* *Et accito prefato milite, iussit ut cum monacho maneret. Quam iussionem libentissime miles suscipiens ait ad dominum suum, 'Gratanter ei seruire*

XXIII

Caríssimos irmãos, reencontremo-nos agora com o nosso cavaleiro em sua volta e vejamos se acaso ele terá retornado sem qualquer impedimento.

2. Assim, tendo saído do Paraíso, conforme dissemos acima, ele regressou pela mesma via por onde viera, lamentando-se por ter sido obrigado a deixar tamanha felicidade e retornar à tristeza de sua vida. Enquanto regressava, demônios tentaram aterrorizá-lo correndo por todos os lados, mas se dispersaram à sua vista, como se fossem passarinhos apavorados pelo céu. Tampouco os tormentos puderam feri-lo de alguma forma. Quando chegou ao salão citado, em que os demônios atacaram-no pela primeira vez, eis que aqueles quinze homens que o instruíram de início, ao se revelarem, naquele lugar, subitamente apareceram de novo. Eles lhe disseram, enquanto louvavam a Deus e se congratulavam pela sua vitória: “Viva, irmão, sabemos agora que foste purgado de todos os teus pecados, porque saíste vencedor em meio aos tormentos, suportando-os com coragem! Todavia, a aurora já nasce em tua pátria. Sobe, portanto, sem demora; pois se, após a liturgia da missa, o prior da igreja não te encontrar de volta ao ir com sua procissão àquela porta, imediatamente retornará descrente de seu retorno, fechando-a”. Dito isso, ele subiu rapidamente, depois de receber a benção desses. E, no exato instante em que o prior abriu a porta, o cavaleiro apareceu, vindo de seu interior³⁶³. O religioso recebeu-o com grande alegria e o introduziu na igreja, onde determinou que se aplicasse em orações por outros quinze dias. Ao término deles, o cavaleiro tomou sobre os ombros o símbolo da cruz do Senhor e partiu para visitar o sepulcro de Seu corpo, em Jerusalém. Ao retornar, apresentou-se ao rei, seu

³⁶³ Assim como no início de sua viagem (*cf.* nota 232), Perellós presencia um acontecimento anormal, ao findá-la: “Being thus besieged by prayer and the travail which we had endured, with the anguish which anyone can imagine, we fell asleep; and being thus asleep there came a great thunderclap — but it was not as great as the first one and at once we woke up and I and my companion were much afraid and we found ourselves at the gate through which we had entered to the first pit. And being there, doubting where those were who had put us in and should come from the monastery to seek us, we were at the gate and as soon as they had opened it they saw us coming out from there. And we were received with much joy and at once they put us in the church where we said our prayers and gave thanks to God as he had taught us”. A tradução é de Alan Mac an Bhaird.

debeo. Sed et uos cum magna gratiarum actione monachos Cysterni ordinis
in regno uestro suscipere debetis, quoniam, ut uerum fatear, in sanctorum
requie non uidi homines tanta gloria preditos ut huius religionis uiros.'
Mansitque cum eodem Gileberto miles ille, sed nondum monachus uel
5 conuersus fieri uoluit. Ceperunt igitur monasterium construere et manserunt
simul ibidem duobus annis et dimidio. Gilebertus uero domus illius erat
celerarius, miles autem forinsecus in omnibus procurator erat et minister
deuotus ac interpres fidelissimus, uixitque sancte ac satis religiose, sicut
idem testatur Gilebertus. Et quando soli simul erant familiariter alicubi,
10 ipsius Gileberti rogatu ob edificationem hec omnia diligentissime narrare
consueuerat. Postea uero monachi qui cum eo missi fuerant ad Ludense
cenobium in Angliam redierunt militemque in Hybernia honeste et religiose
uiuientem dimiserunt.

[3.] Hec autem omnia cum sepedictus Gilebertus coram multis, me
15 quoque audiente, sepius sicut ab ipso milite audierat, retulisset, affuit inter
alios unus qui hec ita contigisse dubitare se dixit. Cui Gilebertus, 'Sunt
quidam', inquit, 'qui dicunt quod aulam intrantes primo fiunt in extasi et hec
omnia in spiritu uidere. Quod omnino sibi miles ita contigisse contradicit,
sed corporeis oculis se uidisse et corporaliter hec pertulisse constantissime
20 `testatur'. Sed et ego in monasterio cui prefui aliquid oculis meis huic rei
non ualde dissimile multique mecum conspexere.'

senhor – um homem zeloso e prudente³⁶⁴, de quem fora servo outrora –, a fim de tomar para si o hábito da ordem religiosa que seu soberano determinasse³⁶⁵. Além disso, ainda naquele tempo, Gervase de pia memória, abade do cenóbio de Louth, o qual obtivera do rei mencionado um local para a construção de um monastério, enviou a esse rei na Hibérnia um monge seu, chamado Gilbert de Louth (Gilbert que, como é sabido, foi depois abade de Basingwerk), acompanhado de alguns outros, para que tomasse posse do terreno e lá fundasse o monastério. Quando chegou, sendo recebido pelo rei, lamentou ignorar a língua do país. Ao ouvir isso, o rei respondeu-lhe: “Confiarei a ti o meu melhor intérprete”. E chamou o nosso cavaleiro, a quem ordenou que permanecesse com o monge. O cavaleiro recebeu de muitíssimo bom grado a ordem e respondeu ao seu senhor: “Com alegria devo servir-lhe. No entanto, vós deveis dar as boas vindas, em vosso reino, aos monges da ordem cisterciense, porque, diga-se em verdade, não vi, no descanso dos santos, homens mais providos de tanta glória como os membros desta ordem”. O cavaleiro permaneceu então com o mesmo Gilbert, porém não quis ainda se fazer monge ou converter-se. Começaram a construir o monastério e se mantiveram juntos neste lugar, por dois anos e meio. Gilbert era o responsável pela adega da casa de Owein, enquanto este era seu procurador em todos os assuntos externos, além de um subordinado devoto e intérprete fidelíssimo. Como atesta o mesmo Gilbert, o cavaleiro viveu uma vida santa e bastante religiosa, e, quando ficavam a sós onde quer que fosse, como se estivessem entre amigos, ele costumava contar com muitíssima diligência todas essas coisas a pedido do próprio Gilbert, para fins de edificação. E assim passado o tempo, os monges que foram enviados com ele retornaram ao cenóbio de Louth, na Inglaterra, e deixaram Owein vivendo na Hibérnia honesta e religiosamente.

³⁶⁴ Gn 41, 33: “agora, pois, o faraó procure um homem sábio e zeloso e o coloque sobre a terra do Egito” (*nunc ergo provideat rex virum sapientem et industrium/ et praefficiat eum terrae Aegypti*).

³⁶⁵ De certo modo, o desfecho da *VisDry* guarda semelhanças com aquele de Owein: “Narrava as visões ao rei Aldfrith, um homem indiscutivelmente muito douto. E foi ouvido por ele com tanto prazer e zelo, que foi coroado com a tonsura monástica, após ser introduzido a pedido seu no monastério lembrado acima” (*Narrabat autem visiones suas etiam regi Aldfrido, uiro undecumque doctissimo; et tam libenter tamque studiose ab illo auditus est, ut eius rogatu monasterio supra memorato inditus, ac monachica sit tonsura coronatus [...]*) (*HE VisDry*, pp. 309-310).

3. Um dia, quando o referido Gilbert narrava na presença de muitos – eu mesmo o ouvia – todos aqueles acontecimentos, como tantas vezes ouvira do próprio cavaleiro, no meio dos presentes um indivíduo disse duvidar que tais fatos tivessem se dado daquela maneira. Respondeu-lhe então o monge: “Há aqueles que dizem que, ao entrar de início no salão citado, fazem-se em êxtase e veem em espírito tudo o que foi falado. O cavaleiro, ao contrário, declara não lhe ter sucedido isso em absoluto, mas atesta ter observado estas coisas com os olhos do corpo e as ter suportado, com enorme constância, também corporalmente. E também eu, com diversos outros que estavam comigo, observei com os meus olhos um acontecimento não muito diverso deste, em um monastério no qual me achava”.

De monacho a demonibus uerberato

- 5 *'Erat [enim] in eodem monasterio monachus quidam ualde religiosus. Cuius sanctitati demones inuidentes dormientem nocte quadam e dormitorio corporaliter tulerunt. Qui tribus diebus et noctibus ab ipsis detentus est, fratribus nescientibus quid de eo factum fuisset. Post tertium uero diem in lectulo suo a fratribus inuentus est, pene ad mortem usque flagellatus*
- 10 *horribiliterque a demonibus uulneratus. Michi quoque confessus est se stupenda et horrenda uidisse tormenta. Vixit autem postea quindecim annos. Sed uulnera ipsius nullo potuerunt medicamine curari. Semper enim aperta et quasi recentia uidebantur, quorum quedam ad mensuram longitudinis digiti unius profunda fuerunt. Hic autem, cum uidisset aliquando iuniorum*
- 15 *aliquem immoderatus ridentem uel iocantem uel quolibetmodo inordinate se habentem, aiebat, "O si scires quanta huic inordinate dissolutioni maneat pena, forsitan gestus tuos tam incompositos et mores emendares in melius." Huius monachi uulnera uidi et manibus meis attrectaui ipsumque post obitum ego ipse sepeliui. Huius itaque uiri tam sancti, tam religiosi mihi*
- 20 *tam familiaris relatio, si quid superioris relationis mihi dubietatis inerat, penitus extersit.' Hucusque Gilebertus.*

XXIV

De um monge que foi chicoteado pelos demônios.

“Havia naquele monastério um monge bastante religioso, cuja santidade era invejada pelos demônios, que o raptaram certa noite de seu dormitório, ainda em seu corpo, enquanto dormia. Eles o detiveram por três dias e três noites, durante os quais seus irmãos não sabiam o que havia sido feito dele. E, no entanto, passado o terceiro dia, ele foi encontrado por eles em seu leito, flagelado quase que até a morte, além de horivelmente machucado pelos demônios. O monge me confessou ter visto tormentos espantosos e horrendos. E, embora tenha vivido por mais quinze anos, suas feridas não puderam ser curadas por nenhum remédio. Elas estavam sempre abertas, como se fossem recentes, tendo algumas a profundidade de um dedo. Deste modo, todas as vezes que ele via algum dos mais jovens rindo com imoderação, fazendo gracejos ou se comportando de forma inapropriada onde quer fosse, dizia: “Oh, se soubesses que grandes penas aguardam esta tua desarranjada fraqueza, talvez emendasses para melhor o teu comportamento e teus gestos sobremodo descompostos”. Ora, eu vi as feridas desse monge; eu o toquei com as minhas mãos; eu próprio o enterrei após seu falecimento. E assim, se havia em mim qualquer desconfiança quanto à narrativa acima, o relato de um homem tão santo, tão religioso, que me era tão familiar, apagou-a completamente”. Neste ponto, terminam as palavras de Gilbert.

Ego [autem], postquam hec omnia audieram, duos de Hybernia abbates, ut adhuc certior fierem, super hiis conueni. Quorum unus, quod numquam in patria sua audier[a]t talia, respondit. Alius uero, quod multociens hec audierit et quod essent omnia uera, affirmauit. Sed et hoc testatus est quod
5 idem Purgatorium raro quis intrantium redit. Nuper etiam affatus sum episcopum quendam, nepotem sancti Patricii tertii, socii uidelicet sancti Malachye, Florentianum nomine, in cuius episcopatu, sicut ipse dixit, est idem Purgatorium. De quo cum curiosius inquirerem, respondit episcopus,
10 'Certe, frater, uerum est. Locus [autem] ille in episcopatu meo est et multi pereunt in eodem Purgatorio. Sed qui forte redeunt ob immanitatem tormentorum que passi sunt languore siue pallore diuturno tabescunt. Sed si postea sobrie et iuste uixerint, certi sunt alias pro peccatis suis penas se non esse perpessuros. Est et aliud haut longe ab eodem loco quiddam ualde memorabile, quod etiam tibi libenter narro.'

Eu, no entanto, após ouvir esses relatos, recorri a dois abades da Hibernia, a fim de ter ainda mais certeza sobre esses fatos. Um deles me respondeu que nunca escutara isso em seu país, enquanto o outro afirmou que escutara isso inúmeras vezes e que era tudo verdade, além de declarar que aqueles que entram em tal Purgatório raramente retornam. Em seguida, dirigi-me a certo bispo chamado Florentiano³⁶⁶, sobrinho do terceiro São Patrício, companheiro de São Malaquias, e em cujo bispado se encontra o respectivo Purgatório, segundo ele próprio disse. Quando o questionei com maior curiosidade sobre o assunto, o bispo respondeu-me: “Por certo que é verdade, irmão. Aquele local está em meu bispado e muitos perecem nesse Purgatório. E os que porventura regressam definham em seu abatimento e palidez permanentes, em razão da crueldade dos tormentos a que se submeteram. Todavia, se viverem uma vida de sobriedade e justiça, estão certos de que não haverão de suportar outras penas, por seus pecados. Dito isso, há um outro lugar bastante memorável e não longe deste, sobre o qual contarei a ti”.

³⁶⁶ Segundo Easting (1991, pp. 252-253), duas são as hipóteses sobre a respectiva personagem histórica. A primeira, de que se trate de *Fogartach Ua Cerballáin*, bispo de *Tír Eoghain* (Ulster, Irlanda), entre 1185 – 1230; a segunda, de que seja *Florence O’Broclan* (– 1175), abade e bispo de Derry (*ibid.*).

Rubrica

De uno heremita bono et malo alio cuius mala opera a demonibus audiuit bonus

- 5 *'Manet [autem] ibi iuxta quidam heremita, uir magne sanctitatis, cui uisibiliter unaquaque nocte demonum apparet multitudo. Statim uero post solis occubitum conueniunt in ipsius cellule curia. Et quasi concilium tota nocte tenentes, singuli cuidam principi sui quid egerint in die referunt et sic ante solis ortum recedunt. Ille uero uir uidet eos manifeste et eorum*
- 10 *narrationes intelligit. Ad ostium autem eius ascendunt, sed, intrare non presumentes, quasi nudas ei sepissime mulieres ostendunt. Fit etiam ut eorum relatu multorum uitam actusque secretissimos in prouintia nouerit.'*
- Hec cum dixisset episcopus, ait capellanus ei, 'Ego eundem sanctum uirum uidi et narrabo uobis, si placet, quod ab eo didici.'*
- 15 *Iubente uero episcopo ut narraret, sic intulit, 'Centum miliaribus distat cella uiri illius a pede montis sancti Brandani. Iuxta quem montem manet alius quidam heremita, quem, sicut predictus uir dixit, plus desideraret alloqui quam alium quemquam in hac mortali uita. Quem cum interrogarem que causa fuerit et cur ipsius alloquium eatenus optauerit, "quia demonum," inquit, "narratione didici*
- 20 *non eum sicut heremitam uiuere. Gaudent enim in concilio suo et congratulantur ad inuicem quod eum tam facile seducunt." Sed et hoc quod ab eis nuper audisse contigit et uidisse narrabo.'*

XXVI

De um bom eremita e de outro mau, de cujas más obras o primeiro ouviu através dos demônios.

“Próximo àquele lugar, havia um eremita, homem de grande santidade, a quem uma multidão de demônios aparecia todas as noites a olhos vistos. Em verdade, apenas o Sol se punha e eles se reuniam no pátio ao redor de sua cela. Detinham-se numa espécie de conselho ao longo de toda a noite, durante a qual, todos relatavam a seu chefe o que haviam feito ao longo do dia e, em seguida, iam embora antes do nascer do Sol.

Aquele homem os vê claramente e compreende o que narram. Eles então se aproximam de sua porta, mas, sabendo de antemão que não podem entrar, exibem-lhe frequentemente o que parecem ser mulheres nuas³⁶⁷. Assim, pelo relato deles, o eremita tomou conhecimento da vida e dos atos mais secretos de muitos naquela província”. No entanto, quando o bispo disse isso, falou-lhe um capelão: “Eu também vi este santo homem e, se permitirdes, narrarei a vós o que dele aprendi”. O bispo então lhe ordenou que o fizesse, ao que ele continuou: “A cela desse homem está à distância de cem milhas do sopé da montanha de São Brandão, junto à qual permanece um outro eremita, a quem o primeiro eremita, segundo ele mesmo disse, mais desejava interpelar do que qualquer outro nesta vida mortal. Quando lhe questionei sobre qual seria o motivo para isso e por que de tão longe tinha escolhido ir interpelá-lo, respondeu-me: ‘Porque, através da narração dos demônios, tomei conhecimento de que ele não vivia como um eremita. Em verdade, regozijam-se em seu conselho, congratulando-se uns aos outros por terem-no seduzido tão facilmente’. Mas também isso que ele veio a ouvir e ver pouco tempo atrás, vos narrarei”.

³⁶⁷ Laurence de Pasztho padece de uma artimanha demoníaca similar: “imediatamente um outro [demônio] se aproximou sob a aparência de uma nobre e belíssima mulher, cuja feição bem reconheceu o cavaleiro; ela se mostrou muitíssimo cautelosa e perturbava o cavaleiro, com muitas palavras jocosas e voluptuosas, dizendo-lhe” ([...] *confestim adveniens alter se in effigiem nobilis et pulcherrime mulieris, cuius formam bene videbatur militi cognovisse cautissime demonstravit et multis sermonibus iocosis et voluptuosis militem infestabat dicens ei: [...]*) (Delehay 1908, p. 52). Dito isso, aquele já sofrera com um ardil parecido, ao lhe aparecer pouco antes um demônio, sob a aparência de um peregrino.

Rubrica

De demonibus rapientibus escam ab illo qui eam negauerat pauperi

5

'Cum quadam nocte congregati fuissent et magistro suo singuli precedentis opera diei retulissent, affuit inter alios unus cui qui princeps eorum uidebatur ait, "Nun quid portas aliquid ad manducandum?" Et ille, "Porto." "Et quid", inquit, "portas?" "Porto", ait, "panem et caseum, butirum et farinam." Cui magister, "Vnde hec tibi?" Et ille, "Duo"; inquit, "hodie clerici uenerunt ad domum cuiusdam rustici diuitis et petebant elemosinam in caritate Christi. Rusticus autem, habens hec omnia in conclauis, iurauit per sanctam caritatem Christi se nichil habere quod posset eis largiri, et ob eius periurium amisit quod habuit. Nam ut ea surriperem, mihi concessum est." "Mane igitur egressus repperi que audieram a demone nominari, scilicet panem et caseum, butirum et farinam. Sed nolens ut inde quisquam gustasset, omnia proieci in foueam."

10

15

XXVII

Dos demônios que roubaram a comida de um homem que a negara a um
pobre

Certa noite, quando estavam reunidos e cada um relatava ao seu mestre as obras do dia anterior, houve um entre eles que foi questionado pelo chefe dos demônios: “Acaso levas algo para comer?”. E ele, em resposta: “Levo”. “O que levas?” – perguntou. “Levo pão e queijo, manteiga e farinha”. Seu mestre então falou: “De onde veio esta comida?”. Ele respondeu: “Dois clérigos vieram hoje à casa de um rico camponês e lhe pediram esmola pelo amor de Cristo. O camponês, todavia, embora possuísse tudo isso guardado a chaves, jurou pelo santo amor de Cristo não ter nada que pudesse oferecer a eles e, por seu perjúrio, perdeu o que tinha. E desta forma, foi-me permitido que tomasse dele a comida”. Ao ouvir essas palavras, saí de manhã e descobri os alimentos que escutara serem nomeados pelo demônio, ou seja, o pão, o queijo, a manteiga e a farinha. No entanto, não querendo que alguém provasse deles, joguei-os todos dentro de um buraco.

Rubrica

De quodam sacerdote quem illudere uolebat demon ut quandam puellam quam nutrierat corrumperet

5

'Est et aliud quod tue dilectioni refero. Quod et te mente retinere cupio illudque referre ceteris ut eorum insidias caueant memento. Sacerdos quidam sancte uite et honeste parrochiam regebat in hac prouincia, cuius erat consuetudo ut cotidie, summo mane surgens, prius ecclesie cymiterium circuiens, .vij. psalmos pro fidelibus defunctis decantaret. Castissime uixit et sollicite doctrine et operibus bonis operam dedit. Demones uero multociens conquesti sunt quod illum a proposito castimonie et sancte conuersacionis nullus eorum flectere ualeret. Vnde magister eorum grauitur eos increpabat. Accedens autem unus eorum ait, "Ego eum decipiam. Ego enim ei iam preparaui mulierem, per quam eum a proposito deiciam. Sed non nisi infra quindecim annos id facere potero." Cui magister eius, "Si infra .xv. annos illum deiceret, rem grandem faceret." Illis autem diebus quibus hec a demonibus tractata sunt, surgens mane quadam die sacerdos cymiteriumque de more circuiens repperit iuxta crucem in cymiterio infantulam unam expositam. Quam accipiens commendauit cuidam nutrici, ut eam quasi filiam suam propriam nutriret. Ablactatam uero eam litteras discere fecit, cuius integritatem Christo consecrare proposuit. Que cum ad pubertatis annos peruenisset et illius pulcritudini presbiter assuete et nimis familiariter intendisset, cepit in eius exardescere concupiscentia, quia secundum carnis pulcritudinem sed potius putredinem nimis erat speciosa. Et quo secretius et familiarius eam alloquebatur, eo feruentius in ipsius amorem rapiebatur. Contigit autem nuper ut eius assensum peteret et impetrauit. Et licet acrius ureretur post impetratum assensum, pauefactus tamen ad opus tam insolitum, actum distulit in crastinum. Eadem uero sequenti nocte congregatis demonibus, prosiliens in medium, sacerdotis incentor ait, "Ante quindecim annos dixi quod per mulierem deicerem sacerdotem, et ecce iam illum ab ea feci petisse consensum, quam sibi adoptauerat in filiam. Sed et ipsa me suggerente concessit, et cras eos in meridie deiciam." Hiis auditis omnes quasi gaudio magno cachinnantes et

10

15

20

25

30

XXVIII

De certo padre que um demônio queria iludir, a fim de que corrompesse uma menina que criara.

Há uma outra história que relatarei agora para o teu amor a Deus. Uma história que desejo que retenhas em tua mente e que relates aos demais, para que esses o guardem na memória e se previnam contra as insídias demoníacas. Certo padre de vida santa e honesta dirigia uma paróquia nesta província, cujo costume era todos os dias, ao se levantar bem cedo, ir primeiro à volta do cemitério da igreja cantar sete salmos pelos fiéis que haviam morrido. Ele viveu de maneira muitíssimo casta, devotando-se à tarefa doutrinária e às boas obras. Por esse motivo, os demônios queixavam-se inúmeras vezes que, em razão de sua castidade e santo modo de viver, nenhum deles fosse capaz de dobrá-lo, donde seu mestre os repreendia severamente. Uma das criaturas se aproximou então e disse: “Eu o enganarei. Já lhe preparei uma mulher através da qual o desviarei de seu propósito³⁶⁸. Todavia, em menos de quinze anos poderei fazer isto”. Ao que seu chefe respondeu: “Se o enganasses antes de quinze anos, realizarias de fato algo grandioso”.

Assim, ainda naqueles dias em que os demônios davam seguimento ao seu plano, o padre levantou-se de manhã e, indo caminhar ao redor do cemitério como de costume, encontrou uma pequenina criança abandonada próxima a uma cruz. Ele a tomou e a confiou a uma ama, para que fosse alimentada como se fosse sua própria filha. Quando a criança desmamou, fez com que ela aprendesse as letras, propondo-se a consagrar sua pureza a Deus. Quando ela alcançou a puberdade, o presbítero passou a prestar atenção com frequência e excessiva intimidade à sua beleza, e começou a

³⁶⁸ O tema da mulher como fonte de tribulações é repleto de meandros e variável, ao longo dos séculos. No âmbito religioso irlandês, duas passagens de regras monásticas antigas a expressam. A primeira é retirada do item 5 da *Rule of the Grey Monks*, cuja data não é fornecida por Ó Maidín (1996, pp. 49 – 52). A segunda provém do *Testimony to the Monastery of Sinchell the Younger* (*ibid.*, pp. 133 – 136). Tampouco a datação desta é mencionada. São elas: “Adam, Samson, and King Solomon were deceived by women. Anyone who listens to a woman will be in grave danger”; e: “Keeping far away from women, having great dread of their tales and hatred for their chatter. Never approaching their conversations. Being never alone with them in a house”. Mantivemos as traduções apresentadas por Ó Maidín (*ibid.*), a partir dos originais.

constrepentes ei congratulabantur. "Visne", inquit magister eorum, "socios habere tecum?" "Non est", ait, "necesse. Solus enim hoc opus perficiam." Gratias agens igitur illi magister eius uiriliter eum egisse dicebat. Die uero crastina predictus presbiter aduocans puellam in cubiculum suum introduxit
5 eamque super lectum suum locauit. Stetit igitur ante lectum aliquandiu, quid ageret hesitans. Tandem uero non illo instigante qui eum ad hoc opus perduxerat, sed ipso inspirante qui non permittit hominem supra modum temptari, pensans animo presbiter huius enormitatem sceleris ait puelle, "Exspecta, filia, paululum, exspecta donec redeam." Procedens itaque
10 presbiter ad ostium cubiculi cultrum arripuit, uirilia sibimet abscidit forasque proiecit, dicens, "Quid putastis, demones, quod uersutias uestras non intellexerim? De perditione mea uel filie mee non gaudebitis, quia nec me nec illam habebitis." Sequenti uero nocte, congregatis iterum demonibus, interrogauit magister discipulum si peregisset quod se facturum
15 spoponderat. Ille uero ingemiscens incassum se laborasse respondit, et quomodo presbiter eum preuenerat omnibus enarrauit. Jussu igitur magistri sui ab aliis grauissime flagellatus est. Et ita cunctis pre ira turpiter eiulantibus et horribiliter cachinnantibus concilium eorum dissipatum est. Sacerdos uero uirginem, quam Deo seruituram nutrierat, in monasterio
20 uirginibus commendauit.'

[2.] Hec itaque, pater uenerande, que a predictis uiris ueracibus et ualde religiosis audiui, sensum uerborum sequens et relationis eorum seriem, prout intelligere potui, sanctitati uestre cunctisque in amorem et
25 timorem Dei proficere cupientibus, sicut iussistis, ecce litteris significo. Si quis igitur quod scribere talia presumpserim me reprehenderit, iussioni uestre me obedientiam nouerit exhibuisse. Peccator et ego precor humiliter, qui sanctorum patrum exhortationes interserens opusculum istud per capitula distinxi, caritatem uestram, uidelicet qui illud legitis uel auditis, Deum exorare, quatinus me, a peccatis omnibus in presenti purgatum et a
30 supradictis, et si que sunt alie, penis extorrem, una uobiscum post huius mortis horrorem transferat in prefatam beatorum requiem Ihesus Christus, dux et dominus noster, cuius nomen gloriosum permanet et benedictum in secula [seculorum]. Amen.

arder de desejo, visto que era ela muito bela no que se refere à formosura advinda da carne, ou melhor, à sua torpeza. E quanto mais em segredo e intimamente lhe falava, mais ardentemente era arrebatado em seu amor. E assim, em pouco tempo ocorreu que ele buscou o consentimento dela e o obteve. O homem, porém, ainda que se inflamasse de forma mais penetrante depois do consentimento, alarmou-se com algo tão insólito e resolveu protelar o seu impulso para o dia seguinte. Nessa mesma noite, os demônios se reuniram e aquele que incitara o sacerdote lhes falou, após se colocar no meio deles: “Eu disse que, por meio de uma mulher, o prostraria antes de quinze anos. E eis que já fiz com que ele buscasse o consentimento dela, a qual adotara como filha. Por sua vez, ela mesma concordou, enquanto eu a instigava, e amanhã ao meio-dia eu os destruirei”. Ao ouvirem essas palavras, todos os demônios o congratulavam, gargalhando e fazendo barulho num enorme regozijo. Disse-lhe então seu mestre: “Queres que os teus companheiros vão contigo?”. E ele respondeu: “Não é necessário. Terminarei esta tarefa sozinho”. Ao que seu mestre lhe agradeceu e disse que havia agido corajosamente.

No dia seguinte, o presbítero chamou a menina e a introduziu em seu cubículo, colocando-a sobre o leito. Manteve-se então diante dela por um bom tempo, pois hesitava no que deveria fazer. Enfim, não lhe instigando aquele que o levara a este ato, mas lhe inspirando Ele que não permite que o homem seja tentado em excesso³⁶⁹, o presbítero pondera em seu espírito sobre a desmesura de tal crime e diz à menina: “Filha, espera só um pouco. Espera até que eu retorne”. O presbítero avançou em direção à porta, pegou uma faca, cortou seu órgão sexual e o lançou para fora, dizendo: “O que pensais, demônios? Que eu não notaria as vossas artimanhas? Não vos regozijareis de minha perdição ou de minha filha, porque não tereis nem a mim nem a ela!”. À noite, os demônios se reuniram mais uma vez e seu mestre questionou o discípulo se ele concluía o que prometera fazer. Com gemidos, ele respondeu que em vão tinha se empenhado e narrou a todos

³⁶⁹ I Cor 10, 13: “a tentação não vos tome, senão a humana. No entanto, fiel é Deus, que não permitirá que vós sejais tentados acima daquilo que podeis, mas produzirá, com a tentação, o bom proceder, para que possais suportá-la” (*temptatio vos non adprehendat nisi/ humanal fidelis autem Deus qui non patietur/ vos temptari super id quod potes/tis/ sed faciet cum temptatione etiam/ proventum ut possitis sustinere*).

como o presbítero fora-lhe superior. Por ordem do mestre, foi então flagelado de forma muitíssimo severa pelos demais. Enquanto todos se lamentavam repulsivamente devido à sua ira, ao mesmo tempo em que gargalhavam de modo aterrorizante, o conselho se dissipou. Quanto ao padre, esse confiou a virgem menina, que nutrira para servir a Deus, a um monastério para freiras.

2. Pai venerando, eis os acontecimentos que ouvi daqueles homens verazes e assaz religiosos, cujo sentido das palavras e a ordem de seus relatos busquei seguir segundo os pude entender e os quais transmito, assim como ordenastes, à vossa santidade, nesta carta, e a todos que desejam crescer em seu amor e temor a Deus. Logo, se alguém vier a repreender-me por ter tomado a iniciativa de escrever tais relatos, saiba que apenas mostrei minha obediência ao vosso pedido. Eu, um pecador, que entremeei esta pequena obra com exortações dos Santos Padres e a dividi em capítulos, imploro humildemente à vossa caridade - ou seja, de vós que a lestes ou a ouvistes - que rogueis a Deus, a fim de que eu, tendo sido purgado de todos os meus pecados, no presente, e tendo sido livrado tanto das penas acima narradas quanto de outras, caso existam, seja levado, após o horror desta morte, para junto de vós no descanso dos bem-aventurados acima referido, por Jesus Cristo, Nosso Guia e Senhor, cujo nome permanecerá glorioso e bendito pelos séculos dos séculos. Amém.

BIBLIOGRAFIA

D) Tratado do Purgatório de São Patrício (*Tractatus de Purgatorio Sancti Patricii*)

A) Texto base

EASTING, Robert (editor). "Tractatus de Purgatorio Sancti Patricii". In. *St. Patrick's Purgatory: Two Versions of Owayne Miles and The Vision of William of Stranton together with the long text of the Tractatus de Purgatorio Sancti Patricii*. Great Britain: Oxford University Press, 1991.

B) Traduções

GARDINER, Eileen (editor). "St. Patrick's Purgatory". In. *Visions of Heaven & Hell before Dante*. New York: Italica Press, 1989.

Saint Patrick's Purgatory: A Twelfth Century Tale of a Journey to the Other World. Trad. Jean-Michel Picard. Dublin: Four Courts Press, 1985.

C) Estudos dirigidos

EASTING, Robert. *An Edition of Owayne Miles and Other Middle English Texts Concerning St. Patrick's Purgatory*. University of Oxford, 1976. (thesis submitted for the degree of Doctor of Philosophy at the University of Oxford).

_____. "The Date and Dedication of the Tractatus de Purgatorio Sancti Patricii". In. *Speculum*, Vol. 53, No. 4, 1978, pp. 778-783.

_____. *Visions of the Other World in Middle English (Annotated Bibliographies of Old and Middle English Literature)*. Cambridge: D. S. Brewer, 1997.

LESLIE, Shane. *The Story of St. Patrick's Purgatory*. London: B. Herder Book Co., 1917.

LOCKE, F. W. "A New Date for the Composition of the Tractatus de Purgatorio Sancti Patricii". In. *Speculum*, Vol. 40, No. 4, 1965, pp. 641-646.

PINKERTON, William. "Saint Patrick's Purgatory". In. *Ulster Journal of Archeology*, Vol. 4, 1856, pp 40-52.

RYAN, John. "Saint Patrick's Purgatory". In. *Studies: An Irish Quarterly Review*, Vol. 21, No. 83, 1932, pp. 443-460.

_____. "Saint Patrick's Purgatory, Lough Derg". In. *Clogher Record*, Vol. 3, 1975, pp. 13-26.

SEYMOUR, St. John D. *St. Patrick's Purgatory*. Dundalk: Dundalgan Press, 1918.

ZALESKI, Carol G. "St. Patrick's Purgatory: Pilgrimage Motifs in a Medieval Otherworld Vision". In. *Journal of the History of Ideas*, Vol. 46, No. 4, 1985, pp. 467-485.

ZANDEN, C. M. van der. “Autour d’un manuscrit latin du Purgatoire de Saint Patrice de la Bibliothèque de L’Université d’Utrecht”. In. *Neophilologus*, Vol. 10, Issue 1, 1925, pp. 243-249.

II) Bibliografia de apoio

A) Outras obras ou excertos de caráter escatológico

ANSELMUS. “Sancti Anselmi Proslogion seu Alloquium de Dei Existentia”. In. *Patrologia Latina*. Volume 158.

BEDE. “CAP. XIX: Ut Furseus apud Orientales Anglos monasterium fecerit; et de uisionibus uel sanctitate eius, cui etiam caro post mortem incorrupta testimonium perhibuerit”. In. *Ecclesiastical History of the English Nation: Books I-III*. Trad. J. E. King. The Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 2006.

_____. “CAP. XII: Ut quidam in prouincia Nordanhymbrorum a mortuis resurgens, multa et tremenda et desideranda quae uiderat narrauerit”. In. *Ecclesiastical History of the English Nation: Books IV-V*. Trad. J. E. King. The Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1930.

BRANDES, Herman. “Visio Sancti Pauli”. In. *Visio S. Pauli, Ein Beitrag Zur Visionlitteratur mit Einem Deutschen Und Zwei Lateinischen Texten*. Halle: Max Niemeyer, 1885.

CHARLES, R. H. (editor). “1 Enoch”. In. *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament: Volume Two: Pseudepigrapha*. Berkeley: The Apocryphile Press, 2004.

_____. “2 Enoch, or The Book of the Secrets of Enoch”. In. *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament: Volume Two: Pseudepigrapha*. Berkeley: The Apocryphile Press, 2004.

CHARLESWORTH, James H. (editor). “Apocalyptic Literature and Related Works”. In. *The Old Testament Pseudepigrapha. Volume One: Apocalyptic Literature and Testaments*. USA: Hendrickson Publishers, 2013.

COXE, Henricus O. (editor). “De milite Hoeno, qui purgatorium uiuus intrauit”. In. *Rogeri de Wendover Chronica, sive Flores Historiarum*. Londini: Sumptibus Societatis, 1841.

DELEHAYE, H. *Pèlerinage de Laurent de Pasztho au Purgatoire de S. Patrice*. Bruxelles: Socipetpe des Bollandistes, 1908.

EASTING, Robert; SHARPE, Richard. *Peter of Cornwall’s Book of Revelations*. Canada: Pontifical Institute of Medieval Studies, 2013.

ELLIOT, J. K. “IV. Apocryphal Apocalypses”. In. *The Apocryphal New Testament: a collection of Apocryphal Christian Literature in an English Translation Based on M. R. James*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

_____. “The Gospel of Nicodemus”. In. *The Apocryphal New Testament: a collection of Apocryphal Christian Literature in an English Translation Based on M. R. James*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

FOSTER, Benjamin R. (tradutor). *Before the Muses: An Anthology of Akkadian Literature. Volume I: Archaic, Classical, mature*. Maryland: CDL Press, 1996.

FRATI, L. "Il purgatorio di S. Patrizio secondo Stefano di Bourbon e Uberto da Romans". In. *Giornale Storico della Letteratura Italiana*. Volume VIII. Torino: Ermanno Loescher, 1886.

GARDINER, Eileen (editor). "St. Brendan's Voyage". In. *Visions of Heaven & Hell before Dante*. New York: Italica Press, 1989.

_____. "Thurkill's Vision". In. *Visions of Heaven & Hell before Dante*. New York: Italica Press, 1989.

_____. "Wetti's Vision". In. *Visions of Heaven & Hell before Dante*. New York: Italica Press, 1989.

GRÉGOIRE LE GRAND. *Dialogues. Tome III (Livre IV)*. Trad. Paul Antin. Paris: Les Éditions du Cerf, 1980.

_____. *Morales sur Job (Livres XI-XIV)*. Trad. Aristide Bocognano. Paris: Les Éditions du Cerf, 1974.

_____. *Morales sur Job (Livres XV-XVI)*. Trad. Aristide Bocognano. Paris: Les Éditions du Cerf, 1975.

GREGORY THE GREAT. "The Fourth Book". In. *The Dialogues of Saint Gregory, surnamed the Great: pope of Rome & the first of that name. Divided into four books, wherein he entreateth of the Lives and Miracles of the Saints in Italy and of the Eternity of Men's Souls*. London: P.L. Warner.

HILHORST, Anthony; SILVERSTEIN, Theodore. *Apocalypse of Paul: A New Critical Edition of Three Long Latin Versions: with fifty-four plates*. Genève: Patrick Cramer Éditeur, 1997.

JAMES, Montague Rhodes (editor). "The Apocalypse of Peter". In. *The Apocryphal New Testament*. Berkeley: The Apocryphile Press, 2004.

_____. "Visio Pauli". In. *Apocrypha Anecdota: a collection of thirteen apocryphal books and fragments*. Cambridge: Cambridge University Press, 1893.

JENKINS, Thomas Atkinson. *L'Espurgatoire Seint Patriz of Marie de France*. Philadelphia: Press of Alfred J. Ferris, 1894.

LUARD, Henry Richards (editor). "De milite Oeno qui purgatorium vivus intravit". In. *Matthæi Parisiensis, monachi sancti albani, Chronica Majora*. London: Longman & Co, 1874.

MENZIES, Allan (editor). "The Revelation of Peter" e "The Vision of Paul". In. *The Ante-Nicene Fathers. Translations of The Writings of the Fathers down to A.D. 325*, volume IX. New York: Charles Scribner's Sons, 1906.

MIGNE, J.-P. (editor). "De Imagine Mundi Libri Tres". In. *Honorii Augustodunensis Opera Omnia. Patrologiae Cursus Completus*. Tomo 172. 1844.

_____. “De Pignoribus Sanctorum”. In. *Venerabilis Guiberti Abbatis S. Mariae de Novigento Opera Omnia. Patrologiae Cursus Completus*. Tomo 156. 1844.

_____. “De Sacramentis Christianae Fidei”. In. *Hugonis de S. Victore Opera Omnia. Patrologiae Cursus Completus*. Tomo 176. 1844.

_____. “Enarrationes in Psalmos”. In. *Sancti Aurelii Augustini Hipponensis Episcopi Opera Omnia. Patrologiae Cursus Completus*. Tomo 37. 1844.

_____. “Enchiridion ad Laurentium sive De Fide, Spe et Charitate”. In. *Sancti Aurelii Augustini Hipponensis Episcopi Opera Omnia. Patrologiae Cursus Completus*. Tomo 40. 1844.

_____. “Libellus de Visione et Obitu Wetini”. In. *Ahyto seu Hetto Basileensis Episcopus. Patrologiae Cursus Completus*. Tomo 105. 1844.

_____. “Meditationum Liber Unus”. In. *Sancti Aurelii Augustini Hipponensis Episcopi Opera Omnia. Patrologiae Cursus Completus*. Tomo 40. 1844.

_____. “Scala Cœli Major seu De Ordine Cognoscendi Deum in Creaturis”. In. *Honorii Augustodunensis Opera Omnia. Patrologiae Cursus Completus*. Tomo 172. 1844.

NÁPOLI, Tiago Augusto. *Visio Tnugdali* (“A Visão de Tnugdali”): tradução, notas e comentários. São Paulo, 2011. (relatório final de iniciação científica).

O’LEARY, James. *The most ancient Lives of Saint Patrick, including the Life by Jocelin and his extant writings*. New York: Excelsior Catholic Publishing House, 1904.

PSEUDO-DIONYSIUS, THE AREOPAGITE. “The Heavenly Hierarchy”. In. *The works of Dionysius The Areopagite. Part II: The Heavenly Hierarchy, and The Ecclesiastical Hierarchy*. Trad. John Parker. London: James Parker and Co., 1899.

S. VICTORE, Hugo de. “De Sacramentis Christianae Fidei”. In. *Patrologia Latina*. Volume 176.

SILVERSTEIN, Theodore. *Visio Sancti Pauli: The History of the Apocalypse in Latin Together With Nine Texts*. London: Christophers, 1935.

STOKES, Whitley (editor). *The Tripartite Life of Patrick with other documents relating to that saint*. London: Eyre and Spottiswoode, 1887.

VARAZZE, Jacopo de. *Legenda áurea: vidas de santos*. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VILLARI, Pasquale. “Libellus de raptu animae Tundali et ejus visione”. In. *Antiche leggende e tradizioni che illustrano la Divina Commedia*. Pisa: Tipografia Nistri, 1865.

WAGNER, Albrecht. “Visio Tnugdali”. In. *Visio Tnugdali: Lateinisch und Altdeutsch*. Germany: Georg Olms, 1989.

WARD, H. L. D. “The Vision of Thurkill, probably by Ralph of Coggeshall, printed from a MS. in the British Museum, with an introduction by H. L. D. Ward”. In. *The Journal of the British Archaeological Association*. London, 1875.

B) Obras literárias em geral.

ARIOSTO, Ludovico. *Orlando Furioso: Tomo I*. Trad. Pedro Garcez Ghirardi. São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia. Edição bilíngüe*. Trad. Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. *A Divina Comédia: integralmente traduzida, anotada e comentada por Cristiano Martins*. Trad. Cristiano Martins. 4a ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

_____. *La Divina Commedia: Inferno*. Milano: Mondadori, 2012.

_____. *La Divina Commedia: Purgatorio*. Milano: Mondadori, 2012.

_____. *La Divina Commedia: Paradiso*. Milano: Mondadori, 2012.

CALDERON DE LA BARCA, Pedro. “El Purgatorio de San Patricio”. In. *Obras completas. Tomo II: dramas*. Madrid: Aguilar, 1991.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses. Edição revisada e acrescida do original grego*. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2006.

HOMER. “Book XI”. In. *The Odyssey: Books I-XII*. Trad. A. T. Murray. The Loeb Classical Library. Great Britain: Harvard University Press, 1995.

HOMERO. “Canto XI”. In. *Odisséia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

PLATÃO. “Fédon”. In. *Diálogos*. Trad. José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

RABELAIS. “Comment nous descendîmes les degres tetradiques, et de la peur qu’eut Panurge”. In. *Gargantua et Pantagruel: Tome III*. Paris: Bibliothèque Larousse.

SOUTHEY, Robert. “St. Patrick’s Purgatory”. In. *The poetical works of Robert Southey*. London: Longman, Brown, Green, and Longmans. 1845.

VERGILIUS MARO, Publius. “Livro VI”. In. *Eneida*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: A Montanha, 1983.

VIRGIL. "Aeneid: Book VI". In. *Eclogues. Georgics. Aeneid I-VI*. Trad. H. Rushton Fairclough. The Loeb Classical Library. Great Britain: Harvard University Press, 1916.

C) Estudos sobre o tema das visões do "Outro Mundo".

BECKER, Ernest J. *A Contribution to the Comparative Study of the Medieval Visions of Heaven and Hell, with Special Reference to the Middle-English Versions*. Baltimore: John Murphy Company, 1899.

BOSWELL, C. S. *An irish precursor of Dante: A Study on the Vision of Heaven and Hell ascribed to the Eighth-century Irish Saint Adamnán, with Translation of the Irish Text*. London: David Nutt, 1908.

CAROZZI, Claude. *Le voyage de l'âme dans l'au-delà d'après la littérature latine (V^e-XIII^e siècle)*. Roma: Scuola Tipografica S. Pio X, 1994.

CONTRENI, John J. "'Building mansions in Heaven': The *Visio Baronti*, Archangel Raphael, and a Carolingian King". In. *Speculum*, Vol. 78, No. 3, pp. 673-706.

GRAF, Fritz. "The Bridge and the Ladder: Narrow Passages in Late Antique Visions". In. *Heavenly Realms and Earthly Realities in Late Antique Religions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

PONTFARCY, Yolande de. "Introduction". In. *The Vision of Tnugdál*. Dublin: Four Courts Press, 1989.

WILDERBING, James. "Introduction". In. *Plotinus' Cosmology: A Study of Ennead II.1 (40)*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

ZALESKI, Carol. *Otherworld journeys: accounts of near-death experience in medieval and modern times*. New York: Oxford University Press, 1987.

D) Textos teóricos diversos

ASSMANN, Jan. *Death and Salvation in Ancient Egypt*. Trad. David Lorton. Ithaca: Cornell University Press, 2014.

BARTLETT, Robert. *Trial by Fire and Water: The Medieval Judicial Ordeal*. Vermont: Echo Point Books & Media, 2014.

BIELER, Ludwig. "The Place of Saint Patrick in Latin Language and Literature". In. *Vigilae Christianae*, Vol. 6, No. 2, 1952, pp. 65-98.

BOCKMUEHL, Markus; STROUMSA, Guy G. (editor). *Paradise in Antiquity: Jewish and Christian Views*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BREMMER, Jan N. "Paradise from Persia, via Greece into the *Septuagint*". In. *Paradise Interpreted: Representations of Biblical Paradise in Judaism and Christianity*. Leiden: Brill, 1999.

_____. *The Rise and Fall of the Afterlife*. New York: Routledge, 2004.

BURKERT, Walter. *Babylon, Memphis, Persepolis: Eastern Contexts of Greek Culture*. USA: Harvard University Press, 2007.

COHEN, Esther. *The Modulated Scream: Pain in Late Medieval Culture*. Chicago: The University of Chicago Press, 2009.

COLLINS, John J. *The Apocalyptic Imagination: An Introduction to Jewish Apocalyptic Literature*. Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 1998.

CUMONT, Franz. *After Life in Roman Paganism: Lectures Delivered at Yale University on the Silliman Foundation*. New York: Dover Publications, 1959.

CURTIUS, Ernst Robert. “Fórmula de Devoção e Humildade”. In. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. Trad. Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1996.

D’ANCONA, Alessandro. *I precursori di Dante*. Firenze: G. C. Sansoni Editore, 1874.

EDMONDS, Radcliffe G. *Myths of the Underworld Journey: Plato, Aristophanes and the ‘Orphic’ Gold Tablets*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

_____. (editor) *“Orphic” Gold Tablets and Greek Religion: Further Along the Path*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Os Três Dedos de Adão*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

FOULET, Lucien. “Marie de France et la Légende du Purgatoire de Saint Patrice”. In. *Romanische Forschungen*, No 22, 1908, pp. 599-627.

GEORGE, A. R. “The Literary History of the Epic of Gilgameš”. In. *The Babylonian Gilgamesh Epic: Introduction, Critical Edition and Cuneiform Texts*. Volume I. Oxford: Oxford University Press, 2003.

GOODMAN, Jennifer R. *Chivalry and Exploration, 1298 – 1630*. Woodbridge: The Boydell Press, 1998.

HORNUNG, Erik. *The Ancient Egyptian Books of the Afterlife*. Trad. David Lorton. Ithaca: Cornell University Press, 1999.

HUGHES, Kathleen. *The Church in Early Irish Society*. New York: Cornell University Press, 1966.

KNOWLES, David (editor). *The Heads of Religious Houses: England and Wales 1940-1216*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KYLE, Donald G. *Spectacles of Death Ancient Rome*. London: Routledge, 2001.

LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval. Volume I*. Trad. Manuel Ruas. Lisboa: Editorial Estampa, 1983.

_____. *A Civilização do Ocidente Medieval. Volume II.* Trad. Manuel Ruas. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

_____. *L'Homme Médiéval.* Seuil, 1989.

_____. *La Naissance du Purgatoire.* Paris: Gallimard, 1981.

MOREIRA, Isabel. *Heaven's Purge: Purgatory in Late Antiquity.* Oxford: Oxford University Press, 2010.

PASULKA, Diana Walsh. *Heaven Can Wait: Purgatory in Catholic Devotional and Popular Culture.* New York: Oxford University Press, 2015.

SCAFI, Alessandro. *Mapping Paradise: a History of Heaven on Earth.* London: The British Library, 2006.

_____. *Maps of Paradise.* Chicago: The University of Chicago Press, 2013.

SILVERSTEIN, Theodore. "The Passage of the Souls to Purgatory in the 'Divina Commedia'". In. *The Harvard Theological Review*, Vol. 31, No. 1, 1938, pp. 53-63.

SPAETH, Barbette Stanley (editor). *The Cambridge Companion to Ancient Mediterranean Religions.* USA: Cambridge University Press, 2013.

SWAIN, Simon (editor). *Seeing the Face, Seeing the Soul: Polemon's Physiognomy from Classical Antiquity to Medieval Islam.* Oxford: University Press, 2007.

WRIGHT, John Kirtland. *The Geographical Lore of the Time of the Crusades: Medieval Science and Tradition in Western Europe.* New York: Dover Publications, 1965.

E) Demais textos

AGAËSSE, P.; SOLIGNAC, A. (tradutores). *La genèse au sens littéral en douze livres (I-VII).* Paris: Institut d'Étude Augustiniennes, 2000.

_____. *La genèse au sens littéral en douze livres (VIII-XII).* Paris: Institut d'Étude Augustiniennes, 2001.

ALAMEDA, P. Julian. "Meditaciones. Meditación para excitar el temor". In. *Obras Completas de San Anselmo.* Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2009.

ALEXANDRE, C. *Oracula Sibyllina.* Paris, 1869.

ALLEN, James P. (tradutor). *The Ancient Egyptian Pyramid Texts.* Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005.

BARNEY, Stephen A.; LEWIS, W. J.; BEACH, J. A.; BERGHOF, Oliver (tradutor). "Book XIII: The cosmos and its parts"; "Book XIV: The earth and its parts". In. *The Etymologies of Isidore of Seville.* Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

BOYCE, Mary (editor). *Textual Sources for the Study of Zoroastrianism*. Chicago: The University of Chicago Press.

CHARLESWORTH, M. J. (trad.). *St. Anselm's Proslogion with A Reply of the Fool by Gaunilo and The Author's Reply to Gaunilo*. USA: University of Notre Dame Press, 1979.

COOGAN, Michael D. (editor). *The New Oxford Annotated Bible. New Revised Standard Version with the Apocrypha*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CORBIN, Michel (trad.). "Proslogion". In. *Monologion. Proslogion*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2002.

COSGROVE, Art (editor). *A New History of Ireland. Volume II: Medieval Ireland 1169-1534*. New York: Oxford University Press, 2008.

DALLEY, Stephanie (editor). *Myths from Mesopotamia: Creation, the Flood, Gilgamesh and Others*. New York: Oxford University Press, 2000.

DIMOCK, James F. (editor). "Topographia Hibernica". In. *Giraldi Cambrensis Opera*, Vol. V. London: Longmans, Green, Reader, and Dyer, 1867.

DOUBLEDAY, H. Arthur; PAGE, William. "Houses of cistercian monks: the abbey of Warden". In. *The Victoria History of the Counties of England: A History of Bedfordshire*, Vol. 1. Westminster: Archibald Constable and Company Limited, 1904.

FAULKNER, Raymond O. (tradutor). *The Egyptian Book of the Dead: The Book of Going Forth by Day*. San Francisco: Chronicle Books, 1998.

FORESTER, Thomas (tradutor). "The Topography of Ireland". In. *The History and Topography of Ireland, by Gerald of Wales*. USA: Digireads.com Publishing, 2013.

GANTZ, Jeffrey (tradutor). *Early Irish Myths and Sagas*. England: Penguin Books, 1981.

GRYSON, Roger (editor). *Biblia Sacra Vulgata*. 5a ed. Germany: 2008.

HAUG, M. (tradutor). *The Book of Arđâ Virâf*. Bombay: Government Central Book, 1872.

HAY, John Sir; PRINGLE, Alexander. *Chronica de Mailros e codice uno in Bibliotheca Cottoniana servato, nunc iterum in lucem edita*. Edinburgi: Typis Societatis Edinburgensis, 1835.

HÜNERMANN, Petrus (editor). *Henrici Denzinger Enchiridion symbolorum definitionum et declarationum de rebus fidei et morum*. San Francisco: Ignatius Press, 2012.

JAKSON, Hurstone (tradutor). *A celtic miscellany*. England: Penguin Books, 1971.

JAMES, Montague Rhodes. *A descriptive catalogue of the manuscripts in the Library of Sidney Sussex College, Cambridge*. Cambridge: Cambridge University Press, 1895.

KAEUPER, Richard W. *The Book of Chivalry of Geoffroi de Charny: text, context, and translation*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1996.

MAIDÍN, Uinsean O. (tradutor). *The Celtic Monk: Rules and Writing of Early Irish Monks*. Michigan: Cistercian Publications, 1996.

MASCHIO, Giorgio (trad.). “Meditazioni. Meditazioni per suscitare il timore”. In. *Orazioni e Meditazioni*. Milano: Jaca Book, 1997.

MCNEILL, John T.; GAMER, Helena M. *Medieval Handbooks of Penance: A translation of the principal libri poenitentiales and selections from related documents*. New York: Columbia University Press, 1990.

PAUTRAT, Bernard (trad.). *Proslogion, suivi de sa réfutation par Gaunilon et de la réponse d’Anselme*. Paris: Flammarion, 1993.

POOLE, Reginald Lane (editor). *Index Britanniae Scriptorum quos ex variis bibliothecis non parvo labore collegit Ioannes Baleus, cum aliis*. Oxford: Clarendon Press, 1902.

RAHFLS, Alfred; HANHART, Robert. *Septuaginta*. Germany: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

RETA, Jose Oroz; CASQUERO, Manuel-A. Marcos (editores). “21. De fluminibus”, “9. De inferioribus”. In. *San Isidoro de Sevilla. Etimologías*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.

SMITH, Jonathan Z. “Adde Parvum Parvo Magnus Acervus Erit”. In. *Map is not territory: studies in the History of Religions*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

TESKE, Roland J. (tradutor). *Saint Augustine. On Genesis. Two Books on Genesis Against The Manichees and On The Literal Interpretation of Genesis: An Unfinished Book*. Washington: The Catholic University of America Press, 1991.

VIAL, Philippe de. (trad.). *Jean de Fécamp. Le Confession Théologique*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2007.

WARD, H. L. D. *Catalogue of romances in the Department of manuscripts in the British Museum*, Vol. II. London: Longmans and Co., 1893.

WHALEN, Brett Edward (editor). *Pilgrimage in The Middle Ages: A Reader*. Canada: University of Toronto Press, 2011.

III) Obras de referência

A) Gramáticas

ALLEN, J. H.; GREENOUGH, J. B. *New latin grammar*. Boston: Ginn & Company, 1903.

BOURGAIN, Pascale; HUBERT, Marie-Clotilde. *Le latin médiéval*. Brepols, 2005.

COLLINS, John F. *A primer of ecclesiastical latin*. The Catholic University of America Press, 1985.

CART, A.; GRIMAL, P.; LAMAISSON, J.; NOIVILLE, R. *Gramática Latina*. Trad. Maria Evangelina Villa Nova Soeiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

HARRINGTON, K. P. (editor). *Medieval Latin: with a grammatical introduction by Alison Goddard Elliot*. 2a ed. USA: The University of Chicago Press, 1997.

LIPPARINI, Giuseppe. *Sintaxe latina*. Petrópolis: Vozes, 1961.

MOHRMANN, Christine. *Études sur le latin des chrétiens* (4 vols). Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1958-1994.

NORBERG, D. *Manuel pratique de latin médiéval*. Paris.

B) Dicionários

BLAISE, Albert. *Dictionnaire Latin-Français des Auteurs Chrétiens*. Turnhout: Brepols, 1954.

CROSS, F. L. (editor). *The Oxford dictionary of the Christian Church*. USA: Oxford University Press, 1997.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. 4a ed. Ministério da Educação e Cultura, 1967.

GLARE, P. G. W. *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1968.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LATHAM, R. E. *Revised medieval latin word-list: from british and irish sources*. Great Britain: Oxford University Press, 2008.

LEWIS, Charlton T.; SHORT, Charles. *A Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1879.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon, revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones with the assistance of Roderick McKenzie*. Oxford: Clarendon Press, 1940.

NIERMEYER, J. F. *Mediae latinitatis lexicon minus*. Leiden: E. J. Brill.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 12a ed. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.

SOUTER, Alexander. *A glossary of later Latin: to 600 A.D.* Oxford: University Press, 1957.

WERBLOWSKY, R. J. Zwi; WIGODER, Geoffrey (editores). *The Oxford Dictionary of the Jewish Religion*. New York: Oxford University Press, 1997.

C) Guia Bibliográfico

MANTELLLO, F. A. C.; RIGG, A. G. (editors). *Medieval Latin: An Introduction and Bibliographical Guide*. USA: The Catholic University of America Press, 1999.

FONTES ELETRÔNICAS

Documenta Catholica Omnia. <http://www.documentacatholicaomnia.eu/>.

Du Cange et al., *Glossarium Mediæ et Infimæ Latinitatis*.
<http://ducange.enc.sorbonne.fr/>.

Forcellini. *Lexicon Totius Latinitatis*. <http://linguax.com/lexica/forc.php>.

Projeto Caldas Aulete. Aulete Digital. <http://www.aulete.com.br/index.php>.

Sociedade Bíblica do Brasil (SBB): Bíblia interativa. Pesquisa Online.
<http://www.sbb.org.br/interna.asp?areaID=71>.

The Journey of Viscount Ramon de Perellós to Saint Patrick's Purgatory. CELT: Corpus of Electronic Texts: a project of University College, Cork (2012). <http://www.ucc.ie/celt/published/T100079A/>.

ANEXOS

<i>Visio Sancti Pauli</i> ³⁷⁰	A visão de São Paulo
<p><i>Dies dominicus dies electus, in quo gaudent angeli et archangeli maior diebus ceteris. Interrogandum est, quis primus rogaverit deum, ut anime habeant requiem in penis inferni. Id est beatus apostolus Paulus et Michahel archangelus, quando iverunt ad infernum, quia deus volvit, ut Paulus videret penas inferni. Vidit vero Paulus ante portas inferni arbores igneas et peccatores cruciatos et suspensos in eis. Alii pendebant pedibus, alii manibus, alii capillis, alii auribus, alii linguis, alii brachiis. Et iterum vidit fornacem ignis ardentem per septem flammis in diversis coloribus, et puniebantur in eo peccatores. Et septem plage erant in circuitu eius: prima nix, secunda glacies, tertia ignis, quarta sanguis, quinta serpens, sexta fulgur, septima feto. Et in illa anime peccatorum puniuntur, qui non egerunt penitenciam post peccata commissa in hoc mundo. Ibi cruciantur et recipiunt omnes secundum opera sua. Et alii flent, alii ululant, alii gemunt, alii ardent et querunt mortem, quam non inveniunt, quia anime non possunt mori. Timendus est nobis locus inferni, in quo est tristitia sine leticia, in quo est dolor sempiternus, in quo est gemitus cordis, in quo est bargidium magnum, in quo est habundancia lacrimarum, cruciatio et dolor animarum, in quo est rota ignea habens mille orbitas. Mille vicibus uno die ab angelo tartareo volvitur, et in unaquaque vice mille anime cruciantur in ea. Postea vidit flumen orribile, in quo multe bestie dyabolice erant quasi pisces in medio maris, que animas peccatrices devorant sine ulla misericordia quasi lupi devorant oves. Et desuper illud flumen est pons, per quem transeunt anime iuste sine ulla dubitatione, et</i></p>	<p>O dia de domingo é o dia escolhido, em que os anjos e arcanjos se regozijam, maior do que os demais dias. Deve-se perguntar quem primeiro teria questionado Deus se as almas têm um descanso nas penas do Inferno. [Trata-se] do bem-aventurado apóstolo Paulo e o arcanjo Miguel quando foram ao Inferno – porque Deus o quis –, para que Paulo visse as penas do Inferno. Paulo viu, diante das portas do Inferno, árvores em chamas e pecadores nelas suspensos e torturados. Alguns pendiam pelos pés, alguns pelas mãos, alguns pelos cabelos, alguns pelas orelhas, alguns pelas línguas, alguns pelos braços. Ademais, viu uma fornalha ardente por meio de sete chamas de cores diversas e os pecadores que ali eram punidos. Sete pragas havia à volta dela: a primeira era a neve, a segunda o gelo, a terceira o fogo, a quarta o sangue, a quinta a serpente, a sexta o fulgor, a sétima o fedor. Nela as almas dos pecadores que não fizeram penitência, após cometerem pecados neste mundo, eram punidas. Lá são torturados e todos recebem [sua recompensa], segundo suas obras. Alguns choram, alguns gritam, alguns gemem, alguns ardem e procuram pela morte, a qual não encontram, porque as almas não podem morrer. Devemos temer o Inferno, em que há tristeza sem alegria; em que há eterna dor; em que há lamento em nosso coração; em que há grande [<i>bargidium</i>]³⁷¹; em que há abundância de lágrimas; tortura e dor das almas; em que há a roda de fogo possuidora de mil órbitas. Mil vezes por dia, o anjo infernal a gira, e toda vez mil almas são torturadas nela. Depois viu um rio terrível, em que estavam muitas bestas diabólicas ao modo de peixes no meio do mar.</p>

³⁷⁰ BRANDES, Herman. “Visio Sancti Pauli”. In. *Visio S. Pauli, Ein Beitrag Zur Visionlitteratur mit Einem Deutschen Und Zwei Lateinischen Texten*. Halle: Max Niemeyer, 1885, pp. 74-80. A ortografia e pontuação originais foram mantidas.

³⁷¹ A palavra não foi encontrada em nenhum dos dicionários consultados.

<p><i>multe peccatrices anime merguntur unaqueque secundum meritum suum. Ibi sunt multe bestie dyabolice multeque mansiones male preparate, sicut dicit dominus in evvangelio: ,Ligate eos per fasciculos ad comburendum; id est similes cum similibus, adulteros cum adulteris, rapaces cum rapacibus, iniquos cum iniquis.’ Tantum vero potest quisque per pontem illum ire quantum habet meritum. Ibi vidit Paulus multas animas dimersas, alie usque ad genua, alie usque ad umbilicum, alie usque ad labia, alie usque ad supercilia, et perhenniter cruciantur. Et flevit Paulus et suspiravit et interrogavit angelum, qui essent dimersi usque ad genua. Cui angelus dixit: ,Qui se mittunt in sermonibus alienis aliis detrahentes. , Alii dimersi sunt usque ad umbilicum?’ , Hi sunt fornicatores et adulterantes, qui postea non recordantur venire ad penitenciam.’ ,Alii mersi usque ad lábia?’ ,Hi sunt, qui lites faciunt inter se in ecclesia non audientes verbum dei.’ ,Alii usque supercilia?’ ,Hi sunt, qui gaudent de malitia proximi sui.’ Et flevit Paulus et dixit: ,Ve his, quibus preparantur tante pene!’ Deinde vidit alium locum tenebrosum plenum viris ac mulieribus comedentes linguas suas. De quibus ait angelus: ,Hi sunt feneratores pecuniarum, qui usuras querunt et non sunt misericordes. Propterea sunt in hac pena.’ Et vidit alium locum, in quo omnes pene erant, erantque ibi puelle nigre habentes vestimenta nigra, indute pice et sulfure et dracones igneos et serpentes atque vipere circa colla sua. Et erant .iiij. angeli maligni increpantes eas habentes cornua ignea, qui ibant in circuitu earum, dicentes: ,Agnosce filium dei, qui mundum redemit.’ Et interrogavit Paulus, que essent. Tunc sic respondit angelus: ,He sunt, que non servaverunt castitatem usque ad nuptias et maculate necaverunt infantes suos et in escam porcis et canibus dederunt et in fluminibus vel aliis perdicionibus proiecerunt et</i></p>	<p>Elas devoram as almas pecadoras sem qualquer misericórdia, assim como os lobos devoram as ovelhas. Acima do rio há uma ponte, pela qual as almas justas atravessam sem qualquer hesitação, e muitas almas pecadoras são mergulhadas, cada uma segundo seu mérito. Lá estão muitas bestas diabólicas e muitas habitações mal preparadas, assim como diz o Senhor no evangelho: “Prendei-os em pequenos feixes para que sejam queimados, isto é, iguais com iguais, adúlteros com adúlteros, gananciosos com gananciosos, iníquos com iníquos”. Qualquer um pode ir pela ponte tanto quanto seja o seu mérito. Lá Paulo viu muitas almas submersas: algumas até os joelhos, algumas até o umbigo, algumas até os lábios, algumas até as sobrancelhas, eternamente sob tortura. E Paulo chorou, suspirou e perguntou ao anjo quais eram as que estavam submersas até os joelhos. O anjo lhe disse: “São os que se metem em conversas alheias, difamando os outros”. “E os outros, que estão submersos até o umbigo?” “Esses são os fornicadores e adúlteros, que depois disso não se lembram de se penitenciarem”. “E os outros, imersos até os lábios?”. “Esses são os que fazem acusações entre si na igreja, não ouvindo a palavra de Deus”. “E os outros, submersos até as sobrancelhas?”. “Esses são os que se regozijam da desventura de seu próximo”. E Paulo chorou e disse: “Ai destes a quem são preparadas tantas penas!”. Então viu um outro lugar tenebroso, cheio de homens e mulheres que comiam suas próprias línguas. Sobre eles, fala o anjo: “Esses são os usurários, que buscam seus interesses financeiros e não são misericordiosos. Por causa disso, estão nesta pena”. Viu então um outro lugar, onde havia todas as penas, e lá estavam meninas escuras portando vestimentas pretas, cobertas com piche e enxofre. Dragões de fogo e serpentes e víboras enrolavam-se em seus pescoços. Havia quatro anjos malignos que as</p>
---	---

postea penitenciam non fecerunt. Post hoc vidit viros ac mulieres in loco glaciali, et ignis urebat de media parte et de media frigebat. Hi erant, qui orphanis et viduis nocuerunt. Postea vidit viros ac mulieres super canelia ampnis et fructus ante illos erant. Quibus non licebat aliquit sumere ex eis. Hi erant, qui solvunt ieiunium ante tempus. Mox vidit in alio loco unum senem inter .iiij. dyabolos plorantem et ullulantem. Et interrogavit Paulus, quis esset. Dixitque angelus: ,Episcopus negligens fuit; non custodivit legem dei, non fuit castus de corpore vel de verbo nec cogitatione vel opere, sed fuit avarus et dolosus atque superbus. Ideo sustinet innumerabiles penas usque in diem iudicii. Et flevit Paulus. Et dixit ei angelus: ,Quare ploras, Paule? Nondum vidisti maiores penas inferni. Et ostendit illi puteum signatum .vij. sigillis et ait illi: ,Sta longe, ut possis sustinere fetorem hunc. Et aperto ore putei surrexit fetor malus et durus superans omnes penas inferni. Et dixit angelus: ,Si quis mittatur in hoc puteo, non fiet commemoracio eius in conspectus domini. Et dixit Paulus: ,Qui sunt hi, domine, qui mittuntur in eo? Et dixit angelus: ,Qui non credunt, filium dei Christum venisse in carnem nec nasci ex Maria virgine et non baptizati sunt nec communicati corpore et sanguine Christi. Et vidit in alio loco viros ac mulieres et vermes et serpentes comedentes eos. Et erat anima una super alteram quasi oves in ovili. Et erat profunditas eius quasi de terra ad celum. Et audivit gemitum et suspirium magnum quasi tonitruum. Et postea aspexit in celum a terra ac vidit animam peccatoris inter dyabolos .vij., quum ullulantem deducebant eo die de corpore. Et clamaverunt angeli dei contra eam dicentes: ,Ve, ve, misera anima, que operata es in terra? Dixerunt ad invicem: ,Vide istam animam, quomodo contempsit in terra mandata dei. Mox illa legit cartam

reprendiam e que tinham chifres de fogo. Eles as rodeavam, dizendo: “Reconhecei o Filho de Deus, que redimiu o mundo”. Paulo perguntou quem eram. O anjo então respondeu assim: “Essas são as que não mantiveram sua castidade até as núpcias e, maculadas, mataram suas crianças e as deram como comida aos porcos e cães ou as jogaram em rios ou em outras perdições e não fizeram penitência depois”. Depois disso, viu homens e mulheres em um lugar glacial, e um fogo queimava metade deles e a outra era congelada. Esses são os que fizeram mal aos órfãos e viúvas. Depois viu homens e mulheres sobre o leito de um rio e havia frutos diante deles. Não lhes era permitido pegar nenhum deles. Esses são os que renunciavam ao jejum antes do tempo. Em seguida, viu em outro lugar um velho chorando e gritando entre quatro diabos. Paulo perguntou quem era. O anjo então disse: “Foi um bispo negligente. Não zelou pela Lei de Deus. Não foi casto nem de corpo nem de palavra, nem em pensamento nem em sua obra, mas foi avaro, malicioso e soberbo. Por esta razão, suporta inumeráveis penas até o Dia do juízo”. Paulo então chorou. Perguntou-lhe o anjo: “Por que te lamentas? Ainda não viste as maiores penas do Inferno”. E lhe mostrou um poço lacrado com sete selos e disse a ele: “Mantém-te longe, para que possas suportar seu fedor”. Aberta a boca do poço, elevou-se um fedor malfazejo e inclemente que superava todas as penas do Inferno. Disse o anjo: “Se alguém for lançado neste poço, ele não será lembrado à vista de Deus”. E disse Paulo: “ Senhor, quem são esses que são lançados no poço?”. Respondeu o anjo: “São os que não acreditam que o Filho de Deus, Cristo, tenha encarnado nem nascido da Virgem Maria e que não foram batizados nem comungaram o corpo e o sangue de Cristo”. E viu em outro lugar homens e mulheres que eram comidos por vermes e serpentes. Uma alma estava sobre a outra, assim

suam, in qua erant peccata sua, et se ipsam iudicavit.‘ Tunc eam demones susceperunt mittentes in tenebras exteriores. Ibi erit fletus et stridor dencium. Et dixit ei angelus: ,Credis et agnoscis, quia sicut homo fecerit sic accipiet?’ Post hoc in uno momento adduxerunt angeli animam iustam de corpore portantes ad celum. Et audivit vocem milium angelorum letancium ac dicencium: ,O anima leta, felicissima, o beata, letare, quia fecisti voluntatem dei tui.‘ Deinde dixerunt hoc simul: ,Levate eam ante deum et ipsa leget opera sua bona.‘ Postea Michahel collocavit eam in paradiso, ubi erant omnes sancti. Et clamor factus est contra animam iustam, quasi celum et terra commoverentur. Et exclamaverunt peccatores, qui erant in penis, dicentes: ,Miserere nobis, Michahel archangele, ac tu, Paule, dilectissime dei, intercedite pro nobis ad dominum.‘ Quibus sic ait angelus: , Flete et flebo vobiscum et Paulus flect, ut, si forte misereatur vestri, oremus, ut vobis donet misericors deus aliquid refrigerium.‘ Audientes hoc, qui erant in penis, exclamaverunt una voce et Michahel archangelus et Paulus apostolus et milia milium angelorum. Tunc audito sono eorum in quarto celo dicencium: ,Miserere, Christe, filiis hominum.‘ deus descendit de celo et dyadema in capite eius. Quem ita deprecantur, qui in inferno erant, una voce dicentes: ,Miserere nobis, fili Davit excelsi.‘ Et vox filii dei audita est per omnes penas: , Quit boni fecistis? Quare postulatis a me requiem? Ego crucifixus fui pro vobis, lancea perforatus, clavis confixus, acetum cum felle mixtum dedisti[s] mihi potum. Ego pro vobis me ipsum in martirio dedi, ut vinceretis mecum. Sed vos fuistis fures et avari et invidiosi, superbi et maledic[t]i, nec ullum bonum egistis nec penitentiam nec ieiunium nec elemosinam, sed mendaces fuistis in vita vestra.‘ Post hoc prostravit se Michahel et Paulus et angelorum milia milium ante filium dei, ut

como ovelhas em um curral. A profundidade [do poço] era como se fosse da terra ao céu. Escutou um lamento e um grande suspiro, assim como um trovão. Depois disso, olhou da terra ao céu e viu a alma de um pecador entre sete diabos, quando a tiravam gritando de seu corpo, neste dia. Os anjos de Deus gritaram contra ela, dizendo: “Ai, miserável alma, com que te ocupaste em vida?”. Disseram uns aos outros: “Vê esta alma, como desdenhou, na terra, as ordens de Deus!” Logo após ela leu o texto em que estavam seus pecados e julgou a si mesma. Então os demônios a tomaram, lançando-a nas trevas exteriores. Lá haverá pranto e ranger de dentes. Disse-lhe o anjo: “Crês e reconheces que conforme o homem fizer [algo], assim [o] receberá [de volta]?”. Pouco depois, anjos trouxeram uma alma justa que levavam de seu corpo ao céu. E ouviu a voz de mil anjos que regozijavam e diziam: “Ó alegre alma, a mais feliz de todas, bem-aventurada, alegra-te, pois fizeste a vontade do teu Deus”. Então disseram isto juntos: “Levai-a para cima diante de Deus e ela mesma lerá suas boas obras”. Em seguida, Miguel a colocou no Paraíso, onde estavam todos os santos. Um clamor se fez então contra a alma justa, como se o céu e a terra tremessem. Exclamaram os pecadores, que estavam nas penas, dizendo: “Tem piedade de nós, arcanjo Miguel, e tu, Paulo, o mais querido por Deus, intercedei por nós junto ao Senhor”. Paulo disse-lhes: “Chorai e chorarei convosco e chore Paulo, de modo que oremos a Deus misericordioso que vos conceda algum descanso, caso se apiede de vós”. Quando os que estavam nas penas ouviram isso, tanto [eles], como o arcanjo Miguel, o apóstolo Paulo e milhares de milhares de anjos exclamaram em uma só voz. Ao ser ouvido, no quarto céu, o som deles que dizia: “Cristo, tem piedade dos filhos dos homens”, Deus desceu do céu com o diadema em sua cabeça. Os que estavam no

<p><i>requiem haberent die dominico omnes, qui erant in inferno. Et ait dominus: „Propter Michahalem et Paulum et angelos meos et bonitatem meam maxime dono vobis requiem ab hora nona sabbati usque in prima hora secunde ferie.“ Mestus ergo hostiarius baratri, cui nomen canis est Cerberus; eternaliter elevavit caput suum tristis super omnes penas. Vere letati sunt omnes, qui cruciabantur ibi, ac clamaverunt dicentes: „Benedicimus te, fili Davit excelsi, qui donasti nobis refrigerium in spacio unius diei et noctis. Nam plus est nobis remedium huius diei et noctis quam totum tempus vite, quod consumptum est super terram. Ideo qui custodierunt ipsum sanctum diem dominicum, habeant partem cum angelis dei. Et interrogavit Paulus angelum, quot pene sint in inferno. Cui ait angelus: „Sunt pene .c. xliiij. milia, et si essent .c. viri loquentes ab inicio mundi et unusquisque .c. iiij. linguas ferreas haberent, non possent dinumerare penas inferni.“ Nos vero, karissimi fratres, audientes ista mala convertamur ad dominum, ut regnemus cum ipso et vivamus in secula seculorum. Amen.</i></p>	<p>Inferno rogavam-lhe, dizendo em uma só voz: “Tem piedade de nós, filho do excelso David”. E a voz do Filho de Deus fez-se ouvir por todas as penas: “O que de bom fizestes? Por que pedis a mim o descanso? Eu fui crucificado por vós, perfurado pela lança, preso com pregos; destes a mim vinagre misturado com bile. Eu me entreguei ao martírio por vós, para que vencêsseis comigo. No entanto, vós fostes ladrões, avaros, invejosos, soberbos e caluniadores; não fizestes nenhum bem, nem penitência, nem jejum, nem caridade, mas fostes mentirosos em vossa vida”. Depois disso, Miguel, Paulo e os milhares de milhares de anjos se prostraram diante do Filho de Deus, para que todos que estavam no Inferno tivessem um descanso no dia de domingo. Diz o Senhor: “Por causa de Miguel, de Paulo, de meus anjos e da minha bondade em especial, eu vos concedo descanso da hora nona do sábado até a primeira hora da segunda-feira”. Desta forma, [ficou] triste o guardião do abismo, cujo cão chama-se Cérbero; para sempre elevou triste sua cabeça sobre todas as penas. Em verdade, todos que eram torturados lá se regozijavam e clamaram dizendo: “Bendizemos a ti, filho do excelso David, que nos concedeste o refrigério pelo espaço de um dia e uma noite. Pois de mais valia é para nós o alívio deste dia e desta noite do que todo o tempo de vida que foi consumido sobre a terra”. Deste modo aqueles que observaram o santo dia de domingo, tomem parte com os anjos de Deus. Paulo perguntou então ao anjo quantas são as penas do Inferno. Disse-lhe o anjo: “Há 144 mil penas, e se houvesse cem homens falando desde o início do mundo, e cada um possuísse 104 línguas de ferro, [ainda assim] não poderiam enumerar as penas do Inferno”. Caríssimos irmãos, convertamo-nos ao Senhor após ouvirmos estes males, para que reinemos com Ele e vivamos pelos séculos dos séculos. Amém.</p>
---	--